

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
**Faculdade de Educação**  
**Programa de Pós-graduação em Educação, Conhecimento e Inclusão Social**

**Família e Escola:**  
**o contraponto em Helena Antipoff através**  
**da correspondência com o filho Daniel (1929-1938)**

por

*Sérgio Faleiro Farnese*

Belo Horizonte  
**2023**

Sérgio Faleiro Farnese

**Família e Escola:  
o contraponto em Helena Antipoff através  
da correspondência com o filho Daniel (1929-1938)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação, Conhecimento e Inclusão Social da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Educação

**Linha: Psicologia, Psicanálise e Educação**

Orientadora: Professora Regina Helena de Freitas Campos(UFMG)

Coorientadora: Professora Marilene Oliveira Almeida(UEMG)

**Belo Horizonte**  
24 de fevereiro de 2023

F235f  
T

Farnese, Sérgio Faleiro, 1957-  
Família e escola [manuscrito] : o contraponto em Helena Antipoff  
através da correspondência com o filho Daniel (1929-1938) / Sérgio Faleiro  
Farnese. -- Belo Horizonte, 2023.  
220 f. : enc, il., color.

Tese -- (Doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais,  
Faculdade de Educação.  
Orientadora: Regina Helena de Freitas Campos.  
Coorientadora: Marilene Oliveira Almeida.  
Inclui Bibliografias.

1. Antipoff, Helena, 1892--1974 -- Cartas -- Teses. 2. Antipoff, Daniel I.  
-- Cartas -- Teses. 3. Educação -- Teses. 4. Educação -- História -- Teses.  
5. Psicologia -- História -- Teses. 6. Família -- Teses. 7. Escolas -- Teses.  
8. Beauvallon (Drôme, França) -- Teses.  
I. Título. II. Campos, Regina Helena de Freitas, 1950-. III. Almeida,  
Marilene Oliveira, 1970-. IV. Universidade Federal de Minas Gerais,  
Faculdade de Educação.

CDD- 370.9

**Catálogo da fonte: Biblioteca da FaE/UFMG (Setor de referência)**  
Bibliotecário: Ivanir Fernandes Leandro CRB: MG-002576/O



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO: CONHECIMENTO E INCLUSÃO SOCIAL

### FOLHA DE APROVAÇÃO

**Família e escola: o contraponto em Helens Antipoff através da correspondência com o filho Daniel (1929-1938)**

**SÉRGIO FALEIRO FARNESE**

Tese submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em EDUCAÇÃO - CONHECIMENTO E INCLUSÃO SOCIAL, como requisito para obtenção do grau de Doutor em EDUCAÇÃO - CONHECIMENTO E INCLUSÃO SOCIAL.

Aprovada em 24 de fevereiro de 2023, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). Regina Helena de Freitas Campos - Orientador

UFMG

Prof(a). Marilene Oliveira Almeida

UEMG

Prof(a). Mônica Maria Farid Rahme

UFMG

Prof(a). Mitsuko Aparecida Makino Antunes

PUC-SP

Prof(a). Dener Luiz da Silva

UFPI

Prof(a). Margareth Diniz

UFOP

Daisy Moreira Cunha

UFMG

Camila Jardim de Meira

UEMG

Belo Horizonte, 20 de abril de 2023.



Documento assinado eletronicamente por **Luiz Paulo Ribeiro**, Coordenador(a) de curso de pós-graduação, em 20/04/2023, às 21:13, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufmg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orcao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orcao_acesso_externo=0), informando o código verificador **2246057** e o código CRC **69DBA9E6**.

## Resumo

Esta tese tem como *objetivo* apresentar a história da separação que a psicóloga e educadora Helena Antipoff entreteve com seu filho único, Daniel, educando-o por meio de cartas semanais entre ela e ele, durante 9 anos, de 1929 a 1938. O *referencial teórico* utilizado para trabalhar essa extensa correspondência executa uma espécie de fenomenologia sugerida por Husserl, acrescida dos cuidados que as críticas de Kant e de Marx postulam para a atividade teórica, levando também em consideração a literatura epistolar dos últimos séculos, como as recentes publicações das cartas entre Claparède e Antipoff e das de Freud a seus filhos. Quanto ao *método*, depois de uma leitura longitudinal das cerca de 700 cartas, ordenadas cronologicamente, selecionamos 58 de Helena Antipoff, distribuídas em três quadros (da infância, da adolescência e da juventude de Daniel), esquadrinhas pelos temas tratados para, em seguida, apresentarmos algumas delas. Consideramos que os *resultados* obtidos oferecem aos estudiosos uma visão geral do conteúdo e da relevância desse acervo para o tratamento das relações de contraponto - a partir da escola - às limitações da família, porque nos remetem ao que de melhor oferecem a filosofia, a psicologia e a pedagogia de todos os tempos para conclusão da tarefa educativa. Sobre esse patamar, ergueu-se um tripé: a criação de uma escola nova, em Beauvallon, França, as cartas semanais e o escotismo, com o verniz da musicalidade. Os golpes de estado no Brasil (1930 e 1937) e a ascensão do nazismo na Europa, envolvem o conteúdo lírico e filosófico das cartas, tornadas testemunho vivo daqueles momentos históricos. Por sua vez, a então recente ação educativa de Antipoff, na Rússia dos primeiros anos da revolução de 1917, revela-se por escrito numa tradução informal de suas dúvidas e convicções. Os insistentes convites ao filho para se juntar a ela no atendimento à juventude encarcerada pelo sistema prisional mineiro sinalizam, naqueles anos de separação, sua inclinação pelos caminhos inclusivos da educação, a tônica de sua obra magistral. À guisa de *conclusão*, consideramos que nosso esforço trouxe à luz - como um convite - uma opção apaixonada pela arte de viver e pela arte de educar, sugerida naquela separação voluntária entre mãe e filho por quase meio milhar de semanas, unidos pelo laço delicado e íntimo de uma mesma quantidade de cartas mar a mar.

**Palavras-chave:** Antipoff. Cartas. Família. Escola. Beauvallon

## Abstract

This dissertation *aims to present* the history of the separation that the psychologist and educator Helena Antipoff entertained with her only child, Daniel, by educating him through weekly letters between her and him for nine years, from 1929 to 1938. The *theoretical framework* used to work on this extensive correspondence performs a kind of phenomenology suggested by Husserl, added to the care that the critiques of Kant and Marx postulate for theoretical activity, also taking into account consideration of the epistolary literature of the last centuries, such as the recent publications of letters between Claparède and Antipoff and those of Freud to his childrens. As for the *method*, after a longitudinal reading of the approximately 700 letters, ordered chronologically, we selected 59 from Helena Antipoff, distributed in three frames (of Daniel's childhood, adolescence and youth), scrutinized by the themes dealt with, and then we present some of them. We consider that the *results* obtained offer scholars an overview of the content and relevance of this collection for the treatment of counterpoint relations - from the school - to the limitations of the family, because they refer us to the best of philosophy, psychology and pedagogy of all times for completing the educational task. On this landing, a tripod was erected: the creation of a new school, in Beauvallon, France, weekly letters and scouting, with the varnish of musicality. The coups d'état in Brazil (1930 and 1937) and the rise of Nazism in Europe, involve the lyrical and philosophical content of the letters, which became living testimony of those historical moments. In turn, the then recent educational action of Antipoff, in Russia in the early years of revolution of 1917, is revealed in writing in an informal translation of her doubts and convictions. The insistent invitations to the son to join her in caring for the youth imprisoned by the prison system in Minas Gerais indicate, in those years of separation, his inclination towards the paths of inclusive education, the keynote of her masterful work. As a *conclusion*, we consider that our effort brought to light - as an invitation - a passionate option for the art of living and the art to educate, suggested in that voluntary separation between mother and child for almost half a thousand weeks, united by the delicate and intimate bond of the same number of letters from sea to sea.

**Keywords:** Antipoff. Letters. Family. School. Beauvallon

## Résumé

Cette thèse *vis* à *présenter* l'histoire de la séparation que la psychologue et éducatrice Helena Antipoff a entretenue avec son unique enfant, Daniel, en l'éduquant par des lettres hebdomadaires entre elle et lui pendant neuf ans, de 1929 à 1938. Le *cadre théorique* utilisé pour travailler sur cette vaste correspondance opère une sorte de phénoménologie suggérée par Husserl, ajoutée à l'attention que les critiques de Kant et de Marx postulent pour l'activité théorique, compte tenu également de la littérature épistolaire des derniers siècles, comme les récentes publications des lettres entre Claparède et Antipoff et celles de Freud à ses enfants. Quant à *la méthode*, après une lecture longitudinale des presque 700 lettres, classées par ordre chronologique, nous en avons sélectionnées 59 d'Helena Antipoff, distribuées en trois cadres (de l'enfance, de l'adolescence et de la jeunesse de Daniel), passés au peigne fin par les thèmes traités, puis nous en présentons quelques uns. Nous considérons que les résultats obtenus offrent aux chercheurs un aperçu du contenu et de la pertinence de ce recueil pour le traitement des rapports de contrepoint - de l'école - aux limites de la famille, parce qu'ils nous renvoient au meilleur de la philosophie, de la psychologie et de la pédagogie de tous les temps pour accomplir la tâche éducative. Sur ce palier, un trépied a été dressé: la création d'une nouvelle école, à Beauvallon, France, lettres hebdomadaires et scoutisme, avec le vernis de musicalité. Les coups d'État au Brésil (1930 et 1937) et la montée du nazisme en Europe impliquent le contenu lyrique et philosophique des lettres, qui sont devenues des témoignages vivants de ces moments historiques. À son tour, l'action éducative alors récente d'Antipoff, en Russie dans les premières années de la révolution de 1917, se révèle par écrit dans une traduction informelle de ses doutes et de ses convictions. Les invitations insistantes à son fils à se joindre à elle pour s'occuper des jeunes emprisonnés par le système pénitentiaire du Minas Gerais indiquent, dans ces années de séparation, son penchant pour les chemins *inclusives* de l'éducation, la note maîtresse de son œuvre magistrale. En guise de *conclusion*, nous considérons que notre effort a mis en lumière - comme une invitation - une option passionnée pour l'art de vivre et l'art éduquer, suggérée dans cette séparation volontaire entre la mère et l'enfant pendant près d'un demi-millier de semaines, unies par le lien délicat et intime d'un même nombre de lettres d'une mer à l'autre.

**Mots-clés** : Antipoff. Lettres. Famille. École. Beauvallon

# Prefácio



Sérgio é o nome russo que Daniel Antipoff escolheu, misteriosamente, para uma fictícia personagem sua, na autobiografia lançada na livraria Leitura, da Savassi, Belo Horizonte, em 1997. Haveria uma pista? Seu filho Paulo Sérgio, falecido adolescente, numa piscina do Instituto Técnico de Aeronáutica, era tratado, por todos, como Sérgio.

Procuramos, aqui, fornecer informações que, para os não iniciados no universo antipoffiano, podem ser úteis ou necessárias para melhor entendimento do que se segue, como por exemplo, quando um historiador da psicologia nas Américas chegasse a este trabalho pelos portais digitais da *Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior*, a CAPES. Seria urgente, então, de início, incluir nestes apontamentos uma descrição, não só das personagens pesquisadas, mas também dos pesquisadores envolvidos neste percurso. Procederemos a uma síntese breve do que virá a conta-gotas ao longo desta nossa viagem pela correspondência Antipoff/Antipoff entre os anos de 1929 e 1938.

**Helena Wladimirna Antipoff** nasceu em Grodno, Belarus, antiga Bielorrússia, em 25 de março de 1892, 7 de abril - uma quinta-feira de outono - no nosso calendário gregoriano. Morreu em 1974, aos oitenta e dois anos. Aos dezessete, migrou para a França, começou a estudar medicina na Sorbonne, mas logo interessou-se pela psicologia e foi estudar no *Instituto Jean Jacques Rousseau*, de Genebra, Suíça, a convite de Édouard Claparède, seu mestre para toda a vida.

Entre 1915 e 1917 esteve na Espanha, onde escreveu artigos na imprensa de Guijón, atraindo alunos para o Instituto. Em 1917, dirige-se à Rússia em busca do pai, alto oficial czarista ferido na guerra, quando eclode a Revolução Russa de fevereiro, ficando ali até 1924, colaborando, naquela sociedade emergente, como psicóloga na educação de crianças e de jovens órfãos das tragédias da guerra e da revolução. Saiu da Rússia em fuga das prisões stalinistas que recaíram sobre seu marido, migrando para a Alemanha, onde ficou por quase dois anos até conseguir autorização política para voltar a Genebra, a fim de trabalhar como professora assistente de Édouard Claparède.

Para se ter uma ideia da posição de Helena Antipoff na história da psicologia educacional, no final dos anos 1920, podemos fazer uso da figura de um colega seu, Jean Piaget, conhecido e lido mundialmente, em função do cargo de dirigente do *Bureau International de Educação*, o BIE. Tivesse ela ficado no *Instituto Rousseau*, como reclamava o diretor de então, Claparède, seu brilho ofuscaria de longe os olhos daqueles que buscavam ideias pedagógicas revolucionárias num polo central da atividade científica na Educação, segundo os cânones usuais da *academia*. Outro critério, talvez mais objetivo, seria o quilate a ela conferido pelas obras deixadas para a humanidade, às quais acrescentaríamos a difusão entre nós do conceito de *excepcional*, *infra* e *bem-dotado*, reconhecido em diferentes círculos da psicologia planetária.

Mas, seríamos mais prudentes, se nos agarrássemos à humildade praticada pela professora, ao escolher o Brasil para se radicar, trocando a sombra dos holofotes alpinos pelo frescor tropical úmido das florestas inexploradas às margens da Mata Atlântica, cujas folhas remetia amorosamente para amenizar a curiosidade botânica de seu filho querido, deixado para trás aos dez anos, aplicando ali, naquela quina dos labirintos da vida, os limites de conhecimentos e de convicções de seus trinta e seis anos até então bem vividos. Se, para alguns, convém creditar aos deuses a crueza das separações inevitáveis de nossos entes mais queridos, quando menos esperamos ou desejamos, para Antipoff isso foi fruto de decisão bem pensada. Atitude sofrida, mas levada em frente como o melhor caminho, o do *abandono* do filho para, quem sabe, trazer um pouco de sabedoria à ignomínia familiar que impera, em particular, na classes instruídas, emboladas na criação amadora de filhos e de netos, dispensando, displicentemente, os apontamentos científicos de pensadores dedicados ao tema, como Freud.

Criando em Dieulefit uma escola nova, para acolher o menino, por certo deu atenção aos indicadores de um maior frescor e de uma maior leveza na convivência parental indireta, despertadora dos laços de família, priorizando relações externas a esse meio, submetido desse modo ao império das escolhas no campo social, as quais tendem a dissolver as inconsistências do indivíduo *alienado* de si e dos outros, tão bem apontadas por Marx em seus rascunhos de *O Capital*, como veremos à frente, ao situar esse eixo central de nossa viagem investigativa. Ante o espetáculo metafísico das proezas divinas, deparamo-nos, vez em quando, com proezas heroicas de carne e osso, das quais se encarrega ou dever-se-ia encarregar a filosofia, para iluminar com mais tranquilidade e alegria as trilhas espinhentas do tempo que nos oferece a vida. Reações conservadoras a essa crítica - efetiva - do patriarcalismo, feita por Helena, não consideram suas edificantes consequências pessoais, políticas e sociais.

*Não temos parentes, somos amigos*, diz o ditado. *Matamos parentes, raramente os amigos*, diz outro. *A morte do pai, o grande acontecimento da vida de um homem*, dizia Freud. Quem puder aprender, aprenda, com a história desse *abandono* de Helena, de si, do filho e do marido, que iremos descrever a partir de agora.

Em agosto de 1929, quando vem para o Brasil, trabalhando aqui como professora, psicóloga, fundadora de inúmeras instituições como a *Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras*, que mais tarde conformaria a UFMG, a *Casa do Pequeno Jornaleiro*, (1932), os *Institutos Pestalozzi* e as APAEs (*Associações de Pais e Amigos dos Excepcionais*) para educandos de QI abaixo da média, a ADAV (*Associação Milton Campos para a Assistência à Vocação de Bem-Dotados*) para os de QI acima, o ISER (*Instituto Superior de Educação Rural*), além da *Escola de Beauvallon*, na França, para internar seu filho, Daniel, nascido em 31 de março de 1919, uma terça-feira de primavera russa.

**Daniel Iretzky Antipoff**, veio para o Brasil em definitivo no final de 1938, aos dezenove anos, fugindo de possíveis perseguições nacionalistas nos preâmbulos da segunda guerra na Europa. Reencontrou definitivamente a mãe no Brasil, depois de nove anos de *separação* pedagógica, sofrida e amorosa na *Escola de Beauvallon*, no Drome, 630km de Paris, 281, de Genebra, desde 1929.

Nasceu em 1919, em plena guerra civil na Rússia, viveu na Alemanha entre 1924-1925, e em seguida foi com Helena Antipoff para a Suíça, onde estudou na *Maison des Petits*, escola criada por Édouard Claparède. No Brasil, estudou agronomia em Viçosa(1938), Filosofia em Belo Horizonte(1943), tornando-se um dos primeiros psicólogos brasileiros com registro profissional. Nos EUA, na *Universidade de Denver*, cursou pós-graduação centrada no atendimento a crianças excepcionais, em 1970.

Ao modo materno, criou escolas: a *Escola da Serra* e a *Educ*(para bem-dotados). Fundou também o IPAMIG(*Instituto de Psicologia Aplicada de Minas Gerais*). A partir de 1989 foi o primeiro presidente na *Fundação Helena Antipoff*, gerindo as escolas do complexo educacional *Fazenda do Rosário*, em Ibitaré, criando ali também o *Museu Antipoff* e o CDPHA, *Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff*, que preserva o imenso e rico acervo documental de noventa anos de trabalho e pesquisa ininterruptos, impulsionados desde sua mãe, onde nos intrometemos com nossa curiosidade científica aqui apresentada. Presidiu por infindáveis anos a ABSD(MG), seção da *Associação Brasileira para Superdotados*, para qual reservava uma das quintas-feiras dos meses para reunir interessados na Rua do Ouro, 1800, na *Escola da Serra* e dedicou-se à orientação de talentosos e bem-dotados. Foi psicólogo no *Instituto Técnico da Aeronáutica*, de onde se afastou depois de 1964 e lecionou francês no *Centro Federal de Tecnologia*, o CEFET-MG. Faleceu, dormindo, em 2005. (CAMPOS et al, 2007)

Conheci Daniel Antipoff em 1991. Era antevéspera do centenário da mãe dele, a ser comemorado em 25 de março do ano seguinte. Ele foi até a *Faculdade de Educação* da UFMG, a FAE, onde eu era professor, pedir apoio para a organização do I Congresso de Educação Antipoffiana. Deixou afixada na sala dos professores uma lauda branca explicativa e um telefone de contato, do IPAMIG, na Rua do Ouro, 1800, bairro Serra, de BH. Na solidão noturna da sala do DECAE, *Departamento de Ciências Aplicadas à Educação*, quando a FAE era apenas a parte velha, anotei o telefone, liguei e fui chamado para uma reunião na Rua do Ouro, 1800. Foi aí que tudo começou.

Éramos amigos e amigos da Educação. Sem nos conhecermos, tínhamos muita coisa em comum. Um Voyage, o dele verde, o meu preto. Arranhamos as quatro cordas do violino na juventude, também. Casamos com professoras de Visconde do Rio Branco, ele com uma psicóloga, eu com uma de flauta. Gostávamos de camisa social branca, por causa do calor do Rosário. Jogamos muito xadrez, ele mal, eu , mais ou menos. Tínhamos uma mão nas ciências da terra, outra nas do céu. Estudamos filosofia, amizade - ou amor – pela sabedoria. Uma preocupação nos aturdiu: o destino da inteligência infantil e juvenil configurada nos bem-dotados, como Helena Antipoff.

Naquela época, conseguia, não sei como, lecionar em quatro cursos de pedagogia e pós, FAE, *Instituto de Educação*, FAFI(*Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Belo Horizonte*), *Instituto Cultural Newton Paiva* e *Colégio Marconi*. Levei Daniel em todos para fazer palestras sobre os superdotados e convidar para o I Congresso. De todos saíram participantes que se encontram documentados pelos vídeos que ajudei a produzir e que representam memória cinética, além das gravações em áudio de todas as palestras.

Ajudar Daniel era uma coisa difícil. Aos 72 anos, carregava as mesas para o congresso, no auditório Nansen Araújo, na Avenida do Contorno, em Belo Horizonte. Como ele, eu parecia inclinado às causas perdidas, como greves e revoluções e ele à memória de sua mãe, à preservação de arquivos contra traças e baratas de toda espécie, presentes na fundação de Ibirité e nos tetos caídos dos galpões da ADAV. Sempre olhando o amanhã como um novo dia de uma nova era, onde tudo de bom pode acontecer.

Com ele, descobri que os velhos são os melhores partícipes da amizade. Andávamos para cima e para baixo, no eixo BH-Ibirité, sempre falando de Helena Antipoff e os excepcionais, seu assunto predileto. Levei-o de volta à redação do jornal *Estado de Minas*, onde voltou a publicar, tendo sido recebido lá, para seu espanto, como uma pessoa muito importante, pelo editor Dídimo de Paiva. Testou o meu filho de 6 anos, que levei na casa dele para jogarmos xadrez com ele e aventamos a hipótese dele estudar na Educ, o que não aconteceu por causa das 4h de ida e volta na Kombi dirigida pelo Daniel na estrada BR-040.

Ministrei aulas de filosofia nas salas redondas da Educ, onde ficar em círculo era natural. Ajudei-o a organizar várias colônias de férias no Rosário para os bem-dotados da rede pública de BH, testados por D. Otília, a responsável técnica do CDPHA, que por sinal tinha uma subsede no Rio de Janeiro que sempre mandava delegações de jovens estudiosas para os encontros de março.

Daniel tinha uma coisa de interior mineiro, chegar na casa da gente sem avisar. Acho que, por eu morar na Rua Timbiras, caminho para sua casa na Serra, ele se lembrava de mim quando ali passava, em geral às 11h e o porteiro falava, *Seu Daniel está aqui, pode subir?* Nunca chegou numa hora inconveniente e também nunca ficou para almoçar.

Almoçando e jantando na casa dele, sem falar nos cafés, sentia a aura de Helena Antipoff em meio àqueles móveis de madeira negra, de formalidade europeia. Trabalhando ali perto até as 18h, no alto da Afonso Pena, era só atravessar dois quarteirões e já estava na porta da casa dele, quase na hora de sua chegada com Otília, na kombi da Educ.

Editou a coletânea de 5 volumes da obra de sua mãe, a qual vendi mundo afora, em APAEs, bibliotecas de escolas públicas e para pesquisadores aficionados. Coloquei em circulação inúmeros Boletins do CDPHA que entulhavam seu quarto e mofavam, para horror de D. Otília. O porta-malas de meu carro passou a ser uma livraria ambulante.

O mal de ser amigo de pessoas muito mais velhas é que elas morrem antes da gente. Ele morreu aos 86. Fiquei sabendo por um recorte de jornal que me mandaram, muito depois do enterro, talvez por desatenção do que restou da família, que não me conhecia. Família nunca foi o meu forte, como confessou Daniel. Nem de Helena, como verificamos. Nem Daniel, nem Helena, nem eu.

**Regina Helena de Freitas Campos**, orientadora deste trabalho, pode ser considerada, sem dúvida, a pessoa que consegue congrega em torno de si aqueles e aquelas que mais sabem o que não sabem sobre o legado dos Antipoff para a psicologia da educação. Sucedeu Daniel Antipoff, a convite dele, na presidência do CDPHA, para a qual tem sido reeleita a cada dois anos, por unanimidade. Sua gestão perspicaz e democrática - ao modo de Helena e Daniel – direciona as energias da diversidade científica, impulsionadoras do desenvolvimento estudioso, em direção a uma positividade que resulta em proveito de todos envolvidos e da humanidade. Sob sua gestão, o CDPHA consolidou seu internacionalismo em direção a Genebra, mas também o ampliou nos rumos radiais de Stanford, Paris, Moscou, Londres, Buenos Aires, Madrid, o que muito beneficia a pós-graduação da *Faculdade de Educação* da UFMG, onde é professora do *Departamento de Ciências Aplicadas à Educação*. Ocupa a cadeira que pertenceu a Helena Antipoff, que ajudou a fundar a faculdade, sendo mais tarde professora emérita da instituição.

No momento, entre as inúmeras atribuições de Regina, ela retoma o sonho maior de Antipoff, o *Museu da Criança*, que dá de volta seus primeiros passos pelo século XXI, fincando raízes nas sementes deixadas nos solos férteis da *Fazenda do Rosário*, em Ibirité, e da *Sala Antipoff*, na *Biblioteca Central* da UFMG, campus Pampulha, em Belo Horizonte.

**Marilene Oliveira Almeida**, coorientadora de nosso trabalho, dedica-se a diferentes dimensões do legado de Helena Antipoff, como o *Museu Antipoff* e, agora, o *Museu da Criança*, em gestação. Professora da *Escola Guignard*, na área de Artes da *Universidade Estadual de Minas Gerais*, a UEMG. Pesquisou as parcerias de Louise Artus-Perrelet e Augusto Rodrigues com Helena Antipoff no ensino de Arte na *Fazenda do Rosário*, publicando seus resultados estudiosos em livro lançado em 2017.

**Sérgio Faleiro Farnese** conheceu sua personagem investigada, Daniel, há exatos 30 anos, no *Departamento de Ciências Aplicadas à Educação*, o DECAE, na Faculdade de Educação da UFMG, uma das trinta e duas escolas nas quais lecionou filosofia, história, geografia, teatro ou música, desde os dezoito anos. Foi por meio de Daniel que conheceu a história de Helena Antipoff, naquele final de ano de 1991, marcado por uma reposição de greve, véspera das comemorações do centenário dela, no I Congresso da Educação Antipoffiana, em março de 1992.

Ainda na UFMG, cursou a pós em filosofia, nos anos 1980, trabalhando com O Capital, de Marx. Ali conheceu e reconheceu pessoas generosas, importantes para sua vida, em geral de cabelos tingidos ou brancos, como os seus agora, professores dos quais procurou seguir seus bons exemplos de humildade, generosidade e solidariedade internacional. Como quase toda a população de S. João del-Rei, seu pai era músico, clarinetista de orquestra barroca da cidade. Frequentou e lecionou Teatro do Oprimido no *Conservatório Estadual de Música*(sem ela não pode viver, como Helena Antipoff), tendo aprendido os segredos do piano(como Helena), do violino(como Daniel) e do violoncello, os quais aplicou em casa no violão, sendo péssimo nos quatro, mas ótimo ouvido. Sua mãe foi professora primária e diretora de grupo escolar, estadual, de modo que seus trabalhos escolares eram ilustrados por recortes dos encartes da *Revista do Ensino*, editada em Belo Horizonte, pela secretaria de educação, por certo com reflexos da equipe de ex-alunas de Helena e talvez até de Daniel. (MATOSO, 2022)

Sua relação com a *academia* foi, desde os dezessete anos, até agora, de dentro. Mais exatamente, um entra e sai. Sai dali, entra ali. Na *Faculdade Dom Bosco*, atual UFSJ de S. João del-Rei, deu seus primeiros arranhões na filosofia. Vinculou-se no magistério da rede estadual da cidade e depois de Belo Horizonte, estando entre os professores da volta da filosofia ao ensino médio da rede municipal de BH, ao modo de seu velho mestre na UFMG, Luiz Bicalho. Como professor universitário, seu périplo começou na *Faculdade de Filosofia de Congonhas*, a FAFIC vinculada a FAFI-BH. Seguiu-se o *Instituto de Educação*(atual UEMG), simultaneamente com a FAE(UFMG), *Newton Paiva*, FAFI(UNI-BH) e depois o *Instituto Champagnat de Estudos Superiores*(ICÉS) e a PUC-MG.



Aprendeu no próprio pelo como a filosofia é recebida de braços abertos na chegada e chutada, na saída. Passou também pela UFOP (*Universidade Federal de Ouro Preto*), de Mariana, na época do desastre sobre o Rio Doce, desenvolvendo o projeto Pequenos Livreiros de Mariana, organizando uma livraria no campus, direcionando esforços de reparação aos jovens e crianças atingidas, inclusive pela realização do XXXIV Encontro Anual Antipoff, naquela cidade, 4 meses após a tragédia que soterrou os distritos de Bento Rodrigues e de Paracatu de Baixo.

Discorda que a filosofia seja uma cereja no bolo da fanfarronice acadêmica, cheia de espaço nas universidades, pois a acidez da presença dela a torna insuportável aos fanfarrões. Vale lembrar a origem da palavra academia, provinda da escola helênica de Platão, que era situada em frente aos jardins de Academo. Esse herói grego teria ajudado a resgatar uma certa Helena, em Atenas, e acabou por emprestar seu nome ao apelido de *acadêmicos* para os discípulos de Platão, apelido forjado quicá por desafetos agindo como os anarquistas que alcunharam de *marxistas* os que concordavam com Marx, na *I Internacional*. Do mesmo modo, o *cínicos*, cuja escola se iniciou no Ginásio de Cinosargo, palavra relacionada a cão, *Kynos*, em grego. Desde as origens, a filosofia sente-se em casa na academia, mas a recíproca nem sempre é verdadeira.

Filhos de cidadãos respeitáveis na cidade-estado, os “acadêmicos” eram amantes da sabedoria - palavra feminina - mas ainda equivocados quanto ao amor às mulheres de Atenas, consideradas indignas de serem amadas. Ali o amor só valeria a pena entre iguais, naquela época. Em Atenas, desprezavam-se, em casa, todas as helenas.

Os parâmetros das destinações profissionais do Autor junto à filosofia acabaram sendo a cicutu servida a Sócrates, o pioneiro, a expulsão de Platão de Siracusa, o exílio de Aristóteles de Atenas, a língua arrancada de Cícero, as veias cortadas de Sêneca, a prisão domiciliar de Galileu, a excomunhão de Spinoza e Campanella, a prisão de Maquiavel e Lutero, as perseguições a Voltaire e Rousseau, as prisões e exílios de Marx e Engels, o terror nazista sobre Husserl, Freud e Einstein, a câmara de gás para Edith Stein (a primeira mulher doutora em filosofia), a prisão de Sartre, o suicídio inconcluso de Foucault.

Como Foucault, o Autor compartilha ampla solidariedade com as pessoas *prisioneiras*, vítimas do encarceramento em massa do mundo atual, interesse que casualmente encontra eco nas cartas de uma de suas personagens aqui pesquisadas, a jovem Yelena. Que mais poderia esperar ele, então, dessa via *Ápia* de amizade pela sabedoria, senão pedras?

Esperando as pedras sempre atiradas contra a filosofia, encontrou, entretanto flores, com seu perfume verdejante, sedutor, alegre como a atenção das pessoas que já se interessaram em ler o que escreveu em seus livros, jornais e revistas, acariciando, com seus olhos, essas e outras linhas de mal traçadas páginas, escritas com muito respeito e carinho a leitores conhecidos ou não, nessa brincadeira de passar anel no mundo da ciência e do conhecimento.

Devemos perdoar aquele que escreve mal, lendo pacientemente suas tonsuras, quando obrigados, desde que teime nessa vontade de agradar ao escrever, perseguindo dentro de suas possibilidades a admiração e o prazer que essa arte lhe conferiu ao ler Marx, Freud, Kant e Helena Antipoff, por exemplo. Mas o cuidado na forma de apresentação, por certo, não redime ninguém dos enganos científicos – lógicos e formais - porventura tornados imunes ao olhar sagaz de orientadoras, os quais, se apontados, devem ser prontamente corrigidos, pois são de inteira responsabilidade dos autores de teses e de artigos de pretensões científicas.

Afinal, escrever pode-se tornar uma arte de ludibriar o próximo quanto aos próprios erros e enganos? Ainda bem, pois errar, é humano. Isso nos distingue dos deuses: eles não erram nunca sobre a terra, como nós outros erramos todo dia, toda hora, num contraponto nada ontológico – peripatético - como discípulos hodiernos de Aristóteles.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 - Cartas de Helena Antipoff(1929 -1934) .....	122
Figura 1 - Carta 002(29/8/1929) .....	133-137
Figura 2 - Carta de Antipoff para Daniel(1 e 2/11/1930) .....	147-148
Quadro 2 - Cartas de Helena Antipoff (1935-1936 ) .....	150
Figura 3 - Baiou baiochiki baiou .....	156
Figura 4 - Carta de Antipoff a Daniel(15/12/1935) .....	159-164
Quadro 3 - Cartas de Helena Antipoff(1937-1938) .....	168
Figura 5 - Carta de Helena Antipoff a Daniel(02/10/1938 ) .....	184

## LISTA DE SIGLAS

ABSD(MG)	Associação Brasileira para Superdotados seção Minas Gerais
ADAV	Associação Milton Campos para a Assistência à Vocação de Bem-Dotados
APAE	Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais
AIT	Associação Internacional dos Trabalhadores
BIE	Bureau Internacional de Educação
CDPHA	Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff
CECOR	Centro de Conservação e Restauração de Bens Culturais
CEFET	Centro Federal de Tecnologia
DECAE	Departamento de Ciências Aplicadas à Educação
FAFI (BH)	Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Belo Horizonte
FAE	Faculdade de Educação(UFMG)
FAFIC	Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Congonhas
GESTA	Grupo de Estudos em Temáticas Ambientais
KGB	Komitet Gosudarstvennoi Bezopasnosti
ICÉS	Instituto Champagnat de Estudos Superiores
IJR	Instituto Jean Jacques Rousseau
IPAMIG	Instituto de Psicologia Aplicada de Minas Gerais
ISER	Instituto Superior de Educação Rural
ITA	Instituto Técnico de Aeronáutica
PBH	Prefeitura de Belo Horizonte
PUC-MG	Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
QI	Quociente de Inteligência
UEMG	Universidade Estadual de Minas Gerais
UFOP	Universidade Federal de Ouro Preto
URSS	União da Repúblicas Socialistas Soviéticas

## SUMÁRIO

<b>1. Introdução</b> .....	20
1.1 Referências do capítulo .....	36
<b>2. Notas sobre metodologias</b> .....	38
2.1 Referências do capítulo .....	55
<b>3. Pesquisando a literatura de Correspondência</b> .....	57
3.1 Referências do capítulo .....	61
<b>4. Contando a história</b> .....	63
4.1 Referências do capítulo .....	72
<b>5. Antipovas em diáspora</b> .....	75
5.1 Referências do capítulo .....	80
<b>6. L'école de Beauvallon</b> .....	83
6.1 Referências do capítulo .....	88
<b>7. De braços dados com a filosofia</b> .....	90
7.1 Referências do capítulo .....	106
<b>8. Cartas entre dois continentes</b> .....	109
8.1 Abrindo um jogo de cartas .....	113
8.2 O primeiro bloco – 1929-1934 .....	121
8.3 A carta 001 e a carta 002 .....	123
8.4 Carta 002 .....	130
8.5 O escotismo .....	141
8.6 Uma carta importante .....	144
8.7 O segundo bloco – 1935-1936 .....	149
8.8 Uma carta bonita .....	151
8.9 Assombros da revolução .....	165
8.10 O terceiro bloco - 1937 e 1938 .....	167
8.11 Escotismo nas cartas .....	169
8.12 Filosofia via postal .....	170
8.13 As últimas cartas .....	172
8.14 A carta da herança .....	176
8.15 A última carta .....	182
8.16 Referências do capítulo .....	185
<b>9. Chegando do Cárcere</b> .....	188
9.1 Referências do capítulo .....	193
<b>10. Descrevendo ou entendendo?</b> .....	194
<b>11. Referências</b> .....	206

# 1. Introdução

*Sinto-me como se escrevesse de uma prisão.* As sete palavras de Helena Wladimirna Antipoff - confessas em sua primeira carta do Brasil ao filho – dão aos ouvintes, obrigatórios, ou não, uma tonalidade menor para fundo musical nessa travessia curiosa por escavações subterrâneas, subliminares e, por que não, sublimes, doravante compartilhadas. Para empreendermos juntos essa jornada, elas se atiram sobre nós como se fossem sete estacas – jogadas a esmo - contra vampiros da Transilvânia e nos fornecem um procurado fio condutor dessa jornada, desde agora começada, de virar e revirar - pelo avesso – a intimidade secreta de centenas de viagens, em porões de navio, empreendidas por nossas duas personagens, para lá e para cá, para cima e para baixo do equador, dentro de outras centenas de envelopes *par avion, ou non*, selados e conservados zelosamente, há quase um século, para isso, para nós, com esse intuito. Mas para quê? Por quê?

Essas respostas esperamos, de cada leitor, o encontro, por si mesmo. O resultado, encontramos já, na trajetória conhecida dos Antipoff por todo o tempo, sempre curto, sempre escasso, sempre interrompido, de vida, entre nós: a ação! Iluminada pela reflexão permanente – no mais das vezes, ledor engano do pensamento - para elaborarem, com os pincéis da filosofia, da psicologia e da pedagogia, a subida, antecedente da queda, pela pintura de nove anos de separação e *abandono* dialético dos laços diretos de mãe e filho, revigorados como laços de educadora e educando por meio das cartas semanais.

Um abandono muito especial, a anos-luz do que um certo senso comum vem estranhando nessa atitude da educadora, separando-se do filho numa atitude voluntária, fruto de decisões muito difíceis de cumprir, não fossem robustecidas, ano a ano, desde os primeiros meses, pela edificação de respostas científicas no campo da psicologia, capazes de elevá-la - a muito custo - acima das trivialidades a que os impulsos sentimentais nos convidam, trocando-as, é certo, pelos sentimentos da dor da separação e da avidez do reencontro. Mas, ao contrário das separações trágicas e contratuais, o controle desse *abandono* recíproco permaneceria, em seus pontos fundamentais, na mão dos missivistas que estudaremos a seguir, o que lhe dá singularidades existenciais.

Da escrivaninha, como das mesas onde se escrevem livros e cartas, observa-nos uma capa preta de um livro não lido de Michel Foucault, historiador do sistema prisional. Na estante, a nos vigiar e punir, outro livro menos lido ainda, onde Sartre nos lembra prisioneiros de uma vida inútil, sem razão e sem sentido. Por que não, então, acabar logo isso, de uma vez?  
(FOUCAULT, 2014; SARTRE, 2002)

Foucault tentou, mas não conseguiu. Sartre falou, mas não experimentou. Realizar a liberdade, pondo fim por nós mesmos ao inferno da vida, como direito inalienável dos indivíduos, seria a opção final e única para não deixarmos a vida nos torturar com suas unhas de harpias de Minerva, impedi-la, em definitivo, de nos esganar com suas cordas de espinho e combater de vez sua intenção viril de nos macerar até o limite de nossas forças físicas e mentais? Mas para quê, de que valeria tudo isso?

Ler as cartas de Daniel e Helena, por uma noite, e aguardar, com sono tranquilo, o amanhecer, a aurora de um novo dia, com o frescor do perfume de flores orvalhadas, de lírios e manacás e seu efeito sobre nós. Essa é uma sugestão, nesse momento de chegada ao termo de nossa jornada viajante pela pesquisa, ao principiarmos esta nova jornada, agora pelas linhas da exposição divulgadora de alguns resultados. Olhemos a vida como se olhássemos um sorriso de criança que recebe uma carta para lhe dizerem, por meio dela, em silêncio: *ei, venha ser feliz.*

Percebamos, nessas linhas, que a felicidade pode ser triste, pode ser dura, pode ser desesperada. Pode ser cinza, pode ser amarga - que nem jiló – que nem uma canção desnaturada, que nem uma dúzia de crianças órfãs, que nem uma centena de jovens prisioneiras, que nem um milheiro de prisioneiros da necropolítica. Pessoas que, no entanto, sorriem, e esperam algo, de nós.

Quem sabe, ou soube, se nessas cartas de Helena a Daniel, encontramos e encontraremos uma razão para viver, para agir - já, ontem, hoje e amanhã - em contraponto à iniquidade a nós atribuída pelos deuses de todas as crenças? Quiçá, duas ou mais pulsões estejam ali ofertadas para a tarefa de virarmos ao inverso as balas de prata, apontadas teimosamente, por fantasmas supersticiosos, sobre nossas cabeças, atirando-as contra eles mesmos. E ainda, quisera, duas mil motivações para varrermos incúrias, malícias e perversões insistentemente espelhadas em nós mesmos através de divinas imagens e semelhanças com ícones em altares de barro mole.

Contrapor-lhes, com veemência e audácia exclusivamente humanas, a arma da liberdade, arma deles apartada, sendo-nos reconhecidamente privativa, por isso mesmo encarada por esses zumbis mentalizados como razão última de pretensas maldições imemoriais as quais podemos dar ao luxo de simplesmente virar as costas, encarando, como dizia Marx, serenamente nossas condições de vida? Confundidos, em desespero, por inúmeras ficções despejadas sobre nós, como dejetos dos céus sobre a terra, obrigamo-nos à audácia de sermos livres, de tudo e de todos, de modo absoluto ou pontual, não importa, como momentos áureos de vida, sabiamente experimentados em ações, às vezes sem aparência de sentido, tornadas razão abstrata do viver, momento de respiro infinito na duração, no interregno de um segundo eternizado, provedor da negação das negações, pragas porventura arquitetadas - sabe deus lá por quem - contra um final feliz para a saga das mulheres e dos homens de todos os tempos. Será que tem tudo isso nessas cartas?

Esta versão final do texto incorpora, como não poderia deixar de fazer, as observações de professores presentes na qualificação que generosamente fizeram uma leitura cuidadosa da versão primeira e apontaram questões e contraposições respondidas ao longo das linhas que seguem, de modo afirmativo ou não, com o auxílio e com o filtro cuidadoso das orientadoras. Por outro lado, traz agora o resultado de se terem em vista a totalidade das cartas trocadas entre Helena e Daniel Antipoff, que para nossa surpresa, supera um acervo de 720 peças, armazenadas no *Museu Antipoff*, em Ibirité, Minas Gerais.



Pretendemos deixar, para outros estudiosos que seguirem em frente na decifração dessa riqueza documental, este pequeno preâmbulo sistemático. Ele precede a publicação na íntegra dessa correspondência. Talvez, ao extinguirmos seu ineditismo, quem sabe, sedimentaremos de vez, em camadas sucessivas de perquirição, os vácuos e buracos negros de apropriação desse conhecimento da saga dos Antipoff mundo afora, para melhor compreendermos sua contribuição aos olhos da história da psicologia da educação e, por certo, a herdade com que presentearam as gerações seguintes de psicólogos e pedagogos.

As cartas também trazem à luz elucidações esclarecedoras de estranhas intrigas urdidadas nas sombras acadêmicas - na medida da confiança recíproca dos interlocutores - que abrem mais seus corações, expondo entre si um rol de lembranças, expectativas e comentários omitidos em outros espaços de expressão de seus sentimentos e ideias, como artigos científicos, livros e discursos. Vale lembrar que, dos quarenta e cinco anos vividos no Brasil por Helena Antipoff, trinta e cinco foram sob ditaduras fascistas sanguinárias, que golpearam a democracia formal em 1930, em 1937 e em 1964.

Sob essas ditaduras rastejaram prisões promovidas por polícias políticas especializadas em forjar provas contra opositores genericamente apontados como “comunistas” agraciados pelo ouro de Moscou. Podemos imaginar o desconforto de nossa *perquirida*, desde sua chegada, às vésperas do primeiro golpe, de expressar suas convicções de maturidade, erigidas no bojo da revolução Russa, a qual testemunhara *in loco* desde o primeiro dia e onde pôde contribuir como psicóloga para a construção de projetos educativos voltados para jovens órfãos afundados na delinquência e na vagabundagem pelas cinzas do capitalismo espalhadas pelas ruas metropolitanas de seu país. Saltam das cartas vestígios sinceros dessa imersão antipoffiana nos circuitos socialistas dos anos vermelhos, fazendo uma ponte de sua participação juvenil em círculos anticzaristas - no mínimo - até a experimentação dos terrores termidorianos da burocratização stalinista da revolução, cara a cara com as prisões e os exílios em massa. (SOROKINA & VASILIKOV, 2021).

Vale ressaltar, como já assinalamos, se não será visto aqui o resultado de uma busca, no emaranhado da correspondência, dessa ou daquela pedagogia, dessa ou daquela ideologia, por meio desse ou daquele fio condutor, que não hesitamos em comunicar qualquer reencontro, sempre bem-vindo, dessas ou daqueles. Ou seja, munidos de armaduras metodológicas disponíveis aos pesquisadores - sempre em suspenso, mas em alerta - como quadros sistêmicos ou o cotejo de expressões usuais e de citações presentes em autores clássicos e contemporâneos dos missivistas, debruçamo-nos sobre as cartas com aquela ingenuidade admirada, originária, disponível, generosa. Ávidos de nos surpreendermos, surpreendemo-nos mesmo ante achados previsíveis e assombramo-nos, mesmo, diante de revelações imprevistas, por certo as mais relevantes - no campo das teses - para além dos inevitáveis exercícios de aprendizado e de aperfeiçoamento perquisitivo para pós-graduandos, o que não é pouco, é claro, em termos absolutos, mas por certo bem abaixo das expectativas e das necessidades prementes do mundo da ciência.

A arte do contraponto na música consiste em desenvolver duas ou mais melodias, em harmonia paralela, precursora dos acordes, onde as frases musicais são tocadas simultaneamente. O contraponto persegue a melodia principal, como os baixos do violão de sete cordas num samba ou num chorinho, podendo até roubar a cena e se tornar eventualmente o centro das atenções. Desse modo, o contraponto, longe de ser uma oposição polarizada, faz parte da beleza melodiosa do que se ouve, acompanha e volta e meia se destaca, como nos enleva a música de Johan Sebastian Bach.

O projeto de 2018, homologado em 2020, trazia em seus objetivos um propósito de perquirição daquele contraponto antipoffiano, que não foi abandonado:

A partir de cartas inéditas arquivadas no CDPHA, a pesquisa pretende descrever como se movimentou Helena Antipoff no momento de colocar em prática convicções teóricas em relação à família e à escola, mudando para o Brasil, deixando na França o marido Viktor e o filho Daniel com a idade de dez anos, criando, para interná-lo, uma nova escola em Dieulefit e estabelecendo a correspondência semanal como lastro inusitado de relação mãe e filho, entre dois continentes.

(FARNESE, **Projeto de Pesquisa**, FAE, UFMG, 2018)

Os desastres de Bento Rodrigues, distrito de Mariana, e de Brumadinho, em Minas Gerais, patrocinados pelos governos de Minas e pela mineradora predatória VL(Vale), deram matiz inesperado a 30 anos de acompanhamento direto da preservação de arquivos guardados atualmente no *Museu Antipoff, Fazenda do Rosário*, de lá pertinho, em Ibirité, cidade dormitório dos trabalhadores da grande Belo Horizonte, e na *Sala Antipoff*, na Pampulha, UFMG. A sequência trágica de crimes ambientais, que encontra um clímax nos dias de hoje, esbarrou na extensão solidária propugnada pela UFMG. Foi como se, dos relatos extensos da trajetória da jovem Antipoff pelos subterrâneos de duas guerras europeias e de pelo menos três revoluções que as entrecortaram, saltassem intuições quanto a uma pedagogia da tragédia humana, da reparação quase impossível de perdas inextricáveis para a infância e para a juventude, educáveis a qualquer tempo. (CNN, 2021)

A pandemia que nos assola, neste terceiro decênio do século XXI, colocou no cenário da educação consequências de políticas negacionistas e de anticiência. Elas levaram à orfandade centenas de milhares de crianças e de jovens em todo o mundo, abrindo uma nova frente de compreensão e de atuação. O clamor por metodologias que agasalhassem as necessidades psíquicas e sociais, oriundas de sofrimentos e de perdas que estender-se-ão por uma geração inteira, chega até as escolas e ao que resta das famílias sobreviventes, sob o ouvido atento e solidário dos trabalhadores em educação.

Surgiu assim, uma utilidade prática, inusitada, dos tesouros acadêmicos armazenados no *Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff*, o CDPHA, que deu alento a esse projeto. Outrora, ele acalentava dívidas contraídas em laços intensamente afetivos, laços não descolados da dialética de amizade do Autor com Daniel Antipoff, no enlace pesquisador/pesquisado. Tudo isso deu ensejo, a esta nova aproximação, pela via de uma filosofia calcada na resolução revolucionária e radical dos imbróglis sociais, emoldurando vivências únicas de personagens surpreendidas sob contornos históricos favoráveis à vitória dos oprimidos, na primeira metade do século passado.

Uma terceira via de aproximação se revelou ao longo da leitura dessas centenas de cartas semanais enviadas por Antipoff. Escritas geralmente em suas folgas vespertinas de domingo, após a visita ao centro de reclusão juvenil da capital mineira – chamado de reformatório – as mensagens vinham impregnadas de experiências pessoais encetadas pela manhã, com relatos extensos que solicitavam, volta e meia, a opinião do filho e terminavam com um chamado para a conclusão dessa tarefa conjuntamente, quando da vinda dele para junto dela. Um acaso recente aproximou o Autor de centros educativos de condenados em Minas, girando o foco de seu interesse um pouco em direção a essas passagens escritas extensamente, mas desconsideradas nas primeiras leituras, como se fossem simples preâmbulos ocasionais de diferentes cartas.

Desde então, a fala de Antipoff, à quente, sobre impressões domingueiras do sistema prisional passou a ter o destaque conferido às demais no quadro sintético e no bojo dos comentários e apresentações, fornecendo novos simulacros de ricas lições e aprendizados. A indignação dela com as injustiças conferidas a crianças e a adolescentes privados da liberdade de ir e vir, sem falar nos maus tratos, somada a sua convicção um dia trabalhar com o filho nesses educandários que nada educavam, deu um traço imprevisito, mas necessário, à fotografia pretendida do conjunto filípico em nossas mãos. A leitura, depois de tantos anos na estante, de *Vigiar e Punir*, de Foucault, contemporâneo de Helena e Daniel, suscitou o reencontro, ao modo de a mão e a luva machadianos.

Além de Foucault, à sombra da árvore filípica de Daniel e Helena Antipoff, colocamos na mesa livros e correspondências de Marx, alguma coisa do mestre dela, Claparède e de Sigmund e Anna Freud, também, que deram suporte explícito e implícito às considerações trocadas pelo Autor com as orientadoras. A viagem visual pelo mundo das cartas, ao afastar-nos cada vez mais de nosso universo epistemológico, reencontrou-o em seguida no modo de sistematizá-las, no escrutínio de sua seleção e nos jargões expositivos que de alguma forma transparecem nas linhas de quem os teceu. Mas tudo submetido a um desejo, porventura cínico, porque inatingível, de derramar, sob os olhos do leitor, o leite original daquelas leituras feitas nos arquivos de Ibirité, em sua pureza

primeira, para o deleite sublime de quem contemplasse o bem e o belo no Mundo das Ideias platônico. (MARX/ENGELS, 1988; FREUD, 2014 e 2021; RUCHAT, 2010; PLATÃO, 2020)

Sem renúncia ao refinamento intelectual e estético oferecido à humanidade pelo patrimônio das ciências e das artes, desde tempos imemoriais, alojado paulatinamente em seus cérebros, Helena e Daniel produziram materialidade filípica de apelo irresistível, com intensidade mensageira que ultrapassa de longe o aspecto parental e costumeiro de uma troca transoceânica de notícias e novidades. Sua divulgação, aos que se pretendem educadores de sucessivas gerações de crianças e de jovens de todos os matizes e de diferentes extrações familiares e sociais, impõe-se pelo menos como tentativa de resposta a determinadas características repetidamente apresentadas aos estudiosos como problema para a psicologia da educação. Erigiu-se desse modo o objetivo maior deste trabalho de pesquisa.

Por sua vez, a Covid-19 trouxe para dentro de casa, para a família, a impossibilidade de tarefas educativas mais nobres, que se reservavam aos anos que passamos nos bancos escolares: a formação de pessoas autônomas, comunicativas, felizes em suas aspirações de liberdade e de uma sociedade sem as algemas desse capitalismo de desastres econômicos e ambientais que, ademais, encarcera os que efetivam escolhas fora da ordem social. Para a liberdade, é curta a distância entre a revolução e o crime, trancafiada na mesma cela da vida com os fora da ordem, sejam eles de que delito for, tornando os estabelecimentos prisionais autênticos templos dela, palavra venerada e desejo maior de todo recluso. Como no reformatório visitado por Helena Antipoff, horas antes de rabiscar novas cartas a seu filho adolescente - que recitava também outra cartilha de liberdade, no coração parisiense do pensamento existencialista - a transgressão alheia aponta, na via do “mal”, o direcionamento a aspirações que transcendem todas as cadeias de opressão do homem pelo homem.

Educar os filhos dos outros, em meio a essas e outras perspectivas foi a preocupação, desde jovem, de Helena Wladimirna Antipoff - da *Antip*, de Genebra, à *Dona Helena*, do Rosário. Ela deixou, ao olhar curioso, a investigação do que reservaria ao próprio filho, dentre arcabouços pedagógicos disponíveis e aplicáveis às demais crianças, a maioria delas marcada pela perda trágica ou abandono pelos próprios pais. Helena parecia contar, desde o tempo daquelas cartas, com a ajuda futura do menino – tornado um educador - o que se efetivou de fato, e para sempre, via *cartas*, depois da ausência deles, agora entre nós por meio de seu legado memorial a fascinar generosamente as novas gerações. Os profissionais da educação terão, nessas fontes primárias, e mesmo nas secundárias, raro néctar de sedução intelectual para fortalecimento das ações educativas do lado de cá e de lá das prisões.

Notória destroçadora do ambiente natural e social, a economia de mercado não é menos complacente com a família tradicional: desautoriza o patriarca – proletarizado- vulnerabiliza a matrona, colocando-a junto da infância na base exploratória da produção industrial. E, para falar com Galileu, um prisioneiro da liberdade de pensar, no entanto as pessoas sorriem mesmo que o mundo se mova como um aglomerado de bilhões que se ajuntam em cubículos onde falta o pai, às vezes, as mães, muitas delas encarceradas. Um mundo de crianças e jovens internos em orfanatos, como ilustra bem recentemente a separação irreversível de quinhentas crianças mexicanas de seus pais, operada pelo governo Trump, aplicando legislação do governo Obama - a propósito - atitude ainda não revogada pelo novo habitante democrata que vagueia entre as paredes da Casa Branca. (DRAKE, 1978) (CNN, 2023)

Antipoff, como qualquer pessoa dedicada à educação que planejasse oferecer a seus descendentes um melhor caminho escolar, não teve diante de si uma família *sui generis*, fonte de muitas neuroses, sob o dizer de Freud, para contrapor um posicionamento científico e afetivo ao destino de seu pequeno Daniel. Longe do marido desde o final de 1925, quando partiu de Berlim com o filho, para viver em Genebra, viu-se convidada a uma nova migração, em 1929, que o destino tornaria definitiva, até rincões abaixo da linha do equador, em grotões impressionados com o modo suíço de ensinar, desde as Gerais do Brasil.

Tratava-se, ali, para ela, naquele momento, de prescrever, a um menino de dez anos, os melhores presentes que a natureza de um bem-estar docente poderia oferecer, com doses de alegria, de autonomia e de disciplina intelectual. Tudo isso o escolanovismo genebrino prometia, desde que fortalecido pelas descobertas do experimentalismo pedológico francês e russo. Num dilema maior que o nosso, na atualidade, pois não havendo para Helena, na França, nem escola, nem família para se contraporem, o jeito era criar uma nova escola que acolhesse, como interno, o filho e contemplasse em si mesma os dois papéis educativos. Reinventando soluções, ao modo das oferecidas a milhões de meninos sem-teto, que guerras e revoluções na Europa empurraram para as ruas - crianças e jovens vulneráveis à delinquência e ao aprisionamento - a quem ela aprendeu a acolher nos palacetes expropriados da nobreza czarista pela revolução de 17. Trilhava, dessa maneira, caminhos que a ajudariam a escrever, junto de Luria, Vigotsky e Leontiev, um capítulo a mais no livro de história da psicologia, prefaciado *in vitro* por Pavlov, Lazursky, Freud e Claparède.

Ao longo do texto, procuramos parafrasear diferentes acepções da ideia de correspondência, terrestre, marítima e aérea, utilizando alternadamente as formulações, como aparecem na literatura. Como *cartas, epístolas e filípicas*, substantivarão nossas versões da aproximação que faremos juntos do acervo Antipoff/Antipoff, imitando a nomeação que lhes atribuem diferentes escritores consagrados, como Cícero, Rousseau, Machado de Assis e tantos outros que nos deixaram saborosas missivas, apreciáveis na forma e no conteúdo que carregam, como aquelas mensageiras da deusa romana da informação, Fama, e seu carro de mil furos.

Esta pesquisa, ao descrever em capítulos a saga dos Antipoff cara a cara com a história da psicologia, quis ressaltar ingredientes pedagógicos que permitiram a atitude de elevar Daniel Antipoff à condição de *educando órfão*, como melhor opção para uma mãe amorosa, que uma cientista brilhante ousaria urdir, em 1929. Poderíamos nos contentar com os motivos práticos apresentados - ausência de um sistema educacional no Brasil, quatro idiomas em 10 anos de infância do menino - ou mesmo, convicções inspiradas no feminismo nascente. Foi preferido,

entretanto, convidar a paciência dos estudiosos a revistar conosco hipóteses mais intrincadas quanto às peculiaridades do projeto de Antipoff para o filho, que a levaram até a criação de uma sofisticada *escola nova* em Dieulefit, na França, atestada por Ferrière e monitorada à distância por Claparède. *L'école de Beauvallon* incentivava o primeiro aluno, assim como os demais, a escrever cartas àquelas pessoas que porventura restassem de seus laços familiares, fossem eles dissipados ou suspensos de modo eventual, cartas que eram enviadas toda semana para serem respondidas do mesmo modo.

Nestas setecentas e vinte cartas transatlânticas, falam, mãe e filho, por um, dois, oito, nove anos, de sentimentos, de agruras, de glórias e de descobertas, entrecortadas por filosofia, psicologia e pedagogia, mês a mês, informações em papel e tinta conduzidas pelos porões de navios transcontinentais, boas novas da semana que passou, em busca da possibilidade de uma resposta sincera. Só uma leitura atenta, simpática e generosa ofereceria a nossa pesquisa a sorte de, nas imagens dali, terem dado as mãos, paixão materna, amor filial e inquietações filosóficas irreveladas, com tratativas íntimas junto à Escola Nova, abraçadas com a pedagogia praticada na Rússia dos anos vermelhos.

Nas *Notas sobre metodologias*, foram apresentados métodos sob os quais a pesquisa se abriga para ter, ante as cartas dos Antipoff, uma atitude quase fenomenológica como nos ensinava Edmund Husserl, mas com as ponderações derivadas das críticas de Kant e de Marx aos modos de apreensão de uma possível realidade.

No segundo capítulo, *Contando a história*, recortamos a trajetória pré-natal e maternal de Helena Antipoff entre a primeira guerra europeia, a revolução russa, a gripe espanhola, a revolução alemã, os golpes - de 1930, do Estado Novo em 1937 e militar de 1964 - já no Brasil. Tentamos uma cronologia antipoffiana bem precisa, a quatro mãos com pesquisas recentes de historiadoras russas que redescobriram a psicóloga e com o trabalho minucioso de sua estudiosa Regina Helena



de Freitas Campos, acrescidas de descobertas preciosas que a professora Marilene Almeida nos presenteia com seu trabalho cotidiano no *Museu Antipoff*. A finalidade dessa empreitada foi emoldurar com essas perspectivas o acolhimento do menino, do jovem, do adulto e do velho Daniel no pleito humano, sob a sombra materna, fazendo um mapa *geotemporal* de sua peregrinação pelos caminhos da vida.

Em *Pesquisando a Literatura de Correspondência*, apresentamos alguns referenciais epistolares prévios a nosso estudo das cartas e também alguns autores que trabalharam correspondências dos clássicos cujos aportes foram importantes para sabermos melhor o que fazer e o que não fazer diante delas.

Num momento à parte dessa trajetória, *Antipovas em diáspora* inscreverá nosso olhar investigativo sobre o que pesquisadoras soviéticas vêm chamando de *Diáspora Russa*, diluindo a individualidade de nossas personagens numa destinação que varreu a vida de expressivo contingente de uma população acossada pela intolerância étnica, política e religiosa.

Na sequência, seremos apresentados, em *L'école de Beauvallon*, ao ambiente natural e social onde o pequeno Daniel passaria, como interno, o final da infância e parte da adolescência, antes de estudar em Paris.

Depois faremos, considerando aportes críticos do capitalismo ponderados por Marx, em *De braços dados com a filosofia*, um passeio por um modo contemporâneo de filosofar, muito mais próximo de Helena do que muitos imaginariam, muito mais distante do que outros gostariam. Tudo com o cuidado extremo de, por isso mesmo, não forçar a emergência do que nunca existiu em seus escritos, cartas ou comentários. Iremos destacando aproximações e distanciamentos, tão bem-vindos a uma nova geração que, da Rússia atual, observa - sob a reserva das liberdades de pensar fragilmente conquistadas nos últimos vinte anos - essa desconhecida tripulante da diáspora que sangrou sua gente desde o segundo quartel dos anos 1920.

Todos esses preâmbulos ou prolegômenos longamente acumulados em quase meio século de estudos de filosofia, parecem ter-se derramado, em torrente, sobre o esforço de debruçar, afinal, na correspondência em francês de nossas personagens, revirando-a de modo sistêmico e pontual, decifrando rabiscos, traduzindo dialetos, interpretando - com um grão de sal - e comentando passagens consideráveis até certo ponto. Uma preparação minuciosa para posterior publicação que, esperamos, espelhe ainda o brilho do olhar dos autores, consignado no capítulo *Cartas entre dois continentes*. Nele, iremos apreciar, de modo quase exclusivo, a partir das cartas inéditas para todos nós em sua maior parte, quem eram, naqueles nove anos, o Daniel e a Helena Antipoff de quem tantos falamos, quando apresentados por eles mesmos um ao outro. Um exercício abstrativo de tudo que outras fontes biográficas e documentais nos permitiriam acrescentar ou discordar.

Vale notar que, para Daniel, a única versão que tinha da mãe era aquela da qual ela mesma se travestia, como a autodescrição que fazemos ante a cegueira alheia, enquanto Helena contava com versões adicionais fornecidas pelo pai, pela avó, pelas irmãs dela e por *Tante Marguerite*, além da troca analítica oferecida por Claparède. Apresentamos as cartas selecionadas em três blocos retirados dos quadros sistêmicos que confeccionamos, o primeiro das cartas da infância(1929-1934), o segundo, da adolescência(1935 -1936) e o da juventude(1937- 1938) de Daniel. Os quadros as estilham em pedaços a relevância de sentimentos, de citações de autores, da política local e internacional, do reformatório, da literatura, de filosofia, pedagogia e psicologia.

Em *Chegando do Cárcere*, apreciamos o que relata Helena Antipoff, nas cartas dominicais, a respeito do sistema prisional infantojuvenil mineiro, uma vez que a maioria delas acontecia naquele dia, à tarde ou à noite, depois de seu retorno do reformatório, onde trabalhava. Revolta, indignação, crítica e convites ao filho dão o tom dessas narrações, que a remetem aos tempos que atendia jovens delinquentes russos, tendo ao colo o pequeno e raquítico Daniel acomodado em uma gaveta de sua escrivaninha.

Na esperança de termos sido satisfatoriamente atendidos e conclusivos, está a ambição de conseguirmos relatar em *Descrevendo ou entendendo?* boas ideias pedagógicas, quiçá impensadas até agora, aproveitáveis para a psicologia e para a pedagogia da orfandade, dos abandonados, dos invalidados, dos encarcerados, com seus ecos na filosofia e sua paixão pela liberdade em todos os sentidos e direções. Às vezes chamadas de *atingidas, excluídas, deficientes, presidiárias*, essas pessoas engordam estatísticas e extravagâncias reparatórias bilionárias, mas aguardam, como quem espera um filho, ou irmãozinho caçula, uma gota de orvalho para refrescar sua infância e sua juventude, por um triz roubadas, regando a flor nascente de uma vida inteira que espera, contra tudo e contra todos. E, sob a possibilidade de sucesso ante esse exemplo, estender, a outras ramificações educativas mais convencionais, as interações educador/educando destacadas, que se pretendiam, por certo, calcadas nos melhores métodos e nas melhorias teóricas.

Nas *Referências*, apontamos, como de praxe, nossas leituras que vão do mais tradicional ao mais recente, com destaque para a descoberta de Helena Antipoff e seu marido Viktor por historiadoras russas. Além disso, fazemos uso da extensa produção de Regina Helena de Freitas Campos à frente de um grupo cada vez maior de pesquisadores do legado intelectual antipoffiano. Indicamos também alguma produção anterior e recente do Autor para aqueles que desejarem conhecer um pouco mais de seu trabalho ligado a Antipoff e à filosofia em geral.

Ao final dos capítulos, listamos também as referências deles. Elas nos serviram para evitar eventuais - quando necessárias - citações e notas de pé de página. Os livros e artigos de Daniel e Helena Antipoff foram sempre listados em primeiro lugar. Os links foram checados até 31 de janeiro de 2023.

Como nos ensina a sabedoria dos cientistas, vamos de saída considerar também o oposto provável de nossa hipótese mais otimista. Não, não se tratava do melhor que se poderia oferecer para a educação do pequeno Daniel, que muitos de nós conhecemos adulto, como projeto acabado. Seria ele um frustrado, decadente, infeliz, dependente, inútil? Ou o contrário disso, como é consensual? Os fatores listados anteriormente, e mesmo os encontrados pela pesquisa sistemática nas cartas, seriam irrelevantes, imponderados à sombra de outros, mais triviais e determinados?

Como nos dias que seguem trágicos - por causa da Covid-19 - entre nós, o dilema: oferecer placebo ou vacina, para observarmos de onde vem a cura. Cada um que se agarre a sua hipótese, sem medo de perdê-la no caminho. Revivendo essa viagem de navio que o universo epistolar de Helena e Daniel percorreu por 9 anos, não há de se surpreender, aquele investigador que, por acaso ou não, esbarre numa confirmação de suspeitas abandonadas, como numa roleta russa eloquente da espiral de pesquisa.

No lugar comum, mineiro, de dizermos que não importa o ponto de chegada, mas a travessia, não se pode esconder o prazer e a emoção de arrancar, do fundo dos arquivos, aquelas cartas tão singelas, facetas desconhecidas de todos nós, amigos, parentes e estudiosos, onde duas pessoas inscreveram seus nomes na apropriação psicológica da mente humana no Brasil. Esses pais fundadores da psicologia no chão de Minas, tem, a historiografia, obrigação de biografar para que gerações sucessivas, preservadas de tautologias e lugares comuns, acariciem – com seu olhar renovado e agradecido - a memória desse legado generoso. Quem sabe, entre emoções comovidas, sentirão, como nós, a sedução alegre e faceira de suas tarefas, de seus sonhos, revolvendo, agora e depois, seu prosseguimento imediato e infinito.

Mas essas cartas, por assim dizer, também têm os seus caprichos. E alguns mistérios, vale dizer. A rua, da qual partiam do Brasil, desde o número 516, da Tenente Mello Brito, ostenta hoje um edifício intitulado Residencial São Petersburgo. Mera coincidência? A construtora dele não sabe informar. E quando partiam da França, o remetente assinalava Beauvallon, mas às vezes Liceu e depois, na sequência, Beauvallon de novo. Por quê?

Respostas a perguntas que o Autor poderia ter feito com facilidade nos intervalos do dia a dia de convivência educativa e amiga, em Belo Horizonte e no Rosário, com o velho Daniel - e que não o foram feitas - agora nos cobram respostas que demandam investigações quase impossíveis, como nos parecia a elucidação das verdadeiras datas de nascimento de Helena Antipoff e de Daniel, em virtude dos calendários truncados da Rússia ortodoxa e vermelha. Detalhes do período espanhol, pouco conhecido e alertado do estrangeiro, que sacudiu a *cronogeografia* tradicional da juventude de Helena, também sucumbiram com a partida de Daniel do meio de nós. Essas e muitas outras questões que em nosso imaginário permaneceriam irrespondíveis ganham, com o estudo dessas setecentas e vinte cartas, uma nova camada de interdição, sepultando trechos da memória nos buracos negros das biografias dos aqui estudados.

Sigamos, pois, a leitura introduzida, sem mais delongas de modéstia obrigatória, modéstia só verdadeira quando submetida pelo silêncio e pela cautela metodológica dos que se calam perante ela.

## 1.1 Referências do capítulo

ASSIS, Joaquim Maria Machado. **Correspondência de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2015 5v organização e comentários Sérgio Rouanet, Irene Moutinho e Silvia Eleutério.

CNN. *Vale condenada a pagar 100 mil a famílias de trabalhadores em Brumadinho*  
<https://www.cnnbrasil.com.br/business/vale-e-condenada-a-pagar-r-100-mi-as-familias-de-trabalhadores-mortos-em-brumadinho/>

CAMPOS, Regina Helena de Freitas et al. **Dicionário Biográfico da Psicologia no Brasil:**

**Pioneiros.** Online, 2007 <http://newpsi.bvs-psi.org.br/cgi-bin/wxis1660.exe/iah/>

DRAKE, Stilman. **Galileo at work: his scientific biography.** Chicago: University of Chicago Press, 1978. 240p.  
<https://books.google.co.uk/books?id=OwOIRPbrZeQC&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false>

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir.** Petrópolis: Vozes, 2014 296 p.

FOUCAULT, Michel. **Les mots et les choses.** *Une archéologie des sciences humaines.*

Paris: Gallimard, 1966. 2a. edição São Paulo: Martins Fontes, 1981 407 p.

FREUD, Sigmund. **Cartas de Freud a sua filha.** Barueri: Amariyls editora, 2014. 432 p.

FREUD, Sigmund. **Cartas aos Filhos.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021. 644 p.

GALILEI, GALILEU. **A Mensagem das Estrelas.** Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências

Afins e Ed. Salamandra, 1987. 72 p.

[https://www.academia.edu/32808303/O\\_Mensageiro\\_das\\_Estrelas\\_de\\_Galileu\\_Galilei\\_S%C3%A3o\\_Paulo\\_Duetto\\_2009\\_Tradu%C3%A7%C3%A3o\\_Livro\\_](https://www.academia.edu/32808303/O_Mensageiro_das_Estrelas_de_Galileu_Galilei_S%C3%A3o_Paulo_Duetto_2009_Tradu%C3%A7%C3%A3o_Livro_)

LEÃO, Angela Vaz. *A Faculdade de Letras da UFMG: das origens até o final da década de 70* in

**Revisitações:** edição 30 anos da Faculdade de Letras/UFMG Belo Horizonte: FALE, 1999 p.15-26

<http://www.lettras.ufmg.br/site/e-livros/Revisita%C3%A7%C3%B5es%20-%20Edi%C3%A7%C3%A3o%20comemorativa%20de%2030%20anos.pdf>

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Collected Works-Letters** 1868-70 Moscow: Progress Publishers, 1988 760p

RUCHAT, Martine. **Édouard Claparède/Hélène Antipoff Correspondence(1914-1940).**

Firenze: Leo S. Olschki, 2010 255 p.

SARTRE, Jean Paul. **Entre quatro paredes.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010. 266p.

## 2. Notas

### sobre metodologias

À apresentação do acervo documental, constituído pelas cartas trocadas durante nove anos por Helena e Daniel Antipoff tal como ele é, conviria uma metodologia fenomenológica inspirada nos caminhos propostos por Edmund Husserl, no início do século passado, sem a *tabula rasa* - venerada na sequência confusa proposta por Martin Heidegger - de nos afastarmos do arsenal de conhecimento oferecido à humanidade desde o Renascimento e o Iluminismo. Procuramos deixar de lado uma filtragem teórica e ideológica que deslocasse as cartas de seu papel de fontes primárias para o *locus* experimental desse ou daquele especialista em voga no meio universitário, evitando autores de apoio para não cairmos naquela cilada interpretativa, que retira a relevância dos dados em si mesmos para edulcorar metodologias usadas aqui e acolá. Isso não quer dizer que não haja métodos presentes, que haja desconhecimento deles ou, até mesmo, ausência de teorias. (HUSSERL, 2020; HEIDEGGER, 1976; FARNESE, 2020)

Muito pelo contrário, apenas não quisemos usar essas cartas para confirmar uma ou outra teoria, como aqueles que tentam entender Platão pelo óculo de seu discípulo Aristóteles, invertendo a polaridade entre mestres e seguidores, dissolvendo a hierarquia que iria do maior para o menor.

Se a leitura das cartas ou dessa suma delas insinua o encontro com retalhos do pensamento pedagógico, filosófico e político contemporâneo ou clássico é porque, justamente, elas fazem parte dessa contemporaneidade e por refletirem o cabedal de personagens que, longe de estarem à frente de seu tempo, encararam serenamente os problemas presentes em sua época, num contraponto àqueles e àquelas que ficaram para trás ante desígnios que o destino e o acaso submetem a humanidade geração a geração.



Sobre a escrita dessas palavras que seguem, poderíamos dizer que um bom escritor pode provocar grande prazer em seus leitores, sem nada dizer de substantivo, enquanto um grande cientista pode provocar, ao olhar submetido a suas escrevências, imenso desconforto. Os que escancaram o escândalo da infinita ignorância de nós mesmos, rasgando nossa fronte com indecifráveis antinomias de toda ordem, provocam às vezes amor e ódio como dial de validade ancestral de suas palavras. Assim agiram os livros de Marx, de Freud e de Einstein, sob o olhar ensandecido dos fascistas, como continuam empolgando e aturdindo diferentes facções do gênero humano civil, religioso e militar. (EINSTEIN, 1949)

Esse tríptico ilustre viu sua livraria subir do pódio ariano ao degrau universal quando foi honrada historicamente, compartilhando embaralhada as fogueiras de index do Nazismo para suas obras mais populares, consumidas em chamas bestiais dos seguidores universitários de Hitler. Aquelas fogueiras festivas, saudadas com ardor por pretensos acadêmicos fardados, eram movidas por ódio antissemita, anticiência e anticomunista, como o de Martin Heidegger que nunca conseguiu ultrapassar o umbral de entrada de dois milênios de filosofia. Ódio e ranger de dentes nos porões de insanidade humana - que renasce como praga divina no *Gênesis* de cada geração - honram herdades dos que carregam o fogo do saber e o passam para frente ao próximo.(FAYE, 2015)

Num patamar menor, oscilaremos por escrito entre os gradientes comuns do desprazer na leitura e da ineficiência final dos resultados, creditáveis, é claro, ao Aluno, como uma espécie de ingratidão involuntária aos aportes do programa de pós-graduação, gentilmente oferecidos pelos professores e orientadores. Observemos, pelo menos daqui de baixo, o espetáculo fulgurante de ostracismo e recepção proporcionado, a todo instante, a autores canônicos de nossas restritas áreas do saber, filosofia, psicologia e pedagogia, como por esses dias se vislumbraram nas referências ao centenário de Paulo Freire, desqualificado pelo olhar revanchista de parcelas recalçadas e minoritárias da caserna das três armas.

Não são de estranhar, portanto, extremos que em média se agarraram a essas palavras, às frases e aos parágrafos seguintes, agradando ou chateando, com paráfrases e metáforas nem sempre esclarecedoras, a paciência e a benevolência dos que se obrigam a lê-las, revolvendo terrenos irrelevantes de seu cérebro com lugares comuns e estruturas linguísticas mal formuladas, pelo que nos desculpamos desde já. Mas qualquer emoção sob seus olhos se torna moeda de troca para futuros acertos de conta com as vaidades *acadêmicas*, a cujas nuvens turvas acabamos por não podermos-nos furtar inteiramente, para ousar prosseguir nessa caminhada cheia de dúvidas pelo mundo do conhecimento.

Tentar amenizar, com o prazer do texto, a ignorância do conteúdo, não é muito pior que manter no mesmo patamar a ignomínia científica e a tupidez literária. Por essa razão, tentaremos aqui fugir desses extremos, mas é infinito o horizonte da pesquisa e com isso se justificam certas debilidades visíveis a cada linha, por certo meras pedras no caminho da sabedoria que a filosofia avisava, desde seu início, originar-se numa esperança vã, que a psicologia e a pedagogia tentam contornar e consolar. Até aqui, esses trechos introdutórios e tradutores do instrumental precederam a pesquisa em si mesma. Refizeram-se agora, depois de adentrarem sobranceiros pelos sabores de uma correspondência até então fechada aos olhos de todos. E foi bom.

Por isso, esse emaranhado de milhares de frases em sequência pode travestir, com um pouco de emoção, com alguma escala de suspense e com certa dose de cumplicidade científica, o conhecimento propriamente dito, o desconhecimento irrevelado. Arriscamo-nos a enviar para esferas estéticas de alternância entre o belo e o feio da forma, o rodeio em torno do que se quer chamar de tese, do que poderia vir a configurar uma antítese ou mera hipótese sem fundamento. Quisera, uma síntese robusta. A ira de Platão contra os sofistas de Atenas, que rebuscavam com palavrório impressionista a cortina de fumaça sobre sua ignorância do fundamental, ainda faz a todos nós uma advertência sensata, passados dois mil anos desses riscos da fala. (PLATÃO,2017)

Por outro lado, uma invasão quase antropofágica de privacidade, consentida e preparada previamente pelos autores das cartas, invita a rituais estranhos ao ambiente asséptico de laboratórios e à emissão fria de relatórios secos, insípidos, pretensamente objetivos e categorizados. Certas conceituações bem delimitadas nada mais fariam além de extrair um substrato sem significado para a vida dos que estão aí para serem educados, para serem recebidos no mundo que nos governa ao invés de ser governado.

Ao contrário, as prévias da pesquisa nos cobravam um texto quente. Saboroso. Ao que deixavam transparecer, seria preciso retirar as máscaras. As luvas. Obrigatórias, no CDPHA, há vinte anos, desde que sua papelada foi restaurada pelo *Centro de Conservação e Restauração de Bens Culturais*, o *CECOR*, da UFMG, somaram-se a outras máscaras agora, depois adotadas para prevenção da Covid-19, que retardou nossa incursão nos arquivos de Ibirité.

Na escuridão da ignorância humana, podemos auscultar os oráculos, decifrar os símbolos, recolher os signos - sugeria Foucault, em *As Palavras e as Coisas*. Num ritual de altares do pensamento, conspirar contra o estabelecido, abordar o inesperado, regozijar com o inaudito. Incensar as pegadas dos antepassados com nossas esperanças para poderem, se assim pudessem, vislumbrar não terem sido vãos seus esforços por nós, em que pesem as fatuidades de suas conquistas.(FOUCAULT, 1982)

Desse modo, a exposição que se segue, saiu de um tom levemente elegíaco, para outro, levemente resfriado - para gáudio do discurso científico - que tem a seu favor a elasticidade do tempo, diluidora das emoções, mas que não apaga seus sinais. Almejávamos invocar antecedentes e resultados de uma manipulação sistêmica e poética da correspondência Antipoff/Antipoff com o fito de destacar seu contraponto escolar às imbricações dos laços de família, arcaizados desde sua origem. Laços desatados por Freud, anunciados por Marx e superados pelo esforço pessoal do jovem Einstein, modelo de inteligência acima da linha normal, que era a última preocupação senil de nossas duas personagens correspondentes mar a mar, quando em seu voo no solo brasileiro.

Aquele tom porventura entusiasmado do discurso que se seguiria foi paulatinamente abandonado, rendeu-se em parte à crítica de seus leitores primeiros, metamorfoseou-se numa tessitura refrescada e mais serena, esperamos, a ponto de não fazer muita sombra a previsíveis exiguidades de seus ganhos finais, ajustando-se a uma formatação mais contida, que também pode carregar certa singeleza sempre bem-vinda na arte da retórica.

Por outro lado, o grão de sal cético de nossas metodologias já relativizava, de antemão, o engalanamento de qualquer redação definitiva. Há uma humildade científica a ser por nós testemunhada, ou pelo menos imitada, na ação mesma contra as tentações de assinalar e de consertar os erros dos correspondentes estudados, diluídos em sua longa existência entre nós. As afirmações presentes no conteúdo dos envelopes que foram, por nós, violados, desde a descrição, quase diária, pelos missivistas, da própria trajetória vitalícia, ensina-nos a viver, a estudar, a escrever melhor, mesmo sob descaminhos científicos que podem assombrar determinados iniciantes mais desavisados do que nós outros nos pretendemos.

Da mesma maneira, buscamos certa leveza no modo de exposição do trabalho, redigido depois de intensa pesquisa, apertada pelos anos de pandemia, mas de qualquer forma concluída dentro de padrões, aceitáveis pelas orientadoras, para ser apresentada a uma banca de estudiosos da psicologia e da educação. A forma utilizada para apresentação da correspondência Antipoff /Antipoff buscou transferir à leitura o prazer da escrita. Buscou-se uma cadência rítmica, musical mesmo, que flertasse com a prosa poética sem contudo a ela se subordinar, tentando refletir e fazer relações - quiçá com metáforas obscuras - para arrebatamento de certa cumplicidade estética, numa tentativa, limitada, é claro, de imitar o velho Freud na insistente busca de se fazer entender de modo fácil e agradável na exposição de temáticas por demais difíceis, intrincadas e polêmicas, ligadas a sua apresentação teórica do inconsciente e suas patologias.

Essa meta talvez pareça uma ousadia de estilo, mas poderia ser comparável a outra ousadia? À ousadia daqueles que pretendam impor, como regra, a dureza aborrecida de textos ditos acadêmicos na forma, mas feios, duros e desagradáveis, verdadeiros purgantes literários de quem se obriga a escrever teses como ossos do ofício de estudar?

Mas pode ser que esse texto seja, ademais quando lido nas férias dos colegas, um osso duro de roer, mas foi outra a intenção ao redigi-lo, cujo prazer procuramos transmitir, seja sorrindo, seja emocionando. Platão, o primeiro *acadêmico*, de fato, escrevia diálogos, como fábulas de Esopo, com alegorias, como a da Caverna e extensos recursos à mitologia, de cientificidade lógica reconhecida e reverenciada há vinte e quatro séculos. Utilizou-se também de Cartas.

Vale lembrar aqui os livros de Darcy Ribeiro, lidos pelo Autor na juventude, ainda na graduação, como *O Processo Civilizatório*, *As Américas e a Civilização*, *Teoria do Brasil*, *O Dilema da América Latina*, *Os Índios e a Civilização*, *Uirá sai a Procura de Deus* (que virou filme), gostosos, sofridos, com frases fortes e expressões idem, que ficam na memória, às vezes referenciando novas impressões, dezenas de anos depois. Não é isso que importa? Quem pode ser mais acadêmico que Darcy, que criou, quando ministro da educação do governo Jango, a *Universidade de Brasília* e depois o *Museu do Índio*? (RIBEIRO, 1970)

Na dúvida, fiquemos com o exemplo de grandes cientistas que, além disso, foram grandes escritores e cujas obras, de formas variadas e às vezes conflitantes, atravessaram séculos e até milênios, homens e mulheres laureadas quase sempre pela perseguição oficial dos ditos poderosos fardados e seus cetros de papelão. Einstein, dizia, por mais de uma vez, que ciência é 10% estudo e 90% imaginação. Falou-se muito, nos anos 80, de se colocar ante os estudantes de física a poesia e a dança. Por que não, nas insossas teses que quase ninguém lê, a dança das palavras?

Uma palavra a mais sobre certo modo depreciativo com que volta e meia se fazem referências aos escritos de jornal e ao estilo jornalístico da grande imprensa, algumas vezes contraditados como literatura menor, por seu caráter episódico e efêmero. Mas, aqui, não nos bastaria, para intensivo proveito dos acadêmicos hodiernos, estarmos fazendo, mesmo, bom jornalismo arqueológico dessa jornada pelo mundo das cartas inéditas de nossas personagens?

Manter uma certa qualidade técnica de apresentação é possível até mesmo numa área como a de divulgação científica – e em áreas mais densas do saber, como a filosofia - nas páginas dos jornais. Se Benjamin gostava de dizer que o cinema era a filosofia levada às massas, numa paráfrase diríamos que a filosofia chega ao filósofo em ondas de noticiário, oráculos ainda impressos da cibernética de massas e global. Trotsky recomendava, no seu *Questões do Modo de Vida*, abrir na Rússia revolucionária, de Antipoff, cinemas ao lado das igrejas, ao invés de fechá-las.

Ou, quem sabe, ficamos com Hegel, para quem eram os jornais a oração matinal do filósofo? Discordamos portanto de quem disser que não se pode escrever ciência como se escreve para jornal. Pelo contrário, seria bom que escrevêssemos para jornal como se escrevêssemos ciência. Mas como dizia Chico Buarque, *a dor da gente não sai no jornal*, temos que convir.

As polêmicas da pandemia trouxeram esse anátema para a ordem do dia. Mas nada como uma pitada de poesia, ao arripio de Platão, que renegava Homero, Hesíodo e cia. Dada a temática escolhida, envolver a simpatia e a sedução de quem dela se aproxima se torna um fator de compreensão que desejamos fazer uso.(PLATÃO, 2020)

Entre nossas hipóteses, a contraposição que se mescla à destinação impressa por Helena Antipoff à formação psíquica e social de seu filho único envolveu peculiaridades singulares, que pretendemos apresentar. Tentamos apenas entender, sem ousar permitirmo-nos delas retirar lições e aprendizados úteis, edificantes para os trabalhos educativos. Mas deixamos ao futuro leitor das cartas a consecução dessa tarefa. Entretanto - alertamos – aprendemos muito e nos emocionamos também, ao arripio do racionalismo das ciências, admirando o que tinham de belo.

Começamos por testar nossas impressões primeiras numa leitura extensiva ao longo de todo o conjunto das correspondências, ordenando-as pelas datas, em ordem crescente, preparando um ainda inconcluso intercruzamento futuro, como um ping-pong dialético entre mãe e filho que possa vir interessar a outro viés perquisitivo. Seleccionamos, em seguida, meia centena das cartas maternas para figurarem em três quadros sistêmicos que refletiam três momentos da vida de Daniel – a infância, a adolescência e a juventude - pinçando sentimentos, manifestações quanto a saúde, a pedagogia, a psicologia, a filosofia, a literatura e reservando também espaço para outras observações que se fizessem notáveis. Por fim, apresentamos para apreciação científica e estética, a primeira carta enviada logo na chegada, por Helena Antipoff, uma outra que consideramos a mais bonita, cheia de musicalidade, outra ainda que nos pareceu de elevada importância histórica e, além disso, duas que indicariam perspectivas ideológicas quanto aos aspectos materiais da existência e quanto aos rumos socialistas, para encerrarmos com a última carta presente no acervo de Ibirité.

As traduções aqui executadas, além de contarem com um suporte eletrônico, procuraram manter a afetividade dos escritos maternos de Antipoff e se fizeram seguir dos textos originais, às vezes integrais, ao final do capítulo, ou imediatamente onde foram apresentadas.

Uma palavra ainda sobre metodologias de conhecimento que de alguma forma velaram as atitudes possivelmente fenomenológicas da vitrine *jornalística* de nossa caminhada pelas sendas do saber em companhia dessas cartas de mãe e filho. Temperamos nossos arroubos de ausculta pura dos fenômenos cartistas com a leitura da *Crítica da Razão Pura*, de Kant e de *O método da Economia Política*, dos *Grundrisse*, de Marx. Esses livros oferecem marcos delimitadores da ação científica sobre a realidade, ação que se pretenda além da metafísica. A crítica feita por esses dois autores quanto aos limites e possibilidades do pensar humano por meio de categorias e de conceitos, policia tanto nosso olhar como nosso discurso, colocando neles, como dizia Marx, um *grano salis*, submetendo suas conclusões à humildade científica praticada, como alertava Kant (KANT, 2003).

Kant nos induz a um ceticismo radical na contemplação da realidade, da coisa em si, que nos é vedada. Marx admite que coloquemos os pés na realidade para transformá-la, mas nos previne, para ficarmos sempre com um pé atrás ante ela e ante nossos enganos gnosiológicos. Ambos insistem que os caminhos da ciência, longe de serem os caminhos da verdade, são caminhos pelas sendas da dúvida.

Para a crítica, de Kant, as categorias roubadas do arsenal de conceitos aristotélicos, como substância e acidente, espaço e tempo, ampliadas e acrescidas, fornecem uma subjetividade comum aos homens, fruto de uma atividade mental que lhes é estrutural e se eleva numa elaboração refinada pela lógica do pensamento científico e suas relações em cadeia. Mas a realidade, a coisa em si, continua dada, fora de nós, inacessível para além de nossa compreensão comum, porventura apenas diferente do modo de ver o mundo dos mosquitos ou dos leões. Somos apenas mais um a observar o que nos cerca.(KANT, 2020)

As categorias e conceitos do pensamento funcionariam apenas como mecanismos de apreensão de um real que nos é totalmente exterior. Mas o fato de serem fruto da atividade de um intelecto que nos é comum permite até falarmos uns aos outros sobre o mundo e nos fazermos compreender entre nós. A objetividade alcançada pela atividade mental é escrava de nossa subjetividade comum, ou seja, enganamo-nos em conjunto, uns mais, outros menos.

A metáfora das lentes pode-nos ajudar a visualizar essas aporias kantianas. Se em nossos óculos nos munirmos de lentes verdes, veremos tudo verde, mas isso não quer dizer que tudo seja verde. Do mesmo modo, com as lentes vermelhas, nem tudo é vermelho. Ou alguma coisa seria?

Por sua vez, há algo de vermelho e de verde no mundo? O disco de Newton demonstrou que as sete cores se dissolvem do branco. E o boi, enxerga em preto e branco a realidade multicolorida ou monocromática do mundo? Como sabê-lo?



E a miríade dos tons de verde, que olhar as enxerga? E as cores enganosas dos reflexos e refrações que tornam o azul do céu, o amarelo do sol e o verde dos olhos meras ilusões pictóricas? Do mesmo modo, nossa mente se engana mundo afora quando toma por real, para além de si, as formulações da mente humana, das mais populares às mais *acadêmicas*.

Kant deixa esse castigo à soberba daqueles que, apropriando-se de postulados experimentais eficazes, tombam mais à frente pela ousadia de imaginarem ter saltado de vez o abismo entre o saber e o não-saber. O *sei que nada sei* inaugurado por Sócrates desaba sua vigência de dois mil e quinhentos anos em cima dos desprevenidos de cabeça erguida, que vagueiam pelos saberes perecíveis de validade datada e pelos sofismas absolutos das *academias*. E, em seu lugar, quem sabe Kant teria deixado um ceticismo ilustrado como base de um cinismo prático e de um empirismo monitorado pelas epistemologias de plantão, deixando-nos mais ignorantes do que antes do início de qualquer empreitada munida do melhor dos métodos?

Num dos prefácios de *O Capital*, descrevia Marx os resultados idealistas da metodologia dialética de Hegel, de quem se considerava discípulo, assinalando que ela estava de cabeça pra baixo. Marx aproveitou muito da leitura de Hegel e do idealismo alemão para configurar seu método. (MARX, 1982, Prefácio)

De nossa parte, nesta pesquisa, quanto mais mergulhamos no labirinto dos arquivos, no *Museu Antipoff*, mais aumentaram nossas dúvidas, nossas incertezas, nossas idiossincrasias, de elevado poder retroativo. Para esclarecermos mais o que estamos falando, tomemos coisas simples, triviais, que damos por dadas e que se esfumam a toda hora. Pensamos fazer e acontecer com coisas por demais complicadas e intrincadas que uma metodologia salvadora nos ajudaria a colocar no devido lugar, mas coisas simples, por várias vezes, já nos escaparam.

Imaginemos alguém que fosse expor o pensamento filosófico ou a ideologia política de outrem. Mas começa assim: não sei escrever o nome desse alguém, muito menos pronunciá-lo corretamente, também não sei ao certo onde nasceu e muito menos a data. Mas tenho certeza que era de direita, cristã e celibatária. Não sabemos se se dava o direito de fumar naqueles anos 1930.

Esses carimbos poderiam estar entre aqueles que se investem sobre a memória de Helena Antipoff, por exemplo. Ela brincava, segundo Elza de Moura - discípula viva, 107 anos – com as alunas da *Escola de Aperfeiçoamento*, que disputavam a pronúncia correta de seu nome, Antipoff ou Antípoft, junto de certos moradores rurais da região do Barreiro, que falavam, Tipoff. As pesquisadoras russas inauguraram, pelo menos entre nós, pela primeira vez em chão brasileiro, a pronúncia russa, Antipova. Mas seria assim em Belarus?

Todo mundo - até ela mesma - aceitava que Helena fosse russa, apátrida, suíça, cidadã brasileira. E a Bielorrússia, como é que fica? Não é lá que fica, Grodno, sua cidade natal? Mas o que andava ela fazendo perto de Riga, aos 6 anos, com a avó, na Letônia?

E o 25 de março, avidamente comemorado há pelo menos 100 anos, como data natalícia dela, era mesmo o *first day*? Que nos ajudem o faro e as lanternas dos repórteres e jornalistas, arqueólogos da verdade em sua dialética com a mentira, irmãs siamesas de uma moeda que gira e nunca para de um lado só. 25 de março de 1892, na Rússia, era 7 de abril, em Genebra e no Brasil – e agora? E o 31 de março de Daniel, onde foi parar depois de sua migração por dois continentes?

Uma carta dela nos surpreendeu, confessando a Daniel que andava fumando para ativar os neurônios, que andava sentindo-os meio *moles*. Aos 40! Novidade para todo mundo, como uma *Patrícia Galvão, a Pagu*, das Minas Gerais dos anos 1930, chocando a estreiteza coronelística dos charutos cubanos do café com leite da política brasileira.

Achávamos que o apelido, Antip, tinha sido colocado nela por seu mestre, Claparède, pois apareceu-nos, pela primeira vez, na edição das cartas que trocavam, inclusive algumas assinadas por ela. Mas nas primeiras cartas, o pequeno Daniel se dirige a ela como *Cheri Antip*. Quem inventou o amor, então?

Ignorando coisas simples, chegaremos a estabelecer o estatuto das complicadas, no torvelinho postal das 720 cartas que encaramos? Quem nos ajudará? Algum teórico que nunca as leu, ou lerá? Não se pode dispensar, é claro, boas ideias - lanternas mágicas para não nos afogarmos no alto mar que trouxe e levou as cartas - serão sempre bem-vindas, mas só farão, por certo, aumentar o horizonte de nossa ignorância, segundo Kant, pelo menos. Mas aumentar as fronteiras da ignorância é a atividade mais salutar dos faróis universais da ciência, havemos de convir.

E as categorias de *O Capital*, de Marx, serviriam para alguma coisa, nessas rédeas epistêmicas em que é prudente enlaçarmos as tiradas fenomenológicas? Há quem se queixe que Marx postergou ao máximo, até à morte, uma exposição mais acabada sobre seu método. Afinal, para Engels, para Lenin, para Trotsky, para Malevitch, para Reich, para Vigotsky, para Sartre, para Adorno, para Habermas, nada mais cômodo que a aplicação da dialética de seu livro maior em revoluções, pedagogias, psicanálise, pinturas, música, como uma pedra filosofal, dando margem àqueles que vagueiam mundo afora em busca de uma doutrina, como de fato aconteceria de modo desastroso, muitas vezes.

Mas existe melhor lugar, para se encontrar o método, que na exposição feita em livro dos resultados obtidos, paulatinamente, na empreitada perquisitiva? De modo implícito, muitas vezes, é claro, e de modo explícito, outras vezes, onde menos se espera, como numa nota ou numa carta a um leitor amigo, ou numa polêmica acirrada com um adversário. Em uma carta a um operário da *Internacional*, para refutar uma famosa sentença de Proudhon, *a propriedade é um roubo* - frase também apresentada em carta por Antipoff a Daniel - Marx recorre às antinomias kantianas, numa rara citação do filósofo de Königsberg em sua obra conhecida. (MARX, 1976)

Às poucas dezenas de páginas que Marx reservou para seu método, muitas delas perdidas nas dez mil que se encontram ainda inéditas, em processo de publicação há mais de um século, contrapõem-se dezenas de milhares, de diferentes autores que julgam ter-se, do método dele, apropriado, numa polêmica de diádocos sobre a *ontologia do ser social*, sobre o economicismo em Marx e, é claro, sobre a verdadeira *filosofia marxista*, sobre os terríveis *materialismo dialético* e *materialismo histórico*, com suas decorrências epistêmicas, estéticas e políticas desastrosas.

Estaríamos atormentando os Antipoff, analisando a herança envelopada e selada que nos deixaram, como fazem certos sucessores autoproclamados a profanar intelectualmente a tumba de Marx, livro após livro? Estaríamos inventando novos tormentos para os três, aproximando-os por meio das lentes abstratas diferentes que clarearam seu olhar científico? Talvez fosse melhor estarem apartados de uma eternidade vital e não lhes fosse concedido observar, do além, as alquimias que incautos produtores de teses e tratados realizam com as humildes conclusões alcançadas, reformando com pouco labor aquelas trabalhosas construções prediletas de suas vidas.

Marx, como também Antipoff, queria ação, consciente. Hegel já os havia ajudado, colocando o *Mundo das Ideias*, de Platão, e a *Substância*, de Aristóteles, em novo *movimento*, prefigurado nas revoluções empreendidas pela burguesia, desde o século XVII, na Inglaterra até o XVIII, na França, cuja racionalidade exprimiu na exclamação que teria feito, ao contemplar a passagem de Napoleão por Iena: *era a Ideia, a cavalo*.(PLATÃO,2020; ARISTÓTELES,2021;HEGEL,1988)

As inúmeras guerras que se seguiram até hoje, acrescidas dos desastres ambientais que sacodem o planeta pela mão do capital, mostraram o tamanho dessa ilusão perdida, estendendo essa racionalidade ao aprimoramento milimétrico das máquinas de genocídio de populações inteiras e invertendo, mais de uma vez, as possibilidades de suprimento das necessidades básicas e culturais dos seres humanos, naufragadas pela destruição periódica dos sistemas produtivos das nações, para um novo crescimento econômico, mero prelúdio de uma nova crise do capitalismo e de uma nova guerra entre as nações emergentes como potências do período anterior.

Esse é o mundo em que as cartas de Helena Antipoff e seu filho Daniel vão circular, refletindo sofrimentos e sorrisos, angústias e esperanças, retrato ao vivo de seu tempo. Diário compartilhado de uma época, de um mundo que a filosofia se viu mais uma vez encarregada de esclarecer, de apontar suas contradições, seus contrapontos, mesmo às cegas, pelos mecanismos da razão e da anti-razão, da ciência e da arte, uma síntese - segundo Marx - dos conhecimentos adquiridos até então, quando muito.(MARX, 2011)

O espetáculo radial - a parúsia multifária da realidade – estimula, pelos sentidos, a atividade racional e ganha, no cérebro, uma organização ideal, especulativa, burilada por uma cadeia de neurônios inédita que faz uma viagem de retorno, agora como uma "realidade" ordenada, não menos radial, não menos multifária, mas organizada por um conjunto de categorias constitutivas de uma representação teórica a mais, a esquentar nossas cabeças e fritar nossa inteligência em seus limites gnósticos, as quais, para nosso gosto, admitem comunicação intersubjetiva. Ante a exposição de uma objetividade mediadora, que clareie, ou busque clarear os fenômenos obscuros em sua brutalidade natural, inacessível(Kant) - que permanece dada, fora do cérebro, fora do discurso, em sua dinâmica maior, complexa - qualquer ação(Marx), ou intervenção, no curso de sua historicidade, será sempre um risco.

Toda metodologia útil para os filósofos contará sempre com a possibilidade do erro, fruto do engano, das hipóteses impensadas encobertas pelas nulas - do inaudito percebido *a posteriori* - que deveria ser incluído como compasso-mor de nossos giros pensantes. Para Kant e Platão, erros absolutos, meras interpretações subjetivas e compartilhadas, ante um obstáculo intransponível entre a coisa em si, o real e o ideal. Para Marx - como se sabe - tratava-se de transformar. A ação política do operariado à frente das demais classes numa ação revolucionária seria o ingrediente privilegiado que ele introduziu no caudal metodológico de suas perquirições filosóficas de bases econômicas - o teste - buscando prioritariamente o elo mais fraco do capitalismo nas crises cíclicas mundiais, de onde se rompessem, de vez, as correntes da opressão milenar.

A Rússia, dos Antipoff, inaugurou em 1917, de fato, após a Comuna de Paris(1871), essa ruptura em direção ao socialismo e isso não foi pouco para nossa pesquisa. Como já se disse, Helena realizou em vida, ao vivo, o que em Marx seria um sonho que a vida não lhe permitiu assistir nem participar. O próprio Daniel, nascido no auge da guerra civil e da invasão pelas potências europeias em aliança, experimentará desde cedo a força magnética dessa época sobre as famílias, as cidades, as nações e as ciências em todo planeta. Os acontecimentos de suas vidas e as impressões rabiscadas nas cartas se oferecem agora para nossa leitura, com aquele tom de quem marcava presença naqueles parágrafos que os livros de história narram, como testemunhas oculares do que nossos olhos veem no cinema, nos documentários e nos livros que alimentaram nossa imaginação.

As guerras modernas, o que mais não são, se não, o grande fracasso do iluminismo e seu sonho de colocar a racionalidade no altar divino da humanidade, como a última razão do reis, fazendo-nos nacionais, franceses, ingleses, alemães, todos prontos a se baterem e a se matarem com a precisão microscópica de artefatos industriais destrutivos, ávidos de recompor, das suas crises, o capitalismo, operando a destruição sistemática e pontual dos excedentes da produção social, levando consigo, para a tumba, porções substantivas da humanidade, mera força de trabalho aos olhos da funcionalidade econômica, portanto, descartável no varejo do desemprego e no atacado das guerras e tragédias ambientais anunciadas .

O que têm, em comum, para oferecer a nosso trabalho de pesquisa, o criticismo kantiano e a crítica da economia política, de Marx, no tratamento fenomênico das cartas Antipoff/Antipoff? Diríamos que oferecem uma colocação cuidadosa, em ponto morto, de conclusões, numa obstinação pelo que há de vir, pelo caráter inconcluso - sempre inconcluso - de qualquer achado e portanto, a provisoriedade permanente da pesquisa. Exigindo que se diga, apenas, que o máximo que até aqui chegamos é a este ponto, mas nosso horizonte ampliou-se de tal maneira que precisamos percorrer mais, e mais, talvez pela vida inteira, por certo por vidas inteiras de outros que se animem a tanto. Inserir a provisoriedade das conclusões no próprio método é o caminho. E isso não é pouco.

Se a Kant satisfaria obter uma armadura contemplativa, um estatuto científico da razão, estabelecida em seus estudos críticos, a Marx interessava, como sabemos, a ação, a intervenção, a revolução, um passo no ar, salto no abismo do não saber estabelecido por Kant, ombro a ombro com os que pensam diferente. Por certo, um mergulho orientado em águas sombrias, mas também às cegas, na tragédia histórica ininterrupta da humanidade e na torre de Babel discursiva e interpretativa acumulada por milênios.

Helena Antipoff dizia que toda ação sem reflexão é ativismo. Mas a reflexão, por partir sempre de um ponto de inflexão epistemológico de pés de barro, carrega consigo seus enganos e seus erros. Errar menos, enganar-se menos, pode ser o resultado de tanto trabalho teórico sobre a filosofia das ciências e seus métodos, pois o cérebro se comporta teoricamente.

Em Marx, a teoria – testada com o desenrolar das lutas por salário e nas revoluções operárias, como a assistida pelos Antipoff – encontraria nessas revoluções a motivação última das suas invectivas abstratas, tornando a ação política dos partidos operários instrumental privilegiado da atividade teórica, onde ela se tempera e se refaz. Se a vida deu aos Antipoff o privilégio, negado a Marx, de viverem uma revolução, fazendo deles *revolucionários* de fato, essa mesma vida nos oferece agora, de fato, a possibilidade de, contemplando humildemente os relatos de tudo que passaram todos que já passaram - como parte de nossas metodologias - cometermos um ou dois erros a menos que eles, o que nos pode ser extremamente vantajoso. (MARX, 2011)

O entardecer de nossa pesquisa, depois de longos dias de trabalho e escrita, expõe a olhos alheios seus resultados, conjugando um método de abstração e um método de exposição, de apresentação. Com ciência de suas falhas e de seus pontos cegos, deixados pelo caminho, como as migalhas de pão de *João e Maria*, a nos permitirem um caminho de volta de nossos achados e de nossos enganos. (Grimm, 2006)

Do ponto de vista da filosofia, e da filosofia da ciência, como acúmulo de sabedoria humana, a *coruja de Atena* alça seu voo, ao entardecer de um dia de grandes acontecimentos, notáveis ou lamentáveis, como de pesquisas idem, para recolher, deles e delas, os ensinamentos possíveis e comunicá- los - com a ajuda da deusa Fama - à teimosia dos mortais que se querem deuses.

*A águia de Minerva* aguarda atenta o ocaso apocalíptico do capital  
a fim de alçar voo e dar curso ao recolhimento do que lhe é próprio,  
o saber jamais experimentado.

(FARNESE, 1989, p.190)

## 2.1 Referências do capítulo

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. S.Paulo: Mestre Jou, 1970. 984p.

AGOSTINHO, Santo. **Contra os Acadêmicos**. Petrópolis: Vozes, 2014. 106 p.

ARISTÓTELES. **Metafísica**. Coimbra: Edições 70, 2021. 818p.

DE QUINCEY, Thomas. **Os últimos dias de Immanuel Kant**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. 94p.

FARNESE, Sérgio. **A Teoria do Valor no Livro I de O Capital**. Belo Horizonte: UFMG, 1989 198p.

FARNESE, Sérgio. *Antissemitismo heideggeriano: uma pedra no caminho da psicologia* in

**Boletim do CDPHA 28**. Belo Horizonte, 2020, p. 112-114

<https://cdpha.pro.br/wp-content/uploads/2020/09/BOLETIM-CDPHA-2018-N28.pdf>

GRIMM, Jacob e Wilhelm. **Contos Completos**. Belo Horizonte: Garnier, 2006. 596p.

FAYE, Emmanuel. **Heidegger, a introdução do nazismo na filosofia**. S. Paulo: É Realizações, 2015.

608p.

<https://www.facebook.com/112281787764051/photos/a.112285867763643/134744418851121/>

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Petrópolis: Vozes, 1976. 2v

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Fenomenologia do Espírito**. Petrópolis: Vozes, 1992. 2v.

HUSSERL, Edmond. **A Ideia da Fenomenologia: Cinco lições**. Petrópolis: Vozes, 2020. 152 p.

JUNQUEIRA, Carmem Miriam Maciel. **Movimentos de alteridade, responsividade e**

**responsabilidade em cartas de Helena Antipoff ao filho**. Belo Horizonte: PUC, 2021



- KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Pura**. S.Paulo: Edipro, 2020. 590 p.
- KANT, Immanuel. **Critique de la Raison Pratique**. Paris: Editions Flammarion, 2003. 473 p.
- KANT, Immanuel. **Crítica da Faculdade de Julgar**. Petrópolis: Vozes, 2016. 389 p.
- LEITE, Patrícia Kauark-(org.) **Ensaio sobre Kant, Ciência e Natureza Humana**.  
Rio de Janeiro: Via Verita, 2018. 251p.
- MARX, Karl. **Das Kapital - Kritik der politischen Ökonomie** Ester Band Buch I. Hamburg, 1867  
Dritter Band Buch III London, 1894 tradução portuguesa São Paulo: Difel, 1982.
- MARX, Karl. **Grundrisse**(1857-1858). *O método na economia política*. São Paulo: Boitempo, 2011. 790 p.
- MARX, Karl. **Misère de la philosophie - Réponse a la philosophie de la misère de M. Proudhon**  
– par Karl Marx (Paris, 1847). Tradução portuguesa Lisboa: Escorpião, 1976
- PLATÃO. **A República**. Tradução Leonel Vallandro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2020. 414 p.
- RIBEIRO, Darcy. **Estudos de Antropologia da Civilização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970. 5v
- TROTSKY. **Questões do Modo de Vida**. Lisboa: Antídoto, 1979. 179 p.
- VELLOSO, Arthur Versiani. **Vida de Kant**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1956. 80 p.

## 3. Pesquisando

### Literatura de Correspondência

O mecanismo desse interlúdio educativo de mãe, aos 37 anos, e do filho, aos 10 foi, desde o início, o de cartas semanais trocadas por nove anos, constituindo um acervo preservado de cerca de mil páginas conhecidas. A literatura de correspondência representa um importante patrimônio da humanidade, sendo portadora inclusive de mensagens filosóficas remetidas desde a antiguidade clássica por significativos pensadores como Platão, em Atenas e Cícero, em Roma. Manuscritos que influenciaram fortemente os prelúdios medievais do Renascimento e do Iluminismo inglês e francês. (PLATÃO, 2008; CÍCERO, 2012 e 2005)

Chamaram-se filípicos, os discursos de Demóstenes contra o conquistador Felipe, da Macedônia, pai de Alexandre, educado por Aristóteles, o estagirita macedônio, cujos escritos mais importantes se abrigaram na biblioteca de Alexandria, na África. Por sua vez, também se intitularam filípicos os discursos de Cícero, cônsul romano em 63 a.C., contra Marco Antonio. Exilado, Cícero travou conhecimento da filosofia grega e por meio de suas cartas preservadas chegou até os pensadores europeus medievais o interesse de estudarem as fontes originárias dela, preservadas no oriente asiático.

A chegada em Roma de ideias das colônias gregas da Ásia menor, como *psiqué*, alma, estranhas às noções espirituais judaicas, traduzidas em grego pelos evangelistas Marcos, Lucas e João, também se fez por intermédio de cartas de Paulo, o romano. Parceira trágica do deus *Eros*, aquela palavra grega, tão cara à psicologia, retratava a alma separada do corpo, concepção ligada ao orfismo oriental difundido desde a magna Grécia por Pitágoras, da ilha de Samos. Curiosamente, teremos, nas bíblias, as cartas de Paulo aos filipenses, cristãos de Filipos, colônia macedônica conquistada pelo pai de Alexandre, por onde passariam os escritos proibidos de Aristóteles em Atenas. O romano Paulo, de Tarso, escreveu também cartas, ou epístolas, aos efésios, concidadãos de um dos pré-socráticos, Heráclito, de Éfeso, com o fim de convencê-los, dando um selo ocidental à circulação de manuscritos pessoais do mundo antigo.

Nos primórdios da era contemporânea, a primeira manifestação reivindicativa do operariado inglês, durante a Revolução Industrial, foi por intermédio de uma *carta* apresentada ao parlamento e originou o movimento Cartista. Os cartistas foram antecedentes importantes dos movimentos que culminaram na fundação, por Marx e Engels, da *Associação Internacional dos Trabalhadores*, a AIT, a primeira *Internacional*, que contava com intensa participação de anarquistas russos, como Mikhail Bakunin, a qual foi sucedida pela *II Internacional* e seus partidos social-democratas, em 1889, ainda em vida de Engels, depois pela III, fundada pelos russos Lenin e Trotsky em março de 1919, fechada por Stalin em 1943 e pela IV, fundada no exílio por Trotsky, em 1938, cujos fragmentos de reconstrução se espalham pelo mundo nos dias que correm. As cartas, jornais e livros eram o liame dessa união supranacional dos proletários de todos os povos, principalmente da Europa e da Bielorrússia do Norte, onde se constituíram fortes partidos e sindicatos que polemizavam entre si sobre as circunstâncias de enfrentamento do capitalismo industrial.

Aqui no Brasil, pessoas próximas a Helena, como Henriqueta Lisboa e Mario de Andrade, conviviam e debatiam ideias estéticas quanto a arte revolucionária, criticando o dogmatismo dos cânones stalinistas de arte proletária e oficial, que exilavam artistas junto com psicólogos e professores de filosofia. Patrícia Galvão, Mario Pedrosa e muitos outros inundavam a imprensa polemizando com Portinari, Villa-Lobos e outros artistas ditos oficiais. Como sempre, tudo circulava entre cartas, jornais, livros e, de repente, o rádio. Ficariam ainda os Antipoff imunes ao debate que toda essa agitação de seus conterrâneos revolucionários e antibelicistas provocavam na Europa e na América, naqueles anos dramáticos para a humanidade? O assassinato de Trotsky no México, em 1940, causou comoção por todo o planeta, tendo a cobertura feita no Brasil pela revista *O Cruzeiro*, cujo repórter, Carlos Heitor Cony, foi o único que conseguiu entrevistar o assassino, mais tarde condecorado por Stalin como herói nacional.

Marx e Engels entretiveram intensa correspondência por meio da qual esclareciam e debatiam no campo da teoria econômica e da prática política a aplicação do legado filosófico de todos os tempos, ligando o atomismo de Demócrito e Epicuro aos conceitos de Aristóteles que, depois de preservados pelos macedônios em Alexandria, retornaram à Europa por intermédio de Tomás de Aquino e chegaram aos renascentistas precursores do iluminismo kantiano, colocado em movimento historicizado por Hegel e em ação revolucionária pelos proletários desde a Comuna de Paris, de 1871, até a Revolução Russa de 1917, pelo menos. Toneladas de papéis e selos de correios armazenaram memória de circulação de pensamentos, de projetos, de avaliações do vai e vem de acontecimentos que marcaram o século XIX e o XX, sendo a forma literária da carta, entre livros e artigos de jornais, um de seus principais depositários, tendo exercido importante função que os dias de hoje aparentam dar por encerrado.

*Operários no poder*, era a palavra de ordem máxima desde então. As três reeleições de Lula confirmariam, a nossos olhos, de maneira ligeiramente desfocada, a precisão dessas lentes históricas forjadas desde Marx para os microscópios e para os telescópios da história? De algum modo, as cartas fizeram história.

Não menos próximas de nosso tema, vieram à luz recentemente, além das cartas de Helena Antipoff e de Claparède, as cartas de Freud a seus seis filhos e as cartas de viagem dele, a Anna. Das cartas de Claparède, a autora, Martine Ruchat, que pesquisou o acervo de Ibirité, produziu um segundo livro com a biografia dele, o qual nos dá, com a precisão de um diário, sua trajetória cotidiana, destacando até detalhes como um mau humor naquele dia ou um resfriado no outro, uma visita feita, outra recebida, enfim autorretratos em série produzidos para terceiros. As cartas de Freud têm aquele ingrediente do pai amoroso, pressuroso com o destino dos filhos, com os fatos miúdos tornados grandes pelo calor da proximidade parental, fazendo coro com a nossa pesquisa em alguns aspectos.

As cartas se foram, a simultaneidade digital coloca outras cartas na mesa, para o jogo dos historiadores, mostrando, para qualquer um, informações e análises quase online dos acontecimentos mundiais. Mas, e os problemas? Aumentaram ou diminuíram, em relação aos meios analógicos e físicos dos tempos da correspondência Antipoff/Antipoff? Os tempos, por certo, como os de espera, de fruição e de aflição por boas novas, quase se exauriram, sendo substituídos pela quantidade fátua de notificações instantâneas, cujos efeitos históricos, psicológicos e até filosóficos estão aguardando, em aberto, uma análise científica.

### 3.1 Referências do capítulo

ANTIPOFF, Daniel. *As Cartas de Helena Antipoff* in **Minas Gerais**, 14 de agosto de 1974, p.4  
Escrito 5 dias após a morte de sua mãe.

<https://www.facebook.com/106444028354649/photos/a.106451978353854/108106934855025/>

ANTIPOFF, Daniel; ANTIPOFF, Helena. **Correspondência Organizada**. 01 a 720.CDPHA.Inédita.

ANTIPOFF, Helena. **Correspondência com Viktor Iretzky**. Moscou: Arquivos Russos. Inédita.

ANTIPOFF, Helena. **Correspondência com Marguerite Soubeyran**. Ibirité: CDPHA. Inédita.

ANTIPOFF, Helena. **Correspondência com Sofia Antipoff**. Ibirité. CDPHA. Inédita

ASSIS, Joaquim Maria Machado. **Correspondência de Machado de Assis**. Rio de Janeiro:

Academia Brasileira de Letras, 2015. 5v. Organização e comentários Sérgio Rouanet,  
Irene Moutinho e Silvia Eleutério.

CÍCERO, Marco Túlio. **Cartas de Cicerón**. New York: Nabu Press, 2012. 232 p.

CÍCERO, Marco Túlio. **Orações**. - *Catilinárias: I II III IV, Ao Povo Romano, Filípicas I -II*  
S.Paulo: Edipro, 2005.160 p.

FREUD, Sigmund. **Cartas de Freud a sua filha**. Barueri: Amariyls editora, 2014. 432p.

FREUD, Sigmund. **Cartas aos Filhos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021. 644p.

LISPECTOR, Clarice. **Correio para Mulheres**. Duque de Caxias: Rocco, 2018. 400 p.

LISPECTOR, Clarice. **Minhas Queridas**. Duque de Caxias: Rocco, 2007. 312 p.

LISPECTOR, Clarice. **Todas as Cartas**. Duque de Caxias: Rocco, 2020. 864 p.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Collected Works-Letters (1868-70)**

Moscow: Progress Publishers, 1988. 760p

NOVACK, Georg et al. **Las tres primeras internacionales - su historia y sus lecciones –**

Bogotá: Pluma, 1980. 279 p.

PLATÃO. **Carta VII**. S. Paulo: Loyola, 2008. 116 p.

PLATÃO. **Diálogos I - Teeteto (ou Do Conhecimento), Sofista (ou Do Ser), Protágoras (ou Sofistas)** São Paulo: Edipro, 2017. 336 p.

PLATÃO. **A República**. Tradução Leonel Vallandro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2020. 414 p.

RUCHAT, Martine. **Édouard Claparède/Hélène Antipoff Correspondence(1914-1940)**.

Firenze: Leo S. Olschki, 2010. 255p.

4. Contando

a

história



Uma aparência de relato jornalístico que roubaria um pouco o estilo *acadêmico* deste trabalho se deve muito ao fato de estarmos contando uma história, quiçá um romance para um filme. Estamos apresentando uma troca postal de diários, de jornadas comentadas semanalmente pelos dois interlocutores, durante nove anos ininterruptos. Poder-se-ia, a partir dessas cartas, construir um livro de história do Brasil, de Minas Gerais e do mundo, se quiséssemos.

Configurar uma cronologia de Helena Antipoff e de seu filho Daniel não é uma coisa simples, é uma tarefa só até certo ponto factível. A causa disso se situa também numa série de dificuldades que envolvem dois calendários cruzados e omissões quiçá propositais de elementos até agora não levantados ou de descoberta recente. Tampouco uma biografia de Helena ou de Daniel Antipoff com cem por cento de exatidão cronológica, *geotemporal*, ou que pelo menos não deixe sobre quem a elabora o angustiante e imediato fel da dúvida, estaria acessível.

Nossa principal fonte, nota obrigatória em toda tese a esse respeito, foi escrita de modo romanceado por Daniel Antipoff, alguns anos após o falecimento da mãe em 1974. Quanto ao próprio Daniel, esperamos estar ensaiando algumas linhas para além de sua autobiografia de 1997, já ultrapassados quatro anos de seu centenário, sem que lhe abandonemos o papel de simples coadjuvante da figura materna, papel que a si mesmo emprestou em meados da segunda metade de sua existência.(ANTIPOFF, 2007 e 1997)

Na enumeração de nossos obstáculos arqueológicos, culturais e afetivos, estiveram, no início, as datas de nascimento de nossos atores principais. Comemora-se, entre nós, no dia 25 de março, o aniversário de Helena Antipoff, no Rosário. No próprio centenário da psicóloga, cujo anfitrião era Daniel, rememorou-se aquele dia 25, acontecido em Grodno, na Bielorrússia, enclave eslavo do império czarista.

Todos sabemos que a *Revolução de Outubro*, na Rússia de 1917, sob o calendário ortodoxo juliano, aconteceu num dia 25. Entre nós, pelo calendário gregoriano, seria 7 de novembro. A Igreja Ortodoxa comemora o Natal, desse modo, em nosso 7 de janeiro, seu 25 de dezembro. Uma diferença de duas luas, na marcação.

Foi mesmo assim, mantida, na Rússia, nos atuais dias 25 de outubro, gregorianos, a data da tomada do governo pelos bolcheviques, em 1917, registrada no calendário juliano como 25 de outubro, também. Naquela época, o 25 juliano equivaleria ao 7 de janeiro do nosso calendário e, mesmo lá, sob nova marcação do tempo ao modo ocidental, em 1919, foi mantida a data fantasia, 25, e o codinome da revolução, *de Outubro*, para a memória da insurreição vitoriosa dos operários e camponeses russos. Revolução testemunhada *in loco*, por Helena Antipoff, o que faria dela, desse modo, invejável para os *revolucionários* que nunca viram uma revolução. (CAMPOS, FARNESE, 2023)

O 25 de março de Helena Antipoff nos deixava no mesmo ponto, nessa confusão. Seria uma transposição? Aos dezessete anos, ela se mudava com a mãe para Paris. Poderíamos, então, perguntar se o primeiro aniversário em terra francesa foi comemorado simplesmente no dia 25 de março, ou seja, 13 dias antes do fechamento do ciclo real juliano em 7 de abril? Ou ali já haveria uma tradução que se manteve, isto é, ela nasceu mesmo no dia 25 gregoriano, conversão do correspondente de um dia 12 março, do calendário juliano?

Um simples olhar para a certidão de nascimento ou para quaisquer documentos ou anotações, cartões, anteriores à emigração, esclareceriam imediatamente. Como repetimos, por dois anos, os arquivos de Belo Horizonte e de Ibité estiveram fechados em função da pandemia da Covid-19 e tivemos que, além de seguir tentando sobreviver pelo isolamento social, esperar a oficialização de seu fim para que nossas máscaras e luvas, obrigatórias na consulta aos arquivos, servissem apenas para protegê-los. Aguardamos pacientemente - para o termo dessa pesquisa - a reabertura, para obtermos respostas mais seguras ante essas e outras dúvidas levantadas, mas várias delas tardaram sem resposta, tarefas arqueológicas que nos sucederão, dever de casa para leitores afinados com a tradição antipoffiana.

Voltando de novo à questão, teria a jovem Antipova, desde seu primeiro *birthday* na terra de Voltaire, o protegido de Catarina II, virado as costas a esse preciosismo biográfico? Teria simplesmente comemorado seu natalício no mesmo 25, na data nominal, como fazem pelo lado de cá os que apreciam *in memoriam* a tomada da cidadela czarista pelos trabalhadores russos? Marcando no mesmo 25, antecipando em duas semanas seu aniversário?

Teria a jovem Helena, entusiasta da conspiração por um novo mundo, agido como se fez com aqueles *dez dias que abalaram o mundo*, tão bem detalhados pelo jornalista John Reed? Reed, jornalista pertencente à seção da *Internacional Socialista* dos EUA, deu esse título ao texto de sua emocionada cobertura da revolução. Tornou-se mais tarde o único americano abrigado no jazigo em frente ao Kremlin, reverenciado ao lado dos despojos mortuários de Lenin.(REED, 1980)

Por certo, Helena Antipoff inaugurou, em algum momento, a resolução desse primeiro dilema dos eslavos emigrados, ante a varredura de memória provocada por sua diáspora. Junto da mãe e de suas irmãs, teria provado os efeitos contraditórios, tanto de manter a data nominal como de traduzi-la para o calendário ocidental? Esses agouros deveriam estar anotados em algum cartão, em alguma carta, em algum comentário – imaginávamos - pois não deixa de ser curioso e relevante, mesmo em alguns aspectos legais, sem falar nos psíquicos, antropológicos e de inserção filosófica como ser genérico, apátrida, da nação universal. Às vésperas de sua viagem à Europa, em março de 1938, ela augura, em carta, a Daniel, passarem juntos os dois aniversários, em 25 e 31 e março.

Essa resiliência dos que teimam em homenageá-la no dia 25 de março, há pelo menos quase cem anos, é no mínimo intrigante. E se esses memorialistas estivessem fazendo isso dias antes da data gregoriana certa? A às vezes solitária comemoração, na Pestalozzi de Ibirité, em sua capela, com uma simples missa matinal, era em vida sempre prestigiada pelo remanescente Daniel. Eventualmente, coincidem com ela os encontros Antipoff anuais. Como foi dito antes, isso seria resolvido até o fim desta pesquisa.

Helena Antipoff nasceu em 7 de abril, no calendário do lado de cá, 25 de março do lado de lá dos marcos temporais baseados no calendário juliano, que comemoram o Natal no nosso 7 de janeiro e o ano novo no dia 14 gregoriano. Já a data natalícia de Daniel, um memorável 31 de março, gozava de requisitos para ser aceita exatamente como era pois, em março de 1919, os bolcheviques já haviam feito a conversão dos calendários. Desse modo, estivemos obrigados a brindar, com nosso biografado, sempre naquele dia de triste memória para a democracia brasileira, tão frágil desde suas origens republicanas positivistas e militarizadas.

Em consequência, muitos foram os brindes e abraços nessa data, funesta para muitos de nós, ambígua de alegria na Rua do Ouro, onde residia. Como já havia sido feita a ocidentalização do calendário, essa sincronia com a temporalidade burguesa executada pelos revolucionários no governo da Rússia, era Daniel de fato do *last day of March*. Então não há escapatória. Se não, teríamos aí uma cômoda transposição biográfica, empurrando as festas de seu aniversário para longe do primeiro de abril mais tenebroso da história do Brasil.

Essa questão de datas não nos é mera especulação preciosista. Quando se fala de história. Analistas políticos da Revolução de 1917 também ressaltam a importância da data em que aconteceu a tomada do palácio do governo, comandada pelos bolcheviques russos. Um dia a mais, um dia a menos poderia mudar completamente os rumos daquela empreitada ousada que logrou sucesso contra pouca resistência, em função da adesão de boa parte dos soldados ao movimento, como uma onda de maré que se podia alterar de momento a momento. As discussões diárias e longas entre Lenin e seus camaradas do comitê central bolchevique, expressas em seguidas votações que adiavam o assalto ao poder, mostraram bem o limiar dos dias e do fiar das horas pelas *Parcas* inexoráveis, como em seu testamento clamava Beethoven (BEETHOVEN, 1802).

O adiamento de uma ação precoce, a infelicidade de uma atitude tardia, alteram os rumos de uma batalha decisiva e colocam na dimensão política a arte de táticas e de estratégias, como um dial milimétrico que afina os instrumentos para a execução das melodias históricas, cheias de glórias e repletas de fracassos. Era tudo ou nada, ali, naquele momento, do 25 de outubro para Antipoff, do 7 de novembro, para seus afetos genebrinos, parisienses, berlinenses e madrilinhos, não menos distantes dali no tempo e no espaço, em espírito contemplativo por meio da imprensa e, quem sabe, do rádio. (TROTSKY, 1980)

A ociosidade dessa dança com as datas natalícias bate bem com a latinidade grega da palavra ócio, como negação dos negócios, do trato com as coisas pragmáticas da vida e nos remete ao lado estético, estésico, poético e de lazer do viver. Tão relevante, ou mais, que o lado prático, o artístico tem reservado, em nosso cérebro, uma de suas metades, o lobo direito. A data de aniversário é por certo um momento em que se lembram os vivos, em que se acertam as amizades, os amores, os afetos, brasas sob cinzas que o dia a dia corrói com a absorção voraz do que há de melhor na sociabilidade do ser humano.

Entre outras alusões ilustres, foi senha dos inconfidentes mineiros, para a explosão de sua revolução iluminista, a expressão *Tal dia é o batizado*. Ela equivalia, em maio de 1789, ao dia de registro natalício, comemorado como de aniversário, adjetivo que em bom português equivale ao que se repete a cada ano. Em nosso carrilhão missivista de Helena e Daniel, por certo, tivemos oportunidade de apreciar pelo menos dez manifestações de feliz aniversário ou coisa parecida. Uma forma, às vezes única, de se fazerem presentes um para o outro, envolvidos numa solidão materno-filial pelo muro alto dos oceanos.(ALENCAR, 1981)

Quantas não teriam sido as festas entre amigos e colegas de pesquisa e de trabalho, fortalecendo entre eles, de modo indireto e eficaz, laços acadêmicos, profissionais e ideológicos, como tão bem faziam os piqueniques rousseauianos de Genebra, que reuniam em solo alpino as personagens de Claparède, Piaget, Bovet e Ferrière junto a Helena e seus amigos estudantes de várias partes do mundo, documentados prazerosamente em fotos coletivas no *Museu Antipoff*?

Mas têm um avesso prático também esse balanço estético do *vira-vira* das datas de nascimento. Faz muita diferença nascer em março ou abril, por exemplo, para o ingresso na série inicial da vida escolar. Também uma diferença de dias que separam os meses pode alterar a referência nos signos do zodíaco, o que para muitas pessoas que rodeavam a ambos seria por demais significativo, por mais não fosse como fonte de mera curiosidade ou de comentários em prosa e verso.

Para a cobertura vacinal por exemplo, nesses anos de mortes por Covid, esses treze dias para mais ou para menos podem significar a determinação de quem vai e de quem não vai perder a vida de forma precoce e antecipada pela mão do homem. Também no corredor da morte dos campos de extermínio, ser oriundo dos primeiros ou dos seguintes meses do ano podia fazer a diferença para o prisioneiro apontado pelos critérios obscuros e superficiais dos carrascos de então. Pesa também a flor da idade para desempatar candidatos a cargos no serviço público, a favor do mais velho - conforme a Constituição - mesmo que tenha a sorte de o ser por meia lua só.

Aguardamos, com os pés fincados nesse preâmbulo, os pulos na vida que custaram a Antipoff e a todos viventes sob os céus a coexistência desses dois calendários conflitantes sobre suas cabeças, calendários que marcaram as datas históricas com a vaidade profana de imperadores romanos e de papas idem, que já haviam confundido a área da memória com a datação cristã, recusada por judeus, árabes e chineses, além de ignorada por incas, astecas e maias, guajajaras e tupis. Sob seu reflexo por certo encontramos, no vasculhar de centenas de cartas escritas e recebidas de além-mar, respostas intrigantes, sobre quando nasceu Helena Antipoff. Essa expectativa solucionou-se num histórico escolar alçado da escuridão pela equipe do *Museu Antipoff*, a quem somos muito gratos por essa e por outras inumeráveis contribuições.

Mas não ficam aí terminados os percalços cronológicos do historiador da psicologia a respeito de Helena Antipoff. Existe, pelo menos entre nós, o conhecimento recente de um período espanhol na biografia dela, entre 1915 e 1917. Período não tão obscuro a ponto de não haver resultado em produção de artigos sobre a Escola Nova na imprensa de lá, os quais refletiam certa consagração inovadora no campo pedagógico daquele país e que resultaram em delegações sucessivas de estudantes ao *Instituto Jean Jacques Rousseau* para, com a professora Helena Antipoff, entreterem um aprendizado mais efetivo, na segunda metade dos anos 1920, precisamente 1928 e 1929. Um casamento breve com Rafael Sánchez de Ocaña, diretor do jornal de Gijón, no norte da Espanha, que publicava os artigos dela, introduz uma variante irrevelada ao público externo à família.

Esse período na Espanha, revelado em 2011 por professoras da pós em psicologia, entre elas nossa colega do CDPHA, Érika Lourenço, foi detalhadamente apresentado no encontro anual Antipoff de abril de 2016. A pesquisadora Carmem García Colmenares, da *Universidade de Valladolid*, pesquisadora das figuras feministas espanholas, por coincidência, estava no Brasil e se dispôs a vir até Mariana, onde aconteceu o encontro anual. Nesse encontro se discutiram as posições ecológicas dos Antipoff, em pleno calor dos crimes ambientais de novembro 2015 da *Companhia Vale do Rio Doce* na região.(COLMENARES, 2016)

Para alguns, como para o Autor, uma novidade por sinal jamais mencionada por Daniel, o que sinaliza a possibilidade de seu desconhecimento ou mesmo de omissão proposital, apesar de, na biografia romanceada, ele apresentar uma desilusão amorosa da mãe em Paris com um espanhol Carlos Gonzales García, às vésperas de sua volta à Rússia em 1917, na periodização equivalente ao que se passou em Gijón. Mas aos desavisados, como o Autor, esse período espanhol já era descrito por Regina Helena, na biografia de 2012. Daniel também já nos advertia que só a partir da ida para a França o aniversário de Antipoff foi comemorado em 25 de março. A tradição ortodoxa era festejá-lo no dia a ela consagrado, no caso o de Santa Helena, 21 de maio.(ANTIPOFF, 2005)

Começemos, então, pelo começo.

[25 de março de 1892] *Yelena Wladimirna Antipova*, como soletram suas estudiosas russas contemporâneas, nasceu em Grodno, na Bieloerússia, hoje Belarus, e não na Rússia, mas no enclave dominado pelo Império Russo e de grande comunidade judia. Grodno hoje é uma cidade que se destacou nos noticiários pelas greves nas tecelagens contra a condução negacionista da presente pandemia de Covid-19 pelo último ditador da Europa oriental, Aleksander Lukashenko. Ao modo de seus parceiros Trump, nos EUA e Bolsonaro, no Brasil, ele sugeriu para a população a ingerência de vodka como meio de digerirem essa versão mortal do SARS-Cov-2 e enfrentou com mão de ferro as massivas manifestações de rua pela sua destituição. Encerra sucessivas e fraudulentas vitórias eleitorais nos últimos 25 anos de governo impopular, apoiado, desde a Rússia, por Putin, cuja estátua se destaca na praça central da capital, Minsk.

[1897] Filha de Sofia e Wladimir Antipova, aos 5 anos se muda com a família para a São Petersburgo, uma das maravilhas do ocidente, onde seu pai iria dirigir a *Academia Militar*.

[1909] Emigração para Paris, curso de medicina, aulas com Bergson, estágio com Théodore Simon

[1912] Vai para Genebra

[1914-1917] Madri e Gijón

[1917] De volta à Rússia, passando por Paris

[1924] Alemanha

[1926] Genebra

[1929] Belo Horizonte

[1931] Genebra

[1932] Belo Horizonte

[1945] Rio de Janeiro

[[1948 -1974] Ibirité- Belo Horizonte



## 4.1 Referências do capítulo

ANTIPOFF, Daniel. **Entre dois continentes**. Prefácio de Pierre Weil. Edição do Autor, 1997. 206p.

ANTIPOFF, Daniel **Helena Antipoff, sua vida sua obra**. Belo Horizonte: Itatiaia, 2005. 198p.

ANTIPOFF, Daniel. *Memorial Helena Antipoff* in **Boletim do CDPHA 12**. Belo Horizonte, 1994, p.41-42

ANAIS DO COLÓQUIO INTERNACIONAL THE GLOBAL EDUCATIONAL SPACE AND THE ACADEMIC MIGRANTS. *The Legacy of the Psychologist Helena Antipoff(1892-1974) in Education and Human Rights in Latin American, Europe and Russia*. Moscou: Centro Alexander Solzenitcyn da Rússia no Exterior, 2012

<https://cdpha.pro.br/wp-content/uploads/2020/09/Anais-seminario-The-global-educational-space-academic-migrants-Helena-Antipoff-2012.pdf>

ALENCAR, Gilberto de. **Tal dia é o batizado**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.

ANDRADE, Moacyr. **A República Decroly**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1964, 272 p.

BEETHOVEN, Ludwig van. **Testamento de Heiligenstadt**.(1802). Narração de Paulo Autran, tradução Érico Veríssimo  
[https://pt.wikisource.org/wiki/Testamento\\_de\\_Heiligenstadt](https://pt.wikisource.org/wiki/Testamento_de_Heiligenstadt) <https://www.youtube.com/watch?v=Hpfuxe6MYDU>

CAMPOS, Regina Helena de Freitas et al. **Dicionário Biográfico da Psicologia no Brasil –Pioneiros**. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2007 <http://newpsi.bvs-psi.org.br/cgi-bin/wxis1660.exe/iah/>

CAMPOS, Regina Helena de Freitas. *Famílias Mineiras, Anos 30* in **Boletim do CDPHA 08**. Belo Horizonte, 1998 p. 65-72

CAMPOS, Regina Helena de Freitas. **Helena Antipoff, psicóloga e educadora. Uma biografia intelectual**. Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes, 2012. 447p.

CAMPOS, Regina Helena de Freitas. *Helena Antipoff: razão e sensibilidade na psicologia e na educação*. **Estudos avançados**, USP. São Paulo, dezembro 2003 v.17(49), p. 209-231  
<https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9953>

CAMPOS, Regina Helena de Freitas, FARNESE, Sérgio . *Helena Antipoff e a educação social na Rússia após a revolução dos bolcheviques* **Cadernos de História da Educação** v.22, e162 Uberlândia: UFU, 2023 <https://doi.org/10.14393/che-v22-2023-162>

- CAMPOS, Regina Helena de Freitas; LOURENÇO, Érika. *Helena Antipoff Science as a passport for a Woman's Career between Europe and Latin American* in **Transversal International Journal of Historiography of Science** no. 6 2019 20p.  
<https://www.historiographyofscience.org/index.php/transversal/article/view/123/200>
- COLMENARES, Carmen García. *Helena Antipoff en la Psicología Española(Cartografía de un Legado Difuso 1915-1936)* in **Boletim do CDPHA 26**. Belo Horizonte, 2016, p. 147-148
- COLMENARES, Carmen García. *Helena Antipoff en la Psicología Española(Cartografía de un Legado Difuso 1915-1936)* in **Coleção Encontros Anuais Helena Antipoff**, 2017 p.319-328
- FARNESE, Sérgio. *Antipoff, legenda esquecida*, in **Estado de Minas**, p.7, Belo Horizonte, 9/12/2002  
<https://www.facebook.com/106444028354649/photos/a.106451978353854/106447441687641/>
- FARNESE, Sérgio. *Daniel Antipoff, ano 100* in **Boletim do CDPHA 29**. Belo Horizonte, 2018  
 p. 145-147 <https://cdpha.pro.br/wp-content/uploads/2020/09/BOLETIM-CDPHA-2018-N28.pdf>
- FARNESE, Sérgio. *Daniel Antipoff, 100 anos depois – Educação Rural x Crimes Ambientais*. In **Boletim do CDPHA 29**. Belo Horizonte, 2019, p. 179-180  
<https://cdpha.pro.br/wp-content/uploads/2020/09/BOLETIM-CDPHA-2019-N29.pdf>
- FARNESE, Sérgio. *Helena Antipoff, entre as emergências de uma guerra e de uma revolução*. In **Boletim do CDPHA 26**, Belo Horizonte, 2016, p. 62-63  
<https://cdpha.pro.br/wp-content/uploads/2020/10/BOLETIM-31-MARCO-2016.pdf>
- FARNESE, Sérgio *Helena, os anos vermelhos*, in **Boletim do CDPHA 27**, 2017 p. 45-46  
<https://cdpha.pro.br/wp-content/uploads/2020/09/BOLETIM-CDPHA-2017-N27.pdf>
- LA MURE, Pierre. **Além do Desejo**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1969. 468p.
- LISBOA DE OLIVEIRA, Alaíde. *Dona Helena que nós amamos* in **Anais do I Congresso Brasileiro sobre a Experiência Antipoffiana na Educação**, CDPHA, Belo Horizonte, 1992.p. 39-42 [www.facebook.com/106444028354649/photos/a.106451978353854/128702236128828](https://www.facebook.com/106444028354649/photos/a.106451978353854/128702236128828)
- LOUREIRO, Isabel. **A Revolução Alemã.(1918-1923)**. São Paulo: Editora UNESP, 2005. 181p.

- MASOLIKOVA, Natasha. *Helena Antipoff (1892—1974) and Alexander Nechayev (1870—1948): Russian Pedologists of the beginning of the XXth century.* **История российской психологии в лицах: Дайджест (A história da psicologia russa: pessoas)**n.4 2016  
<https://cdpha.pro.br/wp-content/uploads/2020/09/Masolikova-on-Helena-Antipoff-and-Alexander-Nechayev.pdf>
- MASOLIKOVA, Natasha. **Helena Antipoff Russian years (1917-1924) - the practice of a psychologist in a context of war and social revolution** Alexander Solzenitcyn  
 Centre for Studies of Russia Abroad Moscow, Rússia, 2021(inédito)
- MOURA, Elza. *Grandes Educadoras Mineiras – Professora Helena Antipoff(1892-1974) dá lição de economia* in **Revista da Arcádia Mineira – Elza de Moura 100 anos**, v. X, p.23-24, Belo Horizonte, setembro 2016.
- SOROKINA, Marina; MASOLIKOVA, Natalia. *O destino não literário do escritor Viktor Iretsky (1882-1936)* in **Literarische und kulturelle Beziehungen zwischen Russland und dem Westen**. Berlin: Peter Lang, 2019. p. 339-386  
[https://www.researchgate.net/publication/348870432\\_Neliterarnaa\\_sudba\\_pisatela\\_Viktora\\_Ireckogo\\_1882](https://www.researchgate.net/publication/348870432_Neliterarnaa_sudba_pisatela_Viktora_Ireckogo_1882)
- SOROKINA, Marina; MASOLIKOVA, Natalia. *Herdeira russa de Pestalozzi: Elena Antipova (1892-1974) e sua professora* in **Anuário da Casa da Diáspora Russa Alexander Solzhenitsyn 2014-2015**, 2015, p. 31-60  
<https://www.researchgate.net/scientific-contributions/Natalia-Masolikova-2047912120>
- SOROKINA, Marina; MASOLIKOVA, Natalia. *The Russian apostle of Brazil. Psychologiste Yelena Antipova* in **Vestnik**, Moscou, 2017  
<https://cdpha.pro.br/wp-content/uploads/2020/09/Masolikova-Sorokina-on-Yelena-Antipova-the-Russian-apostle-of-Brazil-2017.pdf>
- SOROKINA, Marina; MASOLIKOVA, Natalia. **Helena Antipoff(1892-1974) uma profissional russa notável no Brasil** Moscou:Centro Alexandre Solzenitcyn, 2018  
<https://cdpha.pro.br/wp-content/uploads/2020/09/Masolikova-Sorokina-book-Yelena-Antipova-2018.pdf>
- SOROKINA, Marina; MASOLIKOVA, Natalia; TURGYNA, Natalie. **Emigração Russa e o Movimento de Resistência durante a Segunda Guerra Mundial 2021**  
[https://www.researchgate.net/publication/350810337\\_RUSSKAA\\_EMIGRACIA\\_I\\_DVIZENIE\\_SOPROTIVLENIA\\_V\\_GODY\\_VTOROI\\_MIROVOI\\_VOJNY/download](https://www.researchgate.net/publication/350810337_RUSSKAA_EMIGRACIA_I_DVIZENIE_SOPROTIVLENIA_V_GODY_VTOROI_MIROVOI_VOJNY/download)
- TROTSKY, Leon. **História da Revolução Russa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980. 3v
- TROTSKY, Leon. **Revolução e Contra-Revolução na Alemanha**. São Paulo: Ciências Humanas, 1979. Prefácio de Mário Pedrosa, 352 p.
- TROTSKY, Leon. **A Revolução Permanente** Lisboa: Antídoto, 1977 229 p.

## 5. Antipovas em diáspora

O recente contato das pesquisadoras Marina Sorokina, Natália Masolikova e Natalie Turgyna com Helena Antipoff através de correspondências arquivadas pela KGB levou a uma surpreendente, segundo elas, descoberta. Uma singular emigrada para solo sulamericano, na leva fugitiva dos anos 1920, colocada no rol de estudos do *Centro Solzhenitsyn da Diáspora Russa*. Daí, sucederam-se viagens dessas pesquisadoras ao Brasil, correspondências, artigos e participação em encontros Antipoff presenciais e virtuais, trazendo à luz para os estudiosos do lado de cá os espectros funestos e vitais desse espalhamento de russos pelo mundo. Principalmente pela Europa, pulverizaram-se personalidades eslavas anônimas e notáveis cujo destino se tornou foco daquelas historiadoras, com ampla literatura já estabelecida desde os anos 2000, sob o marco do degelo soviético. (SOROKINA, MASOLIKOVA, TURGINA, 2021)

Frente a correspondência de Helena Antipoff com seu filho Daniel e com o marido Viktor, espelham-se, desse modo, as experiências de centenas de milhares de concidadãos seus de todos os estratos sociais, em geral vítimas de limpezas étnicas e de perseguições políticas. Nossas cartas refletem, com seu modo peculiar, consequências psíquicas e sociais de situações apontadas em investigações que se vão aprofundando, indo aos poucos se anexando ao mosaico de uma população apátrida mais ampla, inclusive com um acervo cartista. Tal singularidade lhes valeu até presença de destaque no *Museu da Emigração Russa*, inaugurado em 2018, com a presença de uma segunda delegação de professores da UFMG, tendo a frente Regina Helena, como presidente do CDPHA. (SOROKINA, 2019,2013,2016; MASOLIKOVA,2017)

Essa inovada apreciação do histórico périplo antipoffiano pelo mundo trouxe, para nós brasileiros, a grafia e a pronúncia correta do nome de nossa biografada principal. Nas polêmicas sobre como as alunas deveriam pronunciar seu nome - como assinala Elza de Moura - ela brincava que todas estavam erradas. As pesquisadoras russas, em suas palestras, desvendaram para nós esse mistério básico - como dizer corretamente o nome de nossas personagens em diáspora.

Numa espécie de antropofagia missivista - para nos conectarmos com os debates presentes no centenário da expressão de 1922, que marcou as artes escritas e pintadas no Brasil nos anos em que se comunicaram nossos correspondentes (vale lembrar o almoço mineiro oferecido a Mário de Andrade por Alaíde Lisboa de Oliveira, tendo a amiga dela, Helena Antipoff, entre os comensais, em 1945) - iremos neste capítulo tentar misturar, ao emaranhado das cartas, eventuais traços porventura apurados pelas pesquisadoras russas. Nossas cartas trairiam traços gerais? Configurariam, ao contrário, expressões fortemente particulares, em relação àquelas dos fugitivos e dos emigrantes espalhados pela Europa central, foco maior das publicações das três historiadoras?

Sabemos que, quando criança, ela parte com a família da Bielorrússia, hoje Belarus, para a Rússia. Ainda jovem, aos dezessete anos, Helena migra para a França com a mãe e com as irmãs, motivada por envolvimento com grupos anticzaristas. Passa uns meses na Inglaterra, mais tarde se estabelece como estudante por dois anos em solo suíço, fixando-se em seguida por mais dois na Espanha e por fim consolida esse primeiro circuito na Rússia revolucionária, por sete anos. (MASOLIKOVA e SOROKINA, 2023)

Numa segunda jornada de sua diáspora, agora tendo ao lado o marido Viktor e o pequeno Daniel, peregrina pela Alemanha por 2 anos. Já na condição de apátrida, dirige-se para mais 4 anos na Suíça francesa.

Na terceira etapa, a migração solitária para o Brasil, enquanto Daniel vai para a França, reunindo-se a ela nove anos depois. O roteiro de cidades começa em Grodno, segue para São Petersburgo, depois Paris, Londres, Paris, Genebra; na sequência, Gijón, Petrogrado, Viátika; Berlim, com a família e Genebra, com Daniel. Por fim, Belo Horizonte, Ibirité, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, nestas duas últimas estando com Daniel, que por sua vez ainda passaria por Viçosa, Patos de Minas, São José dos Campos e finalmente, ao lado da mãe, de novo em Belo Horizonte e Ibirité.

Seguindo esse roteiro, que inclui em cada cidade ou país as diversas recepções genéricas aos russos de diferentes épocas, auscultamos no coração de Helena o pulsar de quantas vezes foi incomodada com certo sentimento de inferioridade étnica. Sabemos hoje, com mais precisão, o quanto custa às nacionalidades não brancas o preço do racismo em solo brasileiro. Isso a levava, eventualmente, a alguma cumplicidade com os que a apresentavam como psicóloga suíça, como revela numa carta – resgatada recentemente - ao marido, falecido em 1937, com uma tradução eletrônica do russo melhorada,

Se a questão da minha nacionalidade era de pouco interesse para mim, agora, é o contrário. Eu livremente e em voz alta diria que eu sou russa, que não pode haver nenhuma dúvida por conta da minha nacionalidade (aqui eu sou tida como suíça, uma mulher francesa). Foi desagradável de ler em um jornal local: «a grande Educadora suíça». Muito triste que este epíteto elogioso demais não foi associado a uma origem russa.

Eu concordo com você que todas essas questões relacionadas à etnia ou raça você pode ignorá-las e olhar a humanidade, mas para a maioria das pessoas, e para mim, há algo de atraente nisso: o patriotismo tem algo afetivamente aglutinador. E não só a cultura divide as pessoas, mas também raça, e, é claro, também, a nacionalidade.

Criada na cultura ocidental mais claramente do que na russa, sempre e em toda parte, exceto na Rússia, eu sinto uma linha entre mim e as outras mulheres. Nenhuma lógica pode superar a consciência intuitiva, ou as atitudes até dos russos soam para mim como algo estranho.

(ANTIPOFF, Carta para Viktor, 21/2/1930)

Recordando os anos passados na Alemanha, ela comenta,

Você esqueceu minha atitude para com os alemães, para mim, o viver na Alemanha - o sofrimento, em cada mulher alemã ou alemão com quem eu me encontrei, eu sinto algo irresistivelmente ao contrário. É monstruoso - [um]pouco absurdo, nojento, mas é esse o caso, eu não posso lutar contra este sentimento na superfície, mas por baixo é sempre como [numa criança] e agora [aparece].

(ANTIPOFF, Carta para Viktor, 21/2/1930)

Em que pese a alta erudição cultural russa delegada à humanidade - a beleza de Petrogrado, as correspondências de Voltaire com Catarina II, a música de Tchaikovsky, de Stravinsky, Rachmaninoff, de Moszkowski, de Shostakovich, de Rostropovich e de tantos outros, a pintura de Malevich e de Kandinsky, a poesia de Maiakovski e de Gorki, o nobel de Pavlov, a prosa romântica de Tolstoi, o Dostoievsky imortal, o dedilhar ao piano do clã Rubinstein, os enxadristas imbatíveis Karpov e Kasparov, as teorias políticas da revolução de Lenin e de Trotsky, a publicação da mega obra de Marx e Engels, o Sputnik sobrevoando com um ser vivo o espaço pela primeira vez, o Balé Bolshoi, as peças de Stanislavski e de Tchecov, as pedagogias de Makarenko e de Vigotsky, a física de Shkarov, o cinema de Eisenstein - continuamos assistindo, na recepção aos russos, preconceitos instintivos cuidadosamente plantados e estimulados ainda mais na Guerra Fria.

Em Belo Horizonte, a reforma educacional mineira, dos anos 1930, foi também ridicularizada em um livro polêmico, romanceado, do jornalista Moacyr Andrade, *A República Decroly*, lançado em 1935, o qual vendeu 1200 exemplares em 10 dias, esgotando a edição, que quase foi proibida. Ali se lê uma descrição irônica dos estrangeiros convidados para efetivá-la, em particular uma determinada professora, fazendo uma descrição caricata da diáspora russa,

O dr. Roberto Rodrigues, de cada país por onde andou, trouxe um representante: da Bélgica, da Suíça, da França e até da Rússia, sem que por lá, entretanto, tivesse andado. Mas a revolução russa espalhou seus filhos por todos os países, sem atender ao seu valor e a sua posição. Daí filósofos russos como *garçons* de restaurantes, professores de universidades catando papel nas ruas, princesas russas dançando em cabarés, generais e coronéis exibindo-se em politeamas – isso em Paris, em Roma, em Londres, em Bruxelas, em Berlim, em Viena... aquele barbado, ali, era grande educador francês; aquela senhora alta, ossuda e de óculos, notável psicóloga russa;

(ANDRADE, 1964, p. 219-220)



Muitas atitudes foram impulsionadas por propagandas subliminares ou diretas, sem falar na repercussão da degeneração fratricida daqueles quase oitenta anos de burocratização stalinista, com sua herança repressiva que até hoje marca a política interna do país. Trotsky, Vigotsky, Malevich, Shostakovich, Lukács, Riazanov e muitos outros experimentaram junto a seus círculos a censura, a perseguição, assassinato e exílio.(FERRAZ,1985; GALVÃO, 1985a)

Desse modo, a crítica democrática dessas degenerações políticas proferidas pelos simpatizantes brasileiros do socialismo, como Mário de Andrade, Mário Pedrosa e Patrícia Galvão, era feita sob o arripio de ameaças beligerantes às conquistas de 1917. Como ficariam, Helena e Daniel Antipoff, então juntos no Brasil, entre esses conflitos, que ecoavam na imprensa nacional e internacional?(PEDROSA, 1985c)

## 5.1 Referências do capítulo

ANDRADE, Moacyr. **A República Decroly**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1964. 272 p.

ANDRADE, Mario. *Poesia Proletária* in **Diário Nacional**, 24/8/1930. **Coletânea Por uma Arte Revolucionária**. S.Paulo: Paz e Terra, 1985. p. 137-139

<https://www.facebook.com/106444028354649/photos/a.106451978353854/128663522799366>

FERRAZ, Geraldo. *Os Artistas Plásticos e o Partido Comunista*. in **Vanguarda Socialista**, n.18, 28/12/1945.**Coletânea Por uma Arte Revolucionária**. S.Paulo:Paz e Terra,1985. p.168-169

<https://www.facebook.com/106444028354649/photos/a.106451978353854/128711832794535/>

GALVÃO, Patrícia. *Um D.I.P. Internacional – Vem da Rússia a proposta contra a liberdade de expressão* in **Vanguarda Socialista**, n.18, 28/12/1945.

**Coletânea Por uma Arte Revolucionária**. S.Paulo: Paz e Terra, 1985a. p.163-164

<https://www.facebook.com/106444028354649/photos/a.106451978353854/128710566127995/>

GALVÃO, Patrícia. *Influência de uma Revolução na Literatura* in **Vanguarda Socialista**, n.11, 9/11/1945 **Coletânea Por uma Arte Revolucionária**. S.Paulo: Paz e Terra,1985b.p.156-159

<https://www.facebook.com/106444028354649/photos/a.106451978353854/128713619461023/>

- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Lutas de Classes na Rússia**. S. Paulo: Boitempo, 2013. 168p.
- MASOLIKOVA, Natasha. *Comunidade psicológica russa e Universidade de Leipzig (final do século 19 - início do século 20)* <https://www.academia.edu/9553131/%D0%A0%D0%B>
- MASOLIKOVA, Natasha; SOROKINA, Marina. *The Russian Apostle of Brazil: psychologist Yelena Antipova* **Образовани Вестник (Education Bulletin)** n. 31. 2017  
<https://cdpha.pro.br/wp-content/uploads/2020/09/Masolikova-Sorokina-on-Yelena-Antipova-the-Russian-apostle-of-Brazil-2017.pdf>
- PEDROSA, Mário. *A Revolução nas Artes – I e II*. In **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 5 e 12/11/1967  
**Coletânea Por uma Arte Revolucionária**. S.Paulo: Paz e Terra, 1985. p.180-194  
<https://www.facebook.com/106444028354649/photos/a.106451978353854/128699722795746>
- PEDROSA, Mário. *Arte e Burocracia*. In **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 4/6/1967  
**Coletânea Por uma Arte Revolucionária**. S.Paulo: Paz e Terra, 1985c. p.176-179  
<https://www.facebook.com/106444028354649/photos/a.106451978353854/128666309465754>
- REED, John. **Dez dias que abalaram o mundo**. São Paulo: Global, 1980. 269p.
- RUCHAT, Martine. **Édouard Claparède - Hélène Antipoff Correspondence(1914-1940)**.  
Firenze: Leo S. Olschki, 2010. 255p.
- SOROKINA, Marina. *Biografia da Diáspora Russa no Reino dos Sérvios, Croatas e Eslovenos / Reino da Iugoslávia: Conquistas e Problemas* in **Anuário da Casa da Diáspora Russa Alexander Solzhenitsyn**. Moscou . 2019 p. 249-252
- SOROKINA, Marina. *Emigração russa no exterior ou diáspora? Notas sobre a língua dos migrantes russos modernos. Emigrado russo e o mundo eslavo: aspecto cultural* in **Coleção de obras**, Belgrado, 2013. p. 33-39
- SOROKINA, Marina. *Outubro de 1917 e a formação da psicologia russa no exterior: uma alternativa* in **Desenvolvimento da psicologia russa na véspera e após a revolução russa de 1917: tendências, escolas científicas, personalidades: coleção de artigos**. Sarov: Interkontakt, 2019. p.98-109 <https://www.researchgate.net/profile/Marina-Sorokina-3>
- SOROKINA, Marina. *Entre duas ditaduras: cientistas soviéticos nos territórios ocupados da URSS durante a Segunda Guerra Mundial (para a declaração do problema) janeiro de 2014*

SOROKINA, Marina. “Para a URSS, o rosto de uma Rússia sofredora é revelado”: *Cartas de V.I. Vernadsky às crianças* / Publicado em janeiro de 2012

• SOROKINA, Marina et al. *Cientistas russos na América do Sul: cartas do zoólogo K.I.Gavrilov ao historiador N.E.Andreev (1948-1980)* in **Anuário da Casa da Diáspora Russa Alexander Solzhenitsyn**. 2011- 2012. p. 608-652

SOROKINA, Marina; GORINOV JR. “SOMOS\_PESSOAS DE MUNDOS DIFERENTES” Cartas de M.Ye. Yampolskaya a M.M. Karpovich(1923-1936) **Casa da Diáspora Russa. Alexander Solzhenitsyn**. Moscou. 2016 p.406-440

SOROKINA, Marina; MASOLIKOVA, Natalia. *A história da comunidade científica russa e da comunidade psicológica* in **Metodologia e história da psicologia**. Janeiro 2011.  
[https://www.researchgate.net/publication/262173997\\_Istoria\\_rossijskogo\\_nauchnogo\\_zarubeza\\_i\\_psihologiceskoe\\_soobsestvo/link/00b7d536cd1edec41d000000/download](https://www.researchgate.net/publication/262173997_Istoria_rossijskogo_nauchnogo_zarubeza_i_psihologiceskoe_soobsestvo/link/00b7d536cd1edec41d000000/download)

SOROKINA, Marina; MASOLIKOVA, Natalia; *Der Baltendeutsche Alexander Freiherr von Meyendorff(1869-1964)* . **Deutsch-russische kulturelle und wissenschaftliche Wahrnehmungen und Wechselseitigkeiten vom 18.zum 20. Jahrhundert** Ingrid Kästner, Wolfgang Geier 29/1/2021 Erfurt. p. 209-226

SOROKINA, Marina; MASOLIKOVA, Natalia; TURGYNA, Natalie. **Emigração Russa e o Movimento de Resistência durante a Segunda Guerra Mundial (2021)**  
[https://www.researchgate.net/publication/350810337\\_RUSSKAA\\_EMIGRACIA\\_I\\_DVIZENIE\\_SOPROTIVLENIA\\_V\\_GODY\\_VTOROJ\\_MIROVOJ\\_VOJNY/download](https://www.researchgate.net/publication/350810337_RUSSKAA_EMIGRACIA_I_DVIZENIE_SOPROTIVLENIA_V_GODY_VTOROJ_MIROVOJ_VOJNY/download)

SOROKINA, Marina; VASILIKOV, Yav. **Pessoas e Destinos. Dicionário Bibliográfico de Orientalistas - Vítimas de Terror Político no Período Soviético (1917-1991)**. São Petersburgo: 2003

TROTSKY, Leon. **Minha Vida**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

TROTSKY, Leon. **A Revolução Traída**. São Paulo: Global, 1980. 203p.

6. L'école  
de  
Beauvallon

As Associações de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAES), as Pestalozzi do Brasil, a Faculdade de Educação da UFMG, a Associação Milton Campos para Desenvolvimento das Vocações (ADAV), a Fundação Helena Antipoff, a Casa do Pequeno Jornaleiro e o Instituto de Educação de Minas Gerais se encontram irmanados, numa pedra de toque fundamental na França, à Escola de Beauvallon. O escritor Bernard Delpal colocou em circulação, através de livro publicado em 2014, a trajetória dessa escola, primeira criatura de tijolo e barro de Helena Antipoff, ainda *Hélène*, naqueles anos de ocaso da década de 1929. Às vésperas de vir para o Brasil e de se tornar *Dona Helena*, Antipoff colocou no cenário francês uma instituição que disputa, com as demais criaturas suas, desde o toque mágico de obra-prima até a distinção-mor de seu legado. (DELPAL, 2014)

Longe de motivar orgulhos e vaidades, torna-se para seus herdeiros intelectuais motivo de aprendizado para a vida o que, afinal, interessa muito aos educadores nesse momento. Logo Beauvallon, que tão pouco contou com a presença física dela, teria algo a nos dizer sobre as capacidades humanas inauditas que teimosamente a arte da educação insiste em revelar aos pessimistas e céticos com relação às iniciativas pedagógicas? É o que nos conta o autor desse livro em forma de álbum, de exatas 240 páginas, recheadas de fotos e testemunhos de épocas diferentes, recortando uma versão precisa, diretamente ligada a pontos chave de entendimento do que se passou em Beauvallon até os dias de hoje.

Aconteceu, para a pequena escola, localizada no vale de Dieulefit, no departamento francês do Drome, a oportunidade de ver testadas as diretrizes escolanovistas de paz, de democracia e de solidariedade internacional por dez anos. A partir da invasão dos fascistas italianos e dos nazistas, em meados de 1940, a região de Dieulefit sobreviveu como oásis de resistência e de libertação nos anos de ocupação e de governo de Vichy, colaboracionista com os invasores. Nesse período difícil para os franceses, sobrevieram aquelas forças benévolas da natureza humana, emergentes em momentos cruciais da existência coletiva, quando se digladiam covardia e generosidade, individualismo e ação coletiva, ousadia e servilismo.

Podemos dizer, talvez, que ali a Escola Nova passou por um de seus testes práticos por demais relevantes, mostrando ao vivo aonde iriam parar seus princípios cultivados desde a tenra infância e colocando à prova, de forma drástica, educandos e educadores que se vinham inspirando em Adolphe Ferrière, Édouard Claparède e Anton Makarenko. De Ferrière, os 30 princípios escolanovistas conferidos e atestados por ele pessoalmente; de Claparède toda a esperança pacifista, transmutada imediatamente em resistência ao universo totalitário do Eixo; de Makarenko, a autogestão discente, prática democrática que colocava os alunos no mesmo nível dos docentes, com poder de decisão nos encaminhamentos práticos do dia a dia das comunidades escolares.

Começamos apresentando o *Album de Beauvallon* pelo clímax de seu terceiro e último capítulo, pois nele está discriminada, fruto a fruto, a colheita, nos anos de guerra, das sementes deixadas por Helena Antipoff para serem regadas por Marguerite Soubeyran, sua aluna, dois anos mais jovem que ela, falecida em 1980. O pequeno Daniel, deixado em Dieulefit com a idade de dez anos, cumpriria o papel de embaixador da mãe como protótipo inaugural e como voto de confiança no sucesso daquela empreitada pedagógica. Sob os riscos de ser um apátrida em terreno beligerante francês e ir parar em um campo de concentração, Daniel Antipoff viria para o Brasil em 1938, seguindo conselhos maternos.

As comemorações dos 70, 80, e mais recentemente, dos 90 anos da escola, trouxeram à memória a emoção de quem, meio século depois, retornara a Beauvallon para testemunhar certa gratidão pelo acolhimento recebido naqueles anos difíceis, repletos de perseguição, racionamentos, delações, pusilanimidade e guerra, muita guerra, com todos seus horrores, os quais página nenhuma consegue retratar em plenitude cinematográfica. Franceses rebelados, alemães dissidentes, *maquis*, *partisans*, semitas, com ou sem os familiares, comunistas, encontraram ali unânime recepção, tão calorosa quanto ilegal, como se um ideal de humanidade sobrepujasse o irracionalismo dos fatos. Criaram ali até uma gráfica clandestina, que produzia documentação falsa para proteção dos judeus abrigados.

O contraponto que Helena Antipoff dedilhou na tessitura psicológica da educação ganhou ali, em Beauvallon, uma melodia *sui generis*, peculiar. Deveria ser mais conhecida em outros espaços onde ela atuou, como no Brasil? Ora, ali encontramos metodologias pedagógicas em uma pureza pouco usual.

Tudo transcorre quase sem aquela oposição predadora, que envenena os projetos escolares, sem as barreiras de idioma: os debates apontam para a frente, não há ninguém puxando para trás, as dificuldades são desafios para todos, motivo de aprendizado. Como dizia o poeta, se deus o fez, não foi para desfazer e tudo no belo vale do departamento de Drome parece parte de uma ilha da fantasia das práticas pedagógicas escolanovistas, como atestou Ferrière no livro de Ouro, em sua visita de 1950.

Entre *la petite maison* e *la grand maison*, transcorreram intensas fermentações educacionais, num curto intervalo de tempo e espaço. A grande casa, da escola, resultou de uma prática construtivista literal, com as crianças e os jovens, o alunado e o professorado, erguendo seus alicerces e suas paredes, com a ajuda financeira de Antipoff. Somando-se ao que ela ergueu ao sul do equador, temos ali toda aquela grandeza que por certo habita os ideais de pessoas que criam escolas ao invés de lucrativas empresas de consumo de massa. Em março de 1943, no auge da guerra, houve uma reportagem elogiosa da conhecida revista *Marie Claire*, feita pela própria Marie, cuja filha lá estudava.

O mérito dessa inspiração, destacado no livro de Bernard Delpal, pesquisador em Lyon, no atelier *Sociétés em guerre*, justifica em muito sua leitura e, quem sabe um dia, uma tradução para nosso idioma. A publicação da editora *Un Comptoir d'edition*, com *mensagem* de Rita Hofstetter, *prefácio* de Philippe Meirieu e *colaboração* de Martine Ruchat, coloca mais essa pedra de toque no panteão escolar antipoffiano, com sua marca registrada de convite à ação no torvelinho edificante das ideias educacionais. Seria por certo inteira novidade para quase todos que se perfilam como discípulos e admiradores de Helena Antipoff, pois rarefeitas menções apenas localizavam o local onde o menino Daniel estreou sua trajetória pedagógica de *abandonado* às próprias potencialidades.

Talvez animada pela inspiração no seu aprendizado genebrino e soviético, Helena Antipoff enviou, como aposta, sob todos os riscos e incertezas inaugurais da escola, seu muito amado filho, para experimentar o que pelo menos duas décadas de pesquisas e experiências de Escola Nova na *Maison des Petites* do Instituto Jean Jacques Rousseau, de Claparède e na *Home Chez Nous*, de Ferrière, longamente descritos nos dois primeiros capítulos do livro de Delpal, vinham fermentando. Com os primeiros vencimentos que recebeu do governo mineiro, consideráveis na época, ela proveu os primeiros passos de reforma da edificação em Dieulefit e por certo acompanhou de perto sua evolução, por meio de intensa correspondência, especialmente as tão por nós faladas cartas semanais trocadas com o pequeno Daniel, acrescidas da correspondência, também intensa, com Marguerite Soubeyran.

Sem dúvida, foi ali depositada muito da militância educativa praticada nos tempos de assistente de Claparède e, por vias ainda pouco determinadas, o tempero eslavo de Anton Makarenko, explicitado nas iniciativas metodológicas de *Tante Marguerite*, assinalando a verificação de posturas pedagógicas confluentes e similares, permitindo-nos hoje uma justaposição teórica que a alguns círculos da ciência da educação poderia parecer inviável. Em Beauvallon, os internos elegiam entre si uma espécie de prefeitura que administrava a vida comunitária, realizando assembleias periódicas com ampla participação democrática, lembrando o modo de gerir os abrigos de órfãos juvenis que aplicavam as concepções libertárias de Makarenko, na Rússia revolucionária. As diretrizes pedagógicas dele, admiradas por Marguerite, foram trabalhadas e aprofundadas após a guerra, tendo ela participado da política local, filiada ao *Partido Comunista Francês*. Esperamos, um dia, a partir do acesso a cartas de Antipoff arquivadas provavelmente em Beauvallon e já nas que estão em Ibirité, enviadas de lá, expor com mais precisão a incorporação dessa perspectiva às propostas escolanovistas presentes na formação das educadoras. (SILVA, 2005; ANTIPOFF, 1926)



No fórum de herdades das instituições antipoffianas, o compartilhamento dessas e de outras lições distintivas, que cada uma carrega consigo, é sem dúvida um legado precioso. Livros, como o *L'Album*, de Bernard Delpal, fazem-nos o favor de jogar luz sobre a trajetória franco-brasileira de nossas personagens, inspirando, quem sabe, outros escritos nessa direção, mosaico com que Helena Antipoff, desde a revolucionária e frágil *Antip*, de Genebra e Petrogrado, à robusta e serena *D. Helena*, do Rosário, ainda nos surpreende a cada minuto estudioso do presente.

## 6.1 Referências do capítulo

- DELPAL, Bernard. **L'Album de Beauvallon-Fondation et période historique de l'école(1929-1945)**  
Dieulefit: Un Comptoir d'edition, 2016. 240p.
- ANTIPOFF, Daniel. *Criação do “FUNDO HELENA ANTIPOFF” na Fundação Arquivos do Instituto J. J. Rousseau em Genebra* in **Boletim do CDPHA 12**. Belo Horizonte, 1994. p.34-40
- ANTIPOFF, Helena. **Correspondência com Marguerite Soubeyran**. Ibirité: CDPHA. Inédita.
- ANTIPOFF, Helena. *L'Expérience Russe – L'éducation sociale des enfants* in **La Semanaine Litteraire**. Genève, 1926, p. 592-594
- ANTIPOFF, Helena. **Psicologia Experimental - Coletânea das Obras Escritas de Helena Antipoff**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1992. v. I
- ANTIPOFF, Helena. **Fundamentos da Educação - Coletânea das Obras Escritas de Helena Antipoff**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1992. v. II
- AUDEMARS, Mina; LAFENDEL, Louise. **La Maison dès Petits**. Neuchatel: Delachaux & Niestlé, 1922. 37p.
- BOLETINS CDPHA(01-30)**. Ibirité: CDPHA, 1981-2021 <https://cdpha.pro.br/boletins-do-cdpha/>
- CAMPOS, Regina Helena de Freitas. **Conflicting Interpretations of Intellectual Abilities among Brazilian Psychologists and their Impact on Primary Schoolin(1930-1960)**  
Tese. Belo Horizonte: UFMG, 1989. 322p.

- CAMPOS, Regina Helena de Freitas. *Educação Inclusiva e Direitos da Criança* in **Boletim do CDPHA 15**. Belo Horizonte, 2011, p. 41- 45
- CAMPOS, Regina Helena de Freitas. *Helena Antipoff(1892-1974) A Synthesis of Swiss and Soviet Psychology in the Context of Brazilian Education*. Separata **History of Psychology**, v.4, number 2, May 2001, p. 133-158 <https://psycnet.apa.org/record/2001-00864-002>
- CAMPOS, Regina Helena de Freitas. **Helena Antipoff: textos escolhidos**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002. 369 p.
- CAMPOS, Regina Helena de Freitas; BORGES, Adriana Araújo Pereira. *De Genève à Belo Horizonte, une histoire croisée: circulation, réception et réinterprétation d'un modèle européen des classes spéciales au Brésil des années 1930* **Paedagogica Historica: Internationalisation in Education: Issues, Challenges, Outcomes**, 4 March 2014 v.50(1-2) p.195-212 <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00309230.2013.872680>
- FARNESE, Sérgio. *Einstein no Brasil* in **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 7/4/1995, p.7 <https://www.facebook.com/106444028354649/photos/a.106451978353854/109808008018251/>
- FARNESE, Sérgio; CAMPOS, Regina Helena de Freitas. *O diálogo entre Helena Antipoff e Jean Piaget acerca do desenvolvimento do juízo moral na criança* **38. Encontro Anual Helena Antipoff** Belo Horizonte, CDPHA/UFMG, 2021 <https://www.youtube.com/watch?v=38imvr-qe8>
- FARNESE, Sérgio; CAMPOS, Regina Helena de Freitas et alli *Museu da Criança:um sonho de Helena Antipoff*. **38. Encontro Anual Helena Antipoff** Belo Horizonte,CDPHA/UFMG, 2021 <https://www.youtube.com/watch?v=yZL8PPjD4CQ>
- FREUD, Anna. **Infants Without Families**. New York: International Univ. Press, 1944. 188p.
- LOURENÇO FILHO, Manoel Bergström. **Introdução ao Estudo da Escola Nova**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2002. 391p. (com Introdução de Regina Helena de Freitas Campos.)
- MARX, Karl. **Das Kapital – Kritik der politischen Ökonomie** Ester Band Buch I. Hamburg,1867 Capítulo XIII tradução portuguesa S. Paulo: Difel,1982
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Lutas de Classes na Rússia**. S. Paulo: Boitempo, 2013 168p.
- SILVA, Dener Luiz da. *Piaget, Vigotsky, Wallon: a construção da Psicologia da Educação na perspectiva escolanovista – aproximações* in **Boletim do CDPHA 18**, 2005 p.69–79

7. De braços dados  
com  
a filosofia

Helena Antipoff vivenciou os frutos do alvorecer dessa nossa era contemporânea, marcada pela emergência das ciências modernas numa fase de desenvolvimento afastada de amarras religiosas que conduziram seus pioneiros, como Galileu e Giordano Bruno, à prisão, à fogueira e ao índice. E o que seriam mais, a Educação e a pedagogia, se não prolongamentos naturais e necessários da difusão do pensamento científico e das filosofias presentes em cada época, enriquecendo de modo imemorial o panteão de sabedoria alcançado pela humanidade? Não por acaso, os espaços de filosofia, desde a Grécia antiga, eram de alguma forma denominados escolas.

Às vezes escorada em um ou outro déspota esclarecido, como Catarina da Rússia, protetora de Voltaire e Rousseau, a investigação filosófica foi recuperando aos poucos uma independência inaudita e fomentando a especialização dos pensadores em campos diversos como a sociologia e a psicologia. Para Hegel, na modernidade, a leitura de jornais passava a ser a oração diária do filósofo, tornando os repórteres porta-vozes de boas novas matutinas, como as pítiás atenienses dos templos de Apolo da Antiguidade. Jornalistas passam a ser a bola da vez dos alvos das forças das trevas, que retiram sua energia vitalícia justamente da desinformação e das informações truncadas mas têm de se ver com os contrapontos e com a resistência dos grandes passos que dão os seres humanos era após era.

Isso não significaria ainda que as liberdades de pensamento e de expressão, estabelecidas em lei nas sociedades democráticas e socialistas, estariam em plena realização, mesmo porque até os dias de hoje elas se encontram *sub judice*, como reclamam ano a ano os relatórios da *Anistia Internacional*, que denunciam a perseguição de jornalistas e escritores até nas potências capitalistas das Américas e da Europa, democráticas *ma non troppo*. Na liderança do ranking de ataques à liberdade de expressão, juntos dos EUA, estão os países natais de Helena - Belarus - e de Daniel - a Rússia - para onde se dirigiram os prêmios Nobel da Paz de 2022. Ales Bialiastiki,

bielorusso, fundador da *Associação Tutejshyja de Jovens Escritores*(1989), professor e doutor em literatura, hoje prisioneiro de consciência, acaba de recebê-lo; as organizações *Memorial Internacional Society*(Rússia) e *Centro pelas Liberdades Civis* (Ucrânia), que defendem corajosamente direitos humanos ante regimes sanguinários que violentam as liberdades democráticas e socialistas, também.(REDE GLOBO - G1,2021)

Os Nobel da Paz de 2021, a jornalista Maria Ressa, das Filipinas, que amarga a possibilidade de condenação em sete processos, e o jornalista russo Dmitri Muratov, que teve seis colegas de jornal assassinados, foram congratulados pelos seus esforços para salvaguardar a liberdade de expressão. A imprensa não era “premiada” desde 1935 e o encarceramento global avança também sobre aqueles que o denunciam. Quanto à liberdade de expressão, o Brasil caiu para octogésimo nono lugar entre 160 países, registrando 430 ataques a jornalistas e veículos de informação. Vale lembrar que o pai de Daniel foi também prisioneiro de consciência, por fazer parte de uma associação de escritores pela liberdade de expressão e, mesmo depois de exilado para a Alemanha, continuou atuando em organizações de apoio aos escritores emigrados à força. (REDE GLOBO - G1,2021)

Helena Antipoff também esteve às voltas com os terrores dos cárceres, por duas vezes pelo menos, testemunhando o exílio e a excomunhão de escritores e dramaturgos, no inverno czarista, e na própria pele. Foi até obrigada a utilizar o pequeno Daniel como intermediário de bilhetes secretos para se comunicar com o marido, por dois anos encarcerado nas prisões, já no regime soviético em degeneração burocrática. Viktor Iretzky foi preso apesar de participante, como ela mesma, desde os primeiros anos, na construção da sociedade emergente da revolução de 1917. Muito entusiasmo, mas também muita fome, sacrifícios e dedicação para erguer a Rússia das ruínas do regime anterior, uma Rússia hostilizada pela invasão “branca” dos países europeus antagônicos à Alemanha derrotada na guerra de 1914.

Como se vê, naqueles momentos cruciais que cortaram a vida da jovem Antipoff, era bem comum que, misturado ao ar poluído da indústria emergente, vagassem partículas invisíveis, a olho nu, de filosofia, como sempre acontece. Outrora secundária, serva da teologia, no período medieval, como escreveu Tomás de Aquino, a filosofia ocupa então um lugar apropriado entre as multidões, sem a impregnação da religião que migrava, pouco a pouco, para o campo exclusivo da fé, tornando-se cada vez mais transcendental aos apetites humanos no campo do social e do político. Aulas, cursos, livros de filosofia, artigos de jornais, filmes, refletiam o espírito científico novo, do século XX, partejado entre guerras e revoluções, herdado sem as amarras teogônicas dos períodos anteriores, quem sabe até tecendo novos grilhões, mas fazendo penetrar pelos poros mentais dos indivíduos o que poderíamos chamar de pensamento revolucionário de seu tempo ou, como refletem alguns estudiosos da teologia, de ateísmo prático, a laicidade própria do mundo civil. Certa consciência da fatuidade daqueles elos das correntes que escravizavam a humanidade de modo imemorial se acerca das classes sociais majoritárias, trazendo ao cenário político inúmeras variáveis, evidenciadas no virar e revirar de terras arrasadas dos acontecimentos históricos, colocados de cabeça para baixo e para cima, sob o óculo das análises de Darwin e de Marx.

Nessa laicidade prática, amadurece a ascensão progressiva de direitos e de proteção a subgrupos sociais, seja para as mulheres, seja para as crianças, seja para etnias diversas. Os assalariados em geral vão, de modo brusco ou paulatino, acrescentando ao “natural” as perspectivas plásticas do “social” no exercício diário de enfrentamento das agruras patronais do capitalismo e sua sustentabilidade destruidora do planeta e das pessoas que nele habitam. Como augurava o jovem Marx, vamo-nos embrenhando pouco a pouco na emancipação humana, expressão suave para uma era de guerras e revoluções.

Às vezes a filosofia nos oferece um olhar para o mundo que nos agrada e que julgamos poder adotar como *nossa filosofia* de cabeceira, mas é a filosofia quem pode dizer a cada um de nós o que somos nesse mundo. Ou pelo menos, atribui-se esse papel. A velha inscrição do templo de Delfos – *conhece-te a ti mesmo* – que inspirou a lendária trajetória de Sócrates, descrita por Platão no século IV a.C., assombra até os dias de hoje os pensadores contemporâneos. A vida, em seus mistérios insolúveis, que se alargam mais e mais, na proporção mesma das descobertas científicas e das conquistas históricas, revela-se sublime, sobre seu lado perverso, solapado volta e meia pela perseguição de esperanças infundas, que animam a humanidade e os indivíduos a descartarem a autofagia nuclear e o suicídio individual como manifestação máxima da liberdade ante qualquer maldição de divindades fictícias.

Se para a filosofia o homem será sempre criança, para a religião ele será sempre infantil. Onde a filosofia terá sempre a ousadia de perguntar, a religião ousará responder. Quando a filosofia silencia, ante uma pergunta de 10 mil anos, a religião instila seus juízos finais.

Quando a filosofia cala, para na pergunta, não é só por impotência, é por método também - pela impossibilidade de se transformar numa doutrina – enquanto, a religião, fala e insiste na resposta, e doutrina. Para um mistério de 1 milhão de anos, as religiões acham que solucionaram seus enigmas há 2 mil, 3 mil anos. Por isso postulados de humildade científica - andrajos com que se veste o filósofo – são tão caros, ou deveriam ser, ao estudioso da filosofia e ao professor dela.

Um certo conhecimento eclético de diferentes filosofias, vigentes e revogadas, de diferentes temporalidades e espaços geográficos, pode ajudar o bom entendedor de suas meias palavras a saber quem ele é e quem somos nós, principalmente quanto àquela parte referente ao que *não* saberemos, jamais. Como já assinalamos, Benjamin disse uma vez que o cinema é a filosofia levada às massas e Trotsky complementou sugerindo que a Rússia bolchevique, ao invés de proibir as combinações de incenso, música e artes plásticas das celebrações religiosas, abrisse um cinema

ao lado de cada templo. Marx também entendeu desde cedo a importância dos jornais para a filosofia dentro de uma sociedade de massas alfabetizada e colaborou, remunerado ou não, com inúmeros jornais ingleses, americanos, belgas, franceses e alemães por quase toda sua vida estudiosa.

Todos esses fatores permitem-nos encontrar em qualquer pessoa que erre sob o céu, nesse momento, atributos conceituados por Darwin, Marx ou Freud, ou quem quer que seja, recortando a compreensão de suas contingências individuais e de suas universalidades não menos contingentes. Eles forjaram caminhos universais e metodológicos para entendermos os rumos de trajetórias multivariadas, como lentes coloridas que realçam o azul, o verde ou vermelho presentes no caleidoscópio translúcido da vida, de onde foram arrancados, sob a interdição cética das críticas da razão edificadas por Kant. Lentes microscópicas para o micro e telescópicas para o macro também poderiam ser criadas, a partir do escopo das ciências sociais, para uma apreensão geral e pontual dos indivíduos e sua dinâmica em sociedade, trazendo à luz do dia não a última palavra científica, mas a primeira, tornada *prima*, mais a segunda, a terceira, sucessivamente.

Para a maioria das pessoas, pouco importa e pouco continuará importando a qual filosofia se liga o fato de estarem sufragando, de tempos em tempos, seu voto secreto, ou as oportunidades conjunturais de alcançarem, volta e meia, a façanha de efetivar por meio de uma greve o valor real de sua força de trabalho. Ou de, mesmo episodicamente, participarem ou testemunharem as revoluções e as guerras que abalam o sistema produtivo em vigor, mostrando a fragilidade dos grilhões de aço dos enlaces sociais que se encravaram nas aspirações iluministas de liberdade, igualdade e fraternidade, tão bem decantadas por Rousseau, Voltaire e Diderot no século XVIII. Mas estão em ação, ou como diria Galileu sobre a Terra, não importa como a vejamos, *ela se move*.



Faremos uso, aqui, da filosofia, para entender o tempo de Helena Antipoff e Daniel, e não o contrário, usá-los para entendermos melhor as filosofias de seu tempo. Muito menos interessa, ou ajuda no que queremos, apresentá-los como signatários dessas ou daquelas, pois assinar embaixo de uma busca é tão vão quanto a própria busca. Mas as mediações, as simulações, as viagens pela beira dos abismos céticos, bem demarcados por Kant ao saber do homem sobre si, que aparentemente ganham eco em Marx, como estatuto de seu método, no mínimo permitem deixar para trás, com certeza, as possibilidades nulas a que tantos se prendem em nome da filosofia mesmo, colocando-se a serviço de teleologias, quando não de teogonias de pés de barro.

Aproximar Helena Antipoff de Marx poderia ser, para ambos, uma justa homenagem, justificada, por exemplo, simplesmente por podermos aproximar dela e de todos de sua época qualquer conclusão robusta de Mendeleev sobre o ar que respiravam ou qualquer conclusão atômica de Curie. Ou seja, Marx e qualquer filósofo de qualquer tempo, pois em filosofia não existiria anacronismo do fundamental - se é que existe em algum lugar - podem ser aproximados e distanciados de qualquer um de nós, de agora ou de dantes, se sobre nós exercerem uma sincronia relativa, esclarecedora, enfim elucidativa do que, pelo menos, não somos. Por exemplo, com ele aprendemos que não fomos nem seremos escravos, nem servos, nem proletários, nem índios, nem afro, nem nada para sempre. E que os ritos de passagem da história das sociedades se dão por meio de guerras e revoluções. (MARX/ENGELS, 2013)

Esclarecedor? Se não, deixemo-lo de lado, como as metáforas às vezes obscuras que, ao invés de ajudar, enuveam a percepção do estudioso. A fritura multiradial que a reflexão filosófica opera nos neurônios de quem pensa, ao contrário de aumentar a confusão, refresca a vontade de saber, que é sempre originária e igual para todos pensantes, sejam pedagogos, psicólogos, professores ou alunos, trazendo-os de volta ao ponto de partida, tornado ponto de chegada, quiçá com uma armadura teórica apta à ação, mediação da qual se devem despir a qualquer momento, como estatuto epistêmico permanente.

Dessa forma não há como ser marxista, nem Helena, nem Marx, nem ninguém, a menos que se tenham recusado regressar de alguma viagem teórica que empreenderam com o instrumental teórico por ele proposto, confinando a mente numa doutrina, tornada assim vazia. Mais uma entre tantas a se digladiarem nos céus, enquanto a luta está aqui na terra mesmo, pelo menos para Marx.

A crítica de Kant ao racionalismo, como a crítica de Marx ao idealismo, tangenciam-se num ponto cético. (WILLIAMS,1985) Em Marx, entretanto, a crítica da economia política se dirige à transformação da realidade produtiva - base da vida na era industrial capitalista - pelos trabalhadores, em direção ao socialismo, por meio de uma revolução que sacuda a sociedade inteira, como aconteceu na Rússia, em 1917, com a presença de Helena Antipoff, aos 25 anos, depois de seu primeiro périplo pela Europa.

O fato de Helena Antipoff ter vivido um sonho, que a Marx não foi permitido realizar, embora tivesse-lhe a vida dedicado – vivenciar uma revolução do proletariado e, ainda por cima, vitoriosa, permitir-nos-ia isso, entretanto, a ousadia de colocá-los lado a lado, ao longo desse passeio postal empreendido até agora? Ao que tudo indica, ela não queria uma revolução da forma como Marx queria pois não participou mais, como na adolescência, a organizações clandestinas.

A jovem Helena, empurrada pelos fatos, pela roda da história, não recusou o cálice que lhe foi oferecido pelo destino. Voltou à Rússia no exato mês em que o barril de pólvora, cujo pavio longo, de doze anos, queimava seus últimos milímetros. Convicta? Como sabê-lo? Lendo suas cartas para Daniel?

O máximo que a vida ofereceu a Marx foi a possibilidade de acompanhar dramaticamente, de Londres, a vitória por dois meses da Comuna de Paris, em 1871. Nesses dias, a Cidade Luz se viu sob o controle dos partidários da *I Internacional*. Dirigida politicamente por anarquistas, de influência russa e proudhoniana, com os quais, desde então, Marx precisará polemizar em russo, sobre o modo de se comportarem no poder dos trabalhadores que tomassem de assalto a cidadela burguesa, destacando táticas e estratégias que mais tarde se escancararam ante os olhos ainda juvenis de *Yelena*, de volta ao solo pátrio.

O balanço que Marx fez daquela insurreição parisiense, através de cartas, publicadas no livro *a Guerra Civil na França*, será a base de outro clássico, escrito por Lenin, em 1917, *O Estado e a Revolução*, onde os temas de governo e de poder serão preparados para serem colocados em prática no desenrolar do regime soviético.(MARX, 2011; LENIN, 1979)

Voltando à Rússia dos anos 17, Helena Antipoff assiste, testemunha e vivencia uma revolução socialista aos moldes prognosticados por Marx em *O Capital* e realiza então, de alguma forma, um sonho dele. Isso não é pouco, pois a coloca um pouco à frente de todos aqueles que, independentemente de firmes convicções, aspiram ser revolucionários, sem sentir à flor da pele os encantos e os dramas de uma insurreição de sucesso. Mas como ser revolucionário, sem revolução e, ainda pior, numa revolução? Esses foram os problemas colocados aos russos, alemães e húngaros ao termo da primeira guerra na Europa, em cuja solução se envolveram os partidos, com sucessos e derrotas.(MARX, 1982)

Curiosamente, o mestre de Antipoff, o psiquiatra Édouard Claparède, do qual ela foi assistente em Genebra, era hostilizado como *bolchevique* pelos adversários de seu pacifismo no entreguerras. Era também crítico dos totalitarismos vigentes na Alemanha, na Itália e na URSS. Sua esposa, Hélène, era filha de um professor de filosofia ucraniano radicado na Alemanha, com autorização do czar. African Spir era estudioso de Kant e trouxe para a formação do jovem genebrino apaixonado por Hélène Spir, as preocupações morais e os interditos gnosiológicos do pensador de Königsberg. Já, Vigotsky, intercambiava, para a União Soviética, a educação funcional claparèdiana e os dois tinham em comum a preocupação inclusiva na educação, em particular a dos surdos. (RUCHAT, 2015)

Todas essas notações que saltam de livros, artigos e cartas, eram por certo motivação de longas conversas, debates e contestações, temas quentes para conversas e para encontros particulares, festas de aniversário, piqueniques e outras costumeiras ocasiões genebrinas de entretenimento e lazer coletivo. Estavam ali, no dia a dia dos piqueniques alpinos, para se

contraporem ou convergirem, como nos mostram em fotografias arquivadas, as figuras de Claparède, Piaget, Ferrière, Pierre Bovet e inúmeros alunos do Instituto Rousseau, que traziam de longínquos cantões do mundo novas questões e novas possibilidades de resposta e investigação. E falamos pouco da numerosa comunidade exilada russa habitante da Suíça.(RUCHAT, 2015)

Uma outra referência em filosofia, de passagem, é o conhecimento filosófico que Helena Antipoff tomou pessoalmente em aulas ministradas por Henri Bergson, aulas que de alguma forma se coadunavam com o ideário escolanovista a que ela se prendeu por toda vida. Precisaremos mais à frente, numa outra ocasião, assinalar alguns traços mais gerais que caracterizavam o pensador francês para eventuais cotejamentos com escritos e pormenores das cartas endereçadas ao filho. (CAMPOS, 2012)

Ideias de inspiração proudhonianas, criticadas por Marx, também emergem via carta ao filho, como quando avalia com ele a possibilidade de se tornar proprietária de uma casa para os dois morarem juntos, quando ele viesse para o Brasil. O romantismo do lar doce lar não resiste à aversão à propriedade privada dos meios de produção que marcaria, talvez, presença em seus princípios, como reminiscência romântica dos anos vermelhos ainda tão próximos no momento das cartas. (PROUDHON,2012;MARX,1976)

Alguns referenciais filosóficos para certa indiferença com as amarras dos laços familiares que transparecem na vida prática de Helena Antipoff foram perdendo e ganhando consistência ao remexer das cartas às centenas, mas talvez ajudem ainda a esclarecer nossas intenções quando, em uma versão primeira da pesquisa, apresentamos o que pretendíamos realçar dessa relação pouco explícita de Antipoff com Marx e com a filosofia em geral, em sua sutileza.

A dissolução da família, a partir do século XX, alcançou, em sua dramaticidade trágica, cifras impensadas por Marx e Engels quando redigiram, no *Manifesto Comunista*, uma defesa irônica contra a acusação de proporem o fim da família e a constituição da comunidade de mulheres. Assinalavam que, para o capital, não haveria muralhas da China: *tudo que era sólido se desmanchava no ar* - as comunidades idílicas, tradicionais, imemoriais. A família não passaria imune.(MARX/ENGELS, 1982)

A família burguesa – expressão que a jovem Antipoff ainda usaria em seus primeiros escritos – encarada como propriedade, trocava-se, como qualquer mercadoria, originando aquele suposto temor, de as mulheres serem *socializadas*. A família proletária, por sua vez, esfacelava-se na compra e venda, próxima e distante, da força de trabalho paterna e materna. Tudo se agravava com o aluguel das crianças, com a lida noturna para as mulheres nas minas de carvão e com a prostituição.(ANTIPOFF, 1992)

A Rússia pós-revolucionária promoverá a publicação de milhares de páginas inéditas de Marx e Engels, trazendo ao conhecimento geral manuscritos que se referiam à realidade em termos de filosofia, fazendo uso da dialética hegeliana de modo bastante peculiar, como embasamento de uma crítica da sociedade burguesa. Quando analisava resultados, nos indivíduos, da transição das conexões pré-capitalistas originárias para uma vida social mais complexa sob a batuta do capital, Marx chamava atenção para o despojamento de suas peculiaridades, num descolamento implosivo das comunidades primitivas. Os homens e mulheres sob o capitalismo não são mais servos, não pertencem a uma gleba, não são mais escravos, não pertencem a um senhor, não são mais indígenas ou quilombolas, não estão colados a um território e a uma tradição, não são mais ligados a um ofício, constituem agora o proletariado, um ser universal que só tem a força de trabalho de sua família fragmentada.

A situação de perda, de separação compulsória, em última análise, estaria ligada a uma necessidade social velada do processo histórico de criação dessas novas condições de vida, onde os indivíduos estariam mais conectados que antes, o que Marx chamou de *conexão estranhada*, coisificada na troca de mercadorias, um avesso da troca de talentos e da colaboração social numa comunidade humana superior.(MARX, 2011)

Guerras mundiais, revoluções e desastres ambientais, com seus milhões de mortos e feridos, ensejam um multiplicador macabro de duas, três, quatro, cinco vezes mais órfãos e abandonados espalhados pelo mundo. Somente a Rússia sacrificou, na segunda guerra, 25 milhões de pessoas. Não se trata simplesmente de uma profissão de fé, de uma questão de princípios, esse propalado fim da família.

As crianças e jovens fora dessa protocélula social constituem, em massa, uma realidade. No Brasil, cerca de 20% dos partos provêm de adolescentes menores de 15 anos e há um número exagerado de registros maternos unilaterais, alertam-nos, com preocupação, os setores de saúde pública. Mais que uma ideia, o fim da família, para uma porção considerável dos habitantes do planeta, é um fato.

Em meio a sua crítica da economia política, Marx, no livro I de *O Capital*(1867), dedica uma parte aos *livros azuis* dos inspetores de fábrica ingleses. Naquela época, por lei, toda fábrica era obrigada a manter uma escola com uma professora para as crianças que ali trabalhassem. Nessa pequena parte, ele discorre sobre a escola politécnica, sobre a qualidade da educação combinada com o trabalho, tão cara a Antipoff.(MARX. 1982)

Marx afirma, ante graves denúncias contidas nos relatórios ingleses, que o papel da escola era *proteger os filhos dos pais*. Nesse mesmo livro, ele fez questão de assinalar, de saída, não estar tratando de pessoas e indivíduos particulares, mas de suas condições sociais e históricas, afastando juízos e condenações moralistas, para fazer ciência social. Nesse clima clima filosófico - no sentido daquilo que se espalha como o ar que se respira, sem que se dê conta, ou não, de seu conteúdo, clima agitado desde o final do século XIX - acrescentou-se um princípio básico escolanovista: *a Escola Nova é um internato*, afirmava, em 1925, Ferrière, no segundo de seus *Trinta Pontos*. (MARX, 1982; DELPAL,2016)

Nos *Grundrisse*(1857-1858), publicados pela primeira vez na Rússia, em 1939, onde encontramos os esboços que fundamentaram *O Capital*, de 1867, Marx nos previne que, sob o capitalismo, nossa conexão com os demais nos aparece velada, num quadro de estranhamento social, material e espiritual. Uma relação coisificada que se realiza às avessas, um encontro – no mercado - para trocas de produtos e de talentos necessários a todos indivíduos, independentes e indiferentes entre si, porém em situação melhor que a desconexão. Ele nos previne ainda que as condições sociais de conexão dos indivíduos estão em criação e por isso sucederão a vida social tal qual ela agora se apresenta, a saber, fora do controle dos indivíduos.(MARX, 2011)

Nas sociedades anteriores, que o capitalismo esfacelara, os indivíduos singulares podiam-nos parecer mais completos. Isso originaria uma crítica romântica dos processos históricos implacáveis como, por exemplo, uma saudade dos *tempos de família unida*. Marx considera tão ridícula essa nostalgia quanto a convicção de que o esvaziamento presente da vida social seja seu ponto final, no qual estaríamos obrigados a permanecer.

Uma vida em sociedade superior, comunitária, sob controle de indivíduos universalmente desenvolvidos em todas suas capacidades e possibilidades, não seria um produto natural, mas, segundo ele, um produto histórico, produto de uma revolução socialista. Sob esse ponto de vista filosófico, estaríamos todos condenados a olhar para a frente, a apostar nossas fichas mais sublimes nos percalços históricos da criação de condições sociais de controle da vida. Uma sina comum que nivela lado a lado educadores e educandos, sejam eles, ou elas, vítimas de separações e perdas compulsórias, sejam pessoas que voluntariamente se descolam de seus vínculos consanguíneos e territoriais em direção a posicionamentos universalmente consideráveis, como fez Antipoff.

Como para os órfãos de guerra ou de uma revolução, não haveria por que olhar para trás, pouco haveria a se ver, a se recuperar e talvez haja menos sofrimento em se olhar para a frente, para onde todos, segundo Marx, estamos-nos dirigindo, ainda que sem o saber, na direção de uma sociedade antítese da vigente, sem a opressão de uma classe dominante.(MARX, 2011)

O problema seria esse? Helena Antipoff, em sua vida nos laboratórios de psicologia experimental soviéticos, serviu-se, de alguma forma, dessa, digamos, filosofia explicitada por Marx, talvez sem o saber? Ou sabendo? Como sabê-lo? Mas para quê?

Os apontamentos de Marx poderiam trazer fundamentos filosóficos fortalecedores da atuação para soluções que vão além do resgate da memória de comunidades atingidas por guerras, revoluções e desastres ambientais, apontando um norte comum a toda a humanidade? Evidentemente nosso projeto almejava encontrar respostas positivas a essas questões, que o embalavam à ação perquisitiva sobre as cartas Antipoff/Antipoff. Algumas pistas animadoras emergiam do ambiente de atuação de Helena Antipoff na primeira estada em Genebra, no *intermezzo* russo, na volta à Suíça e na vinda para o Brasil.



Longe de afirmar que ela teria em algum momento inclinações bolcheviques, como cunhavam os detratores de Claparède em função das posições pacifistas dele, interessa destacar a interação de sua ação em psicologia e em educação com os parâmetros explicitados desde Marx e dos bolcheviques, no mínimo por sua justaposição em Genebra e Petrogrado. Em que medida essa interação foi útil, ou poderia ter sido, é o que nos inquieta, já que tanto no plano pessoal como no plano profissional, ela alcançou reconhecível sucesso. Pelo que sabemos, também não foi em confrontação ou enfrentamento com essa versão filosófica que ela desenvolveu sua magistral atuação pedagógica.

Foi em Genebra, bem antes da chegada de Antipoff, que os exilados Lenin e Trotsky, em meio à densa comunidade russa, editaram o jornal *Iskra*, a Centelha, que era mandado em capas de enciclopédia para Petrogrado e Moscou. De lá também se corresponderam com Marx e Engels outros asilados, Plekhanov e Vera Zasulich, a respeito do caráter burguês ou proletário da revolução na Rússia. O vivo interesse de Marx pelas possibilidades de ruptura no elo mais fraco do capital o levou a estudar a língua cirílica, inclusive para traduzir para o inglês e polemizar com os escritos anarquistas de Bakunin. Foi da Suíça também, da Conferência de Zimmerwald em 1916, que veio o sopro de um pequeno grupo de bolcheviques, mencheviques e espartaquistas alemães, da *Internacional Socialista*, para transformarem em revolução a guerra entre a Rússia e a Alemanha. (TROTSKY, 1982)

Até que ponto ficaria a jovem Helena indiferente a toda essa movimentação, é uma suspeita intrigante. Sua viva admiração pelas equipes de Lazursky, embasando daí seus artigos científicos de contraposição à observação passiva usualmente feita em Genebra, oferece-nos pistas a serem consideradas. (ANTIPOFF, 1982; CAMPOS, 2012)

Os demais filósofos por Helena Antipoff apresentados a Daniel e os constantes em sua biblioteca pessoal, assinalados por Camila Jardim de Meira, deram o perfil livreiro de suas afinidades com a filosofia, como o livro de Simone de Beauvoir, *A Mulher Desiludida*, que andava por sua cabeceira. A publicação de um artigo na revista *Kriterion*, nos anos 1960, evidencia certa proximidade com os círculos kantianos da *Faculdade de Filosofia* da capital mineira. As referências feitas por Antipoff, em artigos, a Lazursky e a aplicação das propostas pedagógicas de Makarenko na *escola de Dieulefit*, por Marguerite Soubeyran, no mínimo, apontam um conhecimento e consequente diálogo com visões de psicologia da educação que buscavam inspirações - às vezes equívocas - em Marx, do qual encontramos um ou outro sinal em seus escritos, que assinalaremos. (MEIRA, 2022)

São esses alguns dos deveres de casa que deixamos por ventura de cumprir na redação final da pesquisa, por requererem mais que uma revirada *in loco* das correspondências e dos diários trancafiados por dois anos pela pandemia, nos arquivos do CDPHA, na *Fundação Helena Antipoff*, em Ibirité, e na *Biblioteca Central*, na UFMG. De propósito, colocamos os braços dados, mas não algemados, muito menos descolados. Como a água que depois de bebida desaparece em nosso corpo para reaparecer de forma multifária e cores contrastantes, os achados em filosofia penetraram em nosso cérebro por vias tortas e indiretas, permitindo àqueles que acabam por ser considerados filósofos, na atualidade, uma certa sistematização, uma certa apresentação, por mais das vezes didatizada em livros, artigos de revistas e de jornais ou em mesas de debate.

Mas as confrontação finais, decisivas, virão de flagrantes das viagens de retorno ao mundo abandonado nessas abstrações simplificadoras de dados, onde estão presentes condições de sua transformação, o que é, afinal, o grande interesse da maioria inconformada com o estado de coisas do presente.

## 7.1 Referências do capítulo

- ANTIPOFF, Daniel. *A terceira idade* in **Estado de Minas**. Belo Horizonte, 28/11/1997 p.7  
<https://www.facebook.com/106444028354649/photos/a.106451978353854/106579688341083/>
- ANTIPOFF, Helena. **Psicologia Experimental - Coletânea das Obras Escritas de Helena Antipoff**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1992. v. I
- ANTIPOFF, Helena. **Fundamentos da Educação - Coletânea das Obras Escritas de Helena Antipoff**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1992a. v. II
- ANISTIA INTERNACIONAL – **Relatório 2020/2021**  
<https://anistia.org.br/informe-anual/informe-anual-2020-o-estado-dos-direitos-humanos-no-mundo/>
- ANTUNES, Mitsuko. *Colonização, meio ambiente, educação e psicologia: o pensamento radical de Manoel Bomfim (1868-1932)* in **Coleção Encontros Anuais Helena Antipoff**. p.79-100  
 Belo Horizonte, FAE-CDPHA, 2017  
<https://cdpha.pro.br/wp-content/uploads/2020/10/Colecao-Antipoff-2017-Psic-educ-debate-ambiental.pdf>
- ANTUNES, Mitsuko. *Interpretação do Brasil em Manoel Bomfim: o processo de colonização da América Latina e a devastação ambiental* in **Boletim CDPHA 28** Ibrité, 2016 p.55-57  
<https://cdpha.pro.br/wp-content/uploads/2020/10/BOLETIM-31-MARCO-2016.pdf>
- BANDEIRA DE MELO, Carolina Silva. *Psicologia patológica versus misticismo: uma história da circulação de saberes entre a França e o Brasil na primeira metade do século XX*.  
 In **Boletim CDPHA 30**, p.122-123 [https://www.encontrohelenaantipoff.com.br/download/download?ID\\_DOWNLOAD=2](https://www.encontrohelenaantipoff.com.br/download/download?ID_DOWNLOAD=2)
- CAMPOS, Regina Helena de Freitas. **Helena Antipoff, psicóloga e educadora. Uma biografia intelectual**. Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes, 2012. 447p.
- CAMPOS, Regina Helena de Freitas. *The History of Psychology in Brazil*. **Oxford Research Encyclopedias**, 23 February 2021.
- CUNHA, Dayse Moreira. *Como pautar o futuro em meio ao caos* in **Caderno de Administração**, Maringá, UEM, v.28, junho 2020, p.100-104 <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/CadAdm/article/view/53768/751375150144>
- ENGELS, Friedrich. **A Origem do Estado, da Família e da Propriedade Privada**. S. Paulo: Boitempo, 2019. 196p.

FARNESE, Sérgio. *Antipoff e a Educação em Marx – Aproximações e distanciamentos* in

**Boletim do CDPHA 30**. Belo Horizonte, 2021, p. 138-139

[https://www.encontrohelenantipoff.com.br/download/download?ID\\_DOWNLOAD=2](https://www.encontrohelenantipoff.com.br/download/download?ID_DOWNLOAD=2)

FARNESE, Sérgio. *Bicentenário de Karl Marx* in **Estado de Minas**, 30/6/2010 Belo Horizonte p.7

<http://observadoressociais.blogspot.com/2010/06/bicentenario-de-karl-marx.html>

FARNESE, Sérgio. *Caiu o muro* in **Gazeta de São João del-Rei**, 12/12/2009 p.4

<https://www.facebook.com/112281787764051/photos/a.115074854151411/115075067484723>

FARNESE, Sérgio. *O que é socialismo* in **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 19/10/1996 p.7

<https://www.facebook.com/112281787764051/photos/a.112285867763643/122465066745723/>

FARNESE, Sérgio. *A Revolução Brasileira* in **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 19/10/2002 p.7

<https://www.facebook.com/108624668028521/photos/a.120174413540213/151414367082884/>

FARNESE, Sérgio. *Profissão filósofo*. In **Estado de Minas**, Belo Horizonte. p.7

FARNESE, Sérgio. *A Teoria do Valor no Livro I de O Capital* in **Kriterion**. Belo Horizonte:UFMG,

1990 p.206-207 <https://www.facebook.com/112281787764051/photos/a.112285867763643/112285821096981/>

HEINRICH, Michael. **Karl Marx e o nascimento da sociedade moderna(1818-1841)**.

São Paulo: Boitempo, 2018. 471p.

[https://www.youtube.com/watch?v=\\_sMLxSS-6h0](https://www.youtube.com/watch?v=_sMLxSS-6h0)

LENIN, Vladimir Ilitch Ulianov. **O Estado e a Revolução**. São Paulo: Hucitec, 1979. 153p.

LIMA VAZ, Henrique Cláudio. *Sobre as fontes filosóficas do pensamento de Karl Marx* in **Boletim**

**Sociedade de Estudos e Atividades Filosóficas – Marx**. Belo Horizonte: Fafich-UFMG, 1982

MEIRA, Camila Jardim de. **PEDAGOGIA ANTIPOFFIANA: vestígios documentais da**

**trajetória pessoal, profissional e acadêmica da educadora Helena Antipoff (1892-1974)**

**expressos em seus manuscritos**. Belo Horizonte: UFMG, 2022. 274p.

MARX, Karl. **Das Kapital – Kritik der politischen Ökonomie** Ester Band Buch I. Hamburg, 1867

Dritter Band Buch III London, 1894 tradução portuguesa São Paulo: Difel, 1982

MARX, Karl. **Grundrisse(1857-1858)**. São Paulo: Boitempo, 2011

MARX, Karl. **A Guerra Civil na França**. São Paulo: Boitempo, 2011 272p.

- MARX, Karl. **Misère de la philosophie -Réponse a la philosophie de la misère de M Proudhon – par Karl Marx** (Paris, 1847). Tradução portuguesa Lisboa: Escorpião, 1976
- MARX, Karl. **Manuscritos econômicos-filosóficos.**(1844) São Paulo: Boitempo, 2017. 176p.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Lutas de Classes na Rússia.** S. Paulo: Boitempo, 2013 168p.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã.** São Paulo: Boitempo, 2007. 616p.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto Comunista de 1848.** Petrópolis: Vozes, 1982
- MARXHAUSEN, Thomas. *História crítica das Obras completas de Marx e Engels(MEGA)* in **Crítica Marxista**, n.39, p.95-124, UNICAMP, Campinas, 2014.
- PROUDHON, Pierre-Joseph. **Sistema das Contradições Econômicas – Filosofia da Miséria.** S.Paulo: Ícone, 2012 2v
- REDE GLOBO – **G1-** Nobel da Paz 2021 Jornalista russo recebe o Nobel da Paz.  
<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/10/08/nobel-da-paz-2021-vai-para-maria-ressa-e-dmitry-muratov.ghtml>
- REPÓRTERES SEM FRONTEIRAS. Classificação Mundial da Liberdade de Imprensa 2021.  
Rússia e Brasil muito longe dos primeiros lugares. <https://rsf.org/pt/classificacao%20>
- RUCHAT, Martine. **Édouard Claparède. À quoi sert l'éducation?** Genebra: Édition Antipodes, 2015. 392p.
- SOUZA JUNIOR, Hormindo Pereira. *Karl Marx e o complexo da política: em busca da liberdade* reformulação de SOUZA JUNIOR/TRIGINELLI, Daniel Handan *Trabalho, Política e Emancipação Humana em Marx e Lukács* in **ETD -Educação Temática Digital**, Campinas, v.19 janeiro/março 2017, p.258-282
- TROTSKY, Leon. **História da Revolução Russa.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980. 3v
- TROTSKY, Leon. **Minha Vida.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. 487p.
- TROTSKY, Leon. **A Revolução Traída.** São Paulo: Global, 1980. 203p.
- TROTSKY, Leon. **Revolução e Contra-Revolução na Alemanha.** São Paulo: Ciências Humanas, 1979 Prefácio de Mário Pedrosa, 352 p.
- WILLIAMS, Bernard. **Ethics and the Limits of Philosophy.** London: Fontana/Colins, 1985 254p.  
[https://s3-us-west-2.amazonaws.com/tandfbis/rt-files/docs/SBU4+Humanities+and+Focal/Repcap+extracts/Philosophy+Shaped/9780415610148\\_extract.pdf](https://s3-us-west-2.amazonaws.com/tandfbis/rt-files/docs/SBU4+Humanities+and+Focal/Repcap+extracts/Philosophy+Shaped/9780415610148_extract.pdf)

8. Cartas  
entre  
dois continentes

Um turbilhão missivista transcontinental cruzou o Atlântico para chegar a hostes bem provincianas das Minas Gerais, ávidas de contemporaneidade. Empilha, junto a centenas de envelopes subscritos à mão e à máquina, o dia a dia de Helena e de Daniel Antipoff entre agosto de 1929 e novembro de 1938, superando um milhar de páginas subscritas e datilografadas. Um maremoto de sentimentos, dores e paixões subjacentes a um intento educativo pessoal e coletivo sobrepõe-se, para os deixarem falar sobre impressões e surpresas que marcaram, em seus espíritos, vicissitudes e consequências não calculadas pela racionalidade de decisões e de escolhas, tornadas vitalícias pelo destino. Nesse recorte, onde o papel de mãe educadora desvela um empenho repleto de doçura e dor, de certeza e dúvidas, de teorias e sentimentos, de ações e reflexões, de psicologia e de pedagogias, vislumbramos, ao longe, um guarda-chuva protetor e ao mesmo tempo questionador das filosofias em curso.

Adentramos, neste ponto, pela antessala de organização, de decifração, de tradução e de consequente publicação da correspondência completa entre os dois. Uma opção cartista estendida por toda vida, incluindo períodos de estada em diferentes cidades brasileiras. Ela na capital de Minas, Ele no interior, Ela no Rio de Janeiro, Ele ainda em Minas, Ela de volta e Ele no Estado de São Paulo.

Para efeito de nosso trabalho de exposição, recortamos uma amostra considerável das 720 cartas de mãe e filho estudadas, separada em três blocos temporais da vida de Daniel: os períodos de 1929-1934 (infância), 1935-1936 (adolescência) e 1937-1938 (juventude), conformados em quadros. Entre os comentários, colocamos algumas cartas dirigidas por Antipoff a seu marido Viktor, a Claparède e a sua mãe, Sofia, as quais nos ajudam a entender melhor as situações que ela criou para o filho, seus desdobramentos e consequências. Ao longo da apresentação desse traçado filípico, iremos observando os prazos que separam escrita, postagem e resposta, sempre que possível.

Em meio às emoções e aos sentimentos, primeiros traços que saltam de todas elas, realçamos as descrições que as personagens fazem de si mesmas, autorretratos que nos ajudaram a mostrar eventuais facetas, imaginárias ou não, construídas de si próprios. Não nos ocupamos em relativizar esse ou aquele detalhe, essa ou aquela omissão, mentira ou dissimulação que porventura apresentaram em seus textos. Fizemos dessas possíveis contraposições meros sinais de nossa ignorância ante certezas íntimas e confidenciais dos correspondentes.

Qual teria sido a validade de algum dos arcabouços filosóficos que nos pudessem ajudar quando nos debruçávamos sobre o emaranhado de cartas, que aguardava desde o século passado uma decifração previamente preparada? Foram quatro anos de estudos, reflexões e inferências que de alguma forma postergaram e adiaram nosso reencontro final com o arquivo postal dessas personagens tão zelosas a ponto de guardarem até os envelopes, que atestam, com seus selos e seus carimbos internacionais, a exatidão das cronologias e das referências, que ambiguidades da memória costumam distorcer. Teríamos tecido, todo esse tempo, lentes abstratas precisas, como tesouras afiadas para prurir recortes mais exatos, ou teríamos simplesmente armado traves para nossos olhos, inventando armadilhas para equívocos e tropeços de toda ordem, em nossa análise?

Todo cuidado é pouco quando nos voltamos sobre a vida dos outros, para o benefício da ciência, mesmo com o crédito de sua indulgência postal prévia. Se nos estivessem observando do além, quiçá não fosse justo sermos deles um tormento, recriando nessa continuidade elástica de situações experimentadas no passado, involuntariamente ou não, o inferno da vida, risco que nos aponta Sartre em sua peça *Entre Quatro Paredes*, que não deve ter passado despercebida de Antipoff - mãe - leitora que era de Simone de Beauvoir. Mas foi inevitável, nessa pós-leitura das cartas, proceder a uma ampliação quiçá considerável do conhecimento biográfico estabelecido para Helena Antipoff, até o momento, com revelações pertinentes e generosamente oferecidas pela psicóloga através da via postal de comunicação com a humanidade.



Ao longo de nossa redação final, fomos constatando os diferentes papéis das cartas de cada uma das personagens Antipoff em nossa pesquisa. O papel coadjuvante das cartas de Daniel foi-se erguendo na mesma medida em que os papéis das cartas de Helena foram tomando conta do centro de nossas atenções. Acontece que, nas cartas dela, o retorno e os efeitos sobre o filho destinatário já nos eram apresentados, comentados e abstraídos conforme sua vontade.

Ao que nos parece agora, as cartas de Daniel constituiriam tema e acervo para uma outra tese, seja por sua extensão centenária, seja por permitir um óculo de análise que subsidiaria até uma crítica às propostas pretensamente científicas afetivamente oferecidas por Helena para a educação à distância dele. Nossa colaboração para essa tarefa futura constitui-se de uma ordenação cronológica delas, a qual permitirá a formulação de um índice e de um quadro a serem ajuntados ao enquadramento aqui apresentado das cartas maternas, as quais incluem a versão de Helena Antipoff das manuscritas por Daniel. Pontualmente, consideramos algumas cartas dele em nossa apresentação e também a exposição delas, feita por ele mesmo, em seu livro autobiográfico.

Trocamos a cumplicidade de amigo de Daniel pela cumplicidade metodológica com a versão postal tecida dele, por Helena Antipoff. Lemos as cartas dele com o olhar dela, pois nos interessam, justamente, os pontos que a ela interessaram, as respostas que deu aos apelos, às questões do filho, os comentários que proferiu ao longo de todas essas centenas de contatos semanais. Sabemos que os pontos cegos, aquilo com que ela não se importou, ou relevou, podem interessar a um outro tipo de estudo, crítico desse empreendimento educativo singular. Mas para nós, aqui, a versão e a importância que Helena dava a conteúdos presentes nas missivas do menino, tornado rapaz ao longo do trajeto pedagógico, é o que nos cabe apresentar nessa suma, como os presentes, por exemplo, neste parágrafo de março de 1938,

Para falar de outra coisa: eu reli tua última carta onde tu me falas outra vez de teus “brancos”. Se compreendi bem, (de outra forma, tu és quem define) teu problema é que teu pensamento fica atrás de sua expressão verbal(oral ou mesmo por escrito), tua caneta marcha mais rápido...

[Pour parler d'autre chose,: je relis tá dernière lettre où tu me parles de nouveau de tes “blancs”. Si j'ai bien compris,(d'ailleurs, tu les définis toi-même) - tes troubles proviennent de ce que ta pensée retarde sur l'expression verbale(orale ou même par écrit) – Ta plume marche plus vite...]  
(ANTIPOFF para Daniel, 20/3/1938, p.1)

## 8.1 Abrindo um jogo de cartas

A literatura das correspondências e dos diários provoca o interesse de estudiosos e de seus leitores porque reflete, por assim dizer, o lado B de pessoas cuja vida é em si um significativo, uma espécie de exemplo a ser seguido, ou não, pelos remanescentes. Cartas e diários vêm à luz, em geral, após a morte dos remetentes e dos destinatários, sendo colocados à disposição de um público amplo pelas mãos de alguém cujas pesquisas tornam especialista nas personalidades em foco, em geral biografadas por essa mesma pessoa que deve, pelos menos, ser consultada como biógrafa, sendo necessária para ajudar esclarecer cada ponto cego ou equívoco, *n* vezes mais uma.

No nosso caso, essa perquirição conta com inumeráveis privilégios. Primeiro, o de ter na orientação uma professora de universidade pública federal que dedica grande parte de sua vida intelectual e pessoal ao estudo de Helena Antipoff, como também, na coorientação, onde encontramos outra professora de universidade estadual mineira que passa inúmeras horas das semanas de seus meses estudando os preciosos arquivos do *Museu Antipoff*, organizados por Daniel, em Ibirité, Minas Gerais. Some-se a eles o fato de, junto delas, o Autor fazer parte da diretoria do CDPHA, *Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff* – instituição zeladora dessas fontes primárias – há exatamente trinta anos.

Ainda, na galeria dos privilégios exclusivos, a longa convivência de trabalho e amizade do Autor com o pequeno Daniel descrito nessas mal traçadas linhas – bem mais velho - convivência às vezes quase diária nos momentos de atividade intensa e de lazer caseiro, o que nos obriga a confessar e a lamentar o pouco que foi aproveitado - desses momentos ombro a ombro, daquelas conversas à mesa e nas viagens à Ibirité, com Daniel e Otília - para essa pesquisa, pois nesses tempos de proximidade nos preocupávamos mais em vivê-los e não em descrevê-los ou registrá-los, tantas eram as tarefas, as ambições e as emoções a nos arrastarem dia a dia, como por exemplo, a preservação do patrimônio iconográfico de Ibirité, ameaçado por diferentes insetos da

fauna, dos mais simples aos mais complexos. Podemos dizer que, sem a ação de Daniel, perseverante, pertinaz e eficaz, esses documentos de valor histórico e financeiro (imaginemos o preço, num leilão europeu, de uma carta pessoal e intimista de Piaget) teriam sido consumidos pela crítica roedora dos ratos, como diziam Marx e Engels a respeito dos rascunhos abandonados da *Ideologia Alemã*, e pelas arbitrárias desocupações de estantes e salas promovidas por seres humanos investidos de poder que, às vezes, comportam-se pior que os ratos e as traças.

Nessa batalha quixotesca empreendida por muitas pessoas que se envolvem na arte memorial, abençoadas pela musa grega Mnemosine e seus acólitos no panteão ateniense, como Museu, teve o Autor a honra e a alegria de estar presente, em testemunho dos últimos treze anos de vida de Daniel, em alguns momentos de tensão importunados por ameaças imaginárias de fogueiras, despejos e outras quinquilharias administrativas que rondavam, como fantasmas políticos, na calada da noite, a Fundação Helena Antipoff e seu acervo de papel, de pano, de couro, de tijolos e de cimento que contou, na diluição de sua massa concreta, por certo, com a gratuidade úmida de gotículas instiladas dos poros e dos olhos dessas duas personagens aqui em questão cartista. Em virtude disso e de outros bons momentos, que não podiam se furtarem de serem fruídos em si mesmos, perguntas simples, que podiam ser respondidas em um átimo de segundos, por um sim, ou por um não, tornaram-se objeto de prolongadas horas de pesquisa e reflexão. Na época, não éramos pesquisador e pesquisado, em sua dialética por vezes vampiresca, éramos apenas bons amigos. Essa é a lei da vida, ao que parece.

Mas o que diferenciaria, as cartas de Helena e Daniel, das cartas de uma Joana de tal por causa de um tal João, como diria Chico Buarque? Ou o que é que a baiana tem, como cantava Dorival Caymmi? Podemos dizer que, delas, salta vida, como as de Joana e João, vida com a qual podemos nos banhar, como que agraciados por uma lavanda que nos purifica, nos inspira e nos atira de volta ao mundo, ao dia a dia, com aquela força que elas emanam, éter animador de quem quiser se perfilar ante os enfrentamentos, cada vez maiores, contra - numa imprecisa palavra - a injustiça.

Fazem falta, no mundo, pessoas dispostas a isso, como Daniel e Helena, e preciosas Joanas e dedicados Joões, preocupados em gastarem sua única e curta passagem, no máximo centenária, pela carga horária vital deste mundo - passagem banalizada, geralmente, pelos egoísmos da vida particular e familiar – dedicadas a solucionar problemas resumidos naquela palavra um tanto quanto imprecisa – desde Platão – alcunhada de injustiça. Injustiça gera indignação e indignação, nem sempre, gera ação. Mas quando gera, empurra pessoas especiais como esses Antipoff aqui questionados, ou anônimas como qualquer Joana e qualquer João, para patamares elevados do humano, a anos luz do espetáculo dos ratos, traças e baratas.(PLATÃO,2020)

Sorver, no cálice da intimidade das cartas Antipoff/Antipoff, como no copo do *Diário de Bitita*, de Carolina Maria de Jesus, a vida, no que tem de excelsa, de superior, de *magistra*, em sua energia maior, néctar de perseverança e de fé na bondade rousseauniana dos homens, como num exame de suficiência para contra-atacar a peça imprecisa que essa mesma vida nos prega – as injustiças - é a razão dessas cartas na mesa, deixadas matreiramente pelos autores, para nos atraírem e nos pegarem na esquina da vida, lançando-nos em sua rede, uma teia que nos devolve ao universo cronometrado com a grandeza de nossos ancestrais mais primitivos, pré-históricos, que gravaram em cavernas e paredões de granito mensagens cifradas, mensagens de que há algo mais entre o céu e a terra com que deve sonhar nossa vã filosofia.(JESUS, 2014; ANTIPOFF, 1974)

Quando parávamos para escrever cartas, ou lê-las, vivíamos experiências bem diferentes das atuais leituras eletrônicas - elas intensificam os alertas da vida produtiva – pois desligávamos de tudo em volta, quando muito deixando ao fundo uma música leve para aumentar o prazer e a fruição de se estar em conexão virtual, ainda irreal, quase telepática, com alguém que nos importava, ou não, de alguma forma. Para amigos e amores, quiçá a clarineta de um Mozart. Para canetar os desafetos, um Beethoven, ao fundo, poderia apimentar emoções agressivas volta e meia necessárias também, desde que carregadas com a sensatez e a prudência dos homens e mulheres sábias.

As melodias postais implicavam numa pausa, mais que necessária, para o silenciar da palavra, como na pauta de um concerto ou de uma sonata. Silenciada a vida por alguns preciosos instantes, entrava em cena, a carta, como um momento especial, único, tanto nas horas de sua escrita como nos minutos de sua leitura. Uma espécie de *epoché* grega ou romana, de Epicuro ou Lucrécio, suspendia qualquer pensamento, para entrarmos em contato interestelar com o remetente ou com quem se destinassem.

É incrível o quanto é desumano, ou humano, constatar que já faça uma geração que as últimas pessoas escreveram, ou receberam, cartas. As novas gerações estão, é certo, muito conectadas, vinte e quatro horas mesmo, por meio da interatividade de mensagens quase simultâneas, pouco pensadas, pouco elaboradas e ironicamente curtidas ou canceladas com a mesma pressa com que foram digitadas. Aquele prazer ou desatino de abrir ou vedar os envelopes postais, que mencionamos, vê-se, nos dias que correm, substituído por incômodos pontuais que pontuam mesmo o dia a dia, fracionando à infinitésima parte, em átimos, as sensações cartistas de outrora, abandonadas por quase todos nós, varridas do cotidiano como um monturo - exclusivamente memorial - das pessoas mortas.

Quando foi que alguém escreveu, ou recebeu, a última carta? Os correios se transformaram em serviços de bancos e do comércio online, sendo que, no Brasil, seu sucateamento os fazem despencar do topo das instituições mais confiáveis entre a população, tornando-se exclusivamente entregadores dos quase sempre desagradáveis boletos de cobrança e de multas, além de trazerem pacotes provindos de nossas mais fortes tendências consumistas. Enfim, daquele *break* da vida, que uma carta propiciava, ou ensejava, só se tem notícia pela literatura de romance e de tese - como essa que quase ninguém vai ler - antiga parada obrigatória, desaparecida, deixada fora de cena com os selos, os envelopes aéreos, os blocos de carta, ilustres desconhecidos de 99,99% das pessoas jovens, como se a seus cérebros se sonegassem alguns dos bem preciosos bilhões de neurônios, colocando em seu lugar algumas centenas.

A chamada *cultura do cancelamento* é uma outra evidência de que, àquelas mensagens recebidas - que talvez nos importassem porque calavam fundo em alguma parte de nós mesmos - não nos dignaremos mais responder, ou se respondermos, o faremos junto do ato arbitrário de ignorar, doravante, o interlocutor, em que pese manter sua sombra dentro de nós, como uma espinha de peixe atravessada na garganta, como signo indesejado que sinaliza nossas contradições e nossos contrapontos. No cipoal confuso de mensagens instantâneas, cheias de escritos que não gostaríamos de ler, ou escrever, onde se diz o que não se quer dizer e se ouve o que não se quer ouvir, muitas vezes acabamos por perder amigos, por perder amores e por granjear desafetos de toda ordem, por causa de um *click*.

Aquela pausa, que ia da escrita até a inevitável ida aos correios do dia seguinte, fornecia o tempo suficiente, como as uvas maceradas para o vinho, de se arrepender de alguma frase, pelo resfriamento de ânimos e de paixões que uma escrita a quente faz carregar as tintas imediatistas.

Por sua vez, as releituras, repetitivas ao infinito, dos prazeres e dos desprazeres, recebidos e enviados, permitiam a reparação de certas incompreensões, de certas impressões apressadas e mesmo a diluição de rancores provocados pelo missivista, que davam lugar a certa prudência e cautela, educada e elegante, que o descanso das cabeças ao travesseiro, sob sono profundo, quem sabe até com os sonhos tão caros a Freud, traria, em ajuda inconsciente, soluções para certos impulsos animais da vida mental que de modo oportuno motivaram, com certeza, o fato de inúmeras cartas jamais terem sido mandadas e, portanto, jamais lidas, rara felicidade para os humores, para os rancores, do amor e da amizade. Apagadas hoje, automaticamente, em prazo definido pelo recebedor, nem sempre se apagam seus conteúdos dos receptáculos que a mente reserva aos oráculos de Apolo Lício e Fama, tornados cibernéticos pela nuvens da parafernália eletrônica, mas nem por isso menos enraizados nas camadas secretas de nossos corações.

Hoje, mais do que nunca, se ainda existe aquele que só vive pra pensar, existe aquele que não pensa para escrever. Curiosamente, esses *clicks clicks* a cada instante começam a contaminar as conversas pessoais entre diferentes personagens, falando como podem o que não se deveria falar e ouvindo, ao vivo, muita coisa que não se deveria ouvir. E as consequências se tornam indesejáveis para todos os polos, consequências que nos tornam rinocerontes incomunicáveis, mônadas, como dizia Paulo Freire, de cautela prévia para um diálogo franco, colocando-nos bem longe da máxima de Plutarco para os amigos que, ao contrário dos amantes e bajuladores, seriam aqueles que nos dizem, não o que gostaríamos de ouvir, mas o que precisamos escutar.(PLUTARCO, 2014)

Marx, por exemplo, para responder em russo, afirmativamente a uma carta de Vera Zasulich - sobre a possibilidade de uma revolução proletária ou burguesa na Rússia comunal - rascunhou-a quatro vezes, resumindo e cortando reflexões que mais tarde tornar-se-iam proféticas, por sorte arquivadas, as quais jamais foram enviadas, tornando-se apenas parte de seu imenso arquivo de dez mil páginas. Para o bem da história. Imaginemos se, naqueles idos do século XIX, a tecnologia virtual imperasse com seus *clicks* em segundos, como os irreversíveis sinais de fumaça dos povos originários da América? Uma curiosa coletânea de cartas não enviadas dar-nos-ia uma medida boa da sensatez praticada naqueles séculos de mensageiros precavidos contra si mesmos, tempos de sabedoria.(MARX, 2013)

Não percamos de vista, entretanto, que nos interessa vislumbrar, aqui, nos percalços afetivos e psicológicos dessa diáspora postal dos Antipoff, eventuais invectivas pedagógicas relevantes, que iluminem o dia a dia educacional de quem se envolve com crianças e jovens submetidos compulsoriamente, ou não, à ausência dos pais. No fluir das próximas linhas, iremos acompanhando, paralelamente, as estatísticas desastrosas do genocídio mundial que significa ainda a COVID-19. Impulsionada pela irresponsabilidade pendular de governantes negacionistas, essa pandemia veio inflando com um milhão e meio de órfãos as estatísticas que apontam mais de quatro milhões de óbitos até a última letra deste texto, seiscentos mil no Brasil, com cento e cinquenta mil menores que perderam quem os cuidava. (REDE GLOBO, 2021)

As intermináveis guerras contra populações árabes e eslavas promovidas pelos EUA, pela Inglaterra, pela França e pela Rússia, as ditaduras que se revezam na geopolítica do globo, avançam de modo implacável sobre a infância, achacada nos acampamentos de refugiados, nos bombardeios sobre populações civis e outras atrocidades, como os crimes ambientais brasileiros. A orfandade em vida dos pais, proporcionada pelo encarceramento da população mundial que só no Brasil aparta das crianças um milhão de pessoas, sendo 70 mil do sexo feminino, mães, pais, avós, tios, amigos, cuidadores naturais da infância “abandonada” involuntariamente, revela-nos uma outra face perversa do tacão dos paladinos da ordem sobre a vulnerabilidade infantil.

Infelizmente - vamos constatando ao longo desta pesquisa - aquele público-alvo, beneficiário de nossa perquirição, só se amplia e não vê no horizonte próximo nenhuma expectativa que não seja a de solidariedade e de acolhimento em sua indigência social e psíquica, desiderato primeiro da jovem Helena Antipoff do tempo das cartas para Daniel. O endereço certo daquela ação propositiva ensaiada carta a carta era o dos estabelecimentos prisionais para jovens em cujo esteio Helena pretendia abrigar o humanismo pedagógico erigido com seu filho ao longo desses dez anos de diálogo postal. Ela já estava contaminada por aquele rastreio do fascínio que a inteligência presente nas prisioneiras e prisioneiros do sistema capitalista – injusto de *per si* – provoca nos que se sentem prisioneiros aqui do lado de fora, tendo como carcereiros padres, pastores, patrões, pais de santo, policiais militares, políticos, professores, psiquiatras e tantos outros pés que engessam como podem a via alheia.

Desastres ambientais e guerras fazem, desse modo, sombra sobre iniciativas antifamília - plenamente voluntárias - como a de Helena, nem por isso menos repletas de contornos impensados e de desvios de destinação e de história, que multiplicariam por quatro uma separação inicialmente prevista para dois anos. Salta evidente o quanto os dois não tinham controle sobre o desenrolar de suas metas e de seus projetos, tanto particulares quanto coletivos, marcados por fortes doses de acasos e de inauditas perspectivas históricas em seu aparente curso controlado.



No frígir final das possibilidades, no balanço final dessa diáspora voluntária, o que teria ganho Daniel com essa separação educativa, tão dolorosa para sua mãe? O que teria perdido? O que mitigou sua solidão, seu abandono, que lembra tanto o abandono da filosofia preconizado por Marx e Engels, na *Ideologia Alemã*, para aspirarmos a uma nova visão de mundo? E afinal, o que podemos aproveitar dessa firmeza empenhada até o fim, dos mitigadores de sofrimentos, das vantagens de felicidades e de contentamentos experimentados de modo quase único? Qual a virtude das empreitadas que se imiscuíram nessa mundialização da vida de nossas personagens tornadas apátridas politicamente, e universais, filosoficamente?

Para qualquer *pedagogia da correspondência*, os momentos inaugurais dessa singela solução cartista de Helena Antipoff e da escola de Beauvallon destinada a filhos apartados de seus pais *provisoriamente* são de grande importância para observarmos como o garoto e a educadora se enquadraram nesse regime semanal de cartas. Solitários, um em Beauvallon, outra em Belo Horizonte, vão empreender, a partir de uma atividade pedagógica rotineira para todos os matriculados lá, uma ação recíproca que mediará soluções, acertos e erros, idas e vindas.

Apresentemos, sem mais, aos interessados, ou a interessar, a temporada de chuva de cartas, que molhou com lágrimas e sorrisos, a América e a Europa, por nove anos, ou mais agora do que nunca.

## 8.2 O Primeiro Bloco – 1929-1934(cartas da infância de Daniel)

Dessas primeiras centenas de cartas de Helena, saltam sentimentos fortes - a dor da separação, solidão, depressão e a consideração da hipótese de desistir de tudo e retornar à Europa, ao encontro de seu filho e de seu mestre. Nelas também encontramos os relatos das visitas feitas por eles ao Brasil, dos passeios, das atividades e da alegria do reencontro que fortalece e firma a decisão tomada em 1929, para o cumprimento do contrato assinado, renovado para toda a vida subsequente. Essa angústia marca ainda os momentos de indecisão por parte do governo mineiro quanto à continuidade de seu trabalho entre nós, a dificuldade de conseguir um passaporte para visitar o filho por uma vez e voltará aparecer quando da preparação da vinda definitiva dele para Minas, em fuga dos perigos que uma nova guerra na Europa traria.

Nelas, encontramos descrições pitorescas do Brasil, de sua gente, da paisagem urbana e natural, com envio de folhas de plantas típicas da região tropical, fotos e outros recursos que compartilham com o garoto as impressões de sua chegada e de sua progressiva adaptação. De volta, o pequeno Daniel, ainda entrando, ao modo infantil, no regime de cartas semanais da *Escola de Beauvallon*, manda desenhos, notícias da família fragmentada e vai aos poucos aprimorando a caligrafia e a extensão de seus escritos iniciais. São o começo de uma longa viagem, em barcos, de papel em alto mar.

Antecipam também, e depois comentam, a alegria da primeira carta recebida, do filho e do mestre, quebrando o vácuo de solidão em terra estranha a que Antipoff se fez submeter, cuja motivação mais secreta, de tamanha privação autoconsentida, nem as cartas revelam. Trazem também, e depois comentam, a alegria maior de recebê-los aqui em Minas Gerais, quase um ano depois de sua chegada. E descrevem os sentimentos, um para o outro, para a outra, dum triângulo cartista às vezes rompido com a intimidade das cartas à mãe e ao marido.

# Cartas de Helena Antipoff a Daniel (1929 -1934)

d – datilografada

<b>Nº</b>	<b>data local</b>	<b>sentimentos</b>	<b>filosofia psicologia pedagogia literatura música política</b>	<b>Outros</b>
1	? perdida	Daniel nada fala sobre o que sente.		Chegada de Daniel a Beuvallon.
2 d	BH 29/8/29	<i>Mon cher petit homme bien aimé</i> Helena triste, sem ninguém, sem livros.	Brasileiros: tudo vai devagar, sua palavra é depois, amanhã. Alunos chegam na escola, ajoelham diante do crucifixo. Uma criança coloca o pé direito e o irmão o esquerdo do sapato. Escola com piscina que está lá até hoje	Cartas de Viktor, da mãe e de Tania. <b>Briga de Viktor com Sofia. As domésticas da pensão são negras, muito negras.</b> “Eu tenho mais de 50 alunas, elas são todas charmosas”.
3	25/1/30 Santa Terezinha	No RJ, passou uma semana sem escrever. Em Santa Terezinha, é muito bem tratada.	Vizinhos dali uma família negra, 9 filhos, muito gentis, alegres, moram no rancho, sem cadeiras e camas para todos.	Visita a uma carvoaria.
4	15/02/30	Reclama da irregularidade das cartas.	Trabalho no laboratório e no Museu da Criança. Reencontro com a terra no sítio.	Descreve a rotina. <b>Brasileiros alegres, conversadores.</b>
5d	1 e 3/3/30	Daniel escreve cartas curtas, muito ocupado talvez. Alunas da Escola de Aperfeiçoamento escrevem para Daniel, mandam selos, folhas.	Levou emprestado o piano da Escola nas férias. Na volta às aulas comprou um violão, 50 mil réis; fará um duo com Daniel ao violino, quando ele vier.	Mandarará os selos de volta para Daniel, por meio de madame Artus ou dos correios.
6d	1 e 2/4/30	Daniel fala de seus coelhinhos. Primeira festa de aniversário sem ela. Daniel terá férias no Brasil.	Júlio Verne. Histórias dos indígenas das Américas, Daniel brinca disso. <b>Eleições acirram ânimos. Temeu que ele levasse uma bala no nariz, já tem um dente quebrado.</b> Fala de Clémenceau, falecido em 1929.	Nomes brasileiros para os filhos: América do Sul, Ponto, Vírgula, Chá e nomes em inglês. <b>Relembra a Daniel brincando na neve, aos 5 anos, na Rússia.</b>
7d	06/04/30 BH 5	Monotonia dos dias.	Recorte de jornal da festa de aniversário. Pergunta como passou seu niver com os amigos.	Nomes curiosos; codinome Daniel indígena. <b>Eleições presidente da república – tiroteio.</b>
8d	13/05/30	Sem notícias, espera não ter sido esquecida.	Abolição da escravatura. <b>Papel dos negros na sociedade brasileira. Compara o tratamento deles nos EUA e aqui.</b>	Os cavalos de Santa Terezinha.
9 d	2/11/30	Primeira carta recebida, depois da partida de Daniel. <b>Uma vocação política nele.</b>	Descreve o golpe de 1930 que depõe Arthur Bernardes e reverte o resultado das urnas.	Notícia dos cavalos que Daniel montou nas férias.
10	26/12/30	<b>Última carta recebeu em de 3/11. Festas de Natal.</b> Um questionário(violino, estudos). Tristeza nas férias, cidade vazia.	Getúlio Vargas se prepara para visitar BH.	Daniel brincando de combate de índios a fazia lembrar da guerra russo-japonesa, quando era criança.
11 d	05/01/31	Daniel fará 12 anos, belos anos de preparação para a vida. Exemplo do bisavô materno que refletia toda noite sobre o dia vivido.		Claparède e ela quase são eletrocutados por um fio solto na rua. <b>Estão no “Veranico”.</b>
12 d	03/03/31	Poderá acompanhar Daniel ao violino, com seu violão. Tristeza de estar longe, reza para ele vir a ser um homem bom.	Tocou piano nas férias, comprou um violão. <b>Júlio Prestes e Bernardes exilados.</b> Espera que Daniel faça um dia alguma coisa de bom pela Rússia.	Viktor, o pai de Daniel, doente.
13 d	29/03/31		Fala do aniversário dele e dela.	
14 d	26/04/31	A 9000 milhas de distância, está feliz de sabê-lo junto do pai.	Ressalta o interesse de Daniel pela política, não crê haver revolução. <b>Que ele seja gentil, escreva a amigas conhecidas aqui.</b> Exames do liceu. <b>A amiga com 6 filhos, um Daniel.</b>	Daniel está junto do pai em Beauvallon. <b>Passeata fascista com 15 mil e Francisco Campos é um dos chefes.</b>
15	21/10/32 Rua Inconfidentes 776	Desculpas por <i>abandoná-lo</i> por estes tempos, muito trabalho, promete escrever mais. <b>As irmãs estão tratando o destino de moradia da avó, calor do Brasil é constante “SAUDADES”.</b>	<b>Vai enviar o jornal ilustrado “A Noite” todas as semanas.</b> Jovens “escoteiras” se alistam como aspirantes (entre 12 e 15 anos).	<b>Viagem de Daniel à Alemanha para ver o pai.</b> A Revolução de 32 prossegue há dois meses - “pobre Brasil”. <b>A irmã, Tania, irá a Dieulefit, para visitar Daniel</b>

## Quadro 1

### 8.3 A carta 001 e a carta 002 – os abandonados

Platão escreveu alguns apontamentos clássicos de filosofia antiga no formato de Cartas, que entraram, numeradas, para a história da filosofia, das quais, a VII, é a mais estudada. Nossa numeração dá destaque à primeira recebida, por Helena Antipoff, do filho, que parece ser a inaugural, ainda do mês de agosto de 1929, há dias de sua chegada ao Brasil .

Essa carta, a que não tivemos acesso, chamaremos de 001. Ela se encontra ausente do acervo do CDPHA e não apareceu entre os despojos pessoais de Daniel, após seu falecimento em 2005. Mas dela temos, como num espelho, a narração indireta, que se instila da resposta amorosa de sua mãe, em pleno caloroso afeto de seus 37 anos.

Escrita certamente pelo pequeno Daniel, aos dez, em data bem próxima à partida de Antipoff, no dia primeiro de agosto, esta carta deve ter contado com intervenção adulta, do pai ou da avó e das tias. Ela não é mencionada na autobiografia dele. Daniel só faz referência à resposta recebida, em seus escritos do crepúsculo do século passado. Ao final do capítulo, apresentamos a tradução que elaboramos e reproduzimos na íntegra sua imagem em francês.

Passados os 14 dias interatlânticos que separavam o Brasil da França, Paris de Belo Horizonte, polos cardiais dessa franquia movida a canetas tinteiro e papéis especiais, apreciamos, no dialeto coloquial de francofonia suíça, certa beleza poética das primeiras frases dessa nossa viagem de ida e volta aos corações antipoffianos,

Mon cher petit homme bien aimé,  
Aujord'hui c'est une grande fête pour moi.  
Tu le devines pourquoi?  
J'ai reçu aujourd'hui une bonne et longue lettre de toi.  
Merci, mon cheri...

(ANTIPOFF a Daniel, 29 de agosto de 1929, p.1)

Para o Daniel, de quase setenta anos depois, a primeira carta, que então seria a nossa 001, teria sido escrita em meados de setembro, conforme se recorda no livro autobiográfico *Entre dois Continentes*, de 1997. Entretanto, como vimos, a 002, escrita em agosto, responde a uma carta dele. Talvez ela, a primeira efetiva, tenha sido escrita a quatro mãos com as pessoas próximas dele. Agasalhando-se num pseudônimo - Sérgio Valeff - sob o qual sentir-se-ia melhor para escrever as suas memórias, Daniel nos conta como chegou a suas mãos a carta 002,

No dia 15 de setembro de 1929, Sérgio recebe a primeira carta de sua mãe, vinda do Brasil. Mesmo sendo uma carta aérea, leva pelo menos 15 dias para atravessar o Atlântico, de navio, já que não existe um serviço aéreo regular.

(D. ANTIPOFF, 1997, p.33)

Aberto o jogo carteadado, a correspondência sai da Rua Cláudio Manoel, 981, de um prédio que se encontra ainda conservado pelo patrimônio histórico de Belo Horizonte e pertence ao jornal *O Tempo*. É endereçada à *Escola de Beauvallon*, que hoje ainda existe, onde Helena julgava que Daniel já se encontrasse, levado de Paris pelo pai. As primeiras palavras e as últimas explicitam o sentimento de tristeza de mãe, cortada na carne pelo *abandono* do pequeno filho - ela mesma, uma abandonada - sem ninguém para conversar, sem ouvir palavras compreensíveis, jogada num limbo existencial angustiante. A sensação inaugural é de estar numa prisão. E só com alguns de seus preciosos livros,

J'étais si triste tous ces jours avant, toute seule parmi tous ces changers,  
dans une chambre comme dans une prison, sans famille, sans amis,  
rien q'avec quelques livres.

(ANTIPOFF a Daniel, 29 de agosto de 1929, p.1)

E, submetida a certa tristeza, ela encerrava esta carta primeira em um lamento

Tua velha mamãe, bem triste longe de ti

(ANTIPOFF a Daniel, 29 de agosto de 1929, p.2)

Entre esses extremos de tristeza, porém, Helena destila com destreza suas observações primeiras sobre o povo brasileiro, apresentando a Daniel situações curiosas que nos dão um quadro telegráfico das Minas Gerais da época, em recortes sociais variados. Repara, repleta de espanto europeu nos trópicos, as criadas da pensão. São muito negras, seus olhares lhe dão a impressão de portarem máscaras no rosto e luvas nas mãos.

Elas têm o rosto tão estranho que eu penso que elas portam,  
sobre ele, máscaras, e luvas pretas, nas mãos.

(ANTIPOFF a Daniel, 29 de agosto de 1929, p.2)

Essa impressão marcante, impactante mesmo, da cultura afro-brasileira, talvez remanescente do convívio com suas aias ucranianas, plenas de histórias e cantigas rurais, fantásticas, cantadas em versos proibidos dentro de casa, vai-se ampliar com sua chegada ao entorno da cidade de Ibitité, onde encontraria um grupo de congadeiros, com suas danças, gungas e músicas em louvor do reinado de Maria, mãe de Jesus de Nazaré, que preencheram para sempre seu coração e seu cérebro de observadora atenta, seduzida e apaixonada a ponto de coroar a síntese gráfica da geografia moral de sua obra como *Fazenda do Rosário - o Rosário* - para iniciados, renome mundial de um trabalho psicopedagógico referência para estudiosos da excepcionalidade mental de infra e de bem-dotados intelectualmente. Para europeus, parece mesmo ser complicado explicitarem estranhamentos admirados para a compleição física de descendentes de outras etnias. Certa vez, depois de ler no jornal um artigo sobre o sorriso das mulheres negras, onde essa expressão era reiterada diversas vezes, Daniel observaria haver lido um texto meu sobre as *mulatas*.(FARNESE, 1998)

Por outro lado, as professoras, alunas da *Escola de Aperfeiçoamento*, causam impressões sem espanto, com aquela aparência trivial de moças da classe média urbana e das fazendas do interior mineiro, sendo até apontadas para Daniel como possíveis namoradas dele num futuro longínquo, o que acabou acontecendo, quando ele aqui aporta em definitivo, desposando Otilia Braga, uma professora do interior de Minas, da cidade de Visconde de Rio Branco. As professoras que participavam de suas aulas em francês passaram, da seguinte maneira, sua primeira expressão visual à educadora provinda de Genebra,

Eu tenho mais de 50 alunas, elas são todas charmosas, encantadoras, muito bonitas como as bonecas e também inteligentes. Se estivesse aqui, seria, sem dúvida, logo de início, namorado de uma delas, como Oleg, que decidiu casar com uma brasileira.

(ANTIPOFF a Daniel, 29 de agosto de 1929, p.2)

Já as crianças, também causariam impressões dignas de serem mencionadas na primeira carta. A criatividade da gente empobrecida, que naquela década de 1929 já procurava a escola pública, recebeu divertida descrição pitoresca, para encantar o olhar imaginativo do filho. Disse ela,

Outro dia, visitei uma escola pública para crianças. Os meninos e as meninas aprendem juntos. Eles têm todos uniformes bem bonitos: os meninos, uma calça azul-marinho e uma camisa branca, as garotas, uma pequena saia azul, uma blusa branca e nos cabelos elas portam enormes laços brancos, amarelos ou verdes, segundo as classes, que se assemelham a enormes borboletas, tão leves sobre suas cabeças, que fazem um efeito tão bonito. Sobretudo quando se lhes escutam cantar na rua, no trabalho, quando eles vão para a escola. Na escola em que trabalho, há no centro do pátio uma grande piscina sólida, onde as crianças aprendem a nadar e onde elas se banham quando faz bastante calor.

E acrescenta,

No dia a dia se vê por vezes coisas curiosas: meninos que não têm calçados e por vergonha calçam um único pé e o outro fica nu? Eu tinha pensado que aqui as crianças, quando fazem mal ao pé e para não sofrerem com o calçado, andavam descalços. Mas não era nada disso: é uma moda entre os pobres que não têm mais de um par de sapatos para duas crianças; um dia uma criança coloca o pé direito e seu irmão o esquerdo, e no outro dia, o contrário. Com essa trama, não se deixa a criança desamparada: nem os pés descalços, nem um único pé calçado; é necessário alternar para terem os dois pés calçados. É divertido.

(ANTIPOFF a Daniel, 29 de agosto de 1929, p.2-3)

Sobre os brasileiros, que atrasavam a chegada dos aparelhos importados do laboratório de psicologia(mais tarde uma referência nacional), ela deixa escapar uma leve impressão preconceituosa e irritada, reclamação de quem andava sempre às voltas com a pontualidade dos famosos relojoeiros suíços, daqueles tempos de ontem,

Na minha escola eu não tenho ainda muito trabalho, os aparelhos do laboratório ainda não chegaram. Eles já fizeram o trajeto da Europa para o Rio de Janeiro, mas já se vão mais de quatro meses que eles estão no Rio e não podem chegar a Bello Horizonte, pois não há senão uma estrada de ferro entre as duas cidades. Essa é uma característica dos brasileiros, tudo vai devagar, sua palavra favorita é depois, amanhã.

(ANTIPOFF a Daniel, 29 de agosto de 1929, p.2)

Talvez respondendo a uma natural reivindicação do pequeno Daniel, de vir estar com ela, ressentido da separação recente – ressentimento que infelizmente não podemos comprovar na carta desaparecida - ela alerta,

Eu não sei se a vida aqui lhe permitiria fazer bons amigos. Oleg disse que os meninos brasileiros, depois de três meses, não tomaram a iniciativa. Que teria dito você, se tal é a opinião de Oleg?

(ANTIPOFF a Daniel, 29 de agosto de 1929, p.3)

Uma referência aparentemente casual ao modo como as crianças eram recebidas nas escolas públicas mineiras remete a episódios recônditos no imaginário de Daniel, revelando, quem sabe, intenções diagnósticas da psicóloga, habituada a um plantão permanente na análise gratuita de seu cliente número um, colocado por meio das cartas de volta ao véu do colo carinhoso de mãe, volta e meia transfigurado em divã psicanalítico, ao modo de Freud com seus filhos e filhas.

Quando chegam na escola, a primeira coisa que eles fazem é irem a um local onde há um imenso crucifixo onde se ajoelham para fazerem uma prece; é com isso que eles começam seu trabalho na escola em que eu trabalho.

(ANTIPOFF a Daniel, 29 de agosto de 1929, p.2-3)

Os dois sabiam, se em Daniel isso não se tornou fonte de algum recalque, que aos seis anos, ao visitarem juntos uma igreja ortodoxa, ele ficou traumatizado com a figura de um imenso crucifixo de onde padecia Jesus, em tamanho natural, como prisioneiro, supliciado entre cravos e espinhos, a mando de judeus e de romanos. Naquele dia, o pequeno Daniel se compadeceu profundamente da vítima. Sua emoção, suas lágrimas, fizeram com que se retirassem do templo russo para acalmá-lo. Dessa observação dramática, resultou um artigo publicado nos *Archives de Psychologie* sobre o senso de justiça na criança, em 1927, cujas conclusões foram mais tarde contestadas por Piaget - seu colega em Genebra - em 1932, no livro *A Formação do Senso de Justiça na Criança*. (FARNESE, CAMPOS e ALMEIDA, prelo)



Quanto a nós, só nos resta perguntarmo-nos se, habituada às observações ativas preconizadas por Lazursky, Helena Antipoff deixaria passar essa oportunidade fortuita de expor Daniel a mais uma de suas preocupações analíticas em psicologia, relembrando, através do olhar nada complacente da rotina escolar infantil do Brasil, a revolta de seu filho compadecido com o destino dos que, como prisioneiros do império romano, padeciam injustas e cruéis punições. Teria ela cutucado, com essa reminiscência, alguma resposta do menino, para encontrar nela, ou no silêncio dele, sinais para a continuidade de sua pesquisa infinita? Como sabê-lo?

Só sabemos daquela situação semelhante, de quatro anos antes, que mereceu dela ampla atenção e resultou em conclusões importantes que a aproximavam de Kant na *Crítica da Razão Prática*, onde ele apresentou as propriedades inatas para a conformação, em nossa mente, dos juízos morais. Essa velha tecla de detalhes do Jesus crucificado parece ser retomada sempre que possível, dando oportunidades ao garoto de manifestar alguma continuação, ou não, daquelas impressões primeiras, traumáticas, de seu primeiro encontro com Jesus, talvez ocultas em seu inconsciente. Sabendo de seu interesse pela botânica, descreve-lhe as flores e as frutas do pomar de sua nova residência, mas ao falar da flor do maracujá, aponta um pequeno detalhe da percepção dela pelos mineiros,

O mais pitoresco da casa é o pátio, observamos variedades de plantas brasileiras: algumas laranjeiras pequenas, um limoeiro, uma figueira, uma goiabeira, um pessegueiro, uma mangueira, alguns pés de ananás, uma planta de cana-de-açúcar, chuchu(espécie de abobrinha pequena), maracujá (cuja flor é interessante e tão complexa que os crentes fazem descobrir nela os sete instrumentos do martírio de Cristo).

No fundo do quintal, um galinheiro bastante grande.

Como pode ver, nossa nova casa parece uma chácara (nome dado aqui a pequenas propriedades onde se cultivam frutas).

E realmente isso me dá muita paz de espírito.

(ANTIPOFF a Daniel, 29 de agosto de 1929, p.2-3)

Antipoff mesmo admitiria, mais à frente, ao filho adolescente, quando já estava atendendo jovens delinquentes apreendidos no sistema prisional da capital mineira, que foi movendo seu foco de interesse para educandos coetâneos do ritmo de evolução etária do filho, de modo a vislumbrar, desde as crianças até os mais velhos, a silhueta física e mental de seu querido menino, *abandonado* como os órfãos sociais aprisionados, que atendia em Belo Horizonte. Um jogo, direcionando a compaixão iconográfica para a solidariedade aos crucificados de 2000 anos depois, de sua geração, tecendo fio a fio o convite para se unirem, no futuro, como educadores de jovens prisioneiros? Ou teríamos aqui e ali simples observações fortuitas e nada intencionais, meros lampejos fronteiros entre a mãe e a educadora? *Is one question.*

Dada a importância desta carta inaugural, de Helena, fazemos aqui sua tradução na íntegra e disponibilizamos suma imagem iconográfica, que permite sua apreciação no idioma original.

29/VIII 29

## Carta 002

981 R Claudio Manoel  
Bello Horizonte Minas Gerais  
Brésil

[página 1]

Meu querido pequeno homem, muito amado,

Hoje é um dia de grande festa para mim. Você imagina por quê? Eu recebi uma boa e longa carta sua. Obrigado, meu querido, você foi bem gentil em haver pensado em sua velha mamãe e de lhe ter dito coisas tão gentis. Eu tenho estado tão triste por esses dias passados, tão só entre todas essas mudanças, sem uma “coberta”, como numa prisão, sem família, sem amigos, nada mais que alguns livros. E não é que chega todo um “pacote” de cartas para mim, de você, de papai, da vovó e de Tânia? A sua, sobretudo, encantadora, encheu-me de prazer. Nas outras cartas, tomei conhecimento que se há passado um desentendimento entre seu papai e sua avó, que se cansou e se enervou, o que não lhe foi contado por seu pai. Isso muito me incomodou, sobretudo porque nada posso fazer para reconciliar papai e vovó. Quando receber esta carta, já estarás com seu pai em Beauvallon. Eu lamento que tudo isso tenha acontecido. E tu, meu pequeno, por que não me há dito palavra alguma, disso, na carta? À sua velha mamãe, você pode dizer tudo. Como tu tens um pequeno e sensível coração e esses mal-entendidos vão-te causando sofrimento, será saudável contar à mamãe, para fazer o coração ficar mais leve. Você deve-me contar.

[página 2]

A pensão: a Sra. Nicolina é muito gentil comigo, ela me faz companhia à mesa e conta suas novidades. Todas as domésticas da pensão são negras, muito negras, com seus cabelos bem crespos. Elas têm o rosto tão estranho que eu penso que elas portam, sobre ele, máscaras, e luvas pretas nas mãos.

Na minha escola eu não tenho ainda muito trabalho, os aparelhos do laboratório ainda não chegaram. Eles já fizeram o trajeto da Europa para o Rio de Janeiro, mas já se vão mais de quatro meses que eles estão no Rio e não podem chegar a Bello Horizonte, pois não há senão uma estrada

de ferro entre as duas cidades. Essa é uma característica dos brasileiros, tudo vai devagar, sua palavra favorita é depois, amanhã.

Eu tenho mais de 50 alunas, elas são todas charmosas, encantadoras, muito bonitas como as bonecas e também inteligentes. Se estivesse aqui, seria, sem dúvida, logo de início namorado de uma delas, como Oleg, que decidiu casar com uma brasileira.

Outro dia, visitei uma escola pública para crianças. Os meninos e as meninas aprendem juntos. Eles têm todos uniformes bem bonitos: os meninos, uma calça azul-marinho e uma camisa branca, as garotas, uma pequena saia azul, uma blusa branca e nos cabelos

[página 3]

elas portam enormes laços brancos, amarelos ou verdes, segundo as classes, que se assemelham a enormes borboletas, tão leves sobre suas cabeças, que fazem um efeito tão bonito. Sobretudo quando se lhes escutam cantar na rua, no trabalho, quando eles vão para a escola.

Na escola em que trabalho, há no centro do pátio uma grande piscina sólida, onde as crianças aprendem a nadar e onde elas se banham quando faz bastante calor. Nossos alunos maiores são muito curiosos. Quando chegam na escola, a primeira coisa que eles fazem, é irem a um local onde há um imenso crucifixo e se ajoelham para fazerem uma prece; é com isso que eles começam seu trabalho na escola em que eu trabalho. As crianças vão à escola pela manhã durante quatro horas ou depois do meio-dia. Há muito poucas escolas para que as crianças possam ficar pela manhã e depois, como na Europa. Mas quando não estão na escola, não os vemos na rua, eles ficam geralmente em casa, no jardim. As famílias são muito numerosas, há frequentemente uma dezena de crianças numa única família e elas não se arruinam.

[página 4]

Eu não sei se a vida aqui lhe permitiria fazer bons amigos. Oleg disse que os meninos brasileiros, depois de três meses, não tomaram a iniciativa. Que teria dito você, se tal é a opinião de Oleg?

No dia a dia, vê-se por vezes coisas curiosas: meninos que não têm calçados e por vergonha calçam

um único pé e o outro fica nu? Eu tinha pensado que aqui as crianças, quando fazem mal ao pé e para não sofrerem com o calçado, andavam descalços. Mas não era nada disso: é uma moda entre os pobres que não têm mais de um par de sapatos para duas crianças; um dia, uma criança coloca o pé direito e seu irmão, o esquerdo e no outro dia, o contrário. Com essa trama, não se deixa a criança desamparada: nem os pés descalços, nem um único pé calçado; é necessário alternar para terem os dois pés calçados. É divertido.

Eu te envio aqui uma folha de café para a coleção de história natural. A árvore é muito bonita, toda verde. Eu te agradeço muito pela flor que você secou para mim, meu querido.

Tu não me escrevestes nada sobre suas leituras. Você leu o Capitão Grant?

[página 5]

Eu acho que em Beauvallon você terá ocasião de reler os mesmos livros, não é?

E sua bicicleta? Você olhou alguma coisa? Pode solicitar a Tia Marguerite, ela te emprestará um pouco de dinheiro para completar a soma. O dinheiro, do Brasil até a Europa, vai muito lentamente e, se o envio no início de setembro, não chegará antes do mês de outubro. Por qual banco é necessário enviar o dinheiro? Eu já perguntei a Tia Marguerite, mas ela não enviou resposta.

Eu te envio na carta um pouco de dinheiro brasileiro, equivalente a sessenta francos franceses.

Espero que cheguem intactos. São para tuas pequenas despesas. Se não chegar a trocar em Dieulefit, envie-o a sua avó em Paris, recomendando-lhe que os troque em um banco.

Meu querido amigo, meu filho querido, meu bem-amado, eu te beijo ternamente e te desejo bom, forte e inteligente(sábio). Eu rezo por você, para Deus, todas as noites também.

Tua velha mamãe, bem triste longe de ti.

[na lateral]

Como o dinheiro daqui é sujo, não o toque sem...

[post scriptum]

Se o papai está com você, abrace-o bem, de minha parte. Me envie logo as fotos.

29/08/29  
 Mon cher petit homme bien aimé,  
 Aujourd'hui c'est une grande fête pour moi.  
 Tu le devines pourquoi? J'ai reçu aujourd'hui une bonne  
 et longue lettre de toi. Merci, mon cheri, tu as été bien  
 gentil d'avoir pensé à ta vieille maman et de lui  
 avoir dit des choses si gentilles. J'étais si triste  
 tous ces jours avant, toute seule parmer tous ces  
 étrangers, dans une chambre comme dans une prison,  
 sans famille, sans amis, rien qu'avec quelques  
 livres. Et voilà qu'arriva tout un paquet de lettres  
 pour moi de toi, de papa, de grand mère et de Tania.  
 Ta lettre surtout, charmante m'a fait du plaisir.  
 Dans les autres lettres j'ai appris qu'il s'est passé  
 quelque chose de fâcheux entre papa et grand mère  
 que grand mère se fatigue, s'énerve, que papa ne  
 dînait pas avec vous. Cela m'a beaucoup inquiété,  
 surtout parce que je ne puis rien faire de si loin  
 pour reconcilier papa et grand mère. Quand ma  
 lettre arrivera tu seras déjà avec papa à Beau-  
 rillon. Je regrette beaucoup que tout cela soit arrivé.  
 Et toi, petit, pourquoi ne m'as-tu soufflé mot dans  
 ta lettre? A sa vieille maman on peut tout dire.  
 Comme tu as un petit cœur sensible, ces mal-  
 entendus ont dû te causer de la peine, il  
 fallait vite raconter à maman pour avoir  
 le cœur plus léger. Tu dois me considérer

Figura 1 - Carta 002(29/8/1929)

la pension. Madame Nicolina est très gentille pour moi, elle me tient souvent compagnie à table et me demande de tes nouvelles. Tous les domestiques de la pension sont des nègres, très noirs avec des cheveux très crépus. Ils ont des figures si diaboliques que je pense toujours qu'ils portent sur leurs figures des masques et des gants tout noirs aux mains.

A mon école je n'ai pas encore beaucoup de travail les appareils du laboratoire ne sont pas encore arrivés. Ils ont vite fait le trajet de l'Europe à Rio de Janeiro, mais voilà plus de quatre mois qu'ils sont à Rio et ne peuvent pas venir à Belo Horizonte, et pourtant il n'y a qu'une journée de trajet en chemin de fer entre les deux villes. C'est le caractère brésilien, tout va très lentement, leur mot favori, c'est demain, *amanha!* - J'ai plus de 50 élèves, elles sont toutes charmantes, très belles, comme des poupées et avec ça aussi intelligentes. Si tu étais venu ici tu serais sans doute tout de suite devenu amoureux d'une d'elles, comme Oleg qui a décidé de se marier à une Brésilienne. L'autre jour j'ai visité une école publique pour enfants. Les garçons et les filles apprennent ensemble. Ils ont tous un très joli costume, les garçons une casquette bleue marine et un veston blanc, les fillettes une petite jupe bleue et une blouse blanche, et dans les classes

elles portent des énormes nœuds blancs ou jaunes ou  
 verts selon les classes, qui ressemblent à des énormes  
 papillons très légers. Sur leur tête, ça fait un très joli  
 effet. Souvent on les entend chanter dans la rue  
 dans les tramways, quand ils vont à l'école.  
 Dans l'école où je travaille il y a au milieu de la  
 cour une grande piscine fermée où les enfants  
 apprennent à nager et où ils se baignent quand  
 il fait bien chaud. Nos grandes élèves sont très  
 pieuses. Quand elles arrivent à l'école, la première  
 chose qu'elles font, elles vont dans une pièce où  
 il y a un grand crucifix et s'agenouillent pour  
 faire une prière; c'est comme cela qu'elles  
 commencent leur travail à l'école. Dans l'école  
 où je travaille.  
 Les enfants sont ici à l'école en le matin pendant  
 4 heures ou l'après midi. Il y a trop peu ici d'écoles  
 pour que les enfants puissent rester matin et  
 l'après comme en Europe. Mais quand ils ne  
 sont pas à l'école, on ne les voit pas beaucoup  
 dans la rue, ils restent généralement chez eux  
 à la maison, au jardin. Les familles sont très  
 nombreuses, il y a souvent une dizaine d'enfants  
 dans une seule famille et ils ne s'ennuient pas.



Je ne sais pas si la ne t'aurait pluée ici et si  
 tu aurais pu faire de bons camarades. Oleg  
 disait que les garçons brésiliens étaient très  
 mous, n'avaient pas d'initiative. Qu'aurais  
 tu dit toi, si telle est l'opinion d'Oleg?  
 Dans la rue on voit parfois des choses drôles:  
 des enfants qui n'ont de chaussure et de bas que  
 sur un seul pied et l'autre est nu? J'ai  
 pensé que les enfants avaient mal aux pieds  
 et pour ne pas le blesser par la chaussure  
 marchaient pieds-nus. Il n'en est rien: c'est  
 une mode ici chez les pauvres de n'avoir  
 qu'une seule paire de chaussures pour deux  
 enfants. un jour un enfant met le sabot  
 droit, et son père le sonner gauche et  
 le lendemain c'est le contraire. Dans  
 les trams on ne laisse pas sutier les enfants  
 ni pieds nus, ni avec un pied seulement  
 chaussé. il faut pour sutier son tram avec  
 les deux pieds chaussés. C'est amusant!  
 Je t'envoie ici une feuille du caféier pour la  
 collection d'histoire naturelle. L'arbre est très joli  
 vert. - Je te remercie beaucoup pour la petite fleur  
 que tu as séchée pour moi, mon chéri.  
 Tu ne m'as rien écrit sur ta lecture. Est-ce que  
 tu as lu les enfants de capitaine Grant?

Je pense qu'à Beauvallon tu auras l'occasion  
 de te acheter toi même tes livres, n'est ce pas?  
 Et ta bicyclette? As tu vu quelque chose? Tu  
 demanderas à tante Marguerite qu'elle te prête  
 un peu d'argent pour compléter ta somme.  
 L'argent du Brésil en Europe va très lentement  
 et si j'arrive à t'envoyer dans les premiers du  
 mois de septembre il n'arrivera pas avant le  
 mois d'octobre. Par quelle banque et ce qu'il  
 faut envoyer l'argent? J'ai déjà demandé  
 tante Marguerite, mais elle ne m'a pas encore  
 répondu.  
 Je t'envoie dans la lettre un peu d'argent Brésilien  
 cela fera environ 60 frs français. J'espère qu'il  
 te parviendra intact. C'est pour les petits dépenses  
 si tu n'arrives pas à les changer à Dieulefit,  
 j'envoie les à francs même à Paris (recommande  
 elle te les changera dans une banque et t'envoie  
 le change.  
 Mon cher ami, mon fils chéri, mon bien aimé  
 je t'embrasse bien tendrement et  
 te souhaite d'être bon, fort et sage (intelligent)  
 Je prie pour toi Dieu tous les soirs aussi.  
 Ta vieille maman bien triste loin de toi

Em seus dez anos de idade, Daniel precisará da ajuda e do estímulo de sua preceptora para ir tomando gosto por essa escrita cotidiana. Ele nos diz como se passaram as coisas no dia da chegada da carta 002, em seu livro já citado,

Aconselhado por Tia Marguerite, substituta da verdadeira mãe, vai Sérgio tentar escrever uma carta. Tem bastante notícias sobre a maneira como passou os últimos dias de verão, quando estava saindo de Ville France. Viajou com o pai até Beauvallon. Depois há para relatar as suas primeiras impressões como interno em sua nova escola. Na verdade Sérgio vive feliz em Beauvallon, pois já fez muitas amizades com seus novos companheiros.

Ao que lhe parecia, a mãe está feliz e ocupada, carta após carta. Comenta,

Pela correspondência que passa a receber de sua mãe, tem a impressão de que ela está perto dele. Além do mais, ela parece feliz também e sempre está ocupada com uma série de novos projetos e conferências que lhe foram solicitadas. Menciona também o que faz aos domingos, visitando novos amigos, sendo convidada a conhecer a vida de uma fazenda, cheia de gado. Por coincidência, acabou de conhecer um casal de russos. O marido é um engenheiro, contratado para terminar um trecho de uma estrada de ferro, perto da cidade de Caeté.

A felicidade recíproca parece ser o tom dos missivistas, tudo parece ser muito novo e instigante, todos cheios de coisas para contar.

Na quinta carta, Sérgio está todo feliz, pois nela foram enviadas fotografias. Uma delas é de sua mãe, andando a cavalo. Por sua vez, Sérgio responde as missivas, cada vez mais compridas e detalhadas. Parecem até questionários do filho para a mãe. Foi este hábito de carta semanal que leva Sérgio a adquirir facilidade para redigir. Nessa época, só escreve em francês. Assim, durante oito anos, mãe e filho trocam correspondência regularmente, com uma carta por semana. Cada um relata as situações surgidas.

(D. ANTIPOFF, 1997, p.33-34)

Mas as coisas não andam assim tão róseas como se permitem transmitir um ao outro, pelo menos na polaridade brasileira, onde aos poucos vai-se desvelando para Antipoff a face oculta da solidão, do isolamento idiomático, das ausências de tudo e de todos. Daniel, rodeado inicialmente pelo pai, pela avó, Sofia, pela tia, Tânia, e, mais tarde, por *Tante* Marguerite, fez uma transição controlada, em que pese a maior facilidade das crianças de superarem certas adversidades, tratando-as como parte de seus jogos e divertimentos.

Em carta a Claparède, Helena suplica, em 22 de outubro de 1929,

Au nom du Ciel, écrivez-moi! - L'isolement est dur à supporter et je pleure très souvent de "saudade" comme on dit ici, du café.

[Em nome do Céu, escreva para mim! - O isolamento é difícil de suportar e muitas vezes choro de "saudade" como dizemos aqui, de tristeza.]

E depois em 3 de novembro, em agradecimento ao mestre, confidencia,

J'ai reçu votre première carte de Champel, un peu courte, mais tellement amicale et bonne, que je vous en remercie de toute mon cœur. Vous ne pouvez pas vous imaginer quelle valeur inestimable ont pour un isolé comme moi les cartes, les lettres – ces merveilleux liens entre séparés et éloignés.

[Recebi seu primeiro cartão de Champel, um pouco curto, mas tão simpático e bom, que agradeço de todo o coração. Você não pode você não pode imaginar o valor inestimável que tem, para uma pessoa isolada como eu, cartões, cartas – essas ligações maravilhosas entre separados e distantes.]

(Ruchat, 2010, p.57)

Talvez consciente das dificuldades caligráficas que deixaria para os pósteros, pergunta,

Lisez-vous facilement mon écriture ou bien dois-je me donner plus de peine pour écrire?

[Você lê minha caligrafia facilmente ou eu tenho que ter mais cuidado para escrever]

(Ruchat, 2010, p.58)

Expectativas inalcançadas consolam o polo brasileiro de nossa peregrinação filipina, ainda em 15 de dezembro do primeiro ano,

Bon patron, courage, je vous prie, me voilà déjà 4 mois ici, il ne reste plus que 20! Puis se sera de nouveau le beau travail avec vous. Pas?

[Bom patrão, coragem, suplico, aqui já estou por 4 meses, só faltam 20! Então será novamente o belo trabalho com você. Não? ]

(Ruchat, 2010, p.64)

Para o polo francês, os dezembros trazem também tristes lembranças,

No inverno, quando o solo se cobre de neve, Sérgio Valeff não consegue dissimular os momentos de tristeza, que anualmente sente por ocasião do Natal. São momentos em que mais sente a falta da família, dos colegas que já foram para casa. Ele, sozinho, embora cercado dos adultos que vieram por ocasião dos feriados natalinos, sente-se abandonado e triste.

(D. ANTIPOFF, 1997, p.33)

A moldura de felicidade alternada com bastidores de tristeza e de desolação mostra retratos da vida que se iam constituindo, aqui e lá. Mas o foco de nossa busca é outro, para além de nos solidarizarmos com a infelicidade deles e de nos regozijarmos com suas alegrias, somos levados a acreditar, com eles, que lhes importava algo que estivesse acima dos sacrifícios e de seu contrário aparente, a felicidade. Haveria um suporte de educação e de sabedoria que lhes possibilitasse tanto fruir as alegrias, sempre efêmeras, quanto suportar com paciência os sofrimentos e os fracassos indesejados que o tempo também faz passar? É o que estivemos procurando!

Tanto em Marx quanto em Antipoff, vamos encontrar a referência ao mote clássico de ser, *a maior felicidade, aquela de quem faz o maior número de pessoas felizes*. Com prazer e compadecer seriam extremos de uma boa dose de vida bem vivida? Revelam elementos mais sublimes do humano, de onde se emanam sorrisos e lágrimas, cuja contingência nos insinua não serem fins em si mesmos?(MARX et al, 1977)

Seria, esse carrilhão de dor e alegria, o contraponto, a melodia paralela, interior, dessa aparente frieza e dessa recorrente insensibilidade nos momentos decisivos de Helena Antipoff ante os desígnios da destinação educacional de seu filho – separada - enquanto cuidava zelosamente da formação pessoal dos filhos dos outros?

Afinal, fazem ou não fazem os filhos chorar e sofrer, os casais ditos zelosos que difundem com amor as patologias mais crônicas do psiquismo, apontadas por Freud? Agregam ou não agregam, em seus lares arquetípicos da felicidade conjugal, a dependência emotiva *ad eternum*, com as chantagens emocionais de praxe? Controlam, ou não controlam os impulsos e as experiências efêmeras de liberdade dos filhos?

As famílias mais perfeitas congelam, ou não, os papéis masculinizados e feminilizados, semeando dentro de casa infortúnios futuros, tumultuando diretrizes essenciais dos ritos de passagem dos filhos pela infância, pela juventude e pela idade adulta? Sacramentam, ou não, para o final da vida familiar, a guerra de tudo contra todos pelos despojos dos bens patriarcais no botim jurídico e capitalista do espólio das propriedades herdadas?

Teria o pequeno Daniel simplesmente escapado ileso dessas e de outras fantasmagorias abjetas que revolvem os laços familiares, até quando? Foi imunizado ou acabaria passando por um avassalamento cultural inevitável nas idades maduras? Ouçamo-lo em sua autodescrição,

Para Sérgio Valeff, passaram muitos anos, sem ele conhecer a vida de família. Um de seus sonhos era justamente ter uma família numerosa. Na verdade, esse traço familiar não se assimila de um dia para o outro. Apesar da satisfação momentânea, parece que não incorpora inteiramente essa tendência. Torna-se ainda uma atitude artificial por algum tempo e há necessidade de se forçar um pouco para um completo entrosamento com essa ideia. Sérgio Valeff, até os vinte e cinco anos de idade, só chegou a conviver com três pessoas de sua família...

(D. ANTIPOFF, 1997, p.50)

E, adiantando um dos ingredientes positivos do balanço final, conclui,

Assim essa prática de correspondência semanal, que por sinal era exigida de todos os alunos de Beauvallon, acabou-se tornando uma praxe e contribuiu bastante para que todos esses adolescentes, em regime de internato, se tornassem hábeis na redação epistolar.

(D. ANTIPOFF, 1997, p.35)

## 8.5 O escotismo

Um fator que o próprio Daniel considerava de grande relevância em sua educação à distância e mesmo para mais tarde, no exercício profissional da psicologia, foi sua inserção no escotismo, primeiro em Genebra, aos oito anos, depois em Dieulefit, com alguns colegas, aos dez. Uma primeira saída, segundo ele, do ambiente restrito da vida familiar, muito salutar para um filho único, e de professora, ainda mais. Ele nos conta em seu livro,

### ESCOLA DE ESCOTISMO

Inegavelmente, o Escotismo constitui para Sérgio Valeff uma verdadeira escola. Levando em conta que essa influência escoteira foi na idade que corresponde à aquisição de hábitos – dos oito aos doze anos – há de se estranhar que tal corrente educativa tanto pudesse influir em sua personalidade.

O primeiro contato de Sérgio com a filosofia escoteira, introduzida por Baden Powell, foi na Suíça. O menino vestia, então, uniforme de “lobinho” (boné verde com listas amarelas, agasalho de lã, de cor verde, além de calças curtas de cor verde). Somente o uniforme verde já representava para esse “Boy Scout” júnior o símbolo do indivíduo idealista, bem como a sensação de viver o espírito de grupo.

Sérgio teve em Genebra seu primeiro contato com o Escotismo, aos oito anos de idade. Foi um adestramento que ele assimilou satisfatoriamente em relação a problema de ordem, asseio e pontualidade. Tudo isso foi inculcado por uma chefe do sexo feminino.

(D. ANTIPOFF, 1997, p.34)

A aparente atitude militarizada dos grupos escoteiros, seus uniformes, marchas sob o rufar de tambores e organização por patrulhas, em sua análise, não faz jus às propostas humanistas e pacifistas de seu idealizador, que viveu os horrores da primeira guerra na Europa. Ele prossegue,

Baden Powell, ao preconizar esse tipo de educação para adolescente, inspirou-se na vida militar que viveu nos Transval, na Austrália, durante a longa guerra de 1914/1918, em termos de hierarquia dos componentes, eliminando um pouco a rigidez da disciplina militar. Preferiu que a movimentação dos jovens fosse incentivada pelo espírito de iniciativa de cada patrulha e, sobretudo, pelo respeito humano, generosidade do indivíduo, perante os seus pares. Isso acaba levando a uma filosofia humanista, para seres em vida pacífica, sempre crescendo e progredindo, ajudados por um credo religioso.

(D. ANTIPOFF, 1997, p.39-40)

Os efeitos sobre si, avaliados meio século depois, é ele quem nos conta,

Em alguns meses de participação no grupo, Sérgio adquire novas técnicas, como por exemplo, o hábito de pensar nos outros e de fazer o grupo crescer em conjunto. Seria uma forma de ajuda mútua entre os participantes, dentro de uma mentalidade de espírito coletivo.

(D. ANTIPOFF, 1997, p.38)

Não lhe passou em branco a generosidade - e a preocupação com o outro - de seu chefe em Dieulefit, Pierre Raspail, cheio de descendentes que até hoje habitam a região.

Lá foram apresentados a Pierre Raspail, o chefe da tropa. Era ele um rapaz dedicado e prestativo que se revelou um verdadeiro pai para a meninada. Basta dizer que, verificando pessoalmente como é difícil manter em funcionamento um grupo de meninos, sem uma pessoa abnegada e madura, Pierre Raspail decidiu adiar por um ano o seu casamento, para evitar uma eventual debandada do grupo de meninos, com a sua saída da chefia.

(D. ANTIPOFF, 1997, p.37)

Ao ser alçado à condição de chefe de patrulha, praticou a liderança, vivenciando um papel diferenciado na corporação escoteira,

Sérgio começa a organizar fichas individuais de desenvolvimento de cada um dos seus comandados, anotando aptidões e dificuldades de cada um, além de dados sobre a escolaridade, dados familiares e de interesses predominantes.

(D. ANTIPOFF, 1997, p.39)

Os métodos pedagógicos também faziam parte das reminiscências de Daniel,

Em suas saídas ao ar livre, os meninos escoteiros logo se encantam com os jogos, manobras, competições que o chefe propõe na disputa interpatrulhas. Como se sabe, Baden Powell preconizava entre os jovens o método da competição, tanto como forma pedagógica de educar adolescentes, como para prepará-los a enfrentar a adversidade e os contratempos... Como se vê, é uma verdadeira filosofia educativa, que se aprende brincando e daí uma boa sugestão para os educadores.

(D. ANTIPOFF, 1997, p.37-38)

A formação profissional do psicólogo e do educador já estava em curso, ainda quando ninguém sabia. Será?

Curioso é que todas essas avaliações e entrevistas acabam coincidindo, de certa forma, com as técnicas psicológicas que, vinte anos depois, o próprio Sérgio iria utilizar em sua profissão como psicólogo. Continuará a orientar menores para se tornarem aguçados e eficientes no seu dia a dia.

(D. ANTIPOFF, 1997, p.39)

Até os últimos anos de sua vida, essa influência imemorial ficou gravada. Nos encontros para bem-dotados na fazenda da *Associação Milton Campos para Desenvolvimento e Assistência a Vocação de Bem-Dotados*, a ADAV, no complexo do Rosário, onde o Autor esteve presente por várias vezes, Daniel dava oportunidade aos jovens e às crianças, além dos professores convidados, de compartilharem um *fogo de conselho*, onde se faziam relatos, contavam-se histórias, ao longo das noites estreladas e frias das redondezas de Ibirité.

Para Sérgio, o Escotismo serviu para adquirir também o exercício de comando, estruturando situações em que houvesse possibilidade de rir, brincar, despertar alegria e o prazer de viver, estimado e querido pelos outros.

(D. ANTIPOFF, 1997, p.39)

Por isso, até hoje, com convicção, Sérgio recomenda a prática do Escotismo, porque, bem aplicada, e dispendo de bons chefes, assevera-se um sistema educacional entre os melhores, inclusive porque se assimila, brincando de gente séria.

(D. ANTIPOFF, 1997, p.37)



Comentários maternos sobre essa longa temporada escotista de Daniel aparecerão nas cartas finais, quando ela discute com ele as possibilidades de trabalho junto a ela no Brasil e o que essa experiência pôde contribuir na formação de suas características pessoais.

## 8.6 Uma carta importante

Aos olhos do historiador da psicologia e do historiador em geral, as fontes pinçadas para suas narrações, desde Heródoto e Hesíodo, constituem preciosa moeda de troca com aqueles a quem, anonimamente, na posteridade, dirigem seus relatos. A diversidade de pontos de vista, da caserna, da academia, da fábrica, do campo e da cidade, da casa e da rua, constituem a riqueza do que se escreve e do que se lê, sendo as cartas parte de um capítulo especial. Esse é um modo de apreciar como Helena Antipoff conta ao filho os acontecimentos que em 1930 reverteram o resultado das urnas eleitorais para presidente, assistidos ali perto do quartel militar, na rua Timbiras, no Barro Preto, de Belo Horizonte, onde quase em frente ficava a *Escola de Aperfeiçoamento*. Bem ali, onde víamos recentemente pessoas acampadas tentando repetir a mesma ação antidemocrática no momento do traçado dessas linhas, travaram-se sangrentas batalhas das quais ela se fez testemunha.

De repente, uma mulher solitária nas hostes do Brasil, que vivenciou as duas revoluções russas, de 1905 e de 1917, além de seu ocaso stalinista, jovem que vagou pela Europa na primeira guerra e no prelúdio da segunda que a aturdiria, encara, na porta de sua casa, ao lado do mestre, Édouard Claparèd, em visita a Minas Gerais, os tiroteios entre facções no golpe de 1930, cujas balas adentraram as paredes do imóvel e foram guardadas como lembrança. Nesta carta de 2 de novembro de 1930, ela preenche as laudas datilografadas com um relato minucioso, quase jornalístico, do ponto de vista de Belo Horizonte, acrescidos dos relatos nacionais que provinham da escuta do rádio. Noutra carta, a Viktor, em dezembro, ela destila alguns comentários mais ácidos.

A chamada Revolução de 1930, de 24 de outubro, foi um golpe militar, iniciado no Rio Grande do Sul, contra o resultado da eleições para presidente de 11 de março, derrubando o presidente Washington Luís e impedindo a posse do vencedor nas urnas, o governista Júlio Prestes, de S. Paulo, que foi exilado. Daniel havia partido há pouco e Claparède chegava a Minas. Antipoff contava para o filho,

Às cinco horas em ponto, todos os trens em todas as linhas ferroviárias foram parados, os correios e telégrafos foram apreendidos para as forças revolucionárias e os oficiais das forças federais foram presos. De um minuto para o outro, o país inteiro, graças ao rádio, colocou-se em estado de insurreição contra o governo de Washington Luiz. Em alguns lugares, as coisas transcorreram pacificamente, porque o exército federal se juntou ao movimento revolucionário, mas em outros, as coisas se transformaram em uma luta sangrenta. Foi, entre outros, o caso de Bello Horizonte, onde desde sábado, 4 de outubro, a vida foi vivida sob uma chuva de balas e sob o som de metralhadoras.

(ANTIPOFF para Daniel, 1 e 2/11/1930, p.3)

A *Escola de Aperfeiçoamento*, onde Helena lecionava, ficava a alguns metros do quartel que foi cercado pela polícia militar, por vários dias, e os enfrentamentos deixaram cadáveres espalhados pela rua. Ela prossegue,

O exército federal localizado no quartel (atrás da Escola de Aperfeiçoamento) foi sitiado por cinco dias pela polícia mineira e só se rendeu na quarta-feira, 8 de outubro. Tivemos mortos e feridos em ambos os lados; os soldados do sitiado exército federal acabaram ficando sem água; muitos cavalos foram mortos, os que não puderam ser enterrados exalavam um cheiro tão desagradável de podridão que se acredita ter sido isso que decidiu os soldados se renderem.

(ANTIPOFF para Daniel, 1 e 2/11/1930, p.3)

E mais, como se rememorasse os eventos de 1917, descreve,

No próprio dia da rendição, fui ver "o campo de batalha" - que apresentava uma imagem muito triste e terrível: os quartéis crivados de balas, as casas circundantes em ruínas, trincheiras profundas onde ainda se viam os vestígios de homens que se agarravam dentro dos buracos sem poder sair, por quatro dias inteiros, sob ameaça de serem ceifados por balas; um infeliz cadáver de um homem que ainda não conseguiram remover e principalmente os cadáveres dos cavalos em situações de partir o coração, espalhando um odor impossível de suportar.

Todos os postos do quartel foram ocupados pelos soldados da polícia mineira, que lutaram incansavelmente durante os cinco dias e pareciam completamente exaustos, mas conservavam uma expressão de dever cumprido e de uma vitória necessária, para o seu país.

(ANTIPOFF para Daniel, 1 e 2/11/1930, p.3)

As batalhas se espalharam pela cidade, com os tiros ameaçando a integridade física dos moradores da pensão, fazendo a mãe cuidadosa se regozijar pela ausência, ali, do filho curioso, que poder-se-ia machucar em meio a tantos perigos,

Durante o cerco, choveram balas por toda a cidade. Assim nosso telhado recebia uma quantidade delas, e era bem perigoso ficar na sacadinha do meu quarto, porque as balas assobiavam ali o tempo todo e vinham cair ou na rua Pernambuco ou até bem mais longe, rumo à Serra. Nas calmarias, as crianças - seus companheiros - saíam rapidamente para a rua em busca de balas perdidas. Várias balas entraram na parede da nossa casa, ao lado da sala de jantar. Também encontrei duas balas esmagadas, que atingiram a parada de bonde em frente ao meu quarto e a outra no pequeno jardim. Alpinião, o jovem estudante que você conhece, deve ter sido morto quando saía do pavilhão para ir ao refeitório. Houve alguns feridos e até mortos na cidade por balas perdidas.

Durante esses dias, não me faltou a sua presença.  
Com sua natureza ativa e inquisitiva, você poderia ter  
feito algo imprudente e recebido algo em sua  
pobre cabeça.

(ANTIPOFF para Daniel, 1 e 2/11/1930, p.3)

Tanta informação para um menino de 11 anos! Quase um artigo, com linguagem sofisticada. O interesse maternal de tamanha exposição resultava da descoberta feita, pouco antes, na recente visita de Daniel em férias, de uma veia política nele, que ela esperava ver canalizada para o bem de uma nação,

Escrevi para você com alguns detalhes sobre eventos passados,  
porque sei que você se interessa por política e me pediu  
especificamente informações sobre os políticos daqui.

Quem sabe um dia, quando você crescer, não estará na política do seu país. Mas para fazer política, você tem que se preparar para isso, para ser útil ao seu país. Estude muito, reflita sobre o país, sobre seus defeitos, sobre suas necessidades – então chegará o dia em que talvez você possa servir ao seu país.

(ANTIPOFF para Daniel, 1 e 2/11/1930, p.3)

Bello Horizonte, le 2 novembre, 1930

Mon cher petit,  
 aujourd'hui pour la première fois depuis ton départ que j'ai un petit mot de toi, envoyé de Barcelone. La traversée a dû être bonne, je suppose, car tu me parles d'un ton assez gai, sans toutefois m'en parler, si t'es senti un jour mal en mer. Tu ne me dis pas un mot de ton passe-temps à bord: qu'as-tu fait pendant les onze jours, as-tu lu, joué aux échecs, joué de la cavaquinho, du violon, fais des devoirs que tante Marguerite t'a donné pour les vacances, etc, etc. Et ton compagnon, le jeune Max, a-t-il été gentil avec toi, as-tu fait d'autres connaissances, tout le monde a-t-il été gentil pour toi. La traversée en première a-t-elle été plus agréable qu'en troisième? Dis-moi un petit mot de tout cela, veux-tu?

Quant à nous, nous avons eu bien des choses depuis ton départ. Lelendemain, j'ai eu à afaire une conférence à la Société d'Hygiène mentale. Elle n'a pas mal passée, bien que je n'ai pas eu le temps de la préparer, car j'ai été toute prise et toute triste de ton départ. Comme je n'ai pas voulu donner ma photographie pour le journal qui a donné le compte rendu de la conférence, un journaliste a fait de moi un croquis, fort amusant, que je t'envoie pour te faire rire.

Le même soir nous sommes partis, avec Mr. Claparède pour Bello Horizonte. Le pauvre Patron a failli avoir en chemin de fer le mal de mer, tellement les routes ici cahotent. D'ailleurs toi chéri, qui a si bien traversé la mer, t'en souviens-tu, tu as failli aussi de "dégueuler".

A la gare de Bello Horizonte, nous avons été attendus par toute l'Ecole de Perfectionnement qui est venu saluer, in corpore, le bon Mr. Claparède. Quelques jours plus tard il a fait au théâtre une très belle conférence. Les journées il a passé à l'Ecole et il a mangé avec nous à notre table que tu connais bien, pour y avoir manger de la bonne salade surtout, pas?

Avec l'Ecole nous avons fait un très chic voyage à Morro Velho, où nous avons vu toutes les merveilles de la mine d'or. Nous n'avons pas eu la chance que tu as eu de descendre dans la mine même, car les femmes comme les curés n'ont pas accès à la mine. Mr. Claparède craignait de se sentir mal dans la profondeur et n'est pas descendu non plus.

Puis j'ai eu le plaisir d'emmener le Patron à Gorseix. Nous avons passé une gentille soirée chez les Brandão avec Dd. Amelia, Lucia et Alda, où nous avons chanté et dansé et, le soir avons assisté à la "cobrida" du fer dans l'usine. C'est tout à fait impressionnant que de voir couler le fer liquide tout blanc. Mr. Claparède en a pris une photo qu'il t'enverra peut être de Genève.

Figura 2 - Carta de Antipoff para Daniel (1 e 2/11/1930)

Après Gorseix, nous sommes allés pour Santa Theresinha. Mr Cl. montait le Tenente, ton brave petit Telegraphista et moi un beau cheval noir, le Mouro, qui est presque encore plus beau et plus agréable que le Peralta. Comme Cl. n'a longtemps pas monté à cheval, nous sommes allés très doucement et avons pu de ce fait admirer le joli paysage, que tu connais si bien.

A Santa Thersinha nous avons été reçu à bras ouverts, comme toujours par les sympathiques Stavrovietsky. Le lendemain nous avons fait une promenade à cheval, et cette fois-ci le patron s'étant mieux habitué au cheval nous avons galopé à qui mieux mieux. Malheureusement, il a fait sur le cheval un faux mouvement et il a senti une forte douleur dans les reins: petite fissure du muscle. Et voilà, le pauvre, qui a dû garder le lit pendant deux jours. Tetia Nina lui a fait des tisanes, et moi avec Anatolio des massages dans tous les sens pour le guérir le plus vite. Heureusement il a guéri assez vite, et nous avons pu reprendre à cheval la route pour Gorseix. Le temps fut splendide et jamais le chemin ne m'a paru si beau, que ce jour-là, sous un admirable soleil de Minas.

Je dois te conter un petit fait curieux: mon beau cheval dont je te vantais tout à l'heure les mérites et qui m'a si bien obéi les deux jours, voilà qu'il se met à faire des caprices, s'arrête, et s'entête à marcher. Je change de cheval, me mets sur l'Estrello, et Anatolio sur le Mouro. Tout va bien, le Mouro marche admirablement bien. Je remonte, le cheval de s'entêter de nouveau. Alors j'ai tout compris! J'ai aussi compris à ce moment pourquoi le Brinquin et le Tenente m'avaient tous les deux fait dégringoler: tout simplement parce que je les tirais impitoyablement par la bride. En les tirant de la sorte, ils devaient avoir pour finir mal au cœur et pour se venger ils me faisaient prendre des billets de parterre, qui t'avaient tellement fait rire, t'en souvient-il encore du bon rire dont tu accompagnais mes culbutes?

Le mercredi nous sommes revenus à Bello Horizonte, où la vie a repris son cours habituel entre l'Ecole et la maison jusqu'au vendredi, le 3 octobre. Ce jour-là nous avons visité l'institut des serpents, fort curieux, et que malheureusement tu n'as pas pu voir. Puis sommes allés nous photographier chez un bon photographe (l'Ecole a voulu avoir de Mr Cl. un bon portrait, et moi profitant de la bonne occasion j'ai pensé d'en faire autant pour envoyer une grande photo à mon petit (comme d'habitude j'en suis sortie en fraie sorcière, et je ne puis t'envoyer, pour ne pas te faire du mal, cette malheureuse photo)

On revenait tranquillement à la maison, Cl. à l'Hotel et moi chez moi, lorsque vers cinq

## 8.7 O segundo bloco – 1935-1936(cartas da adolescência de Daniel)

Nesta segunda periodização, vamos encontrar nossa dupla missivista numa posição mais consolidada. Ela, de contrato renovado, contando seus quarenta e três/quarenta e quatro anos. Ele, jovem estudante, com seus dezesseis/dezessete anos de idade. O regime semanal de cartas corre normalmente, expectativas agora são de amadurecimento e estudo para ele, de trabalho e elaboração de planos para ela, enquanto um encontro definitivo em terras brasileiras começa a ser levemente cogitado.

As cartas abrangem um conteúdo mais denso, parecem às vezes verdadeiros tratados teóricos sobre diferentes assuntos como a música, a juventude, a filosofia, enumerando os exemplos de Beethoven, de Aristóteles, Claparède e muitos outros. A riqueza do arcabouço cultural de Antipoff é entregue ao filho, nesse momento mais capacitado e sensível às descobertas do mundo intelectual e artístico. Já é um rapazinho que vai a concertos e recitais, que compõe em pequenas partituras, que estrutura talvez um texto mais dialógico e questionador da mãe, que vive as atribulações da puberdade e da adolescência. São as cartas mais lindas.

# Cartas de Helena Antipoff (1935-1936)

d – datilografada

No	data local	sentimentos	filosofia psicologia pedagogia literatura música política	Outras
1d	10/02/35 p 7	Saudade de uma vida movimentada.	Viktor fala das leituras de Daniel e de seus livros. <b>Comenta jogo da política brasileira.</b>	Propôs que Viktor morasse com Daniel no campo em Paris, com ironia.
2	28/04/35	Às vésperas do aniversário dia de Daniel, sente prazer de escrever.	Amigos dão cursos na Pestalozzi, de diferentes áreas e professores trabalhavam de graça., mas agora foi legalizado	Inventa coisas novas para se entusiasmar, mas a fadiga aumenta pelos detalhes das velhas coisas a cuidar.
3d	16/05/35		O homônimo bíblico de Daniel teve sabedoria e serenidade na cova dos leões. <b>Seleção de bem-dotados.</b> Wunderli.	<b>Boas notas de Daniel, mandará exercício de Química feitos nos EUA.</b> Palestras dos heróis, Caxias, Washington.
4	26/5/35 3	“eu não te esqueci,mas não escrevi 2 semanas”- a razão é a tristeza e a depressão.	Pede desculpas pelo “abandono” de semanas, mas não quis enviar ideias turvas que lhe atormentavam a mente.	Os alunos de Minas têm boas lembranças de Daniel.
5d	25/7/35 5 av Paratuna 1657	Pesadelo, pensando num Daniel triste. <b>Sofrimento“ abandonado”.</b>	Possibilidade Daniel estudar agronomia em Viçosa e depois nos EUA. <b>Grany(Sofia Antipoff).</b>	“visionária”, imagina um parque das bandeirantes acolhido pela PBH.
6d	15/12/35	Canções de ninar para Daniel bebê.	Souvenirs acoustiques... Música: arte soberana.	As crianças são “comunistas” e revolucionárias.
7d	22/12/35	Planos de se encontrarem no fim do ano. <b>Há 3 anos não o vê. Charme e inteligência.</b>	Congresso no verão de psicotécnica, para não ficar à parte do mundo científico. <b>Aconselha ler em russo os clássicos de lá.</b>	Um sonho assombrado com Daniel. <b>Os franceses e a elegância brasileira e negra. Daniel é escoteiro chefe.</b>
8d	24/06/36 5	<b>Provas em Valence: boa sorte!</b>	Férias de Daniel na Inglaterra, aprenderá o inglês	<b>(Ref /3 jun) Dinheiro para hospital de Viktor e para Grany.</b>
9d	02/08/36 5		A importância da música para a comunicação com os alunos. <b>Daniel não deveria deixar o violino, já q será um educador.</b>	<b>Rádio: pergunta se um dia comunicar-se-ão de longe de um poste.</b> Com índios de Goiás, após reunião com jornalheiros.
10	7/8/36 ? 3 SP	A 3 semanas do aniversário de Daniel.	Dedica a Daniel seu livro <b>Trabalho como Fator de Desenvolvimento Mental.</b>	<b>“Se Deus quiser”, acabará o livro até 31 de março.</b>
11d	10/09/36 5			Daniel na França. <b>Uma carta para a mãe, Sofia.</b>
12d	20/09/36 5	Começa a gostar do estilo de Daniel, um pouco pomposo. <b>O pai ganhou um prêmio nessa idade.</b> Cirurgia.	Besteiras de jovem comprometem vida adulta; <b>sugere debate com amigos sobre jovens( e publicar na USP). Aristóteles e a juventude.</b> Pensar /agir, Alexander Bain - empirista escocês.	Cartas de Daniel de 30/8 e 10/9 mencionam Hélène, Clap. <b>Viktor doente e escrevendo o melhor romance.</b>
13d	04/10/36 5		Talentosos massacrados pelos adultos; <b>artificialidade infantil em festa escolar; educar na natureza; Plutarco; Está relendo a Vida de Pasteur, de Vallery Radot, a par de Daniel e fica encantada.</b>	Daniel retornando das férias na Inglaterra; <b>ela critica o futebol como preocupação vã contemporânea.</b>
14d	11/10/36 5	Melancolia de Daniel no retorno das férias na Inglaterra.	Contato com os homens que formam caráter, personalidade. <b>Daniel não seria um contemplativo, mas um observador ativo</b>	Dificuldades de agrupar em Minas as bandeirantes, amam namorar. <b>Viagens(Inglaterra), formação menos pedante.</b>
15 d	26/10/36 BH 5	Conhecer defeitos deprime. <b>Medidas, encefálicas de Daniel e do corpo em geral.</b>	A chefia escoteira treina o futuro educador para ajudá-la. <b>Relevar os comentários pessimistas do pai; mas atendê-los.</b> Bergson e Claparède(a evolução científica e a evolução do espírito).	Vê pela primeira vez um avião, maravilhada, num passeio de carro com Melle. Mild. <b>Pergunta sobre as eleições para prefeitos da escola de Beauvallon.</b>
16 d	2/11/36 p 5	Cuidados com os amigos, alcoolismo, sífilis. <b>Ser cuidadoso com o casamento, saúde mental. Pestalozzi e a hereditariedade.</b>	Curso de pedagogo, profissão educador a abraçar. <b>Escotismo como estágio vital e pedagógico.</b> Naturalismo cientificista e religião.	<b>(Ref 2/10) en train de faire par tu future carrière d'éducateur.</b> No Rio de Janeiro, Daniel teria uma vida mais terra-a-terra.
17d	15/12/36 7 BrittoMello4 98	Natal e tristeza; <b>déprimant para Daniel.</b>	A dor nos amadurece moralmente. <b>Festas dos escoteiros, a aplicar no Brasil.</b> A tristeza nos faz refletir sobre nós mesmos. <b>Os instrumentos de tortura de Cristo na flor de maracujá.</b>	Negros, frutas, avista do pátio nova casa no Barro Preto por causa dos que moram lá. <b>Tem por certo que comemoração os aniversários juntos em março.</b>
18	18/12/36	Levitan, amigo de Viktor, elogia a escrita de Daniel. <b>A casa antiga a deprimia.</b>	Morre o pai, a mãe envelhece, a humanidade segue e Daniel seguirá tornando-se independente.	Recebe a primeira carta depois da morte de Viktor. <b>Envia \$ para a colônia russa na Alemanha.</b>
19	25/12/36	Não gosta de fotos feitas por profissionais. <b>Natal: festa das crianças num mundo injusto.</b>	Daniel chefe escoteiro: desde os 4 anos comandava um batalhão de minhocas. <b>Releu O Príncipe e o mendigo, de Twain.</b> Lembra de Pipo, livrinho de Daniel.	Manda \$ para mausoléu de Viktor, preferia algo vivo, nome de biblioteca, uma bolsa para jovens escritores russos. <b>O avô: general a sapateiro, ensinando francês; a avó: poliglota.</b>
20d	S/d(10/36) 5	Claparède deprimido.	A saúde deixa a desejar, cansaço intelectual, toma fosfatos.	Daniel aprenderá etiqueta, a formalidade inglesa, e como ser um gentleman.
21d	31/12/36	Não queria ver o ano partir sem escrever em suas últimas horas. <b>Decepções para Daniel: as notas do bacharelado e a morte do pai.</b>	Pede a Deus por Daniel, como pedia quando ele era pequeno. <b>Juventude, desequilíbrio entre vontade e poder.</b> Intensificar a vida ativa!	Agradece que Deus lhe dê uma imagem sincera de si e não a engane. <b>Recebeu um pacote com 3 cartas de Daniel.</b>
22d	S/d	Conselhos de mãe. <b>Com insônia, a leitura. Agradece pelas muitas cartas. Analisa Daniel.</b> Com as cartas ele se sente muito próximo da mãe. <b>Sobre a paixão.</b>	Lendo autobiografia Isadora: humana, dançando Chopin, feliz e trágica. <b>Religiões consideram o amor filial padrão de moral elevada.</b> Insônia, acorda 3h e lê a vida de Isadora. <b>(carta lindíssima)</b>	Estudantes dormiam gelados para obter ingressos baratos de Duncan. <b>Esteve no RJ por uma semana.</b> Recordar-se das filas para ver Isadora Duncan quando jovem dançando Chopin, Beethoven.

## Quadro 2

## 8.8 Uma carta bonita

Esta nossa extração quase fenomenológica dos escritos de Helena Antipoff a seu filho mais querido permite destacar, entre aquelas de maior teor estético e memorialístico, uma carta de impressionante beleza na forma de expressão e pelo conteúdo que de algum modo se fez reter, ao longo de todos esses anos de pesquisa. Trata-se de uma carta escrita em 15 de dezembro de 1935, quando Daniel contava já seus 16 anos, em pleno gozo de seus anos de juventude adolescente. Nela, Antipoff descreve a própria iniciação no mundo da música, seu impacto infantil, seu dia a dia com as sonatas de Beethoven em casa, suas audições clandestinas no espaço proibido da cozinha e na intimidade das canções tradicionais de babás e governantas ucranianas, sob o sugestivo título, *Souvenirs acoustiques...*

Parecendo mais um tratado musical dirigido ao rapaz e a nós outros, ela se estende por cinco laudas datilografadas de ponta a ponta, que reproduziremos na íntegra em francês, para compartilhamento dessa graciosidade epistolar em antecipação de sua, em breve, publicação editorial. Ali vamos auscultar, com Daniel,

por qual razão será que a música teve o privilégio de tirar seu nome do nome genérico, consagrado, pela mitologia, às artes: as Musas? Será que a música é a arte por excelência, a arte pura e absoluta, a arte soberana? Quanto a mim, certamente a música é minha arte soberana.  
(ANTIPOFF a Daniel, 15/12/1935, p.1)

E continua, com toda singeleza de que é capaz,

É ela que nos agarra sem nosso conhecimento,  
é ela quem nos apreende, nos faz tremer  
e nos deixa, mesmo crianças, boquiabertos,  
como tocados por uma varinha mágica  
(ANTIPOFF a Daniel, 15/12/1935, p.1)



Helena se reconhece, desde cedo, como uma pessoa de extrema sensibilidade aos ruídos, aos sons e aos movimentos musicais que tocavam a intimidade de suas orelhas e de sua alma de criança. Aos três anos – relembra – ficou marcada pelos sons mais terríveis, mais assustadores e arrebatadores de seus temores infantis. Seria a primeira audição noturna, ouvida do quarto de dormir, de uma ópera, com os estampidos eruditos de tenores e mezzo sopranos a estremecer as paredes, as vidraças e as madeiras de seu berço? É ela quem nos conta, em francês alpino,

est le cri qui déchira le silence de notre maison, cri terrifiant, cri monstre,  
qui durait des heures, entre-coupés de courtes silences. On espérait qu'il  
allait nous laisser en paix, mais reprenant l'haleine, perdu pour un  
moment dans les entrailles de ce corps nouveau-né

[é o grito que rasgou o silêncio da nossa casa, grito aterrador, grito de monstro,  
que durou horas, intercaladas com breves silêncios. Nós esperávamos que ele  
ia nos deixar em paz, mas recuperava o fôlego, perdido por um momento  
nas entranhas deste corpo recém-nascido]

(ANTIPOFF a Daniel, 15/12/1935, p.1)

A vinda à luz de sua irmã, três anos mais nova, marcou desse modo o nascimento, em seu coração, do poder mágico dos sons, capazes de fazerem rirem e chorarem as pessoas sensíveis, educadas desde cedo na capacidade de surpreendê-los em suas concatenações melódicas, que vão do trágico ao romântico, do grave ao suave, do fortíssimo ao pianíssimo, agitando, por meio dos ouvidos ou do tato, os neurônios encarregados de armazenar, para sempre, o aprendizado da fruição musical de todos os matizes, ritmos e gêneros. Para Daniel, a compra de um violino - em francês, *violon* - marca essa intencionalidade pedagógica, que em Helena se fez acompanhar na infância pelas audições de piano de sua mãe, Sofia, exímia executora da *Sonata Patética* de Beethoven, que poucos recitalistas ousam enfrentar no mundo dos conservatórios de música.

A importância da iniciação musical precoce, para produzir a partir de nossos ouvidos a afinação de nossas cordas vocais, é atestada por especialistas do canto e coral, aconselhando às crianças, até os seis, pelo menos, brincarem, que mais não seja, com uma flautinha doce. Mas foi numa cidade próxima a Riga, capital da Letônia, num passeio infantil com a avó paterna, que a apreciação infinita das sequências musicais despertou a menina Antipoff, como nos lembra ela, ao modo de Freud, intérprete dos próprios sonhos infantis,

Então eu seguia pelo beco bonito da cidade, quando de repente algo me surpreendeu, parou meu passo e me tirou o fôlego. Os sons, baixos a princípio, depois se tornando mais agudos, sempre mais altos, subiam uma escada invisível, mas em graus tão regulares que você pensava tê-los visto. Essa corrida rápida atingiu o topo pontiagudo da escada e começou a descer cada vez mais baixo, em regiões profundas. Senti meu ser ficar grave, muito grave, esperando que algo muito sério acontecesse. Mas o som, tendo atingido um ponto baixo que poderia ter sido ainda mais baixo, para por um instante, para voltar imediatamente, abandonando o abismo e subindo muito rapidamente pela escada com passos regulares, rumo à luz, rumo ao alto, ar e risada.

(ANTIPOFF a Daniel, 15/12/1935, p.1)

E, concluindo sua primeira lembrança de contato com a música erudita ao piano, relata,

C'est ainsi que mon âme enfantine reçut pour la première fois l'impression de la gamme chromatique, qui fut, comme je me représente, mon baptême musical... Ne respirant presque pas, je m'envais à écouter la gamme que les doigts de quelqu'un que je ne voyais pas produisait innombrables fois, sur le piano de la pension

[Foi assim que minha alma infantil recebeu pela primeira vez a impressão da escala cromática, que foi, como imagino, meu batismo musical... Quase sem respirar, me propus a ouvir a escala que os dedos de alguém que não vi produzia inúmeras vezes, no piano da pensão]

(ANTIPOFF a Daniel, 15/12/1935, p.1)

Quem quiser apreciar o uso que compositores eruditos e clássicos fizeram dessas escalas, em melodias conhecidas por Antipoff, pode usar essa ilustração musical a seguir.

[https://www.youtube.com/watch?v=APIB9W-PW1M&list=RDDn\\_Dx6PzDsc&index=3](https://www.youtube.com/watch?v=APIB9W-PW1M&list=RDDn_Dx6PzDsc&index=3)

Sendo batizada para o amor à música por meio dessas escalas cromáticas ao piano, instrumento que apresenta em branco e preto as notas possíveis aos instrumentos temperados, às quais mais tarde vão-se acrescentando os intervalos infinitos entre as notas possíveis aos não temperados, as comas do cello, do violino e da viola, Helena Antipoff prossegue contando a sequência de sua vida musical, de que não resistimos adiantar mais uns trechos da bela carta.

Para melhor apreciação desta parte, nada como ouvir, de Beethoven, a *Sonata Patética*, e de Chopin, as *Valsas*, que faziam parte do dia a dia, à noite, da pequena Yelena Antipova. Pode-se clicar nas ilustrações abaixo e seguir na leitura, deixando-as ao fundo, para uma viagem musical pelo tempo.

<https://www.youtube.com/watch?v=qO8yfBLNVjU> – *Patética*

[https://www.youtube.com/watch?v=UWiy7xfn\\_YQ](https://www.youtube.com/watch?v=UWiy7xfn_YQ) – *Valsa op. 64.2*

Ouvindo-as, compartilhamos, voltando o tempo para trás como podemos e vivendo ao vivo o que vivia Helena Antipoff. Vejamos como:

9-10 horas da noite. Eu, deitada já no meu leito e adormecendo pouco a pouco, docemente, imperceptivelmente, ao som de uma valsa de Chopin que minha mãe tocava com suas delicadas mãos brancas e afiladas. Aliás, ela não tocava mal; sua técnica podia suportar uma Sonata Patética, por exemplo, que eu jamais ousaria tocar.

(ANTIPOFF a Daniel, 15/12/1935, p.3)

Como fazia Freud, entra em cena a análise retroativa da mãe, que como as amigas da sabedoria, chamava-se Sofia.

A música era para ela uma espécie de válvula de escape para seus sentimentos, pois exteriormente ela se apresentava com um temperamento *froid*, sempre igual, sem verve.

(ANTIPOFF a Daniel, 15/12/1935, p.3)

Em seguida, fala-nos a *feminista*, leitora de *A Mulher Desiludida*, de Simone de Beauvoir,

Podia ser que ela tivesse o dedilhado dos inatos,  
mas a educação e a influência de meu pai,  
por demais despótica, nada mais fizeram  
que lhe acentuar aquele caráter.

E conclui, com a alma de artista que buscava emprestar a seu filho, envolto no roçar dos arcos sobre os violinos,

É a sua avó que devo meu amor à música, à boa música.  
Tinha ela também uma bela voz e cantava com assaz expressão,  
mas eram as sonatas de Beethoven e as valsas de Chopin que produziam  
em mim uma experiência doce, inefável, restando sacramentadas para sempre  
em meu coração.

(ANTIPOFF a Daniel, 15/12/1935, p.3)

A historiadora russa, Marina Sorokina, têm-nos revelado preciosas informações sobre a trajetória de Yelena em seu país de origem, bem como de seu pai Wladimir e do marido, Viktor. Ela veio a Ibirité solicitar à *Fundação Helena Antipoff*, um par de sapatos e algum despojo de Yelena, sendo ferozmente questionada por autoridades locais. Esse material, mais tarde liberado, foi colocado no espaço Antipoff do *Museu da Diáspora Russa*, em Moscou, colocando também, desse modo, a cidade considerada dormitório - que não tem um hotel sequer - no roteiro mundial dos museus. Chamado, por fim, de *Museu dos Russos no Estrangeiro*, ele seria inaugurado em Moscou, em 2018, com presença do ditador Putin – fiel perseguidor da liberdade de expressão na imprensa e nas artes - que não apareceu, ao contrário da orientadora desta pesquisa, que para lá se dirigiu pela segunda vez.

Marina, observando os dois pianos dos Antipoff, ali guardados, foi questionada sobre qual seria a sonata de Beethoven predileta de Lenin. Arriscou a *Sonata ao Luar*, a mais óbvia, por seu movimento inicial Largo, maestoso e romântico, talvez de maior facilidade para um revolucionário muito ocupado. Lenin viveu em Genebra, em meio à imensa comunidade russa exilada, até pouco antes da chegada de Helena, na primeira migração e deve ter-se contagiado pelas sonatas do mestre maior delas.

Ouçamos, na próxima ilustração musical, o *engano* da historiadora quanto as preferências musicais do líder bolchevique, ao que parece um iniciado nas camadas mais densas da produção do mestre de Viena.

<https://www.youtube.com/watch?v=eFie8xoS1jI> – *Sonata ao Luar*

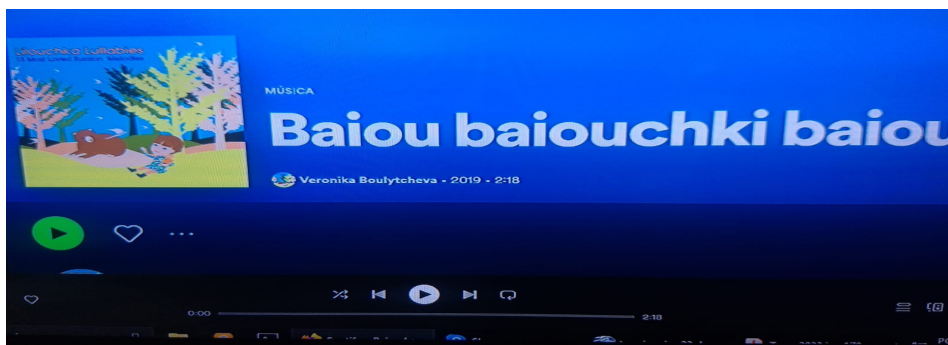
<https://www.youtube.com/watch?v=E5JObP74jcw> – *Sonata Appassionata*

<https://joseluis817.wordpress.com/2014/12/08/11750/>

Amorosa, como sempre, Helena encerra esta linda carta, com o carinho que só ela poderia endereçar a seu *abandonado*,

Eu amava tanto a música que me sentindo mãe e esperando meu filho, sonhei com o momento em que poderia cantar para ele nossas lindas canções de ninar russas. E é sobretudo uma canção de ninar, uma canção de ninar doméstica, pois era cantada em casa não só quando éramos pequenos e meu pai que pouco nos via, mas que se aproximava, nesses raros momentos, com uma certa dose de intimidade, que eu não sentia de minha mãe. Essa canção de ninar, que ainda embalava meu pai, sonhei em cantá-la para meu futuro filho. Fiz isso muitas, muitas vezes e muitas noites quando o sono fugiu de seus olhos, bem abertos, cantei para ele bem baixinho, para fazê-lo dormir: Bâiou, Baiouchki, baiouí.

(ANTIPOFF a Daniel, 15/12/1935, p.5-6)



(Cf. <https://open.spotify.com/track/66VLO1niJN3xPY3skonmfe> )

Figura 3 - Baiou baiouchki baiou

Mas ainda não podemos dar, por terminada, nossa apresentação desta escrita prima de Helena Antipoff, aos 43 anos a seu filho de 16, sem destacar um lado B dessa missiva carinhosa e descritiva de sua perigração pelo mundo da música, desde a criança que ela era até a criança que veio do seio dela. Voltemos, pois, ao mundo das crianças modelado naquele ano de 1898, para apreciar o melhor vinho ainda não servido em nosso recital. Nada mais, nada menos, que a mãe educadora, de 37 anos depois, caracterizando a infância em sua versão mais excelsa com palavras amaldiçoadas pelas polícias políticas que prenderam e assassinaram Olga Benário e Edith Stein.

Uma surpresa no meio do caminho. Por ocasião de uma longa viagem de seus pais, as infantas gozaram de um limbo de liberalização do regime de caserna senhorial que imperava na mansão, talvez por ser o patriarca alto oficial do exército czarista. As crianças permitiram que o ordenança do pai, um certo Ivan, adentrasse seus aposentos, assentasse ante elas e lhes cantasse as canções tradicionais da Ucrânia, direito a ele vedado sob as leis férreas de servidão do Império Russo.

On s'asseyait sur une chaise  
(quelle licence, mon Dieu, car cette brave ordonnance de mon père n'avait par le droite "legal" de s'asseoir en présence des enfants de son commandant, mais enfin, les enfants sont et furent de tous les temps les grands révolutionnaires et de grands communistes certainement) on l'asseyait donc sur la chaise blanche vernie de notre chambre d'enfants et l'écoutait...

[Sentamos em uma cadeira (que licença, meu Deus, porque esse bravo ordenança de meu pai não tinha direito "legal" para sentar-se na presença dos filhos de seu comandante, mas, enfim, as crianças são e sempre foram os grandes revolucionários e os grandes comunistas de todos os tempos, certamente) então o sentamos na cadeira branca envernizada de nosso quarto de crianças e o ouvimos... ]

Escutariam, ansiosamente, as melodias do cancionero popular,

Com uma voz ligeiramente esguia (talvez por timidez) mas com um ouvido muito justo, fez-nos ouvir muitas canções ucranianas, tão melódicas, tão variadas, tão tristes e tão alegres ao mesmo tempo. Quando a alegria transbordou, na música, Ivan le Noireau estava pronto para ficar de quatro e expressar com os pés o que a voz sozinha era impotente para fazer. Mas seria um desrespeito dançar nesse quarto infantil e depois de uma tentativa mais tímida nosso bardo se deu por bem com a música...

(ANTIPOFF a Daniel, 15/12/1935, p.4)

E exclama, animada pela atitude musical, revolucionária, do ordenança, fazendo eco

- deve-se notar - à terminologia dos que lutam contra o despotismo fora e dentro do lar,

o bravo ordenança que, apanhado em flagrante,  
teria pago caro pelo prazer que nos oferecia.  
Ah, as belas sessões musicais clandestinas,  
como suas melodias ainda ressoam em meus ouvidos!

(ANTIPOFF a Daniel, 15/12/1935, p.2)

E mais, a primeira canção que aprendeu foi com uma governanta francesa. Ela conta a

Daniel,

A lembrança da primeira música, cantada, corresponde a meus 8-9 anos passados, e se encontra associada às lembranças da senhorita Céline, nossa governanta francesa... o que fazia meu encantamento é ainda o que adoro acima de tudo - a música. De sua voz, baixo, um pouco rouca, viril(ela tinha um fio de barbiche no queixo, eu começo a me lembrar), a senhorita Céline nos introduziu no belo palácio das canções populares, das rodas infantis, as belas canções de roda das quais a França foi tão generosa para sua infância. E é então que, pela música, pela roda infantil, porque sempiterno

*Meu burro, meu burro está com dor de cabeça,  
Madame fez-lhe um gorro para a cabeça  
E sapatos lilás, lás lás  
E sapatos lilás...*

que minha alma participava não só da melodia, mas do próprio espírito dessa doce França, França que eu e, mais tarde, o ser mais querido da minha vida, tanto amamos. Não é, Daniel?

(ANTIPOFF a Daniel, 15/12/1935, p.2)

(Cf. <https://www.youtube.com/watch?v=p6lNryBDWWE> )

A música permeará o conjunto missivo que Antipoff dedicará ao filho durante esses nove anos, destacada com exemplos de incentivo à superação dos obstáculos, ao enfrentamento das dificuldades e também às possibilidades pedagógicas oferecidas aos projetos de educação infantil. Para felicidade materna e maestrina, Daniel ingressa nos estudos de violino e, apesar de ser considerado inapto pelo primeiro professor, por causa do tamanho exagerado de seus dedos, mais indicados para a execução do piano, ele persiste e é saudado pela mãe, que vê nesse aprendizado futuras intervenções conjuntas em instituições de ensino. Por carta, também, Daniel envia a partitura de uma composição sua com um amigo, que o pianista André Luís Pires teve a gentileza de executar ao piano, para nossa apreciação.

A Daniel,  
sa maman.

Belle Horizonte, 15 déc. 1935

Souvenirs ~~musicaux~~ acoustiques...

Je n'ai sous la main ni une Encyclopédie, ni une histoire de musique, pour rafraîchir ma mémoire sur le point que voici: pour quelle raison est-ce que la musique eut le privilège de tirer son nom du nom générique, consacré par la mythologie, aux arts: les muses? Est-ce parce que la musique est l'art par excellence, l'art pur et absolu, l'art souverain?

la musique

Quant à moi, certainement ~~l'art~~ est mon art souverain. C'est celui qui s'empara de nous à notre insu, celui qui nous saisit, nous fait frémir et nous laisse, même enfant, bouche bée et cœur touché par la baguette magique.

Tant que je puis me souvenir, les bruits, les sons et les mouvements musicaux sensibilisaient particulièrement mes oreilles et mon âme d'enfant. C'est ainsi que mon tout premier souvenir, que je situe avec précision à trois ans (puisque j'ai trois ans de plus que ma sœur) est le cri qui déchira le silence de notre maison, cri terrifiant, cri monstre, qui durait des heures, entre-coupés de courts silences. On espérait qu'il allait nous laisser en paix, mais reprenant l'haleine, perdu pour un instant dans les entrailles de ce corps nouveau-né, il ~~recommença~~ redoublait de fureur. Le désespoir de ce cri humain secoua ma vie de trois ans et réveilla la conscience.

C'est à six ans exactement ("ton cousin Fix a le double de ton âge" me disait-on, sans que j'eusse rien pu comprendre à ce mystère mathématique. Ce n'est que plus tard que je le pénétrai, sachant que six ans nous séparaient l'un de l'autre) c'est à six ans exactement, dis-je, que le son musical ~~parvint~~ parvint à mon âme ~~pour la première fois~~; qu'il pénétra en moi comme une chose tout à fait nouvelle, jamais encore éprouvée.

Je me promenai dans la grande allée circulaire du jardin. D'un côté, la plate-bande en fleurs, de l'autre des buissons hauts et serrés me cachant la villa que nous habitions, près de Riga, en villégiature, en compagnie de ma grand-mère paternelle. J'allai donc vers elle, à moins que je ne m'efforçai à inventer quelque espionnerie pour ennuyer ce cher cousin, dont le "double de mon âge" lui donnait mille privilèges: aller se coucher plus tard, rester à écouter les grandes personnes, monter à bicyclette etc. J'allai donc par la jolie allée de la villa, quand tout à coup quelque chose me surpris, arrêta le pas et me coupa la respiration. Des sons, d'abord graves, puis devenant ~~de plus en plus~~ plus aigus, toujours plus aigus, montaient en vitesse un escalier invisible, mais aux degrés si réguliers, qu'on croyait les voir. Cette course rapide atteignit le sommet pointu de l'échelle et se mit à descendre chaque fois plus bas, dans des régions profondes. Je sentis mon être devenir grave, très grave, dans l'attente de quelque chose de très sérieux, qui allait se passer. Mais le son arriva à un bas qui pouvait être plus bas encore, s'arrêta un minuscule instant pour immédiatement rebrousser le chemin, abandonnant le gouffre et s'élevant très vite par l'escalier aux degrés réguliers, vers la lumière, vers la hauteur, l'air et le rire. - C'est ainsi que mon âme enfantine reçut pour la première fois l'impression de la gamme chromatique, qui fut, comme je me la représente, mon baptême musical... Ne respirant presque pas, je m'enivrai à écouter la gamme que les doigts de quelqu'un que je ne voyais pas produisaient innombrables fois, sur le piano de ~~grand-père~~ la pension... Le piano se tut, et je restai enchantée encore longtemps. Le lendemain et les jours suivants je les cherchais ces sons magiques, revenant à la même place, aux mêmes heures écouter les exercices de l'artiste inconnu, et surtout écouter la gamme chromatique qui se

Figura 4- Carta de Antipoff a Daniel(15/12/1935)





3

C'est vraiment étonnant la capacité qu'ont les enfants de retenir dans leur mémoire et les garder la vie entière tant de choses, tant de noms, de sons, de mélodies... Après Mlle Céline vinrent d'autres gouvernantes, Neufchâtelaises, Bernoises, Alsaciennes, que sais-je encore. On croyait ces régions plus propices à la morale des jeunes filles qui allaient chercher leur fortune en Russie, en guise de gouvernantes d'enfants. En effet, elles étaient vertueuses, excepté celles qui ne l'étaient guère. Mais elles avaient heureusement toutes la grande vertu pour moi, de connaître et de chanter joliment les chansons de leur pays. Elles le faisaient ~~probablement~~ d'autant mieux et volontiers que la nostalgie leur soufflait le grand souffle de sincérité et donnait une expression particulièrement sensible à mon cœur, ~~si ce n'est de la tristesse.~~

Pourquoi est-ce que ma mémoire qui me jouait si souvent de mauvais tours en classe, pourquoi est-ce que les ballades de Schiller et les sonnets de Goethe que avec tant d'efforts je ne parvenais qu'à moitié à apprendre pour les oublier le lendemain, ce qui ne faisait auser un vrai martyr... pourquoi est-ce, je me demande, ces chansons, très longues, infinies, restèrent gravées à jamais dans mon cerveau, et sans que nul effort présida à les fixer?

A Paris-y-il y a une belle fontaine, tra-la, la-la la, tra-la-la-la la-la.  
Trois jeunes demoiselles allèrent pour s'y baigner

Le premier qui passa fut le roi d'Angleterre,  
Tra-la-la, la-la, tra-la, la, la.

on connaît le sort de la plus jeune et de la plus belle des trois, qui, manie d'une bayonnette, invita le roi d'Angleterre à brandir son épée...

Sur un pont d'or, sur un pont d'or  
un bal y est donné,  
Sur un pont d'or, sur un pont d'or ~~un bal y est donné~~  
un bal y est donné...

on se souvient la morale qui en suivit, après d'innombrables couplets, contant l'histoire d'Adèle, la desobéissante.

Mais voici encore une chanson, plus longue et plus dramatique encore que nous chanta notre gouvernante Alsacienne :

Il pleut, il neige, c'est en décembre  
Paris assiégé se défend.  
Dans une misérable chambre  
Le père embrasse son enfant....

on y voyait à travers cette chanson les horreurs de la Commune, paix et toutes les tristesses humaines, mais heureusement le drapeau tricolore venait à la fin ~~réjouir~~ éclairer les malheurs...

Ces chansons, nous les connaissions par dizaines, d'un bout à l'autre, sans avoir la moindre idée de se tromper. Cela allait, comme la respirations elle-même, inconsciente, automatique et pleine de sens à la fois. Avec ma sœur, Mlle Jeanne dont le souvenir est des plus agréables, tant elle connaissait de chansons, et avec ce cousin de cousin, on passait ~~si~~ des heures bien occupées.



Vers ses dix ans, nos parents firent un voyage à l'étranger: mon père, ayant fait un cours brillant à l'Académie de l'Etat Major, reçut le prix de voyage, et c'est la raison pour laquelle nous passâmes l'année 1900 dans des conditions totalement différentes de notre vie habituelle. Beaucoup plus de liberté, moins de rigidité, et de spontanéité et des souvenirs charmants ~~datant~~ ne restent de ce début du siècle, nous eûmes chez notre Grand'mère maternelle, à Grodno. ~~Madame~~ comme l'appelait tous les Juifs de Grodno.

Madame la Générale était une femme remarquable: très belle dans sa jeunesse, elle se maria tôt, mais perdit tôt aussi son premier mari, le père de ma mère, un ~~général~~ officier de l'armée russe. Avec ses trois filles, la jeune veuve n'eut pas de soucis, car appartenant au milieu militaire elle les inscrivit toutes les trois à l'Institut des Jeunes Filles Nobles de Bielostok. Sa grand'mère, très belle encore et la meilleure amazone entre toutes les dames de Grodno, gagna vite le cœur d'un général qui lui offrait, avec son cœur, une existence plus aisée. Elle se maria. Mais le général n'était plus très jeune, hélas de la guerre de Turquie, d'où en lui d'honneur il rapporta une épée en or, dont on nous parlait toujours. Enfin grand'mère restée veuve, pour la deuxième fois continua sa vie en vivant dans la famille de ses filles ou nièces et cousins, ~~tant~~ qu'elle avait en abondance en Pologne et en Allemagne, étant Allemande et Polonaise à la fois.

Nous l'aimions bien notre grand'mère, et en d'autres occasions j'en parlerai plus longuement. Parlant correctement le russe, elle le parsemait cependant de quantité d'expressions barbares, russifiant quantité de mots polonais et allemands. Nous l'aimions notre grand'mère, mais pourquoi, non bien, ronflait-elle si fort, la nuit, et pourquoi son ronflement nous faisait croire qu'il y avait un loup terrible et méchant dans la chambre voisine, dans la chambre de grand'mère... Comment pouvait-on ronfler de cette manière, quelles modulations, quels tréteaux ne laissait donc pas échapper le gosier de notre bonne grand'mère.

Un souvenir triste me revient à l'esprit au moment d'écrire ces lignes, souvenir ~~dit~~ acoustique également: vivait dans la même maison que nous une famille des gens plus que modeste, mais dont la nièce était moins matérielle que morale. Comme aujourd'hui, ses oreilles ~~se~~ frissonnent (le peuvent-elles? je crois que si) en se représentant tant cette scène horrible et sauvage dans laquelle une enfant, une gosse de 5-7 ans, recevant des coups furieux de son brute de père, criait au secours. C'est grand'mère qui l'a secourue, aidant la famille et ~~châtiant~~ admonestant le père.

Lorsque je veux, entre tous mes souvenirs d'enfance, choisir celui qui signale le plus grand bonheur, je dois m'arrêter sur celui-ci: 9-10 heures du soir; moi, couchée déjà dans mon lit, et m'endormant petit à petit, doucement, imperceptiblement au son d'une valse de Chopin que jouait ma mère, aux jolies mains blanches et effilées.

Elle ne jouait pas mal; sa technique pouvait supporter une Sonate Pathétique, par exemple que je lui aimais bien entendre jouer. La musique était pour elle une sorte de soupape de sûreté pour ses sentiments, car extérieurement elle se présentait avec un tempérament froid, très égal, sans ~~aucune~~ verve. Peut-être il y avait là dedans du inné, mais l'éducation et l'influence de son père, assez despote, ne firent sans doute que l'accentuer.

C'est à ma mère que je dois l'amour à la musique à la bonne musique. Elle avait aussi une bien jolie voix et chantait avec assez d'expressions. Mais les sonates de Beethoven et les valses de Chopin qui produisaient sur moi une ~~expression~~ douce ineffable, ~~se~~ restèrent sacrées à jamais.

J'aimais tellement la musique que ma tante mère et en espérant mon enfant, je rêvais au moment où je pourrai lui chanter nos jolies berceuses russes. Et c'est

surtout une berceuse, une berceuse domestique, puisqu'elle se chantait à la maison  
 non seulement quand nous étions petites et que mon père qui nous voyait peu, mais qui  
 s'approchait, dans ces rares moments avec une certaine dose d'intimité, que je ne sentais  
 pas en ma mère, cette berceuse qui berça encore mon père, je rêvai la chanter à mon  
 futur enfant. Je l'ai fait bien, bien des fois et bien des nuits lorsque le sommeil fuy-  
 ait de ses yeux, grands ouverts, je le lui ai chanté tout doucement, pour l'endormir:

Bâiou, bâiouchki bâiou....

## 8.9 Assombros da revolução

Tomada por insônia, por motivos que não esclarece, Antipoff perde o sono às três horas da madrugada e se entrega à leitura. E a qual leitura? Ela conta a Daniel,

Estes dias, ou melhor, estas noites, sofro de insônia, às três horas da manhã dou um salto... valentemente começo a ler... Hoje, também acordei cedo, comecei a ler a autobiografia de Isadora Duncan, que ela escreveu pouco antes de sua trágica morte.

[Ces jours ci, ou plutôt, ces nuits je souffre d'insomnie, à trois heures du matin je sursaute... je me mets vaillamment à la lecture... Aujourd'hui, réveillée aussi de bonne heure, je me mis à lire l'autobiographie de Isadora Duncan qu'elle écrivit peu avant sa mort tragique.]

Discorre sobre a presença da arte em sua vida, em sua formação, na solidificação de seus anseios juvenis, e não estava sozinha,

Isadora foi a fada boa, da época da minha juventude. Foi a revelação da arte, através da sua dança muito original e genial que esta americana trouxe às pessoas da minha geração, na Rússia, na Alemanha ou em qualquer país da Europa e América. Você não pode imaginar como todos nós sentimos quando a vimos dançar Valsas e Noturnos de Chopin, Momento Musical de Schubert, Rondós de Beethoven ou de Mozart... Os estudantes passavam noites inteiras, congelados pela temperatura do inverno russo, em longas filas esperando pela manhã do dia seguinte para terem a chance de encontrar bilhetes baratos no balcão.

[Isadora fut la bonne féé de l'époque de ma jeunesse. Ce fu la révélation de l'art, à travers sa dance toute originale et géniale que cette femme Américaine apportait aux gens de ma génération, en Russie, en Allemagne, ou en n'importe quel pays de l'Europe et d'Amérique. - Tu ne peux pas t'imaginer ve que nous éprouvions tous et toutes en la voyant danser les valse et les Nocturnes de Chopin, le Moment Musical de Schubert, les rondos de Beethoven ou de Mozart... Les étudiants passaient des nuits entières, gélés par la température de l'hiver russe, en longues files attendant l'heure matinale du lendemain afin d'avoir la chance de trouver les billets bon marché au guichet.]

E compara os tempos presentes a Daniel, frequentador de recitais e estudioso do violino, com os tempos idos de sua coetaneidade com ele,

Sim, a arte do meu tempo parecia-nos levar mais vantagem do que hoje. Uma representação como a de uma Duncan, de uma Eleanore Duse, a música de um Hoffmann, de um Isaye, marcaram acontecimentos muito importantes em nossa vida estudantil. Ainda recordamos com intensa emoção essas noites artísticas que tiveram a virtude de nos abalarem até a medula de nós mesmos.

[Oui l'art de mon temps paraissait nous prendre d'avantage qu'aujourd'hui. Une representation comme celle d'une Duncan, d'une Eleanore Duse, la musique d'un Hoffmann, d'un Isaye marquait des événements très importants dans notre vie d'étudiant, souvent encore avec un intense émotion ces soirées artistiques qui avaient la vertu de nous ébranler jusqu'à la moelle de nous mêmes.]

(ANTIPOFF, Carta a Daniel, s/d, 1935)

Sobre essa leitura, ela comenta, com o filho de dezesseis anos,

A leitura desta *Vida de Isadora Duncan* não só me fez mergulhar no passado, como também, pelas extraordinárias qualidades de sua autora, comoveu-me profundamente. Eu acredito que este livro (de uma crueza muito pronunciada), mas de sinceridade e franqueza sem limites, é um dos melhores documentos humanos que eu já vi. Ela é uma grande artista e uma grande mulher. O destino foi favorável a ela, por um lado, mas por outro nunca foi tão cruel, tão trágico, como o foi para ela.

[La lecture de cette Vie de Isadora Duncan ne m'a pas seulement replongée dans mon passé, mais encore par les qualités extraordinaires de son auteur m'a remuée profondément. Je crois que ce livre (d'un cru très prononcé, mais d'une sincérité et franchise sans bornes, est un des meilleurs documents humains que j'ai jamais vu. C'est une très grande artiste et une très grande femme. Le sort lui fut propice d'uncôté, mais de l'autre jamais il ne fut si cruel, si tragique que le sien.]

(ANTIPOFF, Carta a Daniel, s/d, 1935)

Mas o que estaria lendo, nessas madrugadas frias de Belo Horizonte, nossa personagem filípica? O que provinha da caneta autobiográfica de sua bailarina predileta? Vejamos,

com minha túnica vermelha eu dancei constantemente a revolução e chamei os oprimidos às armas. Naquela noite dancei a Revolução Russa com alegria feroz. Meu coração estava explodindo dentro do peito por sentir a libertação de todos aqueles que morreram pela causa da humanidade

(No Metropolitan, Nova York, 1917)

No caminho até a Rússia experimentei a sensação de que minha alma se desprendia de meu corpo, como depois da morte; sensação que estava justificada pelas razões da viagem. Havia entrado em outra esfera. Atrás de mim deixava para sempre todas as formas de vida europeia. Acredito, efetivamente, que o Estado ideal, imaginado por Platão, Carlos Marx e Lenin havia sido milagrosamente implantado na terra. Com toda a energia do meu ser, decepcionado em suas tentativas de realizar suas ideias artísticas na Europa, estava completamente disposta a ingressar no demônio ideal do comunismo. E não levava roupas. Percebi que passaria o resto da minha vida com uma blusa de flanela vermelha, entre camaradas igualmente vestidos com simplicidade, cheios de amor fraternal. À medida que o navio avançava, olhava para trás com desprezo e piedade, recordando as velhas instituições e costumes dos burgueses europeus. Adiante eu seria uma camarada entre os camaradas e desenvolveria um vasto plano de trabalho para a regeneração da humanidade. Adeus, pois, à desigualdade, à injustiça e à brutalidade do velho mundo, que tornou impossível minha escola. Quando, por último, chegou o navio, meu coração deu um salto de júbilo. É aqui o belo Novo Mundo que acaba de ser criado!... e eu entrava agora neste sonho, do qual minha obra e minha vida participariam com sua gloriosa promessa.

“Adeus, Velho Mundo! Saúde para o Novo Mundo!(atendendo convite de Lenin,1921)

(DUNCAN, 2012)

## 8.10 O terceiro bloco – 1937 e 38(cartas da juventude de Daniel)

O termo de nossa jornada expositiva de nove anos de reciprocidade *abandonada*, coincide com o final dessa carreira missivista estudada como a primeira das etapas atravessadas pelo conjunto da correspondência Antipoff/Antipoff, que se prolonga quase até o fim da vida de Helena. Outros capítulos dessa jornada cartista se desenvolveram durante a estada de Daniel em Viçosa, dela no Rio de Janeiro, dele em Patos de Minas e em São José dos Campos, além do largo período em que Helena Antipoff passou a maior parte dos dias na *Fazenda do Rosário* - ao mesmo tempo, tão próxima e tão distante da casa na Rua do Ouro, no bairro Serra, em Belo Horizonte - trazendo de volta - nos anos 1970 - o papel do papel e da tinta, dos envelopes e dos selos. Talvez por isso, até longa data, Daniel se tornasse colecionador de selos nacionais e internacionais.

Aqui também fizemos, de seu livro autobiográfico, nosso roteiro de empréstimo, pois nos ajudou a recobrir lacunas importantes quanto aos primeiros anos no Brasil e quanto a perda de uma ou outra carta. Além disso, preciosos comentários do próprio recebedor dispensaram especulações e ilações de quem pretendia, com toda precisão possível, estudar e apreciar de modo sincero esse acervo memorial e aprender muito com ele. A trajetória escoteira foi de certo modo um suporte para essa educação, à distância da mãe, a que Daniel foi submetido desde a infância, acompanhando seu desenvolvimento físico e mental, preparando-o também para uma possível integração aos trabalhos educativos exercido por Helena Antipoff junto a jovens presos.

As impressões causadas aos dezenove anos do rapaz - que o convenceram a se mudar para o Brasil - seguindo os passos da mãe e de muitos outros perseguidos que fugiam aos milhares, já no prelúdio das atrocidades que culminariam nos altos fornos dos campos de concentração nazistas, aparecem no epílogo das epístolas trocadas entre eles, nessa primeira fase.



## Cartas Helena Antipoff/Daniel (1937-1938)

d -datilografada

N.º	Data	Sentimentos/Saúde	Filosofia Psicologia Pedagogia Política Música	Outros
1	S/d 1937	Aumenta a possibilidade de virem a viver juntos no Brasil. Pensa em adquirir uma casa para morarem, incomoda-lhe ser “proprietária”.	<i>A propriedade é um roubo</i> , ideia presente em <i>Filosofia da Miséria</i> , de Proudhon, que inspirará Marx escrever <i>Miséria da Filosofia</i>	
2d	10/1/37 6	Crise espiritual de Daniel que tem tudo para se tornar um homem de bem. Higidez hereditária dele. Os caracteres desenvolvíveis facilmente e os que levam anos de educação e de hábitos morais e sociais, sob a hereditariedade. Imagina que o assunto o estaria cansando.	Pedagogia tateia há anos. <b>Coeducação polariza teóricos</b> . Boa tese para mostrar características da escola do escotismo. Daniel será seu colaborador nisto. <b>A música transcende a moral</b> . Influência do meio.	A importância da profissão de educadores que ela espera exercer junto com Daniel, ante a “barbárie” contemporânea. <b>Que ele observe bem a juventude dos dias que correm</b> . Estética eslava mais próxima do catolicismo e a anglo, do protestantismo.
3 d	18/01/37	Solicita as medidas de D, preocupada com a magreza dele.	Lendo Bourget, <i>Le disciple</i> e Maurois, <i>Disraeli</i> , que recomenda, a vida de grandes homens.	Pede que mandem os livros de Viktor para Daniel. <b>Na biblioteca do pai, livros russos</b> .
4 d	7/2/37 d Britto Melo 5	Egoísmo humano remete ao altruísmo, projeta naqueles de igual idade a Daniel a sua dedicação negada. <b>Maternidade</b> .	Perspectiva de viajar e estar junto com Daniel e apreciar as maravilhas da Europa, estudando a educação especial.	Tratamento hediondo nas prisões juvenis, carcereiros criminosos.
5 d	14/02/37 Britto Mello 5	Insônia e fadiga pré-viagem.	Self-governant da George Junior Republic, New York(desde 1895) para delinquentes de BH(160) junto com Daniel .	
6 d	21/02/37 5	Solidariedade, maior legado do pai, encaminhar direitos autorais para escritores exilados	<b>Reflexões sobre a herança</b> . Pestalu, traído por seus discípulos,vai contar a D Cf 28/4/35	Domingo - reformatório, os <i>enfants sós</i> . <b>Amigos de Viktor + 16/11, mandam para D um navio</b>
7 d	28/02/37 5"	“morte”.	Os bem-dotados, “mediocres” merecem uma pesquisa ativa. <b>Vantagens da separação que une</b> . As insanidades do reformatório a leva a refletir quanto ao ser humano (cf. Marx). Epistemologia, estudos e descobertas – Newton.	Enviou \$2000 para Grany e em dezembro 5000 para Tante. <b>Esforço para carta semanal</b> . Não havia um são no reformatório - 60 tuberculosos.
8 d	07/03/37 5	A mãe é outra ao vivo, defeitos, beleza. “O sonho, que é a própria finalidade da existência, não pode ser dispensado. Daniel sonhou com Helena.	Profissões. <b>Fatalismo da alma eslava</b> . Sem metafísica, encarar serenidade. Newton: gênio é a paciência - “Sem ele o homem é uma máquina ou um manequim,ou um burguês completo.”	(Ref 3/2) Contrato em aberto, inimigos, atraso na viagem. <b>Sobre sonhos, ideal</b> . Os dois trabalharão juntos em penitenciárias educando adultos.
9 d	S/d (7/37) p 7	Muito trabalho, férias de julho, 15 dias. <b>Não é hora de Daniel filosofar, mas de completar o bacharelado</b> . Cita Miss Graves.	Desejo de independência de Daniel – trabalhar. Atribui, ao sofrimento, uma ação ativa na criatividade. Cita exemplo de Beethoven,com estoicismo agostiniano.	Desemprego na Europa. <b>Pouco divertimento, cinema 2 vezes ao mês, concertos, 2vezes ao ano. Festa de S.João. Pergunta pelas amizades e amores em Paris</b> .
10 d	S/d(37) 7	Dores de cabeça a atrapalham escrever as cartas. <b>Pergunta pelos dentes e pela saúde</b> .	<b>Não trata de filosofia nem de literatura porque está com os miolos moles</b> . Disse a seu jovem editor	Daniel ajudará organizar teatros educativos no parque infantil, clubes de história natural, biblioteca, jogos. <b>Ameaças de guerra na Europa</b>
11 d	16/01/38 3	Questiona por que Daniel está hospedando alguém. <b>A letra dela afinou depois de adoecer</b> . Córtex devagar; cigarros.	Está com um ratinho branco e 5 filhotes para experiências do laboratório.	Solenidade na Casa do Jornaleiro, em obras. Fita nova na máquina de escrever. <b>Daniel está com a avó</b> .
12d	04/02/38 5	Angústia quanto à guerra.	Primeira crise de personalidade foi quando Daniel rola sob as patas de um cavalo aos 3 anos.	Passagem para o Brasil. <b>Lembrança da “Ilha das Flores”</b> . Trazer livros e dar aulas de francês.
13	27/2//38	Vida monótona, “saudades” de todos e de Paris. <b>Escreve sem entusiasmo, rito semanal e espera que Daniel cumpra</b> .		Em pleno carnaval, muito samba na rua. <b>A Igreja contra</b> . Helena em casa.
14 d	20/03/38 5 ou 2	Angústia da guerra. <b>“Branco”de Daniel,cuidados, gagueira</b> .	Cogita de Daniel ir estudar no Instituto Rousseau, ou RJ ou SP.	Compara com a situação em 1914.
15 d	8/5/38	Tem saltado as semanas de escrever para Daniel. <b>Deprimida depois da operação</b> .	Na pensão, 2 surdos-mudos inteligentes e mais 6 deficientes	Mudanças urbanísticas em BH. <b>Lago do parque abandonado</b> .
16	10/07/38 2	As dificuldades no exame de bacharelado apontam, para Daniel, a via da técnica agrícola, em Viçosa, ao invés de profissões liberais.	O ano escolar começa aqui a partir de fevereiro/março; isso quer dizer que Daniel terá tempo de aprender a língua e se matricular no próximo ano. <b>60 anos de Bovet</b> .	“em Viçosa há um curso médio de três anos – bem orientado praticamente para as necessidades locais - se decides vir para o Brasil, creio,sem perder tempo, devam ser tomadas as providências para a viagem.”
17	24/07/38	Daniel decidindo se vem. <b>Agronomia em vista. 4 línguas</b> .	Agostinismo estóico. “L’essential, il faut garder l’espoir”.	Pensa cuidar,com Daniel,de uma fazenda, se ele vier.
18	7/8/38 2	Fracasso no bacharelado não a deprime, preocupa pois Daniel tem 19 anos. <b>O esforço importa, mostrou vigor,mas é momento de escolher fora das carreiras liberais</b> .	A profissão de agrônomo o afasta do humanismo - de que o pai foi um exemplo - só na aparência; demonstra com o exemplo de Tolstói e seu modelo literário, Levine.	
19 d	10/09/38 5	Escreve para mãe e irmãs. <b>Angústia</b> .	Roseirais nos jardins, laranjais em flor.	Adiantamento para Daniel com Margueritte e Kraft. <b>Preocupação: 2 guerras para uma geração</b> .
20 d	02/10/38	Depressão geral.	Altos e baixos psi, compensando-se na espera de Daniel.	Os 4 em Munique dividem Tchecoslováquia.
21	S/D	<i>Meu filho querido, eu te abandonei</i> .		Fica 2 semanas sem escrever.

### Quadro 3

## 8.11 Escotismo nas cartas

Numa carta de 17/12/35, e em outra, de 26/10/36, Helena comenta o papel que a presença de um chefe escoteiro pode trazer ao desenvolvimento espiritual de um jovem e a sua evolução física e social. Ela vai acompanhando a graduação de Daniel, ao longo da correspondência, desde Lobinho, menino, até chefe, adolescente. Antipoff até organizou as Bandeirantes, a versão feminina do escotismo, em Belo Horizonte e ia sempre trocando ideias com ele sobre a evolução do grupo, pedindo-lhe orientações e sempre evocando que uma eventual mudança dele para o Brasil ajudaria muito no sucesso dessa iniciativa, além de outras ações educativas junto aos jovens reclusos no reformatório Alfredo Pinto.

Por certo o escotismo jogou papel forte no tripé com a escola de Beauvallon e as cartas semanais para a educação à distância de Daniel, montando com eficácia o quebra-cabeças pedagógico de um abandono bem pensado e organizado, que ainda era complementado pelo estudo do violino. Músico, escoteiro, aluno da escola nova, escrevendo e lendo semanalmente longas e breves cartas, Daniel chega à idade - de jovem quase adulto - com uma bateria de insumos formativos consideráveis, cujos efeitos sobre ele poderiam ser comprovados, ou não, de várias formas. Vale lembrar que o pai estava ali bem próximo dele e que uma ou duas vezes se cogitou deles morarem juntos, como seria natural numa família comum, em razão da ausência da mãe. Foi tudo muito bem planejado e pensado, talvez sem a ausência de conflitos entre os envolvidos, pai, avó, tias, podemos imaginar.

A própria Helena e as irmãs mais novas afastaram-se do pai para sempre, precocemente, por decisão feminina. Isso nos faz lembrar o papel do pai imaginário encontrado por Anna Freud na sua lida com os orfanatos, pais que eram capazes das maiores proezas em disputas animadas pela imaginação dos órfãos. Enquanto a ausência da mãe, observava Anna, era sentida e doída com muita intensidade pelos garotos.(FREUD, 1944)

Daniel costumava criticar a excessiva presença das mulheres, quase unânime, nas escolas infantis, o que privaria as crianças de referências masculinas em seu desenvolvimento físico e psíquico. Ele comentava que os modos pouco femininos da professora Soubeyran acabavam sendo sua referência máscula exemplar na escola de Beauvallon, papel que os chefes escoteiros de alguma forma cumpririam para os meninos do grupo. O papel do escotismo como *pas de deux*, ora com a escola, ora com as cartas, está por ser melhor examinado pelos psicólogos, não há dúvida.

## 8.12 Filosofia via postal

Em que pese não ver em Daniel uma propensão às ciências abstratas como a filosofia, Antipoff inclui em suas cartas diversas inscrições de filósofos e pensadores para orientá-lo em situações exemplares, colando ali citações extensas de Aristóteles sobre a juventude, Plutarco e até Proudhon. Kant também está implícito numa análise que ela faz do filho – dos 3 aos 9 anos – para apresentar, naquele artigo de 1929, a formação inata do senso de justiça na criança.

E Marx? Seria de se estranhar, a indiferença ao pensamento dele, por parte de uma cientista da ação - como Antipoff - uma intelectual que vivenciou ao vivo as duas revoluções russas, de 1905, com treze anos, e a de 1917, aos vinte e cinco. Ainda mais num período em que a obra de Marx estava em alta cotação – confirmada na prática - sendo seus textos marcantes de filosofia trazidos à luz em plena Rússia, cujo governo adquiriu seu acervo naqueles anos vermelhos em que ela ali permaneceu até ter de fugir das perseguições da stalinização do regime, que pôs fim à democracia e à liberdade de opinião, burocratizando o regime dos soviets. Recentes buscas da professora Marilene Almeida nos arquivos de Ibirité se depararam com um esquema sintético do pensamento dele, provavelmente para ser apresentado em alguma aula.

E Trotsky? O revolucionário russo, aliado por Stalin na sucessão de Lenin e perseguido mundo afora, até ser eliminado no México, aparece em artigo encomendado a Helena por Claparède, para os *Archives*, sobre a liberdade de imprensa na Rússia da época, escrito pelo marido, Viktor Iretzky e certamente revisto por ela. Nele, Viktor, ao comentar as condições de perseguição aos escritores, via censura e exílio, durante os ataques à democracia revolucionária pelos grupos menos históricos da ala bolchevique, de adesão oportunista e tardia às organizações socialistas, alude aos brios literários de Trotsky, com uma cifrada inclusão da palavra pluma. *Pluma* era o pseudônimo dele quando editava, de Genebra para a Rússia, com Lenin, entre 1908 e 1909, o jornal *Iskra*. (CAMPOS, FARNESE, 2023)

Curiosamente, Antipoff, como todo o pessoal da educação, foi subordinada a Trotsky durante alguns meses, quando ele mudou de função, para descansar do comando do Exército Vermelho, durante a guerra civil instigada pelas potências europeias que formaram o chamado *Exército Branco*. Lenin o aconselhou a cuidar da pasta da educação e ele pôde observar – conforme relata - o pouco avanço ante a meta bolchevique de abertura de um milhão de escolas para absorver a infância e a juventude durante a reconstrução da sociedade russa em novos termos socialistas. (TROTSKY, 1982)

Como já foi dito, não nos preocupamos em delimitar Helena Antipoff no âmbito de abominações ideológicas como *marxista*, tão desastrosas como *de direita*, para seu conhecimento aqui quanto para o reconhecimento ora operado em sua terra natal pelas gerações que dela nunca ouviram falar, como de Viktor, de Trotsky e de todos sobreviventes que vivenciaram a chamada *diáspora russa*, banidos dos livros de história e até das fotografias oficiais daqueles tempos. Até Marx e Engels tiveram textos seus censurados, depois de publicados, sendo os editores presos e fuzilados. (MARXHAUSEN, 2014)

Contentamo-nos com a leveza de pequenas gotas que orvalham as flores da filosofia, caindo em pétalas de pensamento socialista, em belas páginas, cheias de ensinamentos e de elevação moral, onde sugere a Daniel o abandono da herança, renunciando aos direitos autorais dos livros de seu pai em benefício da associação dos escritores russos no exílio. Não é de se esconder a alegria de encontrarmos, numa carta ao filho, a infiltração de uma frase do livro *Filosofia da Miséria*, de Proudhon, quando reflete sobre a possibilidade de adquirir uma casa para os dois morarem, quando ele viesse para o Brasil, sentindo-se incomodada porque *a propriedade é um roubo*, um raciocínio equívoco que originará o livro *Miséria da Filosofia*, escrito por Marx em 1847.

### 8.13 As últimas cartas – reencontro marcado

Antipoff chegou a cogitar no ingresso do filho no *Instituto Jean Jacques Rousseau*, em Genebra, como também pensou em sua vinda imediata para universidades do Rio de Janeiro ou de São Paulo. A hipótese excluída, que acabou realizada, foi sua vinda para Minas, ingressando no curso técnico agrícola de Viçosa, cidade ainda distante - mas a apenas algumas horas - da casa materna, em contraste com os incontornáveis 15 dias transatlânticos, enfrentados pelo rapaz apenas duas vezes, naqueles nove anos. Ela disse,

Ano passado, eu havia imaginado que, mesmo sem o bacharelado, você se diplomasse no IJJR, de Genebra. Ganharia certamente uma boa técnica, mas o ambiente do instituto se há mudado de tal maneira que eu duvido que tu te sentisses bem ao lado dos novos “pontífices”, como Piaget, por exemplo. Ele é um grande sabedor, uma inteligência extraordinária, mas creio eu que lhe faltem certas qualidades para ser um grande homem. Creio então que é necessário excluir Genebra de nossa programação.

[L'année passée, j'ai songé à te proposer, même sans le bachôt, de faire le diplôme à l'Institute J. J. Rousseau, de Genève. On y gagne certainement une bonne technique, mais l'ambiance de l'institut a tellement changé que je doute que tu te sentisses bien à côté de ces nouveaux « pontifes », tels que Piaget par exemple. C'est un grande savant, une intelligence extraordinaire, mais je crois qu'il lui manquent certaines qualités pour être un grand homme. Je crois donc qu'il faille exclure Genève de notre programme.]

(ANTIPOFF Carta a Daniel, 10 de julho 1938, p.1)

Então,

Se tu te decides pela agronomia, (em Viçosa há um curso médio de três anos – bem orientado praticamente para as necessidades locais) e se decides vir para o Brasil, eu creio, sem perda de tempo, devam ser tomadas as providências para sua viagem. O ano escolar começa aqui a partir de fevereiro/março. Isso quer dizer que você terá tempo de aprender a língua e se matricular no próximo ano.

[Si tu te décidáis vous pour l'agronomie (A Viçosa il y a un cours moyen de trois ans – il oriente assez bien pour les nécessités d'ici) et que tu voulais venir au Brésil, je crois, sans perdre de temps, il faudrait faire des démarches en vue de ton voyage. L'année scolaire commence ici à février/mars. C'est à dire que tu aurais le temps d'apprendre la langue et de matriculer l'année prochaine.]

(ANTIPOFF Carta a Daniel, 10 de julho 1938, p.1)

Escritas em julho, agosto e outubro de 1938, estas cartas que apresentamos trazem preocupações de Antipoff com os acirramentos que antecipavam as tragédias de um novo conflito na Europa, que poderiam ser fatais para o jovem Daniel, apátrida, no cenário das invasões promovidas por Hitler, cenário onde a escola de Beauvallon viria a ser, mais tarde, um espaço de resistência, de proteção aos refugiados judeus e comunistas. A angústia quanto a proximidade de uma guerra, já manifesta na carta anterior, de fevereiro, faz Helena Antipoff recordar atrocidades bárbaras de 1914 -1918, que vivenciou de perto em sua juventude e que, de toda forma, desejava afastar do destino do amado filho.

Ante uma aparente decisão já tomada, da partida de Daniel para o Brasil, ultima os detalhes da compra da passagem, recordando o incidente de anos antes, quando ele ficou retido muitos dias na Ilha das Flores, numa espécie de quarentena que as autoridades sanitárias submetiam os imigrantes que viajavam na terceira classe dos navios. Aconselha-o a trazer seus livros, que lhes seriam úteis em possíveis aulas de francês em Belo Horizonte, as quais acabaram acontecendo e envolveram a juventude de personalidades que se destacaram no mundo da literatura e da psicologia, como Hélio Pellegrino, Otto Lara Resende (que acabou sendo padrinho no casamento de Daniel com Otília) e Fernando Sabino.

Em uma carta escrita para a mãe e para as irmãs, em setembro daquele mesmo ano, Helena lamenta com tristeza a antevisão de duas guerras assolando a vida de uma única geração e procura viabilizar as transferências de valores para o custeio da viagem de Daniel para as terras brasileiras, ainda aparentemente distantes dos conflitos que se anunciavam. Um cenário de destruição anunciada pelo outono nazifascista contrastava com a beleza de primavera tropical do perfume dos roseirais e do cheiro doce de laranjeiras em flor se insinuando pela janela do quarto de onde escrevia essas derradeiras cartas. Restava agora aguardar a chegada do filho, esperança boa para enfrentar os pensamentos tristes, depressivos, em meio aos altos e baixos psicológicos que as ansiedades daqueles meses lhe provocavam.

O pequeno comitê protetor do jovem Daniel, em Paris, era assim convocado,

Minhas muito queridas mãe e filhas,  
 é um verdadeiro suplício ler constantemente os jornais e entender as  
 novas políticas da T. S.F. Os horizontes são sim obscuros que nem uma  
 tempestade que fosse conseguiria esclarecer a situação. É terrível pensar que  
 uma nova guerra possa marcar a vida das mesmas pessoas e da mesma geração  
 que conheceu aquela de 1914. Que loucura...

[Ma très chers Mère et fils,  
 c'est une véritable suplice que de lire maintenant les journaux et entendre les  
 nouvelles politiques à la T.S.F. Les horizons sont si noir qu'il ny qu'il une  
 tempête qui puisse éclaircir la situation. C'est terrible à penser qu'une  
 nouvelle guerre puisse marquer la vie des mêmes hommes et d'une même génération  
 qui a connurent celle de 1914. Quelle folie...

(ANTIPOFF, Carta a Sofia Antipoff, 10/9/1938, p.1)

Enquanto uma reunião de quatro dirigentes europeus em Munique autorizava a partilha da Tchecoslováquia, o desemprego resultante da crise de 1929 atingia índices surpreendentes e sobrecarregava a miséria entre os que dependiam do trabalho para viver, aguçando a radicalização fascista em meio a uma desorientação revolucionária bem diferente dos meses de 1917, testemunhados ao vivo por Helena Antipoff, que dessa forma busca consolo nos sonhos de ter junto de si o filho trabalhando na educação de jovens e adultos nos estabelecimentos prisionais de Belo Horizonte.

Ao termo dessa guerra, uma nova onda de revoluções anticapitalistas colocaria sob a esfera da Rússia soviética burocratizada dezenas de países, com regimes ditatoriais a sua imagem e semelhança. No restante da Europa, o sufocamento daquela resistência antifascista que chegou até Beauvallon impediu a derrocada do sistema capitalista, atirado nas cordas pela crise mundial e só não sucumbindo graças aos muros e cortinas de ferro que passaram a demarcar as áreas de influência daquela mesma burocracia que expulsou do meio de sua gente Helena, Viktor e Daniel, comprometendo de vez a visão que ela teria do que chamava de *comunismo* em seus artigos.

Numa carta de julho de 1937, Helena Antipoff já havia aventado a hipótese de Daniel ajudá-la na organização de teatros educativos para parque infantil, clubes de história natural, bibliotecas e jogos. Mais uma vez, nem todas as previsões da mãe zelosa vão-se efetivar, entre outras que se deram.

Quanto aos estudos de agronomia em Viçosa, Helena comenta o programa e as matérias do curso, muito técnicas, longe das ambições humanistas de Daniel, herdadas do pai e do sistema escolar francês, mas adiantando-lhe as possibilidades de trabalho que se abririam, inclusive no sistema prisional, para uma prática humanista ser reencontrada também,

um trabalho numa fazenda ou numa penitenciária, com crianças ou com adultos, como eu já te havia dito em cartas anteriores. Tolstoi e seu modelo literário – Levine – sempre vivendo no campo, atados à gleba, não perderam nem um pouco seu humanismo e as preocupações sociais não tinham nada sofrido, ao contrário, por causa daquela orientação prática.

[un travail dans une fazenda ou dans un pénitencier, avec des enfants ou avec des adultes, comme je te l'ai déjà dit dans mes lettres antérieures. Tolstoï et son modèle littéraire – Lévine – tout en vivant sur terre, attachés à la glèbe, n'ont rien perdu de leur humanisme et les préoccupations sociales n'avaient en rien souffert, au contraire, de cette orientation pratique.]

(ANTIPOFF a Daniel, 7/8/1938, p. 2)

Desse modo, ela mesma encaminha para outros rumos, dos conhecimentos agrônômicos e técnicos, o destino de seu jovem aprendiz à distância dos segredos da pedagogia e da psicologia. Mas não seria por demasiado tempo.



## 8.14 A carta da herança

Quando percebeu que se avizinhavam de Daniel as possibilidades de receber rendas do trabalho de seu pai, herdando com ela os direitos autorais de livros que vendiam bem na Alemanha, Helena Antipoff fez uso das cartas semanais para colocar o problema na mesa, sugerindo possibilidades de empregarem melhor esses recursos hereditários por lei.

Ela escreve aqui, em mais uma bela carta, apresentada em sonoro francês helvético,

A propos de l'héritage. Grany, dans sa dernière lettre, m'écrit avoir rencontré une personne qui a passé par Berlin. Celle-ci lui dit que les romans de papa sont très appréciés et qui les librairies en vendent beaucoup. Grany suggèra même de faire des démarches afin que tu puisses joir des droites d'auteur de ton père. Si non ils seront réservés à la Caisse des secours de écrivains et litterateurs russes em Allemagne.

[A propósito da herança. Grany, em sua última carta, escreve que conheceu uma pessoa que passou por Berlim. Ela disse a ela que os romances de papa são muito populares e que as livrarias os vendem muito. Grany até sugeriu que você tomasse medidas para poder usufruir dos direitos autorais de seu pai. Caso contrário, eles serão reservados para o Fundo de Socorro de Escritores e Literatos Russos na Alemanha.]

(ANTIPOFF, Carta a Daniel, 21 de fevereiro de 1937)

Nesta carta, agora em duas laudas de papel jornal amarelado, escrita em máquina de fita azul, num costumeiro domingo, 21, de fevereiro de 1937, alguns meses depois do falecimento, em novembro, de Viktor Iretzky, Helena refletia com Daniel sobre qual era para ele o maior legado de seu pai.

Lui si independent, si discret, se mostrait toujours animé en présence de ses amis, ne montrant ses souffrances martyrisants que par exception, pour ne pas effrayer ses amis. Un vrai stoicien, toujours philosophe, toujours d'une pensée élevée, toujours pleine d'attention pour les autres. En lisant la lettre de Mme Davidoff une fois de plus je me suis dit: de la parte de ton père, tu reçois un bel héritage moral. Et c'est la plus grande richesse q'un homme peut recevoir de ces parents.

[Ele, tão independente, tão discreto, sempre se mostrava animado na presença de seus amigos, mostrando seus sofrimentos de martírio apenas por exceção, para não assustar seus amigos. Um verdadeiro estoico, sempre filósofo, sempre de pensamento elevado, sempre atento aos outros. Lendo mais uma vez a carta da Sra. Davidoff, disse a mim mesma: de seu pai você recebeu uma bela herança moral. E esta é a maior riqueza que um homem pode receber de seus parentes]

(ANTIPOFF, Carta a Daniel, 21 de fevereiro de 1937)

Desta vez, tudo começa com *Mon enfant chéri*, e termina com *Ta maman, ta vieille maman qui t'aime*. Escrita ainda no Barro Preto, Rua Britto Mello, 516.

Em um parágrafo, Helena tenta liquidar a possibilidade de se tornar, junto com Daniel, rentista dos direitos autorais do marido dela, pai dele, falecido no ano anterior na Alemanha, onde estava exilado desde 1922. Ela, entretanto, deixa tudo em aberto para a opinião do rapaz, mais próximo da Alemanha, que já havia visitado várias vezes, indo ao encontro do pai.

Ela observa,

Si Dieu le veut, je pourrai encore travailler et gagner ma vie, la tienne et celle de Grany. Donc, tu ne cours pas la misère; tu es jeune; si je ne pouvais plus travailler, j'ai la certitude que tu es assez préparé pour que le moment venu, toi-même tu puisses subvenir à tes besoins. Je serais donc plus satisfaite si de ton gré tu renonces aux droites de ton père et que tu te rejoisses de leur utilisation par les travailleurs de la plume, comme le fut ton cher père. - Je répète, ce n'est là que mon opinion personnelle, te laissant l'entière liberté de décider de la chose.

[Se Deus quiser, eu ainda poderei trabalhar e ganhar a vida, a sua e a de Grany. Então, você não está correndo para a miséria; você é jovem; se eu não pudesse mais trabalhar, tenho certeza de que você estará suficientemente preparado para que, quando chegar a hora, possa-se sustentar. Eu ficaria, portanto, mais satisfeita se, por sua própria vontade, você renunciasse aos direitos de seu pai e se alegrasse com seu uso pelos trabalhadores da caneta, como seu querido pai era. - Repito, esta é apenas a minha opinião pessoal, deixando-lhe total liberdade para decidir a coisa.]

(ANTIPOFF, carta a Daniel, 21/2/1937)

Não poderia passar aqui, em branco, esta referência socialista de Antipoff, inscrita 90 anos antes no *Manifesto Comunista de 1848*, de Marx e Engels, o qual circulava, ao tempo de sua juventude, em São Petersburgo, em cópias manuscritas, clandestinas, de mão em mão, sob pena de seus leitores irem parar nas masmorras geladas da Sibéria czarista (TROTSKY, 1982).

E nele está escrito, entre as medidas transitórias de socialização da propriedade privada do capital,

3. abolição do direito de herança  
(MARX/ENGELS, 1982, p.87)

Esta não foi a primeira incursão antipoffiana contra a propriedade privada, a essência imprescindível do capitalismo financeiro e industrial no que tange aos meios de produção – terra, fábricas e transporte – cuja posse segue excluída da maioria da população do planeta, problema ainda não resolvido pelas revoluções que se tentam sobrepor às guerras de rapina entre as potências dominantes.

Vejamos como Antipoff apresenta uma solução prática, social - pois não há socialismo sob império do capital - para o dinheiro rentista das vendas dos romances em alemão escritos por Viktor Iretzky, vendidos até os dias de hoje, como o clássico *Spiel gegen Got*.

Elle[Mme Davidoff] a accompagnè de près la vie de papa pendant les derniers mois de sa vie, étant secrétaire de la Société des Ecrivains. Comme dactylo elle fit la copie de plusieurs ouvrages de papa, parmi les derniers qu'il avait publiés. Parle de lui avec un attachement extraordinaire. Déjà très malade, c'est elle qu'il accompagnait chez le médecin, faisait les commissions que lui même ne pouvait plus faire.

[Ela(Sra. Davidoff) acompanhou de perto a vida de papa durante os últimos meses de sua vida, sendo secretária da Sociedade de Escritores. Como datilógrafa, copiou várias obras de papa, algumas das últimas que ele havia publicado. Fala sobre ele com um apego extraordinário. Já muito doente, foi ela quem o acompanhou ao médico, deu os recados que ele mesmo não podia mais fazer.]

(ANTIPOFF, carta a Daniel, 21/2/1937)

Para que, não fique, entre nós, por mais uma vez gratuita, essa leitura da carta que Antipoff escreveu sobre a herança, em particular, poderíamos aplicá-la no direcionamento da posteridade de nosso patrimônio ajuntado, ou herdado, até os últimos anos de nossas vidas estudiosas? Enquanto instituições não governamentais, como as criadas por Helena Antipoff no século XX, vagueiam em busca permanente de recursos, são várias, as causas, ambientais, indígenas, da infância, que fazem a mesma peregrinação e nem sempre preenchem as necessidades listadas em seus orçamentos, poderíamos acolhê-las por testamento, livrando ao mesmo tempo nossos parentes diretos das agruras bíblicas de Caim e Abel, de Esaú e Jacó. Afinal, o código civil nos permite doar em testamento - em qualquer idade – a metade de nosso futuro espólio.

Como Helena, poderíamos acordar com os filhos a doação da outra metade, livrando-os, por antecipação, de prováveis tormentos e ensinando-os a experimentar, também por antecipação, a generosidade e a solidariedade aos que lutam por um mundo melhor.

Impossibilitados de encetar, de um modo completo, atitudes futuristas, socialistas de viver, de trabalhar e de educar, neste momento onde vigoram o capital e suas crises, podemos pelo menos preannunciar na prática emanações geniais que estão inscritas na memória histórica da humanidade. Para isso, à filosofia se permitiu exprimir e sistematizar - em que pese a repressão e a contestação tácita de sistemas sociais decadentes – a sabedoria milenar, transmitindo-a como criança que brinca de passar o anel da solidariedade, da compaixão com as necessidades alheias e de estranhos distantes de nós.

Ideias como essas atingem, de modo imperativo, pessoas de sensibilidade aparentemente superior, para gáudio dos que, afortunadamente, tenham oportunidade de as observar enquanto vagueiam pelos caminhos individuais, egoístas ou de sociabilidades limitadas de uma vida subjugada pelas necessidades vãs, etéreas, passageiras, que mais não seja pela ação implacável da lâmina da morte.

Je laisse a chose à tá propre décision. Je dirai seulement ceci puis que papa eut à recourir aux écrivains pour les dépenses de son traitement et l'hopital, il est juste que si après sa morte ses livres ont pu être vendu plus intensement, que cet argent rentre dans la même caisse, et qu'il puisse venir en aide à d'autres écrivains, ces confrères, qui eux aussi, em cas de maladie puissent s'en servirent.

[Deixo para sua própria decisão. Só vou dizer isso, porque se papa teve que recorrer a escritores para as despesas de seu tratamento e do hospital, é justo que, se depois de sua morte seus livros pudessem ser vendidos mais intensamente, que esse dinheiro fosse para o mesmo fundo, e que pudesse vir em auxílio de outros escritores, esses confrades que também, em caso de doença, poderão usá-lo.]

(ANTIPOFF, carta a Daniel, 21/2/1937)

Nada como a morte, de um pai, de um tio, de um avô, para despertar situações inesperadas, humores impensados, reações conflituosas entre parentes, filhos, irmãos, sobrinhos e desmascarar, ao termo, o véu sepulto da instituição patriarcal família, da qual fez pouco caso, na ação mesma de viver *abandonando-a*, a Helena Antipoff viajante. De uma hora para outra, tornamo-nos, juridicamente, herdeiros, situação em que entram em risco certas relações humanas prazerosas, ricamente cultivadas desde a tenra infância. Como sair dessa posição incômoda, sem machucar os entes queridos e a memória de nossos antepassados?

Como evitar, no cumprimento dos códigos civis, nos ritos de passagem das herdades da propriedade privada, de bens de consumo e de produção, o lado penoso e às vezes trágico, quase sempre desproporcional e indesejável por todos envolvidos? Serviria a abolição do direito de herança como solução cabal para inevitáveis usurpações que dividem os laços de parentesco, ao mesmo tempo em que apertariam os laços sociais dos indivíduos contemporâneos, que ao invés de controlá-los, são controlados por eles, como já dissemos, com Marx?(MARX, 2011)

As consequências sociais e econômicas das heranças entre proprietários têm também efeitos nefastos sobre a sociedade e a economia, como o espalhamento multifário dos patrimônios e sua entrega à administração de executivos desenraizados, com sua gestão de resultados “sustentáveis”, como assistimos ante os desastres ambientais que os gestores da Vale provocaram em Mariana e Brumadinho nos últimos anos, destruindo para sempre dois rios importantes de Minas Gerais, crimes pelos quais respondem nas últimas horas que correm. Por outro lado, apreciamos desde o final do milênio passado, em cidades mineiras, como Belo Horizonte, uma gestão econômica, ambiental e cultural dos herdeiros da geração fundadora, com relativo sucateamento das áreas centrais e invasão do entorno verde de suas serras. Série de atitudes que geraram a ruptura poética de Carlos Drummond de Andrade em seu *Triste Horizonte*, de 1976, pouco depois de dedicar a Helena Antipoff os versos de *A Fazendeira de Crianças*.

Em virtude do cerco de arranha-céus na Serra do Curral, a temperatura média da Capital se elevou em 1 grau, enquanto os termômetros da qualidade de vida registraram elevação cada vez maior nos indicadores abismais que separam a população. Neste momento, brigam pela liberação da atividade mineradora nas serras tombadas, corrompendo governos e manipulando a opinião pública com publicidade paga e ações ostensivas contra moradores, quilombolas e indígenas. Mas enfrentam uma resistência feroz, inclusive com apoio de setores importantes da UFMG.(GESTA, 2010)

Essa tentativa dissuasiva de Helena Antipoff, que salta das cartas sobre a herança, insinuam seu arcabouço filosófico e nos surpreendem, como desavisados, ao estarmos desbravando pela primeira vez a totalidade de sua correspondência com o filho à beira da idade adulta. Revelam-se, nessas missivas densas, assuntos candentes, emocionantes e de profundidade maior, cartas escritas nos interstícios de suas ações de amparo e socorro à juventude abandonada – como seu filho – mas trancafiada em catres repugnantes, fechada por grades da vida social, emparedada entre os parênteses do mundo real de Belo Horizonte, no reformatório Alfredo Pinto.

Era para esse ambiente “profissional” que ela preparava, aos poucos, seu filho, às vésperas de vir para o Brasil. E insiste, na segunda página, desta mesma carta,

Comme t'ai écrit la maison passe par une réforme, dans laquelle moi et quelques uns des mes amis nous sommes profondément engagés. Cette École de Reforme a besoin elle même d'une reforme radicale. Toute va être changé, si Deus quizer. Même le nom, car les noms pèsent sur la conscience. Et dans l'opinion de tous cette école Alfredo Pinto est l'enfer.

[Como escrevi, a casa está passando por uma reforma, na qual eu e alguns de meus amigos estamos profundamente envolvidos. Esta Escola da Reforma precisa ela mesma de uma reforma radical. Tudo será mudado, se Deus quiser. Até o nome, porque nomes pesam na consciência. E na opinião de todos esta escola Alfredo Pinto é um inferno.]

(ANTIPOFF, Carta a Daniel, 21/2/1937)

## 8.15 A última carta

Derradeira, breve, escrita para Daniel antes de sua partida para o Brasil, a última que encontramos nos arquivos, data de 2 de outubro de 1938. Nela, Antipoff reclama de ter diante de si uma carta sem data, que ela julga ser a última enviada por ele. As coisas parecem que não andam bem quanto à obtenção de um passaporte Nansen para que Daniel possa embarcar em direção ao reencontro com a mãe.

Helena espera que Daniel tenha recebido o dinheiro enviado para a viagem, 8334 francos e como não o sabe, pediu a Margueritte Soubeyran que lhe adiantasse 2000 para *tapar os buracos*, e como seu salário só seria pago no dia 17, avisa que não haveria antes uma nova remessa, mas garante a todos, inclusive à avó, que serão ressarcidos logo que o dinheiro chegue às mãos dele. Assinala a situação depressiva em que se encontra, atormentada pela nova espera de meses, outra vez dramática, como dores de um segundo nascer, da chegada do filho em meio aos conflitos que se armavam de novo na Europa. A depressão psíquica se fazia acompanhar das consequências da depressão econômica que atravessava o mundo, chegando ao Brasil também, a atormentar os dias de espera da mãe e educadora.

Tudo se encaminha para o grande encontro e o epílogo das cartas anuncia um novo começo para os dois, então juntos e dispostos, em princípio, a um trabalho comum no sistema prisional de Belo Horizonte, o qual nunca se efetiva. Mas Daniel iria seguindo o roteiro prescrito ao longo dos anos pela mãe, dirigindo-se aos estudos técnicos de agronomia em Viçosa, dando aulas de francês em Patos de Minas e no CEFET de Belo Horizonte(bem mais tarde), estudando filosofia e abraçando a psicologia. Criando escolas e mantendo a sequência memorial das obras de sua mãe, como seu maior guardião e zelador contumaz, ele manifestou, desse modo, sua gratidão e sua compreensão à maneira tão especial de *abandono* a que foi submetido por nove anos na França, um abandono amoroso, pedagógico e eficaz em seu primeiro epílogo, documentado em um milheiro de páginas.

Por certo, trazendo a metade delas na bagagem do navio, para executarem, uma a uma, junto dele, a viagem de volta. Voltavam ao seio de sua remetente, aquelas quatrocentas e tantas cartas que em gotas refrescaram, com o calor distanciado dos trópicos, uma ausência materna, tornada, por meio delas, mais do que presença, mais do que perfeita. Reencontravam uma mãe, uma educadora fazendo ainda uso dos melhores recursos disponíveis junto de si, forjando ainda melhores ideias que as outrora acreditadas - fazendo-se contemporânea - e pagando o preço de não estar a reboque de seu tempo, as taxas e impostos psíquicos de fazer uso da ciência em prol da felicidade dos outros, e por que não, de si mesma e daquelas pessoas de quem mais gostava.



Belle, 2 oct. 1938

mon enfant,

J'ai ta lettre de je ne sais quelle date, car tu ne me l'as pas mise. C'est celle qui m'informe, par avion, sur ta première visite au Consulat brésilien et le refus du visa pour le Brésil. Tu est-il quel que chose de nouveau? Le ministre d'Éducation s'est dirigé au Ministère des Affaires étrangères pour venir en aide. J'ignore si la réponse a été déjà donnée. Espérons que les choses s'arrangent.

Le grand drame politique a pris une tournure nouvelle depuis cette semaine. Peut-on cependant considérer les événements de ces derniers jours comme définitifs et n'y aura-t-il pas encore d'autres actes de ce spectacle dramatique, inattendus encore en ce moment, mais décisifs pour la destinée de l'Europe et de notre époque?

Vous avez pu accompagner les événements de près et synchroniquement, car la T.S.F. nous renseignait immédiatement et avec suffisamment d'exactitude on palpait d'émotion. Je m'imaginais ce que devait être pour vous cette attente des nouvelles pendant que les quatre hommes se trouvaient réunis.

Pour ma part, je me sentais bien angoissé. Tu es raison de s'adonner à ce que tu le fais dans ta lettre. Je ne veux pas rien faire en ce moment; et dans cette espèce de dépression générale il n'y a que la "dure - poêle" (mieux) et ses préoccupations qui comptent encore. Il y a des hauts et des bas, il est vrai, mais les hauts, hélas, ne sont guère très élevés tandis qu'avec les bas je dégringole très vite dans les enfers. - Il faut t'habituer à ce savoir telle que je suis. Ces déceptions ainsi seront moindres au contact, personnel à moins que ton arrivée ne soit pour moi une bonne thérapie. Jusqu'à présent je n'ai envisagé ton arrivée ici que pour ton propre avantage; les intérêts égoïstes n'ont pas été considérés.

Quant au bateau, la troisième [intermédiaire, plutôt] sur les grands bateaux de la Royal Mail est très supportable, en effet. Pendant sa traversée sur l'Asturias et Alcantara j'ai pu m'en apercevoir personnellement. La question désagréable est du débarquement, mais mes amis de Rio me promettent leur appui.

Je suis à court d'argent en ce moment, car vous avez du recevoir déjà, je l'espère, les 8.334 frs. qui vous ont été dirigés. Comme j'ignorais si vous pourriez les recevoir assez tôt, j'ai demandé à Melle Doubeyran de vous avancer 2.000 frs pour boucler les trous. Vous les lui rendrez aussitôt que l'argent vous sera parvenu. (Le même établissement que la fois passée; malheureusement je ne me souviens pas du nom, un London Lloyd, si je ne me trompe). - Si les événements politiques n'offrent plus aucune inquiétude possible pour la paix européenne, il faudra que tu paies à Paris une partie de ton billet de passage et je compléterai la somme ici à Rio. Autrement je n'aurai pas assez d'argent ce mois-ci (je reçois vers le 17 du mois) aussitôt que j'en aurai encore. J'envoie à Granny pour qu'elle ne manque pas d'essentiel, la pauvre chère @anny.

Ici, les choses vont de leur train normal; notre chef de Gouvernement de l'État, aussi bien que celui du pays entier - veille<sup>nt</sup> à la paix et la prospérité de leurs terres.

Est-ce que Robert fut appelé sous les drapeaux pendant cette dernière mobilisation?

J'attends avec impatience de vos nouvelles, et en attendant je vous

embrasse tendrement tous les deux

Vos fille &  
ma mère

Figura 5 - Carta de Helena Antipoff a Daniel (02/10/1938)

## 8.16 Referências do capítulo

- ANTIPOFF, Daniel. *Memorial Helena Antipoff* in **Boletim do CDPHA 12**. Belo Horizonte, 1994, p.41-42
- ANTIPOFF, Daniel. *As Cartas de Helena Antipoff* in **Minas Gerais**, 14 de agosto de 1974, p.4  
<https://www.facebook.com/106444028354649/photos/a.106451978353854/108106934855025/>
- ANTIPOFF, Daniel. **Entre dois continentes**. Prefácio de Pierre Weil. Edição do Autor, 1997, 206p.
- ANTIPOFF, Daniel; ANTIPOFF, Helena. **Correspondência Seleccionada**. CDPHA. Inédita.
- ANTIPOFF, Helena. **Coletânea das Obras Escritas de Helena Antipoff**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1992. 5v
- ANTIPOFF, Helena. **Correspondência com Viktor Iretzky**. Moscou: KGB. Inédita. Organizada por Natália Masolikova.
- ANTIPOFF, Helena. **Correspondência com Marguerite Soubeyran**. Ibirité: CDPHA. Inédita.
- ANTIPOFF, Helena. **Correspondência com Sofia Antipoff**. Ibirité. CDPHA. Inédita
- BEAUVOIR, Simone. **A Mulher Desiludida**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019. 176p.
- CAMPOS, Regina Helena de Freitas. *O acervo Helena Antipoff como laboratório de pesquisa sobre a história das Ciências da Educação* in **Educar em Revista**, Curitiba, v. 34, n. 71, p. 83-101, set./out. 201 <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/62648/36827>
- CAMPOS, Regina Helena de Freitas. *Sources: The UFMG Archives of the History of Psychology in Brazil*. **History of Psychology** v.13(2) 2010 p.201-205
- CAMPOS, Regina Helena de Freitas; BORGES, Adriana Araújo Pereira. *De Genève à Belo Horizonte, une histoire croisée: circulation, réception et réinterprétation d'un modèle européen des classes spéciales au Brésil des années 1930* **Paedagogica Historica: Internationalisation in Education: Issues, Challenges, Outcomes**, 4 March 2014 v.50(1-2) p.195-212
- CAMPOS, Regina Helena de Freitas, FARNESE, Sérgio . *Helena Antipoff e a educação social na Rússia após a revolução dos bolcheviques* **Cadernos de História da Educação** v.22, e162 Uberlândia: UFU, 2023 <https://doi.org/10.14393/che-v22-2023-162>

- CAMPOS, Regina Helena de Freitas; LOURENÇO, Érika. *Helena Antipoff Science as a passport for a Woman's Career between Europe and Latin American* in **Transversal International Journal of Historiography of Science** no. 6, 2019 20p.  
<https://www.historiographyofscience.org/index.php/transversal/article/view/123/200>
- DUNCAN, Isadora. **Minha Vida**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012. 308p.
- FARNESE, Sérgio. *Caim e Abel*. In **Gazeta de São João del-Rei**, 27/8/2012, p.4  
<https://www.facebook.com/112281787764051/photos/a.112285867763643/136205835371646/>
- FARNESE, Sérgio. *Freud entre nós* in **Estado de Minas**, Belo Horizonte, domingo 12/12/1999, p. 7  
<https://www.facebook.com/Livros-Tiradentes-Helena-Antipoff-130-anos-106444028354649/photos/a.106451978353854/106618368337215>
- FARNESE, Sérgio, CAMPOS, Regina Helena de Freitas, ALMEIDA, Marilene Oliveira.  
*Piaget x Antipoff - child justice and morality under the mediation of Kant.*  
 in **The legacy of Jean Piaget – a view from the 21st century**. Genebra: Springer, prelo
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 1978. 192p.
- FREUD, Anna. **Infants Without Families**. New York: International Univ. Press, 1944. 188p.
- FREUD, Sigmund. **A Interpretação dos Sonhos**. São Paulo: Imago, 2001. 614p.
- GESTA UFMG(Grupo de Pesquisas em Temáticas Ambientais). **Mapas dos Conflitos Ambientais**  
<https://conflitosambientaismg.lcc.ufmg.br/observatorio-de-conflitos-ambientais/mapa-dos-conflitos-ambientais/>
- IRETZKY, Viktor. **Correspondência com Helena Antipoff (1924-1936)** inédita
- IRETZKY, Viktor. **Spiel gegen Gott**. Berlim: Ring-Verlag, 1928. 319p.
- JESUS, Carolina Maria de. **Diário de Bitita**. S. Paulo: SESI-SP. 2014. 206p.
- MARX, Karl. *Considerações de um jovem sobre a escolha de uma profissão*.(1835) in **Conceito Comunista de Moral**. Lisboa: Seara Nova, 1977. p.30-31
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto Comunista de 1848**. Petrópolis: Vozes, 1982 .162p.
- MARXHAUSEN, Thomas. *História crítica das Obras completas de Marx e Engels(MEGA)* in **Crítica Marxista**, n.39, p.95-124, UNICAMP, Campinas, 2014.  
[https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos\\_biblioteca/artigo2015\\_11\\_09\\_16\\_31\\_1133.pdf](https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/artigo2015_11_09_16_31_1133.pdf)
- PEREIRA, Marcelo Ricardo; DINIZ, Margareth et al. *Dispositivos de tratamento à angústia pós-traumática: sem standarts, mas não sem princípios – mesa redonda resumida* in **Boletim do CDPHA**,26, Belo Horizonte, 2016 p.64

PLUTARCO. **Como distinguir o bajulador do amigo**. S.Paulo: Edipro, 2015 128 p.

REDE GLOBO – **BEM ESTAR** – *Órfãos por Covid*

<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/07/22/brasil-tem-1-orfao-por-covid-a-cada-5-minutos-pensamos-que-criancas-nao-sao-afetadas-mas-e-o-oposto.ghtml>

RUCHAT, Martine. **Édouard Claparède/Hélène Antipoff Correspondence(1914-1940)**.

Firenze: Leo S. Olschki, 2010. 255p.

SARTRE, Jean Paul. **Entre quatro paredes**. Rio de Janeiro: Record, 2017. 266 p.

## 9. Chegando do Cárcere

Helena Antipoff experimentou na própria pele a sensação de encarceramento nos anos 1917, além das ameaças de prisão que correram sobre sua cabeça na adolescência. Também sentiu o que passam os familiares dos prisioneiros, sensações extremas da fragilidade humana a toda prova, junto do pequeno Daniel. Ele pôde conhecer, em seus primeiros anos de vida, o terrível ambiente prisional da stalinização soviética, com suas desumanidades instituídas, por ocasião das visitas ao pai entre 1921 e 1922.

Os gradis mais largos do aprisionamento nacional, por falta de um passaporte que permitisse o direito universal de ir e vir, atrasaram a saída dela de Genebra para Petrogrado, de Berlim para Genebra e depois, já aqui no Brasil, para poder passar alguns meses de férias com seu filho *abandonado*. A angústia desse relacionamento com a polícia, sempre ameaçadora, sempre apontando uma arma abstrata contra cidadãos aparentemente indefesos, tomada de poderes ainda mais discricionários nos períodos belicosos e nas ditaduras fascistas ou stalinistas, emerge como um vapor ansioso no ir e vir das cartas pelos navios que efetivavam ao máximo as travessias desses tempos sombrios que se arrastaram na primeira metade do século XX. Nós brasileiros não fazemos, em geral, muita ideia, a não ser pela história contada, das agruras vividas pelos franceses, italianos, alemães, japoneses, russos, nesse período, em que pese aqui pertinho de cada um de nós, no interior do estado de São Paulo, houvera campos de concentração ao estilo fascista do governo Getúlio Vargas, onde se internaram, de forma violenta, os moradores de bairros e fazendas de imigrantes, provindos do Japão, chamados *corações sujos*.(MORAIS, 2011)

O ambiente entreguerras e a entrada do Brasil no conflito emolduram os momentos em que as linhas por nós aqui apresentadas, folha a folha, retratavam situações bastante desconfortáveis para uma imigrante apátrida, russa, visada pelas forças ocultas das trevas como possível espiã e como agente comunista, na proporção mesma de seu prestígio ante autoridades constituídas, por várias vezes indolentes quanto a renovação de seu contrato de trabalho em Minas.

No livro *A República Decroly*, já citado, em 1935, o jornalista Moacyr Andrade usava de seu conteúdo metafórico para preocupar o anticomunismo dos leitores, ironizando a presença russa na reforma educacional mineira, buscando aumentar publicamente o desgaste governamental.

Ainda em sua biografia de romantizada, Daniel comenta a preocupação de seu avô, militar de alta patente no período czarista, quanto a uma vigilância da polícia secreta - a *Okhrana* - dirigida aos passos dados por uma parente dele. Vamos aprendendo, por meio da investigação científica do papel carbono desses relatos romanceados provinda de descobertas das pesquisadoras russas, que Daniel dava volta e meia uma dica, para bons entendedores, do que não queria colocar diretamente sobre a vida de sua mãe, escorando-se na plataforma propedêutica do estilo ficcional. Provavelmente quem era vigiada e aborrecia extremamente o pai era a jovem Helena, o que explicaria em parte a emigração da parcela feminina da família para a França em 1909.

Quando tentava voltar para a Rússia, desde Genebra, passando pela França, em 1917, Helena foi detida na fronteira, suspeita de praticar espionagem. Pernoitou na estação sob custódia policial, à espera de um delegado que resolvesse seu caso no dia seguinte, passando frio e riscos naquelas hostes geladas de inverno europeu. Poderia ser açoitada por impensáveis temores de atrocidades possíveis sobre sua fragilidade solitária. Sob algozes de plantão, vivenciou momentos de incerteza e de duração eterna e inesquecível, de intenso conteúdo letal, onde a sensação de estar nas mãos aleatórias de qualquer um, sem a proteção da lei e tendo-a justamente contra si, ou injustamente, alarga por um ano cada segundo, como a sensação térmica em dobro de nosso corpo ante temperaturas extremas de frio e calor, registradas pelo termômetro interno da pele, de escala exponencial em relação ao clima real dos milímetros de mercúrio. No entanto, segundo Daniel, ela terminou ali a leitura de um livro, *L'affaire Dreyfus*, sobre uma injustiça prisional que abalou a França em 1894.

Numa situação análoga, Walter Benjamin, levando sob o braço sua obra-prima sobre as cidades, cometeu suicídio com uma pílula de cianeto, temendo ser abordado no dia seguinte pela polícia nazifascista de fronteira da Espanha com a França, sendo que o pior não aconteceu para seu grupo, liberado sem mais problemas para prosseguir em fuga. (BENJAMIN, 2018)

Vejamos como Daniel nos conta aquela primeira experiência de sua mãe às voltas com entreveros de romance policial,

Viajando sem salvo conduto, sem passaporte devidamente visado, a jovem russa é convidada a descer do trem, para explicar-se diante da polícia francesa. É que está para cruzar a fronteira entre a Suíça e a França, nas proximidades de Pontarlier... Estamos em guerra e todos são considerados suspeitos aos olhos dos guardas. Além do mais, muitas mulheres já foram identificadas como espãs de potências inimigas e todo o cuidado é pouco. Com as malas na mão, numa noite escura, está por assim dizer “presa pela polícia”... O trem em que viajava já se foi...

(D. ANTIPOFF, 1996, p.43-44)

Na segunda experiência, aparece assim,

Antes da hora, Helena Wladimira e Dônia já estão no portão da Prisão... Os pais de Dônia o colocam na parte superior do balcão e a criança serve de elo entre marido e mulher. Em seus bolsos são colocados bilhetes.

(D. ANTIPOFF, 1996, p.80)

Já em 1921, com 30 anos então, Antipoff agora já é mãe de um menino de 3 e seu marido, de 31, é preso e levado incomunicável, sem advogado, para Moscou, provavelmente pela temível *Tcheca*, criada em 1917. Ela só consegue localizar seu paradeiro meses depois, como as *locas de mayo*, da Argentina ditatorial, numa prisão para traidores do regime que se burocratizava ante a declarada disputa pela sucessão de Lenin, administrada por Stalin contra os demais membros de destaque no *Partido Bolchevique*, agora denominado *Partido Comunista da URSS*. Nesse período sombrio, denominado termidoriano em referência ao terror da Revolução Francesa de 1789, foram executados e assassinados quase todos os líderes partidários e soviéticos, quando milhões foram presos e mortos.



Na Alemanha, no final de 1925, tendo em vista deixar ali o marido e migrar com Daniel para a Suíça, Antipoff tem que aguardar gestões, inclusive financeiras junto ao governo suíço, para conseguir uma permissão de entrada e assumir o cargo de assistente de Claparède. A sensação de estar numa espécie de limbo, nas mãos de funcionários e autoridades insensíveis que, por seus cargos burocráticos, imitam a posição dos deuses ante os quais se ajoelham em altares de todas as crenças para redimirem a vileza de sua humanidade, é das piores e consome fortemente a energia vital das pessoas, desperdiçada meses a fio na espera contra toda desesperança, como dizia Paulo Freire, também mais tarde abrigado em Genebra para trabalhos pedagógicos, em exílio.

Daniel, aos 11 anos, quando veio na segunda classe de um navio, junto de imigrantes esfolados pela crise de 1929, amargou o cárcere privado na Ilha das Flores, por três dias, num confinamento de quarentena. A ignorância quanto à disseminação de vírus pandêmicos e o preconceito contra etnias subjugadas não escolhia as vítimas entre os migrantes empobrecidos, genericamente tratadas como seres inferiores.

Em pleno *Instituto Técnico da Aeronáutica*, o ITA, em S. José dos Campos, no raiar do golpe de 1964, Daniel é surpreendido com a censura a um artigo seu, em publicação interna da escola, que abrigava estudantes de todo país, de elevado QI, segundo ele. Imaginemos, naquelas alturas, como se tornava incômoda a presença de um russo, entre os profissionais de ciências humanas, ainda mais um russo que se expõe, que publica e cuja inteligência se destaca em meio a certa confusão mental de algumas altas patentes do ar que viviam no mundo das nuvens.

Conforme depoimento de um de seus netos, em documentário produzido em 2021, nos anos difíceis da ditadura de 1964, tendo em vista a perseguição a estudantes colegas dele na universidade, Helena concordou em esconder documentos, textos e livros fora do alcance de forjadores de provas da polícia política, para garantir a integridade física dos jovens perseguidos.

O fantasma da prisão política, alvo de uma ficção policial ou de temores infundados, que assola a maioria da população de modo a conter impulsos democráticos, atos solidários e ações revolucionárias em massa, para os Antipoff, mãe e filho, foi de monstruosidade real. Tiveram assim oportunidades múltiplas para enfrentarem e conhecerem a ação de diferentes órgãos repressivos, em diferentes países e épocas, como suspeitos, enquanto outros se omitiam, congelando friamente a ação solidária na clandestinidade do pensamento, naqueles compartimentos ocultos onde nosso cérebro abriga a covardia, a indiferença e o medo de enfrentar as *injustiças* correntes nos tempos terríveis.

Uma referência final a Lúcio Flávio - o passageiro da agonia - como ficou conhecido o bandido genial, cujo QI ultrapassava 140 pontos, que foi testado pela equipe remanescente de Antipoff, na prisão em Belo Horizonte – como relatou o psiquiatra Hélio Alkimin - é um caso a mais dessa explosão dos termômetros mentais que a inteligência presidiária realiza ante as blindagens dos cofres dos bancos, violados com facilidade e de dentro das celas pretensamente inexpugnáveis dos presídios de segurança máxima, como nos contava, impressionado, o então já velho Daniel. Lúcio teria dito que, ao longo de sua vida de crimes, nunca lhe estenderam a mão. Mais um caso para estudo sob lentes de filosofia reguladas por Sartre e Foucault. (LOUZEIRO,1986)

## 9.1 Referências do capítulo

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica – Arte e Política**. S. Paulo: Brasiliense, 1994 255p.

BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: UFMG, 2018 1752p.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Vozes, 2014 296 p.

FOUCAULT, Michel. **Alternativas à prisão**. Petrópolis: Vozes, 2022 136 p.

LOUZEIRO, José. **Lúcio Flávio, o Passageiro da Agonia**. Rio de Janeiro: Record, 1986 233p.

MORAIS, Fernando. **Corações Sujos**. S.Paulo: Companhia das Letras, 2011. 352 p.

PERAZZO, Priscila Ferreira. **Prisioneiros da Guerra**. S. Paulo:Imprensa Oficial, 2009. 384p.

REDE GLOBO – **G1** – *Campos de Concentração na Amazônia* 29/8/2020

<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/08/29/campo-de-concentracao-na-amazonia-aprisionou-centenas-de-familias-japonesas-durante-2a-guerra.ghtml>

SARTRE, Jean Paul. **Saint Genet – ator e mártir**. Petrópolis: Vozes, 2002 583 p.

10. Descrevendo

ou

entendendo?

Aonde chegamos, tanto agora, quanto ao final do caminho de quem ler este trabalho, depois dessa viagem sem volta ao emaranhado remissivo reportado por Helena a Daniel Antipoff? Poderemos ousar o cometimento das injustiças dos juizamentos? Poderemos, quem sabe, agarrar-nos a conclusões imediatas que se deixam permitir a respeito desse conluio íntimo em que nos intrometemos com o intuito imodesto e limitado de sermos capazes de alguma coisa aprendermos, de alguma lição retirarmos daqueles anos de relacionamento maternal, de comportamento filial, de viés educativo?

A sensação final é que não saímos da questão inicial, do *abandono*, por certo muito polêmica. Ela parece ter contaminado toda a exposição e foi colocada não por nós, em estado de pesquisa, mas pela própria Antipoff em carta a Daniel, ou seja, não estamos inventando uma ótica de intervenção nesses escritos inconclusos por nove anos. Nosso texto aparenta mais ser uma história desse abandono, de seus capítulos, de suas fases, de sua inauguração, de seu epílogo.

Olhando pra trás, a temática do abandonado perpassa de ponta a ponta essa tese ainda *sub judice*. Dentro de uma dialética polarizada em extremos tropicais acima e abaixo do equador, alterna e altera o peso dos polos em seu transcurso. Uma hora é um, uma hora é outra, vítima do *abandonar*.

Vimos aqui, por um lado, o autoabandono de Helena Antipoff, mulher, 37 anos, em pleno vigor de sua formação intelectual, de sua beleza natural. E um menino de 10 anos deixado para trás. Essa mulher se atira, de corpo e alma, no abismo, talvez no abismo de suas necessidades, de seus planos, de suas convicções científicas - à revelia do alerta de Kant com seu ceticismo metodológico - e sem aquela corda de segurança oferecida pelo pensamento de Marx para a volta do mundo de nossas criações mentais.

Ela deixa um filho à mercê de outros, menos próximos, condenado a desenvolvimentos psicológicos diferentes dos demais de seu meio, bem próximo da orfandade. Mas ela mesma se torna uma *órfã*. Sem amigos, sem parentes, sem se fazer entender no dia a dia, tendo que aprender tudo de novo, hábitos locais, dieta, clima, língua, preconceitos, cultura, como criança que engatinha fora da tranquilidade uterina para um dia se erguer.

Antipoff não soube amar, como disse Daniel? Esse foi seu aparente único protesto dirigido à mãe, cravado ao final da biografia por ele dedicada a ela, depois de quase sessenta anos de cartas abandonadas nos arquivos,

- Creio que a senhora nunca amou ninguém realmente.

(D. Antipoff, 1996, p.174)

Como nos atrevermos a dizer algo mais? Talvez possamos perguntar a nós mesmos, e não às cartas, quem somos nós, após essa apresentação delas. Como quem bebe as poções mágicas da filosofia, podemos aferir o que mudou em nós - porque a vida de Daniel e Helena está encerrada, embrulhada, ordenada, catalogada nas pastas do museu de Ibirité – ao acordarmos, numa manhã de sol ou de chuva, depois de uma noite de sua leitura, de humor bom, mais animados a trabalhar, mais leves, menos arqueados com os pesos sociais, intelectuais e políticos de nossas vidas, sintetizados em nosso olhar, em nosso olfato, para os perfumes e sons matinais?

Vontade de morrer ou de viver, de matar ou de fazer viver, de desistir ou de prosseguir, são sensações, efeitos colaterais que certas leituras às vezes nos instilam, mesmo que com leveza, mesmo que ao final do dia já tenhamos nos repostos ao lugar de sempre, em geral cinza, em geral morno. Mas a qualidade de algumas horas de *elã vital* pode-nos permitir algumas decisões, alguns compromissos, algumas resoluções precipitadas, sob o viés da poesia - alguns *sins*, alguns *nãos* – a tornarem permanentes seus efeitos, cristalizando-os de forma que a eles tenhamos que retornar com aquela frieza do dia a dia profissional e estudioso, para extrairmos, aí sim, lições práticas de como se agiu, como se interveio, o que se disse, o que não se disse. Os momentos foram vários,

uma guerra mundial, golpes militares, depressões, saudades, desesperos, doenças, ecologia, estética, música, filosofia, dinheiro, propriedade, comunismo, individualismo, solidariedade, encarceramento, família e seu contraponto, a escola. Ultrapassando o caminho percorrido nas cartas, ou desde elas, os dois se tornaram criadores de escolas, e não foram uma, nem duas, nem três, nem seis.

Poderemos dizer, agora com mais firmeza, *mães abandonem seus filhos e, avós, seus netos? Vivam sua vida e deixem viver?* Foram, por certo, propositadamente arquivadas, essas cartas, para que, de qualquer perseverança dita acadêmica, pipocassem ensinamentos a serem aproveitados em situações existenciais semelhantes e até mesmo para a vida educativa em geral?

Como coordenador dos arquivos do CDPHA, por mais de trinta anos após a morte de sua mãe, nada mais fez nossa personagem experimental, Daniel Antipoff, que empregar muito de suas forças senis para preservar, da anistia moedora das traças e da crítica roedora dos ratos, como diziam Marx e Engels, no prefácio da *Ideologia Alemã*, aqueles pacotes enlaçados de cartas. Foi por pouco, e por mais de uma vez, que elas não foram parar na câmara ardente de chamas de desprezo que consumiram outras peças porventura preciosas a seu lado, armazenadas entre as frágeis paredes da sala do museu, na *Fundação Helena Antipoff*, em Ibitité. Contra isso, Daniel empregou boa parte de seus esforços, ao longo dos dias que lhe restaram, até seu falecimento no ano de 2005, obtendo com sucesso o socorro do CECOR da *Escola de Belas Artes*, da UFMG.

Da atitude de Helena, de colecionar, desde as primeiras, as cartas do filho, à consequente reserva de espaço para elas feita por Daniel na *Fazenda do Rosário*, enfim, dessas atitudes desprendidas e generosas, arrancamos, *in memoriam*, a autorização para revirá-las e crivá-las de estudo e de análise. Entendemos que era esse seu desiderato. Vaidosa ou humildemente, entendiam a riqueza singular do esforço que empreenderam em todos aqueles anos, ao mesmo tempo tão separados e tão perto um do outro.

Que mais não fosse a beleza e a estética daquele mosaico filípico anotado, arriscamo-nos a encontrar ali, para além do pretendido pelos autores, aplicação mesma entre aqueles que hoje são os sucessores vivos dos jovens e das crianças que inspiraram as experiências psicopedagógicas russas no enfrentamento da orfandade generalizada a partir da guerra de 1914 e da revolução de 1917. Vamos tentando fazer com que essa herança de aprendizado, conferida ao pequeno Daniel, chegue hoje a milhões de infantes apartados de seus pais pelos desastres ambientais, pelos genocídios pandêmicos, pelas guerras pontuais ou prolongadas e pelo encarceramento globalizado.

Confiaremos certos aprendizados das respostas a essas e a outras vicissitudes da geopolítica do capitalismo presente, por meio de sua manipulação em pesquisas científicas e universitárias, com metodologias pretensamente precisas, mas não menos cobertas de afeição, de respeito e de admiração. Lições que nos parecem serem mais de uma. Teríamos ido, carta a carta, retirando-as para enriquecerem o arsenal educativo, seja familiar, seja escolar? Afinal, nossa mãe educadora passou por uma guerra, por uma revolução, por três diásporas, iluminada pelas páginas de Pavlov, Lazursky, Freud e Claparède, fazendo jus a nossa atenção perquisitiva.

Aos 37 anos, Helena Antipoff estava madura o suficiente para monitorar os riscos de suas decisões, de decidir, ou não, por esse ou aquele risco, para se atirar, com o filho, nos braços dos abismos que a vida lhe preparava, usando como podia os paraquedas da psicologia, das filosofias rarefeitas nos ares dos anos 1920 e, por que não, dos brios pessoais, daquela porção única que lhe habitavam o cérebro e o coração? Sim ou não? Sim, e não.

E com Daniel, o que se passou? Um Antipoff, ejetado de propósito do sistema tradicional de família e do sistema tradicional escolar? Por onde andou esse órfão voluntariado, esse *garçon* piloto da Escola Nova? Que epopeias vivenciamos com ele, dignas de nota, para elucidar imbróglios de acolhimentos ideais para a infância e a juventude - *abandonadas*, ou não – sob patrocínio do mundo adulto?

Sob condições laboratoriais, tentando desprezar as inevitáveis restrições do capitalismo, do anticapitalismo e da neutralidade surda sobre a maioria de nossas decisões, de nossos sonhos e de nossos projetos, o que a Daniel foi conferido por essa mãe aparentemente desnaturada? Como Helena lidou com essa capacidade humana, tão exaltada pelos existencialistas, de fecharmos os olhos e nos afastarmos, por um segundo que seja, das quatro paredes do inferno do viver? De experimentar, tão ao gosto de Engels - um segundo - de reino da liberdade em pleno vigor dos reinos das necessidades?

Esse menino singular, de quem viemos falando até aqui como personagem experimental de teorias contrastantes e aparentemente polarizadas, aos onze anos saiu da escola pensão, tomou sozinho um trem até Gênova e embarcou com uma família desconhecida, previamente ajustada, de navio, na terceira classe, entre queijos italianos, para o Brasil. É detido para quarentena na Ilha das Flores, em São Paulo, por três dias, até ser resgatado pela mãe.

Quantos de nós não passamos o arrepio da primeira ida de ônibus, sozinhos, de nossos filhos, únicos, ao centro da cidade ou a alguma localidade distante? Certa vez nos impressionamos com a alegria de uma aluna de ensino médio do Colégio Marconi, escola municipal do bairro Gutierrez, em Belo Horizonte, ao conhecer o Palácio das Artes, em aula de Filosofia. Ela se regozijava por fazer sua primeira ida ao centro da cidade. E não era a única. Em outra ocasião, ficamos surpresos com alunos do terceiro ano do mesmo colégio, visitando a UFMG para uma palestra sobre livros do vestibular 2000, espantando-se com o tamanho do campus Pampulha! Imaginem esses jovens dos anos 1990, ante a imensidão de uma viagem de navio até a Europa!

Pois foi, em seu primeiro ano probatório dos exercícios de autonomia presentes na pedagogia materna, que Daniel Antipoff experimentou essa prova de independência e ousadia, que para muitos seria de grande dificuldade e quase inimaginável para uma criança. Vai, ele mesmo, percorrer o caminho das cartas, flutuando sobre os passos delas, em alto mar, olhando as estrelas do céu como se seguisse miolinhos e migalhas de pão deixados por *João e Maria* na floresta, para marcarem o retorno para casa, no conto clássico coletado pelos irmãos Grimm.



Colocados estavam, em prova, a audácia do garoto e, em aflição, um coração de mãe, que deixava outra vez falar alto, a educadora que trazia em si? Suspense, de um lado, apreensão, de outro. Tudo podia acontecer, um sequestro, uma queda no mar revolto e tudo que assombraria a mente rotineira de pais pressurosos em proteger os filhos. Impressiona o modo como as crianças encaram os desafios, contrapondo-se a intensas preocupações que aturdem os adultos em geral, talvez por serem mal educados, quem poderá dizer?

Enquanto brincam com a vida e se assustam com histórias do outro mundo, em contraponto infantil ao divertimento fantasioso que o gênero de terror oferece aos mais velhos, que por sua vez se apavoram ante os abismos do dia a dia, as crianças deixam ao pensamento investigativo da psicologia e da pedagogia uma tarefa de decifrar e compreender essa sua capacidade de jogar com as vicissitudes de montanha russa arquitetadas pela vida.

A provação a que se veem submetidas as potencialidades infantis muitas vezes nos surpreendem e revoltam, quando exploradas pelo lado mais cruel da humanidade. As crianças armadas na Síria, no Sudão e no Brasil, os bandos recrutados nas regiões dos diamantes de sangue africanos e a prostituição infantil tolerada como natural em comunidades da Índia, sem falar nos casamentos precoces de meninas no oriente e a venda de jovens escravas em Belém do Pará, põem a céu aberto a capacidade infinita das crianças de contestarem os estereótipos costumeiros. A proeza de nosso pequeno Daniel fica até meio opaca, se comparada a esses seus parceiros infelizes de geração a geração, que vivenciam aquilo que Marx chamaria de grau bárbaro de civilidade de uma nação, em *O Capital*.

O *Museu da Criança*, sonho iniciado por Antipoff naquele mesmo momento filipino que viemos observando até aqui, terá entre nós sua nova edição, iniciada em março de 2021. Por certo, a incandescência dessas vicissitudes pueris arderão os olhos e queimarão as páginas das pesquisas, que a instituição comandará, voltadas para a causa da infância. Mas teria a proeza do pequeno Daniel, ao percorrer ele mesmo o trajeto salgado de suas primeira cartas, lugar na estante do conhecimento inusitado das crianças de todos os tempos? Pelo menos, ele foi contraposto, desse modo singelo, ao ataviamento trivial e monótono apresentado aos escolares das primeiras letras do lado de cá do equador.

Uma descrição adulta desse périplo França/Brasil nos é dada por Adèle Toussaint-Samson, no livro *Uma parisiense no Brasil*, publicado pela editora Capivara, em 2003. Nesse livro, a autora descreve sua viagem de navio até o Rio de Janeiro, em 1883, em busca das venturas tropicais do bem-viver. Enjoos, talvez motivados por sua gravidez, enxergar o mundo girar em meio a tonturas de toda ordem, quase a fizeram renegar sua obstinação de afirmar, com independência e coragem, as faces ocultas, às mulheres, da condição humana. Tudo para adentrar a versão da vida, nos trópicos, que tanto fascinava os europeus, como Saint-Hilaire, Spix e Martius.

Mas, para Daniel, tudo não passou de mais um capítulo divertido dos desafios de sua vida, entre queijos e migrantes italianos. Por que será? Nosso aluno e filho experimental seguia em frente no seu estágio de menor abandonado de propósito, de órfão abstrato, para conquistar, pela via da pedagogia russa e escolanovista, aquilo que a dureza da vida impõe de modo compulsório a suas vítimas das primeira idades.

Um dos objetivos de Helena Antipoff, ao abandonar Daniel ao relento maternal, agasalhado pela escola de Beauvallon, era evitar-lhe a superproteção, geralmente destinada ao filho único de um casal. Oferecer-lhe a proteção da autonomia individual e do autogoverno coletivo, tão caros à Escola Nova e a Anton Makarenko, foi um acerto?

Vimos nesse duelo carta a carta, de nossas personagens, como ficaram marcadas pessoalmente? Como as demais, experimentaram momentos de felicidade, como inesquecíveis compensações de tamanho distanciamento voluntário? O que valeu tudo isso?

Daniel, que nos diga, em seu livro autobiográfico de 1997,

Sérgio fazia sempre as coisas sozinho, pois era filho único. Agora, vê a mesma tarefa desempenhada por todos os componentes do grupo. A metodologia escoteira foi decisiva para ele, acompanhada ao vivo.

(D. ANTIPOFF, 1997, p.36)

O que vamos continuar chamando de lição número um, talvez única, polêmica - por certo - selada internacionalmente nas cartas 001 e 002, 719 e 720? *Abandonar*, ou não *abandonar*? Fariam isso de novo, se pudessem? Arriscaríamos dizer que sim, ou que não?

Deixadas aparentemente sós, para se virarem e resolverem por si mesmas seus problemas, colocando em prática a educação com rol de liberdade e de autonomia, as crianças se viram e se resolvem, mesmo assim? Daniel, e mais 200 milhões de crianças órfãs dos dias que correm, ainda privadas do convívio familiar pela força de circunstâncias trágicas e criminosas várias, provam isso? Ou estariam todas as cerca de dois bilhões de crianças do planeta, umas mais, outras menos, condenadas a enfrentar, em conjunto, como nós todos, com destemor, as encruzilhadas armadas ao acaso, para cada uma, e por um grande acaso, para todas, em conjunto, em cuja transformação algumas delas certamente empenharão sua vida adulta, como Daniel e Helena?

*Abandonos* pontuais, didáticos, periódicos e circunstanciais, sob o véu protetor de mecanismos de controle pedagógico amplo da situação, podem ser ferramentas educativas muito enriquecedoras para crianças e jovens, sem o que viveriam na *normalidade*, sob o guarda-chuva enferrujado da família burguesa e da educação bancária? Vale lembrar, em contraponto aos problemas emocionais decorrentes dos conflitos alimentares dos adultos contra as crianças, à mesa, como Anna Freud destacava serem *bom de prato*, em unanimidade, as crianças de orfanatos, talvez em homenagem à frase presente nos princípios de Ferrière para a Escola Nova. Curiosamente, o livro dela, *Infants without families*, recebeu uma tradução no Brasil intitulada *Meninos sem lar*.

Como pedras preciosas procuradas no cascalho, ou como cascalho misturado a pedras preciosas, restaria, para gáudio *acadêmico*, alguma tese brandindo neste trabalho, para fazê-lo referência obrigatória dos que hão de vir? Um trabalho científico, proferido por alguém que parte da filosofia, é bem diferente daqueles que vêm da psicologia, da pedagogia ou da química, mas talvez não devesse ser, pois a filosofia, sendo epistemologia também, paira metodologicamente junto das demais ciências, a princípio, pelo menos. Para além da forma, dos meios de pesquisa e de exposição, um diferencial que assombra expectativas é aquele que nos amarra ao mundo da dúvida, da incerteza, da não verdade, pontuado ao longo da história pelos filósofos testados pelos séculos.

Esta pesquisa, instalada nestas páginas, é um estudo de professor de filosofia e por isto pode ser caudatária desses pressupostos céticos e tentada a terminar em silêncio, depois dessa jornada. Mas salta aos olhos, conhecendo, lendo e acompanhando a ação profissional de Daniel Antipoff, a eficácia daquela educação à distância, do *abandono* ao qual foi submetido. A influência da mãe foi incomparável, sementes jogadas ao acaso ou de propósito - quem saberá? - tornaram-no um espécime rousseauiano de primeira grandeza, um agrônomo formado em filosofia, um educador, um psicólogo, um humanista generoso, uma pessoa sóbria, um líder afável, competente, disciplinado. E nada foi de última hora, a história das cartas, que aqui contamos, o atesta e nos demonstra como Helena Antipoff atingiu seus objetivos quanto à educação do filho.

Não nos caberia fazer um juízo se tudo isso foi bom para Daniel, ou não. Psicólogos e pedagogos poderiam-nos ajudar a fazê-lo, extraíndo de suas cartas os sintomas desse ou daquele bom ou mau conselho e de suas consequências num menino, num jovem, num adulto e num velho. Do nosso ponto de vista, que flerta com a filosofia aparente em Marx e Sartre, qualquer trajetória de vida, por mais brilhante e rica que seja, será vã, despertando sempre, nas personagens que a entretêm, doses inevitáveis de angústia, de infelicidade e de insatisfação, quem sabe iracunda e insurgente contra as malhas do destino individual e coletivo. No dizer de Wittgenstein, é inevitável jogar fora a escada, depois de ter subido por ela, pois precisamos nos livrar de nós mesmos também.

Contamos aqui a história da escada de Daniel, educado de longe, por Helena.

Demos destaque aos momentos carteados dos degraus galgados em comum. Não fizemos apologia de nada, muito menos de nossa simpatia pelo *abandono*, o que há de mais genial, a nosso ver, em tudo que foi visto. Mas seria um abandono banal, entretanto, no oceano da orfandade e das famílias desagregadas, dos abandonados em massa? Em que pese o suicídio de grande parte dos que, crescendo em orfanatos, são massacrados ao longo da vida sem que alguém lhes estenda a mão amorosa. Ao contrário, Daniel, pelo que se sabe, nunca esteve próximo dessa hipótese antitética da libertação social em comum, nem nunca se mostrou atraído por uma solução desesperada que brotaria do campo fértil dos modos egoístas e de cunho mesquinho do viver, próprios de indivíduos solipsistas e narcísicos ou extremamente afligidos, a quem restaria pouco o que fazer, além de dar um fim à própria existência. E é esse pouco, semeado por uma educação vítrea, que parece importar.

Do alto da escada, no andar superior, cada um alcança o que pode, na vida, com a ajuda da pedagogia, da psicologia e, quiçá, da filosofia. Há, ali, três alternativas prováveis: saltar, descer de volta ou encarar o horizonte inseguro. Jogando fora essas cartas trabalhadas, a sensação é a mesma, quando se chega ao termo de leituras dos livros de Marx: parece não termos nada nas mãos.

Não temos nada, mesmo. Mas a jornada fez a diferença. Não somos mais os mesmos.

Fechamos aqui nossa lista arriscada de conclusões, de aprendizados e de lições, nessa tese ora terminada, sonhando para que dela se revelem outras, não contrariando o presságio de Freud na *Interpretação dos Sonhos*, de que não se tem boas ideias duas vezes. Tomara, venham outras e locupletem o arsenal didático com algo mais além do prazer que o conhecimento e o estudo das artimanhas vivenciadas na saga diaspórica dos Antipoff vêm-nos proporcionando até hoje. Agora vamos para a torcida, na arquibancada do jogo da vida - com muita calma - no campo do adversário.

Olhando tudo o que aqui até agora foi escrito, só encontramos por duas vezes a palavra paixão. Ao que parece, ela não aparece nem uma vez nas cartas lidas até agora.

Mas o que mais são essas cartas, se não a pura paixão de uma *Maria* louca ao pé da cruz? Palavra de mulher, apaixonada pela vida, com alguma coisa de triste, com alguma coisa de alegre, com alguma coisa que lembre um templo? E a história dessas cartas, que não pôde ser mais que uma história apaixonada, apaixonada pelo desespero de Helena, sua luta contra toda desesperança, catando talos de repolho na neve para o jantar de seu filho raquítico, subalimentado pelo leite materno rarefeito, batendo de porta em porta com ele no colo, em busca do marido sequestrado pela polícia política, atravessando a Rússia gelada buscando o pai ferido e caçado pelos bolcheviques, tecendo a cada dia - linha a linha das rugas - as linhas das rugas que viriam um dia, mas traçadas bem antes, desfiando paixão, muita paixão, paixão demais pela vida, fortalecida, no endurecimento da dor e no amolecimento da alegria, nessa mulher, nessa guerreira, musa das estepes geladas, *Ursa Maior* a contemplar ao lado das *Três Marias*, do céu, a pequenidade da terra, ciente, quem sabe, dos seus mistérios, a par, quem sabe, das nossas verdades, verdades que aqui não passam de enganos, enganos acadêmicos, enganos epistêmicos, fios encaracolados, enlaçados a nossas dúvidas, últimas palavras das ciências, últimas rédeas dos suicidas, levados mesmo a duvidar - ante essa epopeia de paixões - que valha a pena saltar no abismo dos sete mares e perder, por força desse descuido, o próximo capítulo dessa história apaixonada.

## 11. Referências

- ANTIPOFF, Daniel. *Aspectos psicológicos e características do trote no Instituto Técnico de Aeronáutica*. Separata da **Revista da Psicologia Normal e Patológica** São Paulo: n.3, p. 94-112, 1964.
- ANTIPOFF, Daniel. *Criação do “FUNDO HELENA ANTIPOFF” na Fundação Arquivos do Instituto J.J.Rousseau em Genebra* in **Boletim do CDPHA 12**. Belo Horizonte, 1994, p.34-40
- ANTIPOFF, Daniel. *As Cartas de Helena Antipoff* in **Minas Gerais**, 14 de agosto de 1974, p.4 (Escrito 5 dias após a morte de sua mãe.)  
<https://www.facebook.com/106444028354649/photos/a.106451978353854/108106934855025/>
- ANTIPOFF, Daniel. **Entre dois continentes**. Prefácio de Pierre Weil. Edição do Autor, 1997, 206p.
- ANTIPOFF, Daniel **Excepcionais e talentosos, os escolhidos**. Belo Horizonte: Lastro, 1999 161p.
- ANTIPOFF, Daniel **Helena Antipoff, sua vida sua obra**. Belo Horizonte: Itatiaia, 2005. 198p.
- ANTIPOFF, Daniel **Helena Antipoff, sua vida sua obra**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1975
- ANTIPOFF, Daniel **Jogos e lazeres, indicadores da personalidade**. Belo Horizonte: Lastro, 1999.
- ANTIPOFF, Daniel. *Memorial Helena Antipoff* in **Boletim do CDPHA 12**. Belo Horizonte, 1994, p.41-42
- ANTIPOFF, Daniel. *A terceira idade* in **Estado de Minas**. Belo Horizonte, 28/11/1997 p.7  
<https://www.facebook.com/106444028354649/photos/a.106451978353854/106579688341083/>
- ANTIPOFF, Daniel; ANTIPOFF, Helena. **Correspondência Selecionada**. CDPHA. Inédita.
- ANTIPOFF, Daniel et al. **Problemas da Motricidade**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1956
- ANTIPOFF, Helena. **Correspondência com Viktor Iretzky**. Moscou: KGB. Inédita.  
Organizada por Natasha Masolikova
- ANTIPOFF, Helena. **Correspondência com Marguerite Soubeyran**. Ibirité: CDPHA. Inédita.
- ANTIPOFF, Helena. **Correspondência com Sofia Antipoff**. Ibirité: CDPHA. Inédita
- ANTIPOFF, Helena. **Educação do Bem Dotado - Coletânea das Obras Escritas de Helena Antipoff**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1992. v. V
- ANTIPOFF, Helena. **Educação do Excepcional - Coletânea das Obras Escritas de Helena Antipoff**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1992b v. III
- ANTIPOFF, Helena. **Educação Rural - Coletânea das Obras Escritas de Helena Antipoff**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1992c v. IV



ANTIPOFF, Helena. *L'Expérience Russe – L'éducation sociale des enfants* in **La Semanaine Litteraire**. Genève, 1926 p. 592-594

ANTIPOFF, Helena. **Fundamentos da Educação - Coletânea das Obras Escritas de Helena Antipoff**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1992a. v. II

ANTIPOFF, Helena. **Psicologia Experimental - Coletânea das Obras Escritas de Helena Antipoff**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1992. v. I

ALENCAR, Gilberto de. **Tal dia é o batizado**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981. 253p.

ALMEIDA, Marilene Oliveira. **O ensino de arte na obra de Helena Antipoff: diálogos e colaborações entre a arte e a educação nova** Dissertação:UFMG, 2013

ALMEIDA, Marilene Oliveira. **As Vozes de Helena Antipoff e Augusto Rodrigues no Ensino de Artes**. Belo Horizonte: SCLiterato, 2017. 264p.

ANAIS DO COLÓQUIO INTERNACIONAL THE GLOBAL EDUCATIONAL SPACE AND THE ACADEMIC MIGRANTS. *The Legacy of the Psychologist Helena Antipoff(1892-1974) in Education and Human Rights in Latin American, Europe and Russia*. Moscou: Centro Alexander Solzenitcyn da Rússia no Exterior, 2012

<https://cdpha.pro.br/wp-content/uploads/2020/09/Anais-seminario-The-global-educational-space-academic-migrants-Helena-Antipoff-2012.pdf>

ANDRADE, Mario. *Poesia Proletária* in **Diário Nacional**, 24/8/1930. **Coletânea Por uma Arte Revolucionária**. S.Paulo: Paz e Terra, 1985. p. 137-139

<https://www.facebook.com/106444028354649/photos/a.106451978353854/128663522799366>

ANDRADE, Moacyr. **A República Decroly**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1964, 272 p.

ANISTIA INTERNACIONAL – **Relatório 2020/2021**

<https://anistia.org.br/informe-anual/informe-anual-2020-o-estado-dos-direitos-humanos-no-mundo/>

ANTUNES, Mitsuko. *Colonização, meio ambiente, educação e psicologia: o pensamento radical de Manoel Bomfim (1868-1932)* in **Coleção Encontros Anuais Helena Antipoff**. p.79-100  
Belo Horizonte, FAE-CDPHA, 2017

<https://cdpha.pro.br/wp-content/uploads/2020/10/Colecao-Antipoff-2017-Psic-educ-debate-ambiental.pdf>

- ANTUNES, Mitsuko. *Interpretação do Brasil em Manoel Bonfim: o processo de colonização da América Latina e a devastação ambiental* in **Boletim CDPHA 28** Ibrité, 2016 p.55-57  
<https://cdpha.pro.br/wp-content/uploads/2020/10/BOLETIM-31-MARCO-2016.pdf>
- AUDEMARS, Mina; LAFENDEL, Louise. **La Maison dès Petits**. Neuchatel: Delachaux & Niestlé, 1922. 37p.
- BANDEIRA DE MELO, Carolina Silva. *Psicologia patológica versus misticismo: uma história da circulação de saberes entre a França e o Brasil na primeira metade do século XX.*  
 In **Boletim CDPHA 30**,p.122-123 [https://www.encontrohelenantipoff.com.br/download/download?ID\\_DOWNLOAD=2](https://www.encontrohelenantipoff.com.br/download/download?ID_DOWNLOAD=2)
- BBC NEWS. *O lugar onde prostituir meninas é uma maligna 'tradição'* 28/3/2018  
<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-47736073>
- BEETHOVEN, Luduwig van. **Testamento de Heilingenstadt**.(1802) Narração de Paulo Autran, tradução de Érico Veríssimo [https://pt.wikisource.org/wiki/Testamento\\_de\\_Heiligenstadt](https://pt.wikisource.org/wiki/Testamento_de_Heiligenstadt)  
<https://www.youtube.com/watch?v=Hpfuxe6MYDU>
- BEAUVOIR, Simone. **A Mulher Desiludida**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019. 176 p.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica – Arte e Política**. S. Paulo: Brasiliense, 1994 255p.
- BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: UFMG, 2018 1752p.
- BOLETINS CDPHA (1-30)** Ibrité: CDPHA, 1981-2021
- BRETON, André/TROTSKI, Leon. **Por uma Arte Revolucionária**.S.Paulo: Paz e Terra, 1985. 218p.  
<https://www.facebook.com/106444028354649/photos/a.106451978353854/128710566127995/>
- CALENDARR PORTUGAL** Dia Mundial do Órfão – segunda segunda-feira de novembro, dia 8  
<https://www.calendarr.com/portugal/dia-mundial-do-orfao/>
- CAMPOS, Regina Helena de Freitas. *O acervo Helena Antipoff como laboratório de pesquisa sobre a história das Ciências da Educação* in **Educar em Revista**, Curitiba, v. 34, n. 71, p. 83-101, set./out. 201 <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/62648/36827>
- CAMPOS, Regina Helena de Freitas.**Conflicting Interpretations of Intellectual Abilities among Brazilian Psychologists and their Impact on Primary Schoolin(1930-1960)**  
 Tese. Belo Horizonte: UFMG, 1989. 322p.

CAMPOS, Regina Helena de Freitas et al. **Dicionário Biográfico da Psicologia no Brasil –Pioneiros.**

Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2007 <http://newpsi.bvs-psi.org.br/cgi-bin/wxis1660.exe/iah/>

CAMPOS, Regina Helena de Freitas. *Educação Inclusiva e Direitos da Criança* in

**Boletim do CDPHA 15.** Belo Horizonte, 2011, p. 41- 45

CAMPOS, Regina Helena de Freitas. *Famílias Mineiras, Anos 30* in

**Boletim do CDPHA 08.** Belo Horizonte, 1998 p. 65-72

CAMPOS, Regina Helena de Freitas. *Helena Antipoff(1892-1974) A Synthesis of Swiss and Soviet Psychology in the Context of Brazilian Education.* Separata **History of Psychology**, v.4,

number 2, May 2001, p. 133-158 <https://psycnet.apa.org/record/2001-00864-002>

CAMPOS, Regina Helena de Freitas. **Helena Antipoff: textos escolhidos.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002. 369p.

CAMPOS, Regina Helena de Freitas. **Helena Antipoff, psicóloga e educadora. Uma biografia intelectual.** Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes, 2012. 447p.

CAMPOS, Regina Helena de Freitas. *Helena Antipoff: razão e sensibilidade na psicologia e na educação. Estudos avançados*, USP. São Paulo, dezembro 2003 v.17(49), p. 209-231 <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9953>

CAMPOS, Regina Helena de Freitas. *The History of Psychology in Brazil.* **Oxford Research Encyclopedias**, 23 February 2021.

<https://oxfordre.com/psychology/view/10.1093/acrefore/9780190236557.001.0001/acrefore-9780190236557-e-753>

CAMPOS, Regina Helena de Freitas. *Sources: The UFMG Archives of the History of Psychology in Brazil.* **History of Psychology** v.13(2) 2010 p.201-205

[https://www.researchgate.net/publication/232502776\\_The\\_UFMG\\_Archives\\_of\\_the\\_History\\_of\\_Psychology\\_in\\_Brazil](https://www.researchgate.net/publication/232502776_The_UFMG_Archives_of_the_History_of_Psychology_in_Brazil)[https://www.researchgate.net/publication/232502776\\_The\\_UFMG\\_Archives\\_of\\_the\\_History\\_of\\_Psychology\\_in\\_Brazil](https://www.researchgate.net/publication/232502776_The_UFMG_Archives_of_the_History_of_Psychology_in_Brazil)

CAMPOS, Regina Helena de Freitas; BORGES, Adriana Araújo Pereira. *De Genève à Belo*

*Horizonte, une histoire croisée: circulation, réception et réinterprétation d'un modèle européen des classes spéciales au Brésil des années 1930* **Paedagogica Historica:**

**Internationalisation in Education: Issues, Challenges, Outcomes**, 4 March 2014 v.50(1-2) p.195-212 <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00309230.2013.872680>

- CAMPOS, Regina Helena de Freitas, FARNESE, Sérgio . *Helena Antipoff e a educação social na Rússia após a revolução dos bolcheviques* **Cadernos de História da Educação** v.22, e162 Uberlândia: UFU, 2023 <https://doi.org/10.14393/che-v22-2023-162>
- CAMPOS, Regina Helena de Freitas; LOURENÇO, Érika. *Helena Antipoff Science as a passport for a Woman's Career between Europe and Latin American* in **Transversal International Journal of Historiography fo Science** no. 6 2019 20p.  
<https://www.historiographyofscience.org/index.php/transversal/article/view/123/200>
- CNN Brasil, 2/2/2023, *Quase 1.000 crianças imigrantes separadas da família no governo Trump ainda não viram os pais* <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/quase-mil-criancas-migrantes-separadas-por-trump-ainda-nao-encontraram-os-pais/>
- COLMENARES, Carmen García. *Helena Antipoff en la Psicología Española(Cartografía de un Legado Difuso(1915-1936)* in **Boletim do CDPHA 26**. Belo Horizonte, 2016, p. 147-148
- COLMENARES, Carmen García. *Helena Antipoff en la Psicología Española(Cartografía de un Legado Difuso(1915-1936)* in **Coleção Encontros Anuais Helena Antipoff**, 2017 p.319-328  
<https://cdpha.pro.br/wp-content/uploads/2020/10/Colecao-Antipoff-2017-Psic-educ-debate-ambiental.pdf>
- CUNHA, Dayse Moreira. *Como pautar o futuro em meio ao caos* in **Caderno de Administração**, Maringá, UEM, v.28, junho 2020, p.100-104 <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/CadAdm/article/view/53768/751375150144>
- DELPAL, Bernard. **L'Album de Beauvallon**. Dieulefit: Un Comptoir d'edition, 2016 240p.
- DE QUINCEY, Thomas. **Os últimos dias de Immanuel Kant**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. 94p.
- DIMENSTEIN, Gilberto. **Meninas da Noite**. São Paulo: Ática, 1992. 16a. edição 168p.  
[https://www.youtube.com/watch?v=T50I\\_-wFqQM](https://www.youtube.com/watch?v=T50I_-wFqQM)
- DRAKE, Stilman. **Galileo at work: his scientific biography**. Chicago: University of Chicago Press, 1978. 240p.  
<https://books.google.co.uk/books?id=OwOIRPbrZeQC&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false>
- DUNCAN, Isadora. **Minha Vida**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012. 308p.
- EINSTEIN, Albert. *Por que Socialismo?* In **Monthly Review**, no. 1, New York, 1949  
<https://www.marxists.org/portugues/einstein/1949/05/socialismo.htm>
- ENGELS, Friedrich. **A Origem do Estado, da Família e da Propriedade Privada**. S. Paulo: Boitempo, 2019. 196p.

- FARNESE, Sérgio. *Antipoff e a Educação em Marx – Aproximações e distanciamentos* in **Boletim do CDPHA 30**. Belo Horizonte, 2021, p. 138-139  
[https://www.encontrohelenantipoff.com.br/download/download?ID\\_DOWNLOAD=2](https://www.encontrohelenantipoff.com.br/download/download?ID_DOWNLOAD=2)
- FARNESE, Sérgio. *Antipoff, legenda esquecida*, in **Estado de Minas**, p.7, Belo Horizonte, 9/12/2002  
<https://www.facebook.com/106444028354649/photos/a.106451978353854/106447441687641/>
- FARNESE, Sérgio. *Antissemitismo heideggeriano: uma pedra no caminho da psicologia* in **Boletim do CDPHA 28**. Belo Horizonte, 2020, p. 112-114  
<https://cdpha.pro.br/wp-content/uploads/2020/09/BOLETIM-CDPHA-2018-N28.pdf>
- FARNESE, Sérgio. *Bicentenário de Karl Marx* in **Estado de Minas**, 30/6/2010 Belo Horizonte p.7  
<http://observadoressociais.blogspot.com/2010/06/bicentenario-de-karl-marx.html>
- FARNESE, Sérgio. *Caiu o muro* in **Gazeta de São João del-Rei**, 12/12/2009 p.4  
<https://www.facebook.com/112281787764051/photos/a.115074854151411/115075067484723>
- FARNESE, Sérgio. *Daniel Antipoff, ano 100* in **Boletim do CDPHA 29**. Belo Horizonte, 2018 p. 145-147 <https://cdpha.pro.br/wp-content/uploads/2020/09/BOLETIM-CDPHA-2018-N28.pdf>
- FARNESE, Sérgio. *Daniel Antipoff, 100 anos depois – Educação Rural x Crimes Ambientais* in **Boletim do CDPHA 29**. Belo Horizonte, 2019, p. 179-180  
<https://cdpha.pro.br/wp-content/uploads/2020/09/BOLETIM-CDPHA-2019-N29.pdf>
- FARNESE, Sérgio. *Einstein no Brasil* in **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 7/4/1995, p.7  
<https://www.facebook.com/106444028354649/photos/a.106451978353854/109808008018251/>
- FARNESE, Sérgio. *Freud entre nós* in **Estado de Minas**, Belo Horizonte, domingo 12/12/1999, p. 7  
<https://www.facebook.com/Livros-Tiradentes-Helena-Antipoff-130-anos-106444028354649/photos/a.106451978353854/106618368337215>
- FARNESE, Sérgio. *Helena Antipoff, entre as emergências de uma guerra e de uma revolução* in **Boletim do CDPHA 26**, Belo Horizonte, 2016, p. 62-63  
<https://cdpha.pro.br/wp-content/uploads/2020/10/BOLETIM-31-MARCO-2016.pdf>
- FARNESE, Sérgio. *Helena, os anos vermelhos* in **Boletim do CDPHA 27**, 2017 p. 45-46  
<https://cdpha.pro.br/wp-content/uploads/2020/09/BOLETIM-CDPHA-2017-N27.pdf>
- FARNESE, Sérgio. *O jornal, esse diário* in **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 5a. Feira, 18.11.1999. p.7  
<https://www.facebook.com/429640417059442/photos/a.429777687045715/4778697508820356/>
- FARNESE, Sérgio. *Profissão filósofo*. in **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 27/4/1994, Suplemento Gabarito, p.4  
<https://www.facebook.com/112281787764051/photos/a.112285867763643/162755319383364/>

- FARNESE, Sérgio. **Projeto de Tese** (homologado) Belo Horizonte: FAE-UFMG, 2020
- FARNESE, Sérgio. *A Revolução Brasileira* in **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 19/10/2002 p.7  
<https://www.facebook.com/108624668028521/photos/a.120174413540213/151414367082884/>
- FARNESE, Sérgio. *O que é socialismo* in **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 19/10/1996 p.7  
<https://www.facebook.com/112281787764051/photos/a.112285867763643/122465066745723/>
- FARNESE, Sérgio. **A Teoria do Valor no Livro I de O Capital**. Dissertação.B.Horizonte:UFMG,1989
- FARNESE, Sérgio. *A Teoria do Valor no Livro I de O Capital* in **Kriterion**. Belo Horizonte:UFMG, 1990 p.206-207 <https://www.facebook.com/112281787764051/photos/a.112285867763643/112285821096981/>
- FARNESE, Sérgio; CAMPOS, Regina Helena de Freitas. *O diálogo entre Helena Antipoff e Jean Piaget acerca do desenvolvimento do juízo moral na criança* **38o Encontro Anual Helena Antipoff**, Belo Horizonte, CDPHA/UFMG, 2021 <https://www.youtube.com/watch?v=38imvr-qe8>
- FARNESE, Sérgio, Campos, R. H. & Almeida, M. *Piaget x Antipoff - child justice and morality under the mediation of Kant*. In: Campos, R.H., Lourenço, E. & Almeida, eds.  
**The legacy of Jean Piaget – a view from the 21st century**. Springer, Suíça(prelo)
- FARNESE, Sérgio; CAMPOS, Regina Helena de Freitas et al. *Museu da Criança: um sonho de Helena Antipoff*. **38o Encontro Anual Helena Antipoff** Belo Horizonte, CDPHA/UFMG, 2021  
<https://www.youtube.com/watch?v=yzL8PPjD4CQ>
- FAYE, Emmanuel. **Heidegger, a introdução do nazismo na filosofia**. S. Paulo: É Realizações, 2015  
 608p. <https://www.facebook.com/112281787764051/photos/a.112285867763643/134744418851121/>
- FERRAZ, Geraldo. *Os Artistas Plásticos e o Partido Comunista*. in **Vanguarda Socialista**, n.18, 28/12/1945.**Coletânea Por uma Arte Revolucionária**. S.Paulo:Paz e Terra,1985. p.168-169  
<https://www.facebook.com/106444028354649/photos/a.106451978353854/128711832794535/>
- FOUCAULT, Michel. **Les mots et les choses**.*Une archéologie des sciences humaines*. Paris: Gallimard, 1966. 2a. edição São Paulo: Martins Fontes, 1981 407p.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Vozes, 2014 296 p.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 1978. 192p.
- FREUD, Anna. **Infants Without Families**. New York: International Univ. Press, 1944. 188p.

- FREUD, Sigmund. **A Interpretação dos Sonhos**. São Paulo: Imago, 2001. 614p.
- FREUD, Sigmund. **Cartas de Freud a sua filha**. Barueri: Amarilys editora, 2014. 432p.
- FREUD, Sigmund. **Cartas aos Filhos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021. 644p.
- GALILEI, GALILEU. **A Mensagem das Estrelas**. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins e Ed. Salamandra, 1987. 72p.  
[https://www.academia.edu/32808303/O\\_Mensageiro\\_das\\_Estrelas\\_de\\_Galileu\\_Galilei\\_S%C3%A3o\\_Paulo\\_Duetto\\_2009\\_Tradu%C3%A7%C3%A3o\\_Livro\\_](https://www.academia.edu/32808303/O_Mensageiro_das_Estrelas_de_Galileu_Galilei_S%C3%A3o_Paulo_Duetto_2009_Tradu%C3%A7%C3%A3o_Livro_)
- GALVÃO, Patrícia. *Um D.I.P. Internacional – Vem da Rússia a proposta contra a liberdade de expressão* in **Vanguarda Socialista**, n.18, 28/12/1945.  
**Coletânea Por uma Arte Revolucionária**. S.Paulo: Paz e Terra, 1985. p.163-164  
<https://www.facebook.com/106444028354649/photos/a.106451978353854/128710566127995/>
- GALVÃO, Patrícia. *Influência de uma Revolução na Literatura* in **Vanguarda Socialista**, n.11, 9/11/1945 **Coletânea Por uma Arte Revolucionária**. S.Paulo: Paz e Terra, 1985. p.156-159  
<https://www.facebook.com/106444028354649/photos/a.106451978353854/128713619461023/>
- HEINRICH, Michael. **Karl Marx e o nascimento da sociedade moderna(1818-1841)**.  
 São Paulo: Boitempo, 2018. 471p.
- IRETZKY, Viktor. **Correspondência com Helena Antipoff (1924-1936)** inédita
- IRETZKY, Viktor. **Spiel gegen Gott**. Berlim: Ring-Verlag, 1928. 319p.
- JESUS, Carolina Maria de. **Diário de Bitita**. S. Paulo: Diálogos Editorial, 2022. 146p.
- JUNQUEIRA, Carmem Miriam Maciel. **Movimentos de alteridade, responsividade e responsabilidade em cartas de Helena Antipoff ao filho**. Belo Horizonte: PUC, 2021
- LA MURE, Pierre. **Além do Desejo**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1969. 468p.
- LENIN, Vladimir Ilitch Ulianov. **O Estado e a Revolução**. São Paulo: Hucitec, 1979 153p.
- LEITE, Patrícia Kauark-(org.) **Ensaio sobre Kant, Ciência e Natureza Humana**.  
 Rio de Janeiro: Via Verita, 2018 251p.
- LIMA VAZ, Henrique Cláudio. *Sobre as fontes filosóficas do pensamento de Karl Marx* in **Boletim SEAF (Sociedade de Estudos e Atividades Filosóficas), no.2, Marx**. Belo Horizonte: Fafich-UFMG, 1982

- LISBOA DE OLIVEIRA, Alaíde. *Dona Helena que nós amamos* in **Anais do I Congresso Brasileiro sobre a Experiência Antipoffianan na Educação**, CDPHA, Belo Horizonte, 1992. p. 39-42 [www.facebook.com/106444028354649/photos/a.106451978353854/128702236128828](http://www.facebook.com/106444028354649/photos/a.106451978353854/128702236128828)
- LOUREIRO, Isabel. **A Revolução Alemã.**(1918-1923). São Paulo: Editora UNESP, 2005. 181 p.
- LOURENÇO FILHO, Manoel Bergström. **Introdução ao Estudo da Escola Nova.**  
Rio de Janeiro: EDUERJ, 2002. 391p.
- LOUZEIRO, José. **Lúcio Flávio, o Passageiro da Agonia.** Rio de Janeiro: Record, 1986. 233 p.
- MARX, Karl. **Das Kapital – Kritik der politischen Ökonomie** Ester Band Buch I. Hamburg,1867  
Dritter Band Buch III London, 1894 tradução portuguesa São Paulo: Difel, 1982
- MARX, Karl. **Grundrisse**(1857-1858). São Paulo: Boitempo, 2011. 788 p.
- MARX, Karl. **A Guerra Civil na França.** São Paulo: Boitempo, 2011 272p.
- MARX, Karl. **Misère de la philosophie -Réponse a la philosophie de la misère de M. Proudhon –par Karl Marx** (Paris, 1847). Tradução portuguesa Lisboa: Escorpião, 1976
- MARX, Karl. **Manuscritos econômicos-filosóficos.**(1844) São Paulo: Boitempo, 2017. 176p.
- MARX, Karl. *Prefácio à Crítica da Economia Política*(1858)in **Os Pensadores Marx.**S.Paulo: Abril,1978
- MARX, Karl. **Valor, Preço e Lucro.** (1865) in **Os Pensadores Marx.** São Paulo: Abril, 1978.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich **Brief über Kapital.** Berlin: Dietz Verlag,1954.Tradução espanhol. Barcelona: Laia,1974. 368p.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich.**Collected Works-Letters** 1868-70 Moscow:Progress Publishers,1988 760p
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã.** São Paulo: Boitempo, 2007. 616p.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Lutas de Classes na Rússia.** S. Paulo: Boitempo, 2013 168p
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich.**Collected Works-Letters** 1868-70 Moscow:Progress Publishers,1988 760p.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto Comunista de 1848.** Petrópolis: Vozes, 1982. 162p.
- MARX et al. *Considerações de um jovem sobre a escolha de uma profissão* in **O Conceito Comunista da Moral.**  
Lisboa: Seara Nova, 1977. p.30-31



MARXHAUSEN, Thomas. *História crítica das Obras completas de Marx e Engels (MEGA)* in **Crítica Marxista**, n.39, p.95-124, UNICAMP, Campinas, 2014.

[https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos\\_biblioteca/artigo2015\\_11\\_09\\_16\\_31\\_1133.pdf](https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/artigo2015_11_09_16_31_1133.pdf)

MASOLIKOVA, Natasha. *Comunidade psicológica russa e Universidade de Leipzig (final do século 19 - início do século 20)*

<https://www.academia.edu/9553131/%D0%A0%D0%B>

MASOLIKOVA, Natasha. *Helena Antipoff (1892—1974) and Alexander Nechayev (1870—1948):*

*Russian Pedologists of the beginning of the XXth century. История российской*

**психологии в лицах: Дайджест (A história da psicologia russa: pessoas)** no.4 2016

<https://cdpha.pro.br/wp-content/uploads/2020/09/Masolikova-on-Helena-Antipoff-and-Alexander-Nechayev.pdf>

MASOLIKOVA, Natasha. **Helena Antipoff Russian years (1917-1924) - the practice of a psychologist in a context of war and social revolution** Alexander Solzenitcyn Centre for Studies of Russia Abroad Moscow, Rússia 2021 (inédito)

SOROKINA, Marina; MASOLIKOVA, Natalia; TURGYNA, Natalie. **Emigração Russa e o Movimento de Resistência durante a Segunda Guerra Mundial (2021)**

[https://www.researchgate.net/publication/350810337\\_RUSSKAA\\_EMIGRACIA\\_I\\_DVIZENIE\\_SOPROTIVLENIA\\_V\\_GODY\\_VTOROI\\_MIROVOI\\_VOJNY/download](https://www.researchgate.net/publication/350810337_RUSSKAA_EMIGRACIA_I_DVIZENIE_SOPROTIVLENIA_V_GODY_VTOROI_MIROVOI_VOJNY/download)

MASOLIKOVA, Natasha; SOROKINA, Marina *The Russian Apostle of Brazil: psychologist Yelena Antipova* **Образовани Вестник (Education Bulletin)** n. 31. 2017

<https://cdpha.pro.br/wp-content/uploads/2020/09/Masolikova-Sorokina-on-Yelena-Antipova-the-Russian-apostle-of-Brazil-2017.pdf>

MASSIMI, Marina. **Psychological Knowledge and Practices in Brazilian Colonial Culture.**

Springer Nature, 2020. 238p. <https://doi.org/10.1007/978-3-030-60645-9>

MATOSO, Bárbara *Revista do Ensino de Minas Gerais (1925/1940 1946/1970)*

Belo Horizonte: **Portal PioneirosFAE**, 2022 <https://portalpioneiros.fae.ufmg.br/revista-do-ensino-de-minas-gerais-1925-1940-1946-1970/>

MEIRA, Camila Jardim de. **PEDAGOGIA ANTIPOFFIANA: vestígios documentais da trajetória pessoal, profissional e acadêmica da educadora Helena Antipoff (1892-1974) expressos em seus manuscritos.** Belo Horizonte: UFMG, 2022. 274p.

MORAIS, Fernando. **Corações Sujos.** S.Paulo: Companhia das Letras, 2011. 352 p.

- MOURA, Elza. *Grandes Educadoras Mineiras – Professora Helena Antipoff(1892-1974) dá lição de economia* in **Revista da Arcádia Mineira – Elza de Moura 100 anos**, v. X, p.23-24, Belo Horizonte, setembro 2016.
- PEDROSA, Mário. *Arte e Burocracia*. In **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 4/6/1967  
**Coletânea Por uma Arte Revolucionária**. S.Paulo: Paz e Terra,1985. p.176-179  
<https://www.facebook.com/106444028354649/photos/a.106451978353854/128666309465754>
- PEDROSA, Mário. *A Revolução nas Artes – I e II*. In **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 5 e 12/11/1967  
**Coletânea Por uma Arte Revolucionária**. S.Paulo: Paz e Terra,1985. p.180-194  
<https://www.facebook.com/106444028354649/photos/a.106451978353854/128699722795746>
- PERAZZO, Priscila Ferreira. **Prisioneiros da Guerra**. S. Paulo: Imprensa Oficial, 2009. 384p
- PEREIRA, Marcelo Ricardo; DINIZ, Margareth et al. *Dispositivos de tratamento à angústia pós-traumática: sem standarts, mas não sem princípios* – mesa-redonda in  
**Boletim do CDPHA**, Belo Horizonte, 26, 2016 p.64
- PLATÃO. **Carta VII**. S. Paulo: Loyola, 2008. 116 p.
- PLATÃO. **Diálogos I - Teeteto (ou Do Conhecimento), Sofista (ou Do Ser), Protágoras (ou Sofistas)** São Paulo: Edipro, 2017. 336 p.
- PLATÃO. **A República**. Tradução Leonel Vallandro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2020.414 p.
- PLUTARCO. **Como distinguir o bajulador do amigo**. S.Paulo: Edipro, 2015 128 p.
- PROUDHON, Pierre-Joseph. **Sistema das Contradições Econômicas – Filosofia da Miséria**. S.Paulo: Ícone, 2012 2v
- REED, John. **Dez dias que abalaram o mundo**. São Paulo: Global, 1980. 269 p.
- REDE GLOBO – **G1- Nobel da Paz 2021**  
<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/10/08/nobel-da-paz-2021-vai-para-maria-ressa-e-dmitry-muratov.ghtml>
- REDE GLOBO – **G1 – Campos de Concentração na Amazônia**  
<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/08/29/campo-de-concentracao-na-amazonia-aprisionou-centenas-de-familias-japonesas-durante-2a-guerra.ghtml>
- REPÓRTERES SEM FRONTEIRAS. *Classificação Mundial da Liberdade de Imprensa 2021*.  
<https://rsf.org/pt/classificacao%20> Rússia e Brasil muito longe dos primeiros lugares.
- RUCHAT, Martine. **Édouard Claparède. À quoi sert l'éducation?** Genebra: Édition Antipodes, 2015. 392p.
- RUCHAT, Martine. **Édouard Claparède/Hélène Antipoff Correspondence(1914-1940)**. Firenze: Leo S. Olschki, 2010. 255p.

SARTRE, Jean Paul. **Entre quatro paredes**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010. 266p.

SARTRE, Jean Paul. **Saint Genet – ator e mártir**. Petrópolis: Vozes, 2002 583 p.

SILVA, Dener Luiz da. *Piaget, Vigotsky, Wallon: a construção da Psicologia da Educação na perspectiva escolanovista – aproximações* in **Boletim do CDPHA 18**, 2005 p.66–79  
<https://cdpha.pro.br/wp-content/uploads/2020/10/Boletim-do-CDPHA-18-2005.pdf>

SOROKINA, Marina. *Biografia da Diáspora Russa no Reino dos Sérvios, Croatas e Eslovenos / Reino da Iugoslávia: Conquistas e Problemas* **Anuário da Casa da Diáspora Russa Alexander Solzhenitsy**. Moscou . 2019 p. 249-252

SOROKINA, Marina. *Emigração russa no exterior ou diáspora? Notas sobre a língua dos migrantes russos modernos. Emigrado russo e o mundo eslavo: aspecto cultural* in **Coleção de obras**, Belgrado, 2013. p. 33-39

SOROKINA, Marina. *Outubro de 1917 e a formação da psicologia russa no exterior: uma alternativa* in **Desenvolvimento da psicologia russa na véspera e após a revolução russa de 1917: tendências, escolas científicas, personalidades: coleção de artigos**. Sarov: Interkontakt, 2019. p.98-109 <https://www.researchgate.net/profile/Marina-Sorokina-3>

SOROKINA, Marina. (Janeiro de 2014) *Entre duas ditaduras: cientistas soviéticos nos territórios ocupados da URSS durante a Segunda Guerra Mundial (para a declaração do problema)* [não encontrado ainda]

SOROKINA, Marina. *Para a URSS, o rosto de uma Rússia sofredora é revelado": Cartas de V.I. Vernadsky às crianças* / Publicado em janeiro de 2012

SOROKINA, Marina et al. *Cientistas russos na América do Sul: cartas do zoólogo K.I.Gavrilov ao historiador N.E.Andreev (1948-1980)* in **Anuário da Casa da Diáspora Russa Alexander Solzhenitsyn**.2011- 2012.p. 608-652

SOROKINA, Marina; GORINOV JR. “SOMOS PESSOAS DE MUNDOS DIFERENTES” Cartas de M.Ye. Yampolskaya a M.M. Karpovich(1923-1936) **Casa da Diáspora Russa. Alexander Solzhenitsyn**. Moscou, 2016 p. 406-440

- SOROKINA, Marina; MASOLIKOVA, Natalia; *Der Baltendeutsche Alexander Freiherr von Meyendorff(1869-1964) . Deutsch-russische kulturelle und wissenschaftliche Wahrnehmungen und Wechselseitigkeiten vom 18.zum 20. Jahrhundert* Ingrid Kästner, Wolfgang Geier, 29/1/2021, Erfurt. p. 209-226
- SOROKINA, Marina; MASOLIKOVA, Natalia. *O destino não literário do escritor Viktor Iretsky (1882-1936) in Literarische und kulturelle Beziehungen zwischen Russland und dem Westen.* Berlin: Peter Lang, 2019. p. 339-386  
[https://www.researchgate.net/publication/348870432\\_Neliterarnaa\\_sudba\\_pisatela\\_Viktora\\_Ireckogo\\_1882](https://www.researchgate.net/publication/348870432_Neliterarnaa_sudba_pisatela_Viktora_Ireckogo_1882)
- SOROKINA, Marina; MASOLIKOVA, Natalia. *Herdeira russa de Pestalozzi: Elena Antipova (1892-1974) e sua professora in Anuário da Casa da Diáspora Russa Alexander Solzhenitsyn 2014-2015*, 2015, p. 31-60  
<https://cdpha.pro.br/wp-content/uploads/2020/09/Masolikova-Sorokina-on-Yelena-Antipova-the-Russian-apostle-of-Brazil-2017.pdf>
- SOROKINA, Marina; MASOLIKOVA, Natalia. *A história da comunidade científica russa e da comunidade psicológica Metodologia e história da psicologia.* Janeiro 2011.  
[https://www.researchgate.net/publication/262173997\\_Istoria\\_rossijskogo\\_naucnogo\\_zarubeza\\_i\\_psihologiceskoe\\_soobsestvo/link/00b7d536cd1edec41d000000/download](https://www.researchgate.net/publication/262173997_Istoria_rossijskogo_naucnogo_zarubeza_i_psihologiceskoe_soobsestvo/link/00b7d536cd1edec41d000000/download)
- SOROKINA, Marina; MASOLIKOVA, Natalia. *History of Psychology between Brazil and Russia: Interview 25/9/2012 Rede Ibero-Americana de Pesquisadores em História da Psicologia*  
<https://ripehp.com/2012/09/25/history-of-psychology-between-brazil-and-russia-interview-with-marina-sorokina-and-natalia-masolikova>
- SOROKINA, Marina; MASOLIKOVA, Natalia. *The Russian apostle of Brazil. Psychologiste Yelena Antipova in Vestnik*, Moscou, 2017  
<https://cdpha.pro.br/wp-content/uploads/2020/09/Masolikova-Sorokina-on-Yelena-Antipova-the-Russian-apostle-of-Brazil-2017.pdf>
- SOROKINA, Marina; MASOLIKOVA, Natalia; TURGYNA, Natalie. **Emigração Russa e o Movimento de Resistência durante a Segunda Guerra Mundial** 2021  
[https://www.researchgate.net/publication/350810337\\_RUSSKAA\\_EMIGRACIA\\_I\\_DVIZENIE\\_SOPROTIVLENIA\\_V\\_GODY\\_VTOROI\\_MIROVOI\\_VOJNY/download](https://www.researchgate.net/publication/350810337_RUSSKAA_EMIGRACIA_I_DVIZENIE_SOPROTIVLENIA_V_GODY_VTOROI_MIROVOI_VOJNY/download)
- SOROKINA, Marina; MASOLIKOVA, Natalia; TURGYNA, Natalie. **Helena Antipoff (1892-1974) uma profissional russa notável no Brasil** Moscou: Centro Alexandre Solzenitcyn da Rússia no Exterior, 2018  
<https://cdpha.pro.br/wp-content/uploads/2020/09/Masolikova-Sorokina-book-Yelena-Antipova-2018.pdf>

SOROKINA, Marina; VASILIKOV, Yav. **Pessoas e Destinos. Dicionário Bibliográfico de Orientalistas - Vítimas de Terror Político no Período Soviético (1917-1991).**

São Petersburgo: 2003

SOUZA JUNIOR, Hormindo Pereira. *Karl Marx e o complexo da política: em busca da liberdade* reformulação de SOUZA JUNIOR/TRIGINELLI, Daniel Handan *Trabalho, Política e Emancipação Humana em Marx e Lukács* in **ETD -Educação Temática Digital,**

Campinas, v.19 janeiro/março 2017, p.258-282

[https://www.researchgate.net/publication/315062803\\_Trabalho\\_politica\\_formacao\\_e\\_emancipacao\\_humana\\_em\\_Marx\\_e\\_Lukacs](https://www.researchgate.net/publication/315062803_Trabalho_politica_formacao_e_emancipacao_humana_em_Marx_e_Lukacs)

TOUSSAINT-SAMSON, Adèle. **Uma parisiense no Brasil**(1883). Rio de Janeiro: Capivara, 2003.

190p. <https://www.skoob.com.br/livro/21807>

TROTSKY, Leon. **História da Revolução Russa.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980a. 3v

TROTSKY, Leon. **Minha Vida.** Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1982. 487p.

TROTSKY. **Questões do Modo de Vida.** Lisboa: Antídoto, 1979 179 p.

TROTSKY, Leon. **Revolução e Contra-Revolução na Alemanha.** São Paulo: Ciências Humanas, 1979. Prefácio de Mário Pedrosa. 352 p.

TROTSKY, Leon. **A Revolução Permanente** Lisboa: Antídoto, 1977. 229 p.

TROTSKY, Leon. **A Revolução Traída.** São Paulo: Global, 1980a. 203p.

VIEIRA, Rita de Cássia; CAMPOS, Regina Helena de Freitas. *Notas sobre a introdução, recepção e desenvolvimento da medida psicológica no Brasil* in **Temas em Psicologia,**

Ribeirão Preto, vol. 19, n.2 p. 417-425, 2011

[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-389X2011000200006](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2011000200006)

WILLIAMS, Bernard. **Ethics and the Limits of Philosophy.** London: Fontana/Colins, 1985 254p.

***Todos os links do texto e das referências tiveram um último acesso em 12 de fevereiro de 2023***